

4A
16
13
23

4A
16
13
23

THEOLOGIA

V Theologos

2 - Theologia moral

De João Pedro Ribeiro.

4A

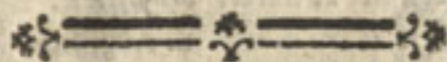
16

13

23

Blank page with faint, illegible markings at the top.

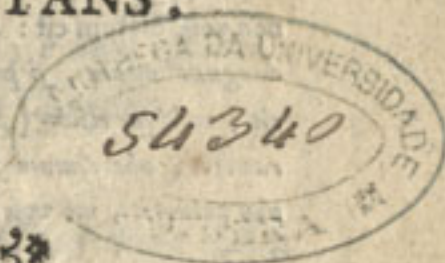
PARECER
SOBRE
OS CHAMADOS ACTOS
DE FÉ,
ESPERANÇA, E CHARIDADE,
E OS DE OUTRAS
VIRTUDES CHRISTANS.



COIMBRA:
Na Real Imprensa da Universidade.

Anno de 1798.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.



Exercitatio animæ in Fide, Spe, & Charitate, facit eum (Christianum) idoneum capere, quod venturum est.

S. August. Serm. 4. n. 5.

O exercicio da Alma na Fé, na Esperança, e na Charidade faz, com que o Christão se faça digno, e capaz dos bens futuros.

S. Agost. Serm. 4. n. 5.

Qui hæc legens dicit: Intellego quidem, quid dictum sit, sed non vere dictum est: offerat, si placet, sententiam suam, & redarguat meam, si potest. Quod si cum charitate, & veritate fecerit, mihi que etiam (si in hac vita maneo) cognoscendum facere curaverit, uberrimum fructum laboris hujus cepero. Quod si mihi non potuerit, me volente ac libente præstitit.

S. Aug. Lib. de Trinit. n. 5.

Aquelle que estiver lendo este Escrito, e differ: *Percebo muito bem o que nelle se quer dizer, não he porém verdadeiro o que nelle se diz: defenda muito ambora o seu parecer, e refute, se pode, o meu. E se assim o fizer com charidade e verdade, e me comunicar (caso que ainda viva) eu darei por muito bem empregado este meu trabalho. Que se me não puder comunicar, he do meu agrado e vontade tudo o que daquelle modo fizer.*

S. Agost. Liv. da Trind. n. 5.



PARTE PRIMEIRA.

*Da necessidade e do uso dos chamados Aetos
de Fé, Esperança, Charidade, e dos de
outras virtudes Christãs.*

§. 1.

*Quão importante seja o acclarar, e bem estabe-
lecer este ponto da Doutrina Christãa.*

A FE', a Esperança, e a Charidade são a
raiz, o alimento, o apoio, a fôrma, e o va-
lor de todas as obras, palavras, e pensamentos
santos dos Christãos; pois sem a Fé, Esperan-
ça, e Charidade não se pode, como se deve,
vencer o peso da concupiscencia, que nos ar-
rasta a obras, palavras, e desejos viciosos; po-
rem nem ainda aquillo mesmo, que julgamos
obrar, pensar, e dizer, levados do principio na-
tural do que he honesto, nós o fazemos, pen-
samos, e dizemos christãmente, e com direc-
ção á vida eterna; antes as mais das vezes tu-
do aquillo vai viciado com os depravados fins da
vã gloria, do interesse, ou da propria compla-
cencia: pelo contrario por meio daquellas vir-
tudes, principalmente quando são grandes e
adultas, o homem se levanta acima de si; e

vindo a ser hum homem novo , entãõ obra , pensa , e falla segundo Deos quer , animado de huma verdadeira justiça e santidade. A' vista disto bem se vê que nada ha , que seja mais intrinseco , e essencial á vida Christãa , do que o exercicio destas virtudes theologaes ; as quaes , fallando propriamente , sãõ as que constituem a sua vida , e espirito.

Só esta consideração basta para mostrar , quãõ louvavel seja o desvelo verdadeiramente paternal e pastoral daquelles grandes Prelados da Igreja de Deos , que com instancia e extraordinario zelo recõmentlaraõ aos Pastores da segunda ordem , como tambem aos outros Ministros da palavra divina , o ensinarem aos povos , e inculcarem-lhes com todo o cuidado o exercicio destas virtudes , muito principalmente neste tempo , em que vemos quãõ resfriada se acha a charidade de muitos , quãõ debil o lume da fé , e quãõ enfraquecida a esperança dos bens eternos. (a).

Porem isto mostra , ao meu ver , quãõ importante seja que os Parrocos , e os Pregadores estejaõ cabalmente instruidos em huma materia tão interessante , e que he o amago da Moral Evangelica. Com effeito , como poderá ser ajudada e consolada a charidade dos nossos Santos Prelados , em hum ponto tão essencial , pela diligencia e trabalhos , ainda os mais incessan-

(a) Vejaõ-se as Encyclicas de Benedito XIV aos Bispos de Italia em 7 de Fevereiro de 1742, §. 18, e em 26 de Junho de 1754, §. 4; e o Decreto da Sagrada Congregação das Indulgencias em 28 de Janeiro de 1756, impresso no fim do Cathecismo da Igreja de Brescia por baixo das Fórmulas dos Actos das Virtudes Theologaes, copiadas das que se imprimiraõ em Roma a 16 de Maio de 1764, por ordem de S. Eminencia o Cardeal Molini, Bispo vigilantissimo.

santes, dos Parrocos, e dos Pregadores; se estes não tiverem mais que huma idea superficial e confusa da solida doutrina das Escrituras, dos Padres, e da Igreja nesta materia? Se não tiverem a verdadeira chave deste, para assim o dizer, misterio do novo Testamento, para entrarem nelle, não só elles, mas tambem fazerem entrar os povos, que regem? Eu, pela estimação que faço dos Pastores, e Pregadores, estou certo que a maior parte delles possuem abundantemente a doutrina e luzes necessarias: Porem ainda que me viesse ao pensamento o recear, que em alguns delles faltasse alguma luz mais clara, e algumas ideas mais solidas e exactas nesta materia; todavia creio, que ainda assim não ferei reprehendido por aquelles que reflectirem, que devendo muitos dos Pastores e Pregadores recorrer aos Livros dos Theologos Escolasticos, que tratao desta materia, para alli se instruirem nella segundo o methodo das Escólas; he impraticavel que alli não encontrem aquella mesma obscuridade, que os mesmos Theologos Escolasticos encontrarao em huma tal materia; e que por isso vierao a ser tao discordes nos seus pareceres, que (como já advertio o celebre Lambertini, entao Cardeal Arcebispo de Bolonha, e ao depois com tanta utilidade da Igreja Pastor universal da mesma, na Notificação 72, n. 22.) *nao ha talvez outra questao na doutrina moral, em que tanto entre si fossem contrarios os Authores.*

Porisso hei há muito tempo desejado, que algum Theologo verdadeiramente douço, emprondesse acclarar este ponto, e procurasse desvanecer por huma vez a causa daquella obscu-

ridade, que faz com que os Escolasticos sejaõ taõ discordes nesta materia; e que desembaraçando-a de todas as disputas, a fizesse clara, luminosa, plana, e intelligivel ao Povo para a sua verdadeira, completa, e, quanto possivel fosse, util instrução. E porque não me tem chegado á noticia que haja algum, que o tenha feito, ou o intente fazer; porisso procurei fazerlo, como melhor pudesse, expondo nesta materia os meus pensamentos, não como doutrina, (pois não chega a minha presumpção a tanto, que cuide tenha posses para ensinar os que são Mestres em Israel) mas por fórma de *Parecer*, o qual não sómente sujeito ao infallivel juizo da Santa Madre Igreja, na qual intento viver e morrer como filho obediente, mas tambem a todo o Theologo illuminado, e zeloso da divina gloria.

§. II.

Obscuridade, que se encontra nos Theologos Escolasticos sobre este ponto.

NAÕ ha cousa taõ recõmendada, quasi em todas as paginas da Sagrada Escritura, e especialmente nas do Novo Testamento, e tambem nos Padres, nos Concilios, e em todos os mais respeitaveis Monumentos da Santa Igreja de Deos, do que o he o exercicio da Fé, Esperança, e Charidade; e por tanto parece, que tantas e taõ divinas luzes, por toda a parte espalhadas, deveriaõ ter aclarado esta materia de modo, que nenhuma se devia achar nos Theologos, que fosse taõ luminosa, clara, e assentada. E com tudo ainda agora ouvimos dizer

ao grande Lambertini, que talvez não haja questão alguma na doutrina moral, em que tanto fossem entre si contrários os Authores. Depois de hum tal testemunho he escusado entrar na miuda relação das opiniões diferentes, em que se dividirão os Escolasticos acerca deste ponto. Isso não obstante daremos dellas huma amostra, para se ver quaõ necessario seja o pôr em claro hum artigo tão fundamental.

Antes das condemnações feitas por Alexandre VII, Innocencio XI, e Alexandre VIII, os Escolasticos, como todos sabem, havião cahido em erros vergonhosos. Entre elles houve quem affirmou, não ter o homem, em todo o decurso da sua vida, obrigação alguma de fazer hum só Acto de Fé, Esperança, e Charidade, em virtude dos preceitos divinos, que dizem respeito destas virtudes (a): e que ninguém estava obrigado a amar a Deos seu ultimo fim, nem no principio, nem no decurso da sua vida mortal (b). Outro pensou, que se não devia, sem mais nem mais, condenar a peccado mortal aquelle, que em toda a sua vida fizesse só hum Acto de amor de Deos (c): Que pelo que toca a Fé, dessa não ha preceito especial, em quanto a ella (d): Que ao muito basta fazer hum Acto de Fé na vida (e): Que basta ter crido huma vez nos Misterios da Trindade, e da Incarnação (f): Que por outra parte he capaz de absolvição aquelle, seja qual for a sua ignorancia a respeito destes misterios, ainda que o seja com negligencia culpavel (g): Que pelo que

(a) Prop. 1. cond. por Alex. VII. (b) Prop. 1. cond. por Alex. VIII. (c) Prop. 5. cond. por Innoc. XI. (d) Prop. 16. cond. por Innoc. XI. (e) Prop. 16. cond. por Innoc. XI. (f) Prop. 65. cond. por Innoc. XI. (g) Prop. 64. cond. por Innoc. XI.

respeita ao preceito do amor divino, esse não obriga, senão quando precisamos de nos justificar, e não temos para isso outro caminho (a): Que finalmente ao muito obriga cada cinco annos, mas que he provavel que não haja preceito rigoroso, nem ainda em cada quinquennio (b).

Com tudo não era antiga esta cegueira dos Escolasticos. Veja-se o Azor, o qual justifica os Antigos, ao mesmo tempo que refuta os seus pareceres (c). Confessa que S. Thomaz ensina, obrigar o preceito do amor divino desde o primeiro uso da razão: Que segundo Scoto, Angelo, e Tabiena aquelle preceito obriga em todos os Domingos: Que segundo Soto obriga quando recebemos algum insigne beneficio de Deos, e quando hum adulto recebe o Baptismo: Que segundo outros obriga no tempo de graves tentações, e segundo outros á hora da morte: Que segundo alguns obriga quando se recebe, ou se administra algum Sacramento, e com particularidade o da Eucharistia. Não gosta do rigor destes, e conclue com o sentimento da septima proposição condenada por Innocencio XI, estendendo-a tambem aos Actos de Fé, e Esperança, posto que mais acima (d) houvesse fallado com mais moderação. Porem depois que se introduzio o Probabilismo foi muito difficultoso, ainda depois das condemnações feitas por Alexandre VII e Innocencio XI, o voltarem alguns Escolasticos á ordem. Veja-se a condemnação que fez Alexandre VIII no anno 1690 da referida proposição; e veja-se tambem a censura do Cle-

RO

(a) Prop. 7, cond. por Inn. XI. (b) Prop. 6, cond. por Innoc. XI. (c) Inst. Mor, P, 1, L, 9, c. 4. q. 1, (d) L, 8, c. 7, q. 6.

ro Galicano em 1700, e especialmente a que fez ás proposições 20, e 21; e a Carta do Cardinal Passionei ao P. Concina escrita em 22 de Dezembro de 1742, impressa no n. 4 no Appendix á Vida do mesmo P. Concina; e baste, pois não gosto muito de ler, e muito menos de comprar os livros dos Probabilistas.

No tempo presente, em que as materias Theologicas se trataõ com maior luz e dignidade, tem-se horror daquellas proposições. Os Theologos, que tomaõ por guia, não a razão humana por si fraca, e além disso obscurecida pelas paixões, mas sim a luz das Santas Escrituras, e dos Padres, procuraõ affastar-se daquellas relaxações. Isso não obstante, caminhaõ ainda assim com tanta incerteza nesta materia, que delles não se pode deduzir hum resultado claro, preciso, e determinado.

O P. Viva na sua Trutina das proposições condenadas (a), conclue que devemos procurar fazer *bastantes vezes* estes Actos. *Devemos*, diz elle, *procurar fazer muitas vezes estes excellentissimos Actos*. Porem se lhe perguntarmos *quantas vezes*, não sabe dizer-nos cousa certa. Estabelece sim, que os devemos fazer no principio da vida, *com tanto que advertamos nesta obrigação* (b), (condição notavel!) e tambem no fim da vida. Porem pelo que respeita no decurso da vida, traz varias opinioens; a saber, a de alguns que os mandaõ fazer em todas as Festas; a de outros, que só muitas vezes no anno; e a de outros que dizem bastar fazelos

em

(a) Prop. 1. Alex. VII n. 7. *Ad hos præstantissimos actus eligiendos sæpe conari debemus.*

(b) *Ib. Dummodo homo ad hanc obligationem advertat.*

em cada triennio. Elle porém encosta-se ao Soares, que deixa isto *ao arbitrio de varaõ prudente*; com tanto porém que se não deixem de fazer por *muito dilatado tempo*; porque, conclue o P. Viva (a), *ninguem pode deixar de os fazer por muito longo tempo sem culpa grave*. Do que vemos, que a expressãõ de *muitas vezes* (sæpe) do P. Viva, quer dizer o não se deixarem de fazer *por muito longo tempo* (diutissime).

O Senhor Genneto, que na sua bella obra, tão louvada, e recõmendada por Clemente XI, costuma, alem da solidez da doutrina, fallar com tanta clareza, neste ponto, de que tratamos, nada mais acclara. Contenta-se com a expressãõ confusa e secca de *muitas vezes* (sæpe.) (b).

O Cardeal Gotti, citado pelo grande Lambertini na sobredita Notificaçaõ, falla com alguma maior individuaçaõ. *Não tão somente huma vez no anno*, diz elle, *mas frequentemente dentro do anno* (c). Porém deixa-nos ainda duas obscuridades. A primeira he no seu *frequentemente dentro do anno*, que faz nascer o desejo de lhe perguntar, *quantas vezes*; pois trata-se de peccãdo mortal: e a outra obscuridade he, porque não propõe a sua opiniaõ como certa, mas sómente como *mais segura, e provavel* (d).

O Antoine bom Theologo, e justamente proposto por Benedicto XIV para por elle se ler no Collegio da Propaganda, aponta varios casos, em que o preceito destas virtudes obriga, não

(a) Is. Nemo potest citra gravem culpam diutissime eos negligere.

(b) Tom. 6. c. 1. q. 10. e cap. 3. q. 6. (c) Non semel in anno, sed frequenter intra annum. (d) Ita tutius, & probabilius.

naõ só *por si*, mas *por accidente*, os quaes, por brevidade, se podem ler no seu Tratado das *Virtudes Theologicas* (a). Porem pelo que toca, ao ponto de que se trata, naõ nos diz outra cousa, senaõ que os Actos de Fé e Esperança se devem fazer *muitas vezes no decurso da vida* (sæpe); e os de Charidade *muitissimas vezes* (sæpissime). E assim nasce outra vez a duvida natural, de *quantas vezes*; mas elle nos adverte, que isto *naõ se pode facilmente determinar*; e que o Cardenas diz que ha essa obrigação *por todo o mez*: e que o mesmo Cardenas julga naõ ser desprezivel o sentimento de Scoto, que obriga em todas as Festas: e que o Soares remette isto ao *arbitrio de varaõ prudente*. Besombes, outro bem digno Theologo, no lugar (b), onde trata das *Virtudes Theologas*, tambem aponta varios tempos, em que obriga o preceito destas virtudes, e em que se devem fazer os actos dellas; porem aquelles tempos naõ faõ os mesmos inteiramente, que outros affinaõ; o que deixo de referir, para me naõ dilatar na miudeza das contrariedades, que nesta materia se encontraõ nos Doutores. Porem vindo ao ponto de *quantas vezes*; naõ acho nelle outra cousa mais do que, a respeito da Fé, a expressaõ obscura de *frequentemente* (c): e pelo que toca á Charidade, naõ condena a peccado senaõ aquelles, que *passaõ grande parte da vida, sem fazerem aeto algum de Charidade*. E assim he bem contrario ao *muitissimas vezes* (sæpissime) do Antoine, como tambem aos mais, que ja referimos. Refere todavia como opiniaõ de muitos, segura, e que se de-

(a) Part. 1. c. 1. q. 4. e P. 2. q. 3. P. 3. c. 1. art. 1. q. 3.
 (b) Tom. 1. Tract. 5. 6. 7. (c) lb. connect. 10.

deve aconselhar na pratica, que o preceito do amor divino obriga 1.º em todas as Festas: 2.º quando ouve Missa aquelle, que se acha com affecto ao peccado mortal: 3.º quando se emprende alguma obra de grande importancia.

Natal Alexandre (a) na Regra nona diz, que o preceito destas virtudes obriga *naõ somente huma vez na vida, mas muitas vezes* (sæpius), o que dá em bem raras vezes; isto porem he fóra dos casos affinados nas seguintes Regras; como he o caso da preparação para a Justificação, ainda com o Sacramento, como se vê na Regra 10; o de receber a Eucharistia, na Regra 11; nas tentações contra estas virtudes, na Regra 12; e ainda nas mais tentações, na Regra 13; e na hora da morte, na Regra 14. Por este mesmo modo falla, quando trata da Esperança em particular, como se vê no Artigo 9, Regra 1. Fallando porem em particular da Charidade, falla mais forte no Artigo 10, Regra 4. Defendendo alli, que o homem está obrigado a fazer actos della, *quanto mais frequentissimamente puder*; do que se vê, que esta expressão he mais vehemente que o *muitissimas vezes* (sæpissime) do Antoine, e emprende provalo no §. Finalmente (Denique) ate ao fim.

Esperava-se que o celebre P. Concina, que escreveu muito depois, e trabalhou muito na Moral Christãa, desembaraçasse semelhantes contrariedades. Porem nem ainda d'elle mesmo podemos tirar as luzes, de que precisamos. Em quanto á Fé naõ se atreve a fallar claramente, se temos obrigação de fazer actos del-
la

(a) Theol. Mor. L. 4. c. 3. art. 8.

la mais de huma vez por anno , fóra dos casos particulares que aponta , e são os da hora da morte , e os das tentações contra a Fé. ,, Re-
 ,, spondo , diz elle (a) , que *ao menos huma vez*
 ,, *no anno* tem obrigação os fieis de fazerem acto
 ,, de Fé *per se* . . . Disse *ao menos* . . . porque
 ,, não me atrevo , em virtude do preceito , a
 ,, decidir , que haja obrigação de huma mais
 ,, frequente repetição de actos. ,, Em quanto á
 Esperança (b) , ainda se mostra mais irresolu-
 to. ,, Confessamos , diz elle , que pelo que to-
 ,, ca ao tempo , (em que ha obrigação de fazer
 ,, actos de Esperança) esse não se acha clara-
 ,, mente determinado nas Escrituras ; porisso
 ,, encostamonos ao commum sentimento dos
 ,, Theologos , que dizem obrigar este preceito
 ,, assim que raia a luz da razão , e que ao depois
 ,, se devem repetir frequentemente os actos de
 ,, Esperança. ,, E assim nem ainda aqui temos a
 expressão *de huma vez no anno*. Porem no nu-
 mero seguinte acrescenta *huma vez por anno* com
 o seu costumado *ao menos* , e de mais a mais
 aponta o caso de morte. Eisaqui temos , pelo
 que toca á Fé , e Esperança , a expressão *de hu-
 ma vez no anno* , bem contraria á *de não só hu-
 ma vez* , mas frequentemente pelo anno do Cardeal
 Gotti. Chegando porem o P. Concina á mate-
 ria da Charidade , faz-se , como Antoine e Na-
 tal

(a) Respondetur , ut minus semel in anno teneri fideles aliquem fidei actum per se exercere . . . Dixi ut minus . . . hanc tamen frequentiore[m] actuum repetitionem vi præcepti definire non audeo. Tom. I. L. 1. in Decal. Diss. 1. de Fide , c. 11. n. 7. q. 8.

(b) Fatemur & nos tempus istud non designari aperte in Scripturis ; idcirco dicimus communi inhaerendo sensui Theologorum , qui hoc præceptum urgere decernant , dum primo affulget rationis lux ; & postea frequenter repeti spei actus debet. Diss. 3. de Spe , c. 2. n. 13.

tal Alexandre, mais severo (a). Refere os Autores, que depois de Scoto põem a obrigação dos Actos de Charidade em todas as Festas: Porem esta sentença para elle não he certa, mas sim *muito provavel*: mas pensando mais, quasi se arrisca a chamar-lhe *mais provavel* (b): por fim sondando mais as provas, emprende o da-la pela unica opiniaõ verdadeira. ,, Com effeito, ,, diz elle, não ha outro modo de explicar nem ,, mais benigna, nem mais verisimilmente hum ,, preceito inculcado com tanta efficacia, do que ,, dizendo, que elle obriga em todas as Festas ,, (c) . . . o que se verá claramente se se consul- ,, tarem as Escrituras, os Padres, a mesma ra- ,, zaõ, e se a cada hum destes argumentos se ,, lhe tomar bem o peso. ,, . . . Torna porem a hir com tento: porque se vê no perigo de dar no rigorismo, que sem rebuço algum lhe tem sido imputado pelos seus adversarios: o que os seus mesmos adversarios tem esquadrinhando nos seus livros com bem pouco successo. ,, Se neste tempo, diz elle mais abaixo (d), ,, hum Author chega a ser diffamado por muito ri- ,, guroso, ainda que o seja por huma só unica ,, opiniaõ, que elle defenda; logo todas as suas ,, obras entraõ no perigo de serem infamadas ,, do mesmo rigorismo. ,, Por isso torna a mo-
di-

(a) Diff. 4. de Charitate, cap. 9. n. 10.

(b) *Quasi dicere probabiliorem esse.*

(c) *In qua benigniore, unaque verisimiliore explicatione interpretari valemus præceptum tanto studio inculcatum, quam si dixerimus semel singulis hebdomadibus implendum esse. . . Sane si Scripturæ, si Patres, si ratio, & cujusque generis momenta consulantur.*

(d) *Si hac tempestate Auctor quispiam nimii rigoris reus traducatur, vel ob unam opinionem, illico omnia illius opera in discrimen adduci, & ejusdem rigorismi nota sugillari solent. Cap. 10. n. 14.*

dificar hum sentimento, que elle tanto havia adoptado. *Por isso*, diz elle (a), *sou de parecer que se deve moderar este meu parecer.* Eis aqui pois como elle o modera. *He preciso*, diz elle (b), *reduzir a obrigação de amar a Deos* (que havia extendido a todas as Festas) *a todos os Domingos tanfamente.*, Moderemo-la ainda, continua elle, mais hum pouco (c). Esta obrigação não a determino de tal sorte ao dia do Domingo, que se não possa satisfazer a ella em outro qualquer dia da semana. Pois, como ja disse, basta huma vez na semana., Isto não obstante, ainda este ingenuo e douto Theologo não acaba de ficar satisfeito com a sua opiniaõ. Por isso conclue (d): „ Isto he o que nos parece mais provavel, quem tiver cousa mi-lhor, pode comunica-la... Todavia torno a repetir, que tudo isto o sujeito ao juizo, e parecer dos homens sabios. „ De tudo isto vemos, que este mesmo celebre Escriitor ficou sempre suspenso, e perplexo na decisaõ do ponto, de que tratamos.

§. III.

He preciso inquirir sobre a causa desta obscuridade, para a tirar.

E NAÕ he bem estranha esta taõ grande contrariedade, que vemos entre todos os Doutores?

(a) *Hinc temperanda mihi videtur sententia hæc.*

(b) *Dico satisfieri præcepto, si singulis dominicis Deus diligatur.*

(c) *Non ita illigat obligationem præcepti diei Dominico, quod non possit altera hebdomadæ die præcepto satisfieri. Quoniam, ut dixi, semel in hebdomada sufficit.*

(d) *Hæc nobis probabilia videntur; qui meliora habet, promat. Verum tamen inculco, me hæc omnia sapientium judicio subijcere.*

res? Acafo não eraõ elles homens grandes , e consumados na Theologia? Eraõ certamente ; pois assim o mostraõ as suas obras cheias de penetração , e doutrina. Seria talvez a questaõ , de que se trata , de pouca valia , para se dizer que elles não se empregaraõ nella com toda a sua reflexaõ? Porem a questaõ , de que se trata , encerra o amago , e a essencia do Christianismo , como se está vendo , e tem exaurido as suas mais serias applicaçoes ; muito principalmente depois da condemnação das proposições , que acima referimos. Seria talvez , porque as Escrituras , os Padres , e os Concilios não tocaõ , senão muito raras vezes , neste ponto , e que por isso não tenhaõ podido os Theologos alcançar todas as luzes sufficientes , para a pôrem em toda a sua clareza? Antes pelo contrario , como toda a substancia da Religião Christãa se reduz ao exercicio destas virtudes , por isso também não ha cousa , de que se achem mais cheias as Escrituras , os Padres , e os Concilios. He pois huma questaõ bem digna de ser examinada : Procurar qual seja a origem desta obscuridade , que tem envolvido em tantas trevas huma materia , que he tão fundamental no Christianismo ; para que em fim , dissipada huma tal obscuridade , venhamos a ver concordada a authoridade e a razão , concordados entre si os Doutores , e fique clara , e expedita esta doutrina ; e assim venhamos a conseguir , que os Pastores das Almas , e os Pregadores tenhaõ hum só modo de fallar , natural , plano , e fixo , para instruirem os seus povos em huma tão grande , e importante obrigação.

E será possível descobrir a causa desta obs-

cu-

curidade? E porque não? O Apostolo deseja que os fiéis recebam sobre a doutrina de Jesus Christo luzes tão claras, que cheguem a comprehender nella, qual seja a sua largura (a) e comprimento, a sua sublimidade e profundidade. Não he pois impossivel o acclarar a doutrina de Christo neste mesmo e tão essencial ponto, em que estamos. E assim, posto que seja cousa difficultosa, será com tudo louvavel todo o trabalho, que nisso se empregar. O que he preciso tambem he, o pedir com S. Paulo as luzes ao Pai celestial, que he quem só pode fazer fructuosos os nossos esforços. Peloque sendo huma obra boa o trabalhar em acclarar a doutrina Evangelica nos pontos da maior importancia; eu posso sem temeridade esperar, que o Pai das luzes, que tem começado em mim a boa obra, dando-me a idéa, e o pensamento para a emprender; e alem disso o animo e vontade de trabalhar nella, hade querer tambem aperfeiçoala, inspirando-me o modo de o conseguir. Porisso, aindaque confesso ser o ultimo de todos os Theologos, e que sou hum Pygmeo a respeito dos Gigantes, comparando-me com os Theologos, de que acima falei; quero todavia expor o meu projecto, o qual se fortir bem, como espero, seja Deos louvado; senão, elle receba a minha boa vontade.

B

§. IV.

(a) Ad Eph. c. 3. v. 18.

§. IV.

A linguaagem peripatetica das Escólas he a causa desta obscuridade.

E ISAQUI pois como eu penso , que isto foi. Penso que toda a obscuridade nasce da linguaagem equivoca das Escólas , e da qual se servem os Theologos , quando tratao desta materia.

He ja queixa antiga , feita pelos homens os mais doutos , e que na Theologia tem visto as cousas com mais penetraçao ; de que a linguaagem peripatetica , que se introduzio nas Escólas , tem embrulhado bastantemente muitas materias Theologicas , as quais sem isso se entenderiaõ muito facil e naturalmente. Todavia naõ se deve porisso condenar geralmente a Theologia Escolastica , nem tambem á carga cerrada os Theologos Escolasticos. Deixemos huma tal censura para Lutéro , e para os mais hereges ; *os lobos*, como graciosamente diz o *Canon*, *sentem-se dos caens*. O methodo exacto , a brevidade , e o uso moderado da Dialetica , saõ cousas sem duvida louvaveis ; ora sendo isto a substancia da Escolastica , ninguem pode duvidar que ella seja louvavel , util , e em certo sentido necessaria. Porem assim como os Sabios , e ainda hoje todos os Theologos , reprehendem com razao nos Escolasticos de certo tempo a inutilidade de muitas questoes frivolas , e a omisao das mais solidas e substanciaes ; como tambem os fracos argumentos , que elles deduziaõ das subtilizas peripateticas , e da authoridade de Aristoteles ; e o muito pouco uso que faziaõ

das

das Escrituras, dos Padres, dos Concilios, das Liturgias, e da Historia Ecclesiastica: assim tambem ha homens prudentes e doutissimos, que com razaõ julgaõ poderem desejar, que houvesse huma lingoagem, que naõ fosse peripatetica, mas sim conforme á da Escritura, dos Padres, dos Concilios, e das Liturgias, a qual he tambem a natural e popular. Gregorio IX Pontifice Romano, no Seculo XIII, advertio egregiamente hum e outro inconveniente na Theologia Escolastica dequelle tempo, na sua celebre Carta aos Doutores, e Estudantes da Universidade de Paris,, na qual naõ só lhes,, prohibe o tratarem de questoes inuteis, man-,, dando que se exercitem naquellas, que se po-,, dem decidir pela Escritura Sagrada, e pelos,, Livros dos Padres, mas tambem lhes manda,, que usem de huma lingoagem, que naõ seja,, propria dos Filozofos, mas sim conveniente,, aos Theologos, sem fallarem, como diz a,, Escritura, *com huma voz differente, e lingoagem*,,, *estranha ao povo*, misturando e confundindo,, a lingua santa com a profana e pagãa. ,,

He verdade que os Escolasticos introduzi-
raõ com boa tençaõ vocabulos novos na Theo-
logia. Desejaraõ explicar-se com a ultima pre-
cisaõ, e levarem as cousas á ultima clareza:
desejo sem duvida muito arrazoado, e porisso
julgaraõ que os seus novos vocabulos se enca-
minhavaõ áquelle fim taõ louvavel: porem hum
semelhante expediente foi pouco prudente, e
contrario á doutrina do Apostolo, que nos tem
deixado, como meio necessario para conservar
illeso o deposito da doutrina Apostolica, o evi-
tarmos as novidades dos vocabulos, que elle
chama

chama profanas (a) : *O' Timotheo guarda o deposito, que te foi confiado, evitando as profanas novidades das palavras.* A Igreja lembrada deste aviso Apostolico, ainda que continuamente reduzida á necessidade de procurar as palavras as mais claras para expor a sua pura doutrina contra as subtilizas, e equivocos dos hereges; comtudo sempre se absteve de inventar palavras novas, que se não achassem consagradas pela Escritura, e pelos Padres, exceptuada a unica palavra *transsubstanciação*, que ella introduzio para confundir com huma só expressão Berengario, e os Novadores modernos, que eraõ inexauriveis em equivocos, para impugnam a doutrina da Igreja sobre a presença real de Nosso Senhor na Eucharistia; vocabulo todavia, como se está vendo, claro e natural, e que exclue todo o equivoco. Pois pelo que toca ao vocabulo *consubstancial*, de que se servio o Concilio Niceno contra os Arianos, não só S. Athanasio mostrou, mas tambem Eusebio Cezariense confessou na Carta escripta á sua Igreja, que aquelle vocabulo havia sido antes usado pelos Padres. Veja-se Theodoretto (b).

Quando se falla com a lingoagem natural das Escrituras, dos Padres, e da Igreja, alem da vantagem de fallar ao povo na sua lingoagem, e porisso ser entendido d'elle, (ao qual fim se deve encaminhar toda a Theologia Escolastica, na qual são principalmente doutrinados os Ecclesiasticos, para doutrinarem o povo na Fé e nos costumes) se alcança a outra vantagem, não

(a) I. Ad Tim. c. 6. *O' Timothee depositam custodi, devitans profanas vocum novitates.*

(b) Eccl. Hist. l. 1, c. 12.

naõ menos importante , de se poderem achar nas Escrituras , nos Padres , nos Concilios , e nas mais fontes primarias da Theologia passagens claras , e precisas , que provaõ e estabelecem as nossas conclusões : porquanto he notorio a todos , que a lingoagem da Escritura , dos Padres , das Liturgias , e da maior parte dos Concilios , naõ he certamente a de que usaraõ os Peripateticos , mas sim a que he natural e popular : E assim quando se falla pela lingoagem dos Peripateticos , nem o povo , que naõ tem estudado os seus Escritos , a entende ; nem nós podemos achar nas principais fontes da Theologia aquellas passagens , que digaõ exactamente quanto nós dizemos. Daqui vem que abrindo-se o caminho para as varias interpretações , entaõ , pela infinita variedade dos ingenhos e temperamentos , se dá aberta a huma infinidade de pareceres : dahi provem as contradicções dos Autores : e dahi as obscuridades e as trevas , que se fazem mais espessas á proporção , que os varios partidos empreendem defender os seus sentimentos com distincões subtilezas , e muitas vezes chimericas. Poder-se-hia mostrar isto facilmente ; e o quanto a lingoagem peripatetica das Escólas tenha obscurecido muitas materias , quais saõ as da graça , da oração , e certas outras. Porem naõ he aqui lugar para isso.

Os Escolasticos do tempo d'agora em grande parte concordão nisto. Porem as cousas achão-se bastantemente melhoradas nesta parte ; e isso naõ obstante ainda naõ estaõ contentes : quereriaõ que se puzessem de parte muitas subtilezas e finuras , de que ainda agora se usa.

Ouça-

Ouçamos, por exemplo, o mesmo P. Conci-
na, ja que tenho diante dos olhos o seu livro,
acerca desta materia (a): „ Os Theologos mo-
„ dernos, diz elle, para evadirem hum taõ
„ claro argumento, excogitarãõ taes cavilaçoens
„ e subterfugios, que naõ he facil o contarem-
„ se. O mesmo Cano, que se exprime bem,
„ e que alias, mais que ninguem, he bem
„ apartado das insignificantes subtilizas dos
„ Escolasticos, parece querernos entreter aqui
„ com palavras. E mais acima (b) diz: „ Os
„ Escolasticos costumãõ se feitar, e encadear aqui
„ subtilizas difficultosas, e demasiadamente
„ metaphisicas.

Porem, vindo ao nosso ponto particular,
se os Theologos 1.º tivessem continuado a di-
zer com a Escritura, e com os Padres, que Deos
nos manda crer, e esperar nelle, e amalo, que
Theologo sabio haveria, que pudesse duvidar
disto? e se algum entendimento estravagante se
arrojasse a negalo, que cousa mais facil do que
contrapor-lhe a Escritura, a qual, servindo-se
das mesmas palavras, assim o affirma? *Quem
crer, e for baptizado, serã salvo; e quem naõ crer,
serã condemnado (c): Sacrificai o sacrificio da ju-
stiza, e esperai no Senhor (d): Amarã o Senhor*
teu

(a) Diss. de Char. c. 10. n. 27. *Ut hanc luculentam argumen-
tationem cluderent recentiores Theologi, non est facile dictu, quot
teebnas, quot sutelas excogitaverint. Disertissimus Cano, qui, si-
quis alius, a tricis Scholasticorum, quæ nihil significant, alienus
est, hic tamen terminis ludere videtur.*

(b) Ib. n. 5. *Difficiles ac metaphisicas nimium subtilitates te-
zere hic Scholastici solent.*

(c) Marc. ult. *Qui crediderit, & baptizatus fuerit, salvus erit,
qui vero non crediderit, condemnabitur.*

(d) Psalm. 4. v. 6. *Sacrificate sacrificium justitiæ, & sperate
in Domino.*

teu Deus de todo o teu coração . . . faze isto, e viverás. (a)

2.º Se tivessem continuado a dizer com a Escritura, que estas virtudes não devem ser ociosas, nem estereis, nem devem ser só de palavras, mas que devem produzir os frutos das obras, quem he que o negaria? e quando houvesse algum que loucamente o negasse, que coufa mais obvia do que contraporlhe estes textos da Escritura: *A fé obra pela charidade (b): A fé sem obras he morta (c): Todo o que tem esta esperança nelle, santifica-se, assim como elle he Santo (d): Filhinhos, não amemos de palavra e lingua, mas sim com obra e verdade? (e)*

3.º Se tivessem continuado a dizer, que devemos crer, esperar, e amar não só frequentemente, mas de continuo moralmente; a quem não haveria parecido isto claro, pois em quanto á fé o Apostolo diz, que o justo vive della (f): e o Salmista diz, que ella he como a lanterna para os nossos pés, e como a luz para os nossos passos (g); e por isto deve-nos estar tão presente como o está a lanterna ao que caminha, e a vida ao que vive: E pelo que toca á esperança o Salmista diz: *Desde a madrugada até á noite espere Israel no Senhor (h); Espere Israel no Senhor desde*

(a) Luc. c. 10. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo . . . hoc fac, & viues.*

(b) Ad Gal. c. 5. v. 6. *Fides, quæ per charitatem operatur.*

(c) Jacob. c. 2. *Fides sine operibus mortua est.*

(d) 1. Joana. c. 2. *Omni qui habeat hanc spem in eo, sanctificat se, sicut & ille sanctus est.*

(e) Ibid. *Filioli non diligamur verbo, neque lingua, sed opere & veritate.*

(f) Ad Rom. c. 1. v. 17. (g) Psal. 118. (h) Psal. 129. *A custodia matutina usque ad noctem speret Israel in Domino.*

desde agora, e para todo o sempre (a) : e S. Pedro diz : Antes de tudo tende huns para com os outros huma continua charidade (b) : E o antigo preceito de amar a Deos de todo o coração., e com todas as forças, não deixa, segundo S. Agostinho (c), parte alguma da nossa vida, que deva estar ociosa.

Porem os Escolasticos não continuaraõ a usar desta lingoagem taõ natural, e ao mesmo tempo sagrada. Inventaraõ os vocabulos e expressaõ de (d) fazer *Actos de Fé, Esperança e Charidade*. Esta palavra *Acto* em particular, tomada no sentido abstracto e geral, em que he usada pelos Escolasticos; e muito menos no sentido restricto, em que a tomaõ tratando desta materia, não se acha em lugar algum da Escriitura, nem, pelo que me parece, em lugar algum dos Padres, como tambem em nenhum Concilio antigo (e); em huma palavra, não se encontra nas fontes primarias da Theologia. E assim não se achará passagem alguma de authoridade

(a) Psal. 120. *Speret Israel in Domino ex hoc nunc & usque in seculum.*

(b) I. Petr. c. 4. v. 8. *Ante omnia autem mutuum in vobismet-ipsis charitatem continuam habentes.*

(c) L. 1. de doctr. Christi. c. 22. *Nullam vitæ nostræ partem reliquit, quæ vacare debeat.*

(d) *Elicere Actus fidei, spei, & charitatis.*

(e) Por Concilios antigos entendo os Concilios celebrados antes do tempo dos Escolasticos. Em alguns, que se celebraraõ depois, como no de Constança, se acha introduzida a lingoagem das Escólas, porem com parcimonia. O Concilio de Trento sabia e acertadamente voltou á lingoagem antiga e natural. Comtudo o termo *actus* acha-se alli na sess. 14, (tomado no sentido dos Escolasticos no Decrero e Canones acerca da penitencia; de modo porem, que comprehende os factos do coração, isto he, a contrição, as palavras, isto he, a confissão, e as obras, isto he, a satisfação) como tambem somente os termos da *forma e materia*.

ridade divina, que estabeleça a necessidade de taes actos naquelle sentido, e por consequencia que determine com a precizaõ necessaria, qual deva ser a sua frequencia, para tirar todo o subterfugio a qualquer entendimento desarrazoado, que queira negar huma cousa, que seja manifesta.

Alem disto os Theologos, pelo que tenho podido observar, nunca tomaraõ o trabalho de explicarem claramente, como pedia o bom methodo, qual era a significação que davaõ á quelles vocabulos, de que ufavaõ: se o tivessem feito, teriaõ sem duvida dado huma grande luz a esta materia; e teriaõ entaõ chegado a concordar entre si os Theologos no ponto, de que tratamos. Pois entaõ ou lhes haveriaõ assignado huma significação justa e adequada, e que fosse correspondente, ao menos em substancia, á que lhes affinaõ as Escrituras, e os Santos; e neste caso a correspondencia precisa das passagens das Escrituras, e Padres, que se allegassem para prova, faria com que os Escolasticos fossem reduzidos á unidade de sentimento, e parecer: ou haveriaõ assignado áquellas palavras sentido differente; e entaõ a difficuldade de se acharem nas Escrituras e nos Padres provas competentes, haveria mostrado, onde se achava o equivoco; e a mesma necessidade de ajustar a significação com a idéa, que aquellas sagradas fontes lhes daõ, faria com que elles por este caminho voltassem á unidade de sentimento. Espero que venha a ser claro, e perceptivel o que aqui quero dizer, se procurarmos supprir aquillo em que faltaraõ os nossos Theologos; quero dizer, se procurarmos explicar, que cousa se-
jaõ

jaõ estes *Actos* das virtudes Theologaes, cuja necessidade e frequencia elles com razaõ nos inculcaõ.

§. V.

Obscuridade do vocabulo Actos: differente sentido que por huma parte lhe daõ os Escolasticos, e por outra a Escriitura, a Igreja, e o povo.

NA lingoagem do povo a palavra *Acto* (*Actus*) he synonima de *Acção* (*Actio*); e assim, como se está vendo, expressa *acção*, *obra*, e naõ pensamentos nem palavras; pois aquella palavra *Acto* naõ vem da palavra *cogitar* (*cogito*), nem da palavra *dizer* (*dico*), mas sim da palavra *obrar* (*ago*). Porisso na lingoagem popular se alguem disser, que hum litigante faz grandes *actos* de fé no seu Advogado, ninguem entenderá que nisto se queira dizer, que o litigante retirado lá comsigo diga no seu coração, e ao muito com palavras: *Eu creio no meu Advogado*; porrem todos entenderaõ, que aquelle litigante despende e gasta largamente o seu, no profeguiamento da demanda, confiado na palavra do seu Advogado, que lhe segura a hade vencer: e ainda que todos os mais lhe gritem pelo contrario, dizendo-lhe que largue a demanda, a qual, depois de enormes despezas, hade sahir contra elle sentenciada, naõ se desvia em proseguida. Pela mesma razaõ se alguem disser, que hum prezo faz grandes *actos* de esperanza no Cavalheiro, que he seu Protector, ninguem entenderá que toda esta esperanza vem a dar em dizer muitas vezes lá dentro de si: *Eu espero*

no meu Protector; mas antes todos perceberão, que este prezo, não obstante ser reo de graves delictos, e tendo contra si partes poderosas e resolutas, e dever porisso esperar com horror sentença de morte, todavia está alegre na cadêa, nem procura alcançar outros valimentos, e socorros; antes fallando-se-lhe nisso, os rejeita, tendo-se por seguro com o patrocínio do tal Cavalheiro, temendo perdê-lo, se aceitar outros protectores. Finalmente se se disser que hum pai faz grandes actos de amor para com seu filho, certamente ninguem por isto entenderá, que isso se encerre em dizer muitas vezes, e fervorosamente a seu filho: *Eu te amo*; mas sim, que este pai trabalha de dia e de noite, súa, poupa, arrisca a vida, e gasta com gosto, afim de o enriquecer, vestir, e instruir, e levar este seu filho a pôstos graves e lucrosos, e podê-lo cazar vantajosamente &c. Eis aqui o que se entende naturalmente no fallar ordinario por *actos de fé, esperança, e amor*. Não se quer com isto exprimir *meras reflexoens, e protestos*, mas sim *obras, e feitos* correspondentes áquelles affectos. Não queremos porem dizer com isto que a fé, esperança, e amor excluaõ as palavras e os pensamentos; pois he antes certo, que os affectos da alma produzem tanto pensamentos, como obras indifferentemente: pois sabe-se, por exemplo, que hum pai, que ama muito a seu filho, não so trabalha para elle, mas tambem del-le se lembra muitas vezes, discorre sobre elle muitas vezes, doe-se dos seus desastres, alegra-se com a sua presença, entristece-se com a sua ausencia &c. Porem os pensamentos, as palavras, e os affectos deste pai amante não são

cha-

chamados actos de amor ; mas sim pensamentos , palavras , e affectos amorosos. Concedemos aos Escolasticos , que os pensamentos se podem , em algum sentido , chamar actos de entendimento , e os affectos actos da vontade , e as palavras actos da vontade ao mesmo tempo e de lingua ; porem tambem os Escolasticos nos devem conceder , que não são chamados actos , senão por elles , e que os mais homens chamaõ aos pensamentos pensamentos , aos affectos affectos , e ás palavras palavras, ou expressões : e os mesmos Escolasticos nos tem ensinado que os vocabulos são finais arbitrarios , e que verdadeiramente não significão , senão o que os homens tem querido , que elles significassem.

A Escritura tambem usa deste mesmo modo de fallar ; pois (he preciso repetilo) ella não usa da linguagem dos Peripateticos , mas da do povo. A palavra (*Actus*) *Acto* acha-se não poucas vezes empregada nas Escrituras tanto do antigo , como do novo Testamento. Podem-se em huma vista de olhos confrontar os lugares , para se ver , se , nem ainda huma vez , alli se toma em outro sentido , que não seja o de acção. Pelo que pertence ás passagens do Novo Testamento basta advertir que sempre a palavra (*Actus*) *Acto* da Vulgata he tirado do original Grego , que he (*praxis*) *praxe* , que vem de (*prasso*) *faço*.

Tambem a Igreja quando quiz usar nas suas oraçoens da palavra (*Actus*) *Acto* , sempre se servio delle na significação de *obra*. Basta-nos para exemplo a Oração da outava do Natal (a) :

Diri-

(a) *Dirige Actus nostros in beneplacito tuo, ut in nomine dilecti filii tui mereamur bonis operibus abundare.*

Dirige pelo teu beneplacito os nossos Actos, para que no nome de teu filho bem amado mereçamos abundar em obras boas: como tambem a segunda oração na reza de Prima (b): Dignaiuos Senhor Deus... dirigir e santificar... hoje... os nossos sentidos, palavras, e Actos na vossa lei, e nas obras dos vossos mandamentos; nas quais expressamente se faz differença dos actos aos pensamentos, e palavras. Seria cousa muito dilatada o mostrar o mesmo pelos Padres.

Primeira restricção da palavra Actos.

OS Escolasticos porem a tomaõ em outro sentido. 1.º Fallando elles em geral, ainda fóra da materia, de que tratamos, como acostumados ás abstracões peripateticas, tomaõ a palavra *Acto* em hum sentido generico, afim de exprimirem, com a sua costumada brevidade, em huma só palavra, tudo aquillo que se faz naõ só com obras, mas tambem o que se faz por palavra, e por pensamento; e assim comprehendem tambem naquella expressãõ todo o movimento do entendimento, e da vontade, aindaque seja puramente interior. Os antigos Escolasticos, como tambem S. Thomaz, peloque tenho podido concluir das minhas observaçoens, se restringiraõ a esta significacão: e na verdade se ficassem nisto, ainda a cousa naõ hiria muito mal: porquanto significando entãõ a palavra *acto*, em geral, todo o acto do entendimento e da von-

(b) *Dirigere & sanctificare... dignare Domine Deus hodie... sensus, sermones, & Actus nostros in lege tua, & in operibus mandatorum tuorum.*

vontade tanto exterior como interior, e assim comprehendendo não só os pensamentos e os affectos, mas igoalmente as palavras e as obras; ficaria claro, que por actos de fé, esperança, e charidade se deveriaõ entender, não só os pensamentos, os affectos, e as palavras, mas tambem as obras: e neste caso o seu modo de fallar concordaria em substancia com o da Escriitura, dos Padres, e o do povo, posto que houvesse differença no modo de se expressarem.

Segunda restricção.

Parecia que ainda os mesmos Escolasticos modernos deveriaõ não affastar-se deste sentido, ainda fallando das virtudes Theologaes; pois d'elle se não affastaõ quando trataõ das outras virtudes, como são as Cardeaes, a charidade fraterna, a humildade, a mansidaõ, a liberalidade, a magnificencia, &c.; tratando das quais, he cousa clara e manifesta, que pelos *actos* dellas não entendem somente os pensamentos e as palavras, mas tambem comprehendem as obras. Elles porem quando fallaõ das virtudes Theologaes restringiraõ bastantemente a significação do termo *actos* de que usaõ; porquanto significando aquelle termo no seu sentido natural, e no fallar da Escriitura, da Igreja, dos Padres, e do povo, propriamente as acçoens, ou obras; e havendo sido extendido, por huma especie de ampliação e impropriamente, a significar tambem os pensamentos, os affectos, e as palavras; elles pelo contrario por *actos das virtudes Theologaes* não querem que se entendaõ as obras, mas tambem as reflexoens do entendimento,

e os movimentos da vontade, que se dirigem a assentir ás verdades reveladas, a esperar os bens futuros, e a unir se a Deos, como ao Bem Summo; contentando-se sómente com que estes movimentos e reflexoens interiores se exprefsem exteriormente com certas formulas de palavras, que elles para isso tem estabelecido. Pelo que julgo, bem se está vendo, que estes Escolasticos subtilizando demasiadamente, e querendo levar as suas abstraçoens muito fóra dos seus limites, consideraraõ estas virtudes como inteiramente internas, e como não tendo hum influxo verdadeiro e essencial nas obras; o que, como abaixo veremos, he inteiramente contrario á idéa, que nos dáõ destas virtudes as Sagradas Escripturas, as Liturgias, e os Santos Padres.

Terceira restricção.

MAs ainda muito mais levarãõ adiante a restricção do seu termo *Actos*. Porque os pensamentos saudaveis, os affectos santos, e as boas obras, que as mesmas virtudes Theologaes formaõ continuamente no coração de hum verdadeiro Christão, e que não dizem respeito *directamente*, ou, como elles diriaõ, *formalmente*, ao assenso das verdades reveladas, á esperança da vida eterna, e á preeleição de Deos como Summo Bem, e fim ultimo, posto que por outra parte sejaõ dirigidas *na Lei do Senhor, e nas obras dos seus mandamentos*, não são aquelles actos das virtudes Theologaes, que elles nos prescrevem, como necessarios: não são tambem aquelles actos das virtudes Theologaes, que elles nos recómdaõ, outras quaisquer obras,

como v. g. as esmolas, a educação christã dos filhos, os jejuns, e as mais austeridades, a obediencia exacta aos Superiores naturaes, Ecclesiasticos, e Civiz, o ouvir a palavra Divina, as leituras Santas; nem ainda mesmo a pia meditação das verdades reveladas, a estima interna, e amor do proximo, os bons conselhos, e correccoes amorosas, o generoso e cordeal perdao das injurias &c. Tudo isto não he mais que a observancia dos mandamentos. E elles querem que os actos das virtudes Theologaes sejaõ cousa differente.

Quarta restricção.

E Ainda não ficaõ contentes com a sobredita restricção. Querem que os actos das virtudes Theologaes não só sejaõ differentes dos pensamentos e palavras, e particularmente das obras, que se fazem em observancia dos mais preceitos da Lei Divina, mas de mais a mais, que os mesmos actos das virtudes Theologicas sejaõ entre si distinctos; e assim que o acto de fé, para se poder chamar acto de fé, não deve encerrar em si expressão ou conceito algum, que diga respeito á esperanza, ou á charidade: igoalmente o acto de esperanza não deve ter expressão que diga respeito á fé, ou á charidade: nem tambem o acto de charidade deve conter expressão que seja concernente á fé, ou á esperanza. Porque achando-se (segundo elles) hum tal mistura, entãõ, segundo o parecer delles, já não são propriamente actos de fé, nem de esperanza, nem de charidade, mas são hum oração. E segundo elles asseveraõ, alem do pre-

ceito de fazer oração, ha outro preceito de fazer estes actos.

Quinta restricção.

Ainda isto lhe não he bastante. Alem de deverem ser aquelles actos das virtudes Theologaes puramente internos, e ao muito expressos com palavras, separados de tudo o que, ainda interiormente, se dirija á observancia dos mais preceitos, e bem distintos entre si; devem, alem de tudo isto, ser adequados, isto he, devem exprimir inteiramente e com propriedade os seus respectivos objectos, os seus respectivos motivos, e o modo, com que a alma deve tender áquelles objectos. E assim a fé deve exprimir as verdades, que se devem crer com *necessidade de meio* (*necessitate medi*); e caso que huma dellas lhe falte, ou alli se expressem as que não são fundamentaes, então a formula do acto não he bem feita; por quanto corre-se perigo de incorrer na proposição 22 condemnada por Innocencio XI: deve tambem exprimir o motivo, porque se crem, que he a veracidade divina; de outro modo ha perigo de cair na proposição 23 condemnada pelo mesmo Innocencio XI: e finalmente deve exprimir o modo, com que se deve crer, isto he, *firmemente*; pois não sendo assim, esta-se a perigo de encontrar a proposição 21 proscripta pelo mesmo Papa. O mesmo, por brevidade, se deve dizer dos actos de esperança, e de amor.

Pelo que, recapitulando tudo, eis aqui o que os Escolasticos entendem por *Actos das virtudes Theologaes.* „ Entendem pensamentos, af-

„ feitos, e protestacoens interiores feitas só
 „ com o entendimento e vontade, e ao muito
 „ expressadas exteriormente com palavras, se-
 „ paradas não só das obras, mas tambem das
 „ palavras, e mais actos interiores, que se di-
 „ rigem á observancia da divina lei, distintas en-
 „ tre si, e que exprimaõ adequadamente os
 „ objectos das virtudes Theologaes, os seus mo-
 „ tivos, e o modo com que a alma deve tender
 „ áquelles objectos. Parece-me que tenho posto
 em claro inteiramente o que os Escolasticos per-
 tendem se deva entender por *Actos das virtudes*
Theologaes, e ter bastantemente patenteado a
 idea, que elles formaõ de semelhantes actos.

§. VI.

*Não se pode facilmente mostrar, qual seja o pre-
 ceito especial dos Actos das virtudes Theologues,
 tomadas no sentido dos Escolasticos.*

A' VISTA do que temos dito, ninguem já
 se poderá admirar de ver tanta contrariedade, e
 divisaõ entre os Escolasticos nesta materia. El-
 les deraõ huma tal significação á palavra *Actos*,
 que será difficullosa empresa, e ao meu parecer
 impossivel, o estabelecer a necessidade, e muito
 mais o determinar a frequencia daquelles seus
Actos. Aqui não se trata de ver se são louva-
 veis, uteis, e em algum sentido, e em alguma
 occasião ne cessarios; porem trata-se de mostrar
 que taes actos são mandados por Deos, e como
 elles dizem, que cahem debaixo de preceito
 especial, olhados em si: e por conseguinte que
 obrigaõ debaixo da pena de eterna condena-
 ção:

ção; e que hum tal preceito obriga com huma tal frequencia, que he muito justo o determinar-lha, pois trata-se de peccado mortal, e de morte eterna. Não he pois para maravilhar, que andem tão incertos e sem guia, pois tem de tal forte restringido a significação dos seus actos, que de nenhum modo podem achar huma tal idea nas fontes as mais authorisadas da Theologia, e particularmente na Escriptura; que he donde se devem tirar os preceitos divinos, e muito principalmente pelo que respeita ás virtudes Theologaes, que constituem o espirito, e a quinta essencia do Christianismo. Daqui veio que alguns dos sobreditos Escolasticos, inclinados por genio, e talvez com boa intenção, a alargarem a estrada do Ceo, vendo que na Escriptura se não achava vestigio algum daquelles actos, tomados naquelle sentido, cahirão em monstruosidades taes, que merecerão os anathemas do Vaticano; chegando a negar que o Christão tivesse obrigação de fazer actos das virtudes Theologaes, ou a restringir o preceito a huma vez na vida, ou a pouquissimas vezes. Daqui tambem veio, que outros mais sabios e avisados, por huma parte aterrados com a condemnação de erros insoffríveis aos ouvidos Christãos, e por outra parte sentindo a força natural das formulas efficacissimas, com que Deos especialmente nos intima o grande preceito do seu amor, entraraõ a indagar quais eraõ os tempos e as occasioens, em que obriga aquelle preceito; e porque estas occasioens, bem pesquisadas, eraõ raras, procuraraõ estabelecer huma certa frequencia destes actos, ainda fóra daquellas occasioens; porem como não

tinhaõ hum fio seguro , que os guiasse , viraõ
 que as provas allegadas pelos mais naõ eraõ con-
 cludentes , e porisso cada hum tomou seu ca-
 minho differente , e estabeleceraõ opinioens dif-
 ferentes , e todas ellas foraõ expostas com in-
 certesa , e perplexidade. Se naõ vou enganado ,
 (no que peço as luzes dos Theologos verda-
 deiramente doutos e illuminados) parece-me
 cousa impossivel o mostrar com a Escripura ,
 com a doutrina da Igreja , e com a Tradiçaõ ,
 que haja hum preceito divino especial , o qual
 nos mande fazer actos de fé , esperanza , e cha-
 ridade frequentemente , e que estes actos sejaõ
 puramente interiores , e ao muito manifestados
 com formulas determinadas de palavras , e que
 sejaõ separados de todos os mais actos dirigidos
 á observancia dos mais preceitos divinos ; e que
 alem disso sejaõ aquelles actos distintos entre
 si , e que exprimaõ adequadamente os objectos ,
 os motivos , e o modo , segundo tudo he pro-
 prio a cada huma d'aquellas virtudes. E porisso
 ouso a afirmar , (respeitando sempre a dou-
 trina de taõ grandes homens , benemeritos da
 Moral Christãa , e alem disso sujeitando-me
 a qualquer outro juizo mais apurado) ouso a
 afirmar , que elles estabeleceraõ hum novo pre-
 ceito , e assim cahiraõ , contra a sua intençãõ ,
 no rigorismo ; e que elles igoalmente , por ou-
 tra parte , restringindo a muito poucas vezes
 em substancia o exercicio das virtudes Theo-
 logaes , o qual (segundo o meu parecer) e segun-
 do a doutrina das Escripturas e da Igreja , se
 requer seja moralmente continuo , cahiraõ ain-
 da muito mais , contra a sua tençãõ , no la-
 xismo.

Para tirar todos os equívocos, e fallar com toda a possível clareza; primeiramente todos concordão que o preccito da fé obriga, ainda mesmo mentalmente só, a todo o adulto, a quem pela primeira vez são sufficientemente propostos os mysterios da nossa Religião; pois está claro, que elle entãõ deve sujeitar o seu entendimento á authoridade divina. Porem isto não he fazer actos de fé, (pois o adulto, de que fallamos, ainda o suppomos infiel, e ainda não tem a fé) mas he tamsómente conceber e receber a mesma fé. E pelo que toca aos mininos já fieis, aos quais, ao raiar da razaõ, se lhes vaõ propondo os nossos mysterios hum a hum, todos igualmente concedem, que elles devem assentir firmemente aos mysterios, que se lhes vaõ propondo. Porem nem neste caso os mininos fazem acto de fé, segundo as formulas dos Escolasticos; por quanto os mysterios se lhes vaõ propondo hum a hum por cada vez, e assim nenhum daquelles actos por si comprehende todos os objectos necessarios de fé, nem tambem os motivos, e modo com que o entendimento assente aos mesmos.

2.º Todos concedem, que cada hum, chegando ao uso da razaõ, deve começar a amar o seu Deos, e pôr nelle toda a sua esperança. Porem devem provar os Escolasticos, que este amor, e esta esperança devem ser actos separados das obras, que são effectos naturais daquellas virtudes: devem provar de mais a mais, que a alma do minino se deve, ainda mesmo interiormente, dirigir a Deos com affectos distintos e especificados de esperança como tal por si; e tambem com affectos distintos e espe-

cificados de amor, como tal por si, para se salvar a verdadeira idea dos actos de esperança, e de amor; e que devaõ estas reflexoens comprehender expressa e distintamente os motivos, e o modo de tender a Deos com aquellas virtudes.

3.º Igoalmente he certo, que estas virtudes se achaõ algumas vezes combatidas pela tentação, e que entaõ se devem rebater lá no interior tamfõmente; porque senaõ deve deixar perecer a fé, a esperança, ou a charidade, quando saõ combatidas. Naõ vejo porem, que necessidade haja naquelle caso, de fazer actos daquellas virtudes com as formalidades prescriptas pelos Escolasticos. E porque razaõ as mais das vezes naõ será mais conveniente o naõ combater de frente a tentação, (cousa, principalmente na materia da fé e da esperança, perigosa para as almas fracas) mas tamfõmente o fugir della, divertindo o pensamento, applicando-se ás obras santas, e especialmente recorrendo á oração, dizendo com o Pai do Evangelho, *Creio Senhor, ajudai a minha incredulidade*: ou com S. Pedro, *Senhor salvai-nos, pois perecemos*: ou com a Igreja, *Senhor augmentai a fé dos que em vós esperaõ*, ou com outras muitas jaculatorias, tiradas dos Salmos, e proprias para estas occasioens?

Porem no decurso da vida, e fóra destas occasioens, quanto menos podem os Escolasticos sustentar a necessidade, e determinar a frequencia daquelles seus actos taõ cerceados, como elles querem, de tudo o que pode dizer respeito á observancia da lei, e taõ especificados, e formacs? Naõ he bem claro, que saõ
mui-

muito arbitrias as determinaçoens da obriga-
 ção daquelles actos, e porisso tão varias, e
 tão differentes, comparadas as de huns com as
 dos outros? Qual he o fundamento seguro,
 com que alguns tem affixado o preceito a cada
 triennio, outros a cada anno, outros a cada
 mez, outros a cada semana, e outros a cada
 festa? Que razão tiverão alguns para fazerem
 differença entre a fé e a esperança por huma
 parte, e a charidade pela outra; e obrigarem
 muito frequentemente aos actos de charidade,
 e muito raras vezes aos da fé e esperança, ao
 mesmo tempo que todos os mais não fizeraõ
 differença alguma; e sendo por outra parte evi-
 dente, que se não podem fazer actos de chari-
 dade, sem que necessariamente encerrem a
 esperança e a fé? Com effeito pode-se crer sem
 esperar e amar; pois os demonios, que não tem
 esperança nem amor, *crem e estremeçem*: porem
 não se pode amar sem ao mesmo tempo crer e
 esperar; o que fez dizer a S. Agostinho (a):
*O demonio creê, e nem por isso ama: porem nin-
 guem ama que não creia. O que não ama pode,
 ainda que de balde, esperar o perdão: porem quem
 ama não pode deixar de esperar. E assim onde se
 dá o amor, tambem ahí se dá necessariamente a fé
 e a esperança*: O que tambem fez dizer a S.
 Thomaz (b): *A charidade de nenhum modo pode
 estar sem fé e esperança. A' vista disto está cla-
 ro, que a charidade encerra necessariamente a*
 fé

(a) Tract. 83. in Ioan. *Daemon credit, nec diligit: nemo dili-
 git, qui non credit. Frustra quidem, sed tamen potest sperare ve-
 nitiam; qui non diligit: nemo autem potest desperare, qui diligit.*
Itaque ubi dilectio est, ibi necessario fides & spes.

(b) 1. 2. q. 65. art. 5. *Charitas sine fide & spe nullo modo es-
 se potest.*

fé e a esperança : E alem disto tambem he certo , que o preceito de charidade se acha inculcado , e exprimido com termos taõ fortes , que se naõ poderiaõ encontrar outros , que fossem mais efficazes , para intimar o uso e exercicio della naõ só frequente , mas continuo ; ao que se deve acrescentar que S. Pedro quer expressamente , que a charidade seja *continua* ; e S. Paulo quer , que *todas as nossas acçoens se fação em charidade*. O que posto , argumento assim : Se este preceito da charidade nos inculca e manda fazer aquelles actos , que os Escolasticos pretendem se devem fazer ao seu modo , e estes actos devem hir juntos com os da fé e da esperança , pois , como vimos , saõ inseparaveis ; entaõ aquelles actos formalmente feitos , como mandaõ os Escolasticos , devem ser continuos , e naõ taõ raros , que admittaõ o intervallo de mezes , e annos : (pois admittido este intervallo , naõ se entende que cousa seja amar a Deos com todo o coraçãõ , com toda a alma , com todo o entendimento , e com todas as forças ; sendo claro que a querer usar de todo o coraçãõ , de toda a alma , e de todas as forças , se pode amar todos os dias , e muitas vezes no dia , por exemplo , sete vezes , como David cantava sete vezes no dia os divinos louvores ; acrescendo a isto , que para ter a charidade *continua* , e fazer *todas as cousas em charidade* , naõ se podem os actos de charidade espaçar mezes e annos , e fazer a maior parte das cousas , ou quasi todas sem ser em charidade , por falta dos taes actos) porem até agora ninguem se tem atrevido a asseverar , que haja obrigaçãõ de fazer com aquella grande frequencia os actos , que

per-

pertendem os Escolasticos devem ser feitos ao seu modo, pois isso seria hum rigor intoleravel: o que bem mostra que taes actos não são os que se nos mandaõ no preceito divino; e o mesmo argumento se deve fazer a respeito dos outros preceitos, que especialmente obrigaõ á fé, e á esperança.

Os Escolasticos bem vem que a Escripura não apoia, como deveria ser, o seu pensamento. Pelo que, pelo que d'elles se tira, põem o melhor das suas esperanças na condemnação das sobreditas proposições, de que já fallamos. Para dar toda a força ao argumento, que se pode tirar daquella condemnação a favor dos Escolasticos, deve-se advertir, que naquellas proposições se acha expresso o termo *actus* (*acto*), sobre que se disputa: e alem disso este termo he tirado, juntamente com as proposições condenadas, dos mesmos livros dos Escolasticos, e porisso se acha alli no sentido delles. Pelo que condenou-se na proposição 1. por Alexandre VII, que o homem não tinha na sua vida obrigação de fazer acto algum de fé, esperança e charidade, em virtude dos preceitos divinos respectivos a cada huma destas virtudes: e na proposição 5 de Innocencio XI condenou-se o dizer-se, que se não ousa a condemnar de peccado mortal aquelle, que fizesse hum só acto de amor na sua vida: igoalmente se condenou na proposição 27 o dizer-se, que era sufficiente o fazer hum só acto de fé na vida; e tambem se condenou no sentido da 6 e 7 proposição o dizer-se, que apenas e em rigor se deve fazer hum só acto cada quinquennio, e isto ainda no caso que nos não possamos
de

dé outro modo justificar, nem para isso tenhamos outro caminho; e assim he de necessaria consequencia, que pelo divino preccito há obrigação de o fazer mais vezes do que em cada quinquennio. E assim a Santa Sede não haveria definido isto, se não houvesse achado hum fundamento claro na Escripura e na Tradição. Por tanto pela Escripura e Tradição nos he constante, que ha preccito divino, que manda fazer os actos dos Escolasticos, sobre que disputamos.

Porem este argumento he muito fraco. Elle he huma clara petição de principio. Por quanto depois de havermos observado quaõ inuteis foraõ os esforços, com que se pretenderaõ defender pela Escripura e Tradição aquelles actos, feitos á maneira dos Escolasticos, sem por ellas poderem mostrar a sua necessidade e frequencia, devia-se tambem concluir que a Santa Sede (a qual na condemnação dos erros não se propõe outra regra mais que a Escripura e a Tradição, e não as meras opinioens dos Escolasticos) não estabeleceo naquella condemnação a necessidade dos actos dos Escolasticos, mas sim aquelles actos que nos são determinados pela Escripura e Tradição, e dos quais daqui a pouco mostraremos quais sejaõ.

E se se achã naquellas proposiçoens o termo (*Actus*) *Acto*, e ellas foraõ tiradas dos livros dos Escolasticos, he por outra parte claro, que as taes proposiçoens não foraõ condenadas no sentido dos seus authores, que se não quizeraõ nomear; mas foraõ condenadas *como se achã expressas* (*sicut jacent*), e assim he
que

que se exprime o Decreto de Innocencio XI. A' vista do que , o vocabulo (*Actus*) *Acto* , na sua expressão (*sicut jacet*), não significa os actos de fé com aquellas restricçoens , de que acima fallamos , e com as quais os Escolasticos modernos quizerão que se tomasse ; mas toma-se no sentido o mais geral , no qual o tomou S. Thomaz , e os outros Escolasticos antigos ; e nesse sentido comprehende os pensamentos , palavras , e obras produzidas por aquellas virtudes , e neste sentido he muito facil justificar com as Escripturas e Tradição a condemnação daquelles erros , como vamos a ver.

§. VII.

Exposição da difficuldade na prática.

VAMOS agora a mostrar com toda a clareza , quão difficuloso seja o persuadir a necessidade dos actos dos Escolasticos , propondo hum caso pratico. Supponhamos que ha hum Christão verdadeiramente penetrado da fé , da esperança , e da charidade , e de tal forte que por ellas he que vive , nunca seguindo em cousa alguma de importancia as paixoens humanas , como são , a ambição , a avareza , o prazer , mas procurando do coração os bens futuros : e que este Christão frequente com muita religião as funcçoens da Igreja , que ouça alli com ancia a palavra de Deos ; que assista com piedade ao tremendo Sacrificio , e mais funcçoens ; que receba os Sacramentos com frequencia e devoção ; que tenha hum respeito e hum amor sem limites aos Pais , aos Sagrados Pastores , e ao seu

seu Principe ; que trate com sinceridade , com justiça , e com charidade o seu proximo ; que seja casto , humilde , e esmoler ; que regularmente gaste cada dia hum tempo consideravel em oraçoens , e meditaçoens pias , e que entre as suas oraçoens reze tambem o Symbolo , e a Oração Dominical ; que enfim cuide verdadeiramente em mortificar as humanas paixoens com jejuns , vigílias , recato dos sentidos , e abnegação da vontade propria. Porem supponhamos por outra parte , que elle não destina tempo algum para fazer os actos de fé , esperanza , e charidade puramente interiores , e expressos tambõmente com palavras , porem separados de outras quaisquer obras , palavras , e pensamentos que se encaminhem á observancia dos preceitos divinos ; distinguindo aquelles actos huns dos outros , e de sorte que separadamente exprimaõ adequadamente os objectos , os motivos , e os modos proprios de cada huma daquellas virtudes. Supposto isto pergunto , se esta alma , certamente christãa , deva ser condemnada a peccado mortal por esta falta , e julgada em estado de perdição ? Parece-me impossivel , que haja alguẽ , que ouse a proferir este juizo contra ella (a).

Se todavia se achasse alguẽ que a quizesse condenar , como daria elle razãõ da sua sentença ? Poder-se-hia por ventura valer da Escripura ? Certamente não : por quanto se a huma tal alma lho contrapuzessemos , que sem

fé

(*) Com effeito S. Bernardo no sermão 50 aos Canticos chama a hum tal homem não somente justo , mas tambem sabio , isto he , perfeito. *Talem da mihi hominem , & ego audacter illum sapientem pronuncio.*

fé he impossivel agradar a Deos , que a justiça christãa vem da fé em Jesus Christo , e que quem não crê está ja julgado : Ella nos responderia com a Escriptura , que isso se deve entender não de huma fé de puros pensamentos e palavras , a qual S. Paulo chama fé fingida , e S. Thiago fé morta ; mas sim de huma fé viva , a qual , segundo S. Paulo , obra por amor , e que , segundo S. Thiago , produz os fructos das boas obras , e que porisso justifica verdadeiramente sem as obras da lei ; porque produz obras , as quais não procedem da natureza movida por motivos naturais , ou pelo temor servil , que imprime a lei , mas sim procedem da graça de Jesus Christo , e do Espirito de Deos , o qual , por meio da fé , vive no justo , e he o principio das suas acçoens. E que por tanto ella bem mostra ter huma fé viva , pois de nenhum modo se regula pelas falsas luzes da concupiscencia e do mundo , mas que tãsómente a divina palavra he , a que lhe serve de lanterna para guiar os seus pés , e de luz para dirigir os seus passos ; que despreza o visível e transitorio , e procura o invisível e eterno , desconfia das forças da natureza , e não poder cousa alguma sem a graça de Jesus Christo.

2.º Se lhe dissessemos , (para a obrigar a fazer actos de esperança) que somos mandados fazer a Deos hum Sacrificio de justiça , e esperar nelle ; e esperar sempre desde a madrugada até á tarde , e dahi para sempre. Está bem , responderia ella : Isto he justamente o que eu faço. Por quanto como renunciaria eu aos bens presentes , se não aspirasse aos futuros ? Como pediria eu continuamente a Deos os seus dons ,

se não tivesse esperança de alcançalos? Como viviria eu por minha propria vontade no pranto, se não esperasse a consolação eterna? Como me consolaria eu na perseguição, que he inseparavel de quem quer viver piamente em Christo, se não esperasse a recompensa do Reino celeste? 3.º Se finalmente (para a obrigar-mos aos actos de charidade) lhe puzessemos diante dos olhos o grande preceito, que nos manda amar a Deos com todo o coração &c. Está bem, responderia ella, e que conclusões disso? Concluis que todo o resultado deste grande e justissimo preceito seja, que o Christão em certos tempos bem raros deva nelles escolher algum bocadinho, quasi momentaneo, de tempo, para dizer a Deos: *Eu vos amo com todo o coração, como meu Summo Bem?* Eu creio que devo amar o meu Deos não em certos tempos sómente, nem por momentos, mas continuamente, e não com formulas e ceremonias, mas bem verdadeiramente com obras: isto he o que me adverte S. João (que era mestre na materia do amor divino) dizendo: *Meus filhinhos, não ameis sómente com palavras e com a lingua, mas com obras e verdadeiramente (a).* Não sei o que poderíamos responder, que sólido fosse, a estas respostas.

Se quizessemos instar esta alma, talvez a julgaríamos pôr em aperto com a condemnação das ja sabidas proposições, dizendolhe: está definido, que he preciso fazer actos de fé, ao menos huma vez na vida. O'! e quam lastimavel he isso! (diria ella), e isto he o que entendeo o Apostolo quando disse, que o justo vi-

ve

(a) I. Ep. c. 3. v. 18.

ve da fé? Tudo isto se hade reduzir a dizer huma vez na vida, ou como querem outros, em cada quinquennio, e como outros, cada anno; Creio a unidade da Trindade de Deos, a Incarnação, e a Paixão, e a morte do Filho de Deos, o eterno premio dos bons, e o castigo dos máos? Eis aqui huma vida, que he muito interrupta e momentanea: eis aqui huma justiça, que he bem imperfeita, que apparece raras vezes, e desaparece em hum instante, como hum relampago. Eu chamo actos de fé ao obrar em conformidade daquillo que creio: o pensar, o dizer, e fazer como a fé me ensina, que eu devo pensar, dizer, e fazer: chamo actos de fé o desprezar tanto com o coração, como com a lingua, e com as obras aquillo, que a fé me ensina que se deve desprezar, e prezar e estimar aquillo, que ella quer que se preze e estime. E estes actos devem ser continuos, pois esta he a lanterna, para a qual o Principe dos Apostolos quer que nós tenhamos virados os olhos neste seculo tenebroso, até que venha o dia da bemaventurada visão, e resplandeça nos nossos coraçãoes a luz da gloria (a). Dirhe-hemos em segundo lugar, continuando a fallar com esta alma, que está definido o deverem-se fazer actos de charidade ao menos cada cinco annos. Eu não sei, como esta alma, penetrada do amor divino, poderia conter-se á vista de huma tal proposta. Ella sentiria comoverem-se-lhe as entranhas, vendo tratar deste modo hum tal preceito; limitando-o a actos tão raros, e a actos *tão somente de affectos*, e de palavras. O Deos! exclamaria ella, assim he que se deve

amar

(a) II. Petr. c. 1. v. 19.

amar o nosso Deos? E a isto he que se chama ama-lo com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento, e com todas quantas forças há? Qual he o Pai que se contente de ser assim amado por seu Filho? Qual he o Esposo que o soffra na sua Esposa? São estes aquelles actos de amor, que elles exigem? Ficaráõ satisfeitos com demandarem tão sómente actos de amor tão raros?

Poderia acrescentar esta alma, para sua defesa, o exemplo dos Santos, os quais não fizeram consistir a sua fé, esperança, e charidade em taes formalidades e ceremonias, mas sim em hum theor de vida, e em huma serie continua de pensamentos, palavras, e obras santas, regulado tudo pela luz da fé, sustentado tudo com a alegria da esperança, e animado tudo com o espirito da charidade.

Poderia acrescentar a pratica da Santa Sede Apostolica, a qual quando examina as virtudes dos grandes servos de Deos, para os pôr nos Altares, não inquire se tem dito muitas vezes *eu creio, eu espero, eu amo*; mas sim se pelo total das suas acçoens se manifesta ter nelles havido a eminencia destas virtudes. Creio que o dito até aqui he sufficiente, para estabelecer e mostrar a difficuldade que ha, para se poder decidir a necessidade, e determinar a frequencia dos actos das virtudes *Theologaes tomados no sentido dos Escolasticos*: e juntamente para fazer palpavel, que a lingoagem dos Peripateticos, adoptada nas escolas, tem sido a verdadeira causa da obscuridade, em que se acha envolta huma materia, que por todos os titulos deveria ser a mais clara, e precisa.

§. VIII.

He preciso pois voltar á lingoagem da Escritura , da Tradição e do Povo. Que cousa sejaõ os actos nesta lingoa. E primeiramente dos actos de amor.

NÃO nos resta pois outra cousa mais , do que voltarmos á lingoagem sagrada das Escrituras , e da Tradição , e ás ideas simples e naturais , que se nos offerecem na lingoagem popular , quando ella trata destas virtudes. Comecemos pelo amor. Que cousa ha , que mais conhecida seja no mundo , do que este affecto ? Que cousa ha , de que se possa fallar com mais segurança , e que seja de todos entendida ? Basta ser homem , para entender que cousa seja amor ; pois não se pode ser racional sem amar , e sem sentir que se ama , e sem conhecer quais sejaõ os effeitos deste amor. Para que servem as expressoens embrulhadas de *habito e acto* ; de *amor habitual e actual* ; de *amor affectivo e effectivo* , *sensitivo e appreciativo* , *material e formal* &c. todas inventadas pelos Escolasticos ? Houve em tempo algum Pai , que fallasse deste modo e com esta lingoagem a seu Filho , ou Filho , que assim fallasse a seu Pai ; ou Esposo , que assim fallasse á sua Esposa , e esta a elle ; ou que os que se amaõ , e os mesmos amigos fallassem assim entre si ? *Ama-me do coração* , dirá o Pai ao Filho : *eu te amo bem do coração* , dirá o filho ao Pai ; e com estas duas palavras se entendem bastantemente , sem recorrerem áquellas estranhas distincões , as quais em seu lugar veremos , que uso possaõ ter. E se hum duvida

do amor do outro, não exigem sómente hum *eu vos amo* de palavra, nem por escrito, (bem que muitas vezes se pedem estas expressões por ternura) mas querem verdadeiras obras, isto he, factos. Porisso nesse caso o Pai dirá ao Filho: Se me amas, obedece-me, guia-te pelos meus conselhos, cuida em fazer-te homem, deixa o jogo, e assim no mais &c. Eisaqui os actos de amor que o Pai quer do seu Filho. Desta linguagem tão natural usou Christo. *Simão de Jão, amas-me tu? Sim, Senhor; vós sabeis que eu vos amo. Apascenta o meu rebanho: quando fores velho estenderás as tuas mãos, e outrem te cingirá. Segue-me (a).* Eisaqui os actos, ou para melhor dizer, as obras de amor que Christo pede de Pedro em prova das suas protestaçoens de amor: que são, apascentar o rebanho, hir ao martirio, e seguir a Christo.

Dos actos de esperança.

2.º **QUEM** ha que não saiba que cousa seja esperança, e quais são os actos, que ella produz? Quem houve já mais que os reduziisse a meras reflexões internas? Quem ha que não comprehenda que hum viva esperança de hum boa colheita faz o lavrador infatigavel, e soffredor das intemperanças do ar na cultura do seu terreno? Quem não sabe que a esperança de hum avultado ganho faz, com que os negociantes sulquem o immenso Oceano, e se exponhão ás suas tempestades? Quem não sabe que os soldados com a esperança do despojo, da gloria, e dos adiantamentos se abalançoão ás ba-

talhas as mais obstinadas, e aos affaltos os mais perigosos? Esta he a lingoagem, com que discorrem os homens nos acontecimentos humanos: e desta mesma lingoagem usa Deos, quando nos falla da esperanza christãa, e dos actos, que ella produz. Quem tem esta esperanza, diz S. João (a), cuida em santificar-se. Pelo contrario os Filozofos pagãos *naõ tendo esta esperanza*, apezar de todos os seus bellos raciocinios, *se entregaraõ á impudicia* (b). Os Christaons porem vivem neste mundo sobria, justa e piamente, porque esperaõ a bemaventurada esperanza, e a vinda do grande Deos (c). E como diz em outra parte o Apostolo, por essa razãõ soffrem de boa vontade os trabalhos, e as detracçoens, porque esperaõ no Senhor (d). Eis aqui os actos de esperanza, que a Escritura nos aponta: cuidar na propria santificaçaõ, viver com sobriedade, com justiça, com piedade, e ser invencivel em soffrer as maledicencias e as affliçoens.

Dos actos de fé.

3.º **E** A fé naõ será igoalmente, do mesmo modo que o amor e a esperanza, hum affecto obrador? O Apostolo S. João diz, que esta he a victória, que vence o mundo: *A victória*, diz elle, *que vence o mundo, he a nossa fé* (e). E o Apostolo S. Paulo attribue á fé todas as obras boas: *representando-nos*, diz elle aos Thessalonicenses, *as obras da vossa fé* (f): *Deos cumpre*, continua elle, *pelo seu poder todos os decre-*

(a) 1. Joan. c. 3. (b) Ad Eph. c. 4. (c) Ad Tit. c. 2. v. 13. (d) 1. Ad Tim. c. 4. v. 10. (e) 1. Joan. c. 5. v. 6. (f) 1. Ad Thess. c. 3. v. 3.

tos favoraveis da sua bondade ácerca de vós , e da obra da vossa fé (a). Para dizer que as obras santas dos Romanos , dos Colossenses , e dos Thessalonicenses são em toda a parte celebradas , diz que a fé dos fieis destas Cidades he annunciada por todo o mundo (b) : que se deram por toda a parte (c) : que elle o ouviu recomendar , e que disso dá graças a Deos (d) : que elles tem vindo a ser o modello de todos os que crem (e). E assim , segundo S. Paulo , são palavras synonimas o creer , e viver santamente : nem quer , nem reconhece outra justiça , se não a que nasce da fé (f). Oh' , e quão diferentes são estes actos de fé dos dos Escolasticos ! Oh' , e quão diferente he a lingoagem das Escrituras da das Escólas ! As obras santas he que são os actos da verdadeira fé , e por aquellas he que ella se faz patente : *a comunicação da fé faz-se evidente nas mostras de toda a obra boa* : sem as obras a fé he fingida , he morta , he huma arvore pintada , ou ao menos secca.

§. IX.

As Virtudes Theologaes não são virtudes puramente interiores , e que não tenham outros actos próprios , senão os internos , mas influem em todos os actos internos e externos do Christão.

DO que havemos dito , qualquer , como creio , comprehenderá quão diferente he a idea que neste lugar nos dão os Escolasticos destas santas vir-

(a) 2. Ad Theff. c. 1. v. 11. (b) Ad Rom. c. 1. v. 8. (c) Ad Theff. c. 1. v. 8. (d) Ad Col. c. 1. v. 6. (e) 1. Ad Theff. c. 1. v. 7. (f) Ep. ad Rom. & ad Gal.

virtudes, daquella, que nos dão as divinas Escrituras. Os Escolasticos mostrando que não conhecem outros actos destas virtudes, alem daquelles, que se formão puramente com o coração, e ao muito se exprimem com a boca, e que alem disso mais particular e formalmente exprimem a adhesão do entendimento ás verdades reveladas, á expectação da vida eterna, e o apêgo da vontade ao seu ultimo fim; no-las presentaõ como virtudes puramente internas, que não influem propria e universalmente sobre toda a totalidade dos pensamentos, discursos e obras christãas, para assim as produzirem, e darem-lhe a fôrma, o valor, e o caracter de christãas; mas tamfõmente como virtudes, que produzem só actos internos affaz limitados, e cujo uso e frequencia se não pode bem, e verdadeiramente determinar por via da authoridade.

Quão diminuta fica a magestade e divina grandeza destas virtudes, propoltas deste modo! Não he assim que no-las propõem os livros sagrados. Estes nos mostraõ nestas virtudes, em substancia, a graça do segundo Adão, a qual renova e levanta acima de si a natureza do primeiro Adão; despoja o homem do homem velho, e o reveste do homem novo; que destroe o velho, e cria o novo em verdadeira justiça e santidade; aquella mesma graça, que faz com que o homem viva, mas já não elle, mas sim Christo nelle; e que he quem muda os seus desejos e os seus amores, amortecendo a concupiscencia das cousas transitorias; e de mais a mais conduzindo o homem ao odio evangelico de si mesmo, e do mundo; ao desprezo do ouro, ao aborrecimento dos prazeres sensuais, ao vili-

pen-

pendio das honras ; excitando nelle maravilhosos , e ineffaveis gemidos e desejos da justiça e da vida eterna , e de tudo aquillo , que o mundo aborrece , como he a pobreza , os soffrimentos , as calumnias , e por fim a morte. Os mesmos livros sagrados mostraõ-nos na fé , esperança , e charidade a origem e o manancial das oraçoens , das esmolas , do perdaõ das injurias , da paciencia , do amor fraterno , da fugida do Seculo , das austeridades ; em huma palavra , de tudo o que he exercicio verdadeiro , e sem hypocrisia , do que prescreve a Religiaõ e o Evangelho. Seria superfluo mostrar isto , bastando para isso o que já fica dito ; e podendo cada hum facilmente encontra-lo nos livros sagrados , e muito principalmente nos do Novo Testamento. Porem para despir as preoccupaçoes , que se tem inveterado , ainda os entendimentos os mais arrazoados precisaõ de ajuda e soccorro ; porisso trarei outras provas disto bem convincentes.

§. X.

Mostra-se isto primeiramente a respeito da fé.

É como se deva entender o que dizem os

Escolasticos , que ella se deve renovar muitas vezes.

VAMOS pois a ver quais saõ os actos , que o Apostolo attribue a fé , e se elle se restringe a fazer-lhe dizer tamfõmente com o coraçãõ: *Eu creio*. Leamos tamfõmente o famoso Capitulo 11 da Epistola aos Hebreos , que he muito bastante.

„ Pela fé , diz elle , he que Abel offerencia a

„ Deos huma victima mais excellente , do que

„ Cain : pela fé Henoah foy trasladado do mun-

„ do

„ do para não morrer: pela fé Noé salvou-se
 „ a li e a sua familia na Arca, e se constituiu
 „ herdeiro da justiça, que nasce da fé: pela fé
 „ Abrahão se mostrou prompto para largar a
 „ sua patria, partindo, sem saber para onde,
 „ para procurar alli a herança: pela fé se dei-
 „ xou ficar na terra, que lhe tinha sido pro-
 „ mettida, como n'uma terra estrangeira, habi-
 „ tando debaixo de humas tendas com Isaac e
 „ Jacob, que haviaõ de ser com elle herdeiros
 „ da promessa: pela fé tambem he que Sara,
 „ sendo esteril, veio a ser fecunda na sua ve-
 „ lhice: pela fé todos estes morrerãõ contem-
 „ tes, sem terem recebido os bens, que Deos
 „ lhes promettera, mas vendo-os, e como fau-
 „ dando-os de longe: pela fé he que Abrahão
 „ sacrificou Isaac, seu filho unico, e unico
 „ fundamento das promessas: pela fé he que
 „ depois de nascido Moisés, o tiverãõ seus pais
 „ escondido tres mezes, sem temerem o edicto
 „ do Rei: pela fé he que Moisés, depois de
 „ grande, declarou que não era filho da filha
 „ de Faraõ, estimando mais ser afflicto com o
 „ povo de Deos, do que gozar do deleite transi-
 „ torio do peccado; julgando que o opprobrio de
 „ JESUS Christo era hum mais precioso the-
 „ souro, do que as riquezas do Egypto: pela fé
 „ he que elle deixou o Egypto, sem recear o
 „ furor do Rei: pela fé he que elle celebrou
 „ a Pascoa, e fez a aspersaõ do sangue, e sal-
 „ vou com ella os primogenitos do Egypto, os
 „ quais pela mesma fé passaraõ a pé enxuto o
 „ mar vermelho; o que foi a ruina dos Egy-
 „ pcios, que quizerãõ tentar a mesma passa-
 „ gem: pela fé he que os muros de Jericó ca-
 „ hi-

,, hiraõ pór terra : pela fé he que Raab mulher
 ,, meretriz naõ pereceo com os incredulos. Que
 ,, mais direi eu ? Faltar-me-ha o tempo se eu
 ,, quizer fallar de Gedeão , de Barac , de Sam-
 ,, saõ , de Jephthe , de David , de Samuel , e dos
 ,, Profetas , que pela fé conquistaraõ os Rei-
 ,, nos , cumpriraõ as obrigaçoens da justiça ,
 ,, alcançaraõ o effeito das promessas , taparaõ a
 ,, boca aos Lebens , suspenderaõ a violencia do
 ,, fogo , evitaõ o fio das espadas , foraõ vale-
 ,, rosos na guerra , desbarataraõ os exercitos
 ,, estrangeiros. Huns foraõ cruelmente ator-
 ,, mentados , naõ querendo resgatar a sua vida
 ,, presente , a fim de acharem huma melhor na
 ,, resurreiçaõ : outros soffreraõ ludibrios , e
 ,, açoutes , e cadeas e prizoens ; foraõ apedre-
 ,, jados , foraõ ferrados pelo meio , foraõ ten-
 ,, tados , foraõ mortos ao fio da espada ; elles
 ,, andaraõ vagabundos , cobertos de pelles de
 ,, ovelhas , e de cabras , necessitados , angusti-
 ,, ados , afflictos , errantes nos desertos , e nos
 ,, montes , escondendo-se nas covas , e nas ca-
 ,, vernas da terra. ,, Eisaqui huma pintura da
 fé , digna de hum author divino , e que se vê
 com todo o seu colorido.

A qui naõ se vê huma fé minina e debil ,
 que naõ sabe fazer outra cousa mais , que di-
 zer : *Eu creio esta e aquella verdade* : mas huma
 fé adulta , grande e robusta , que vence a ava-
 reza , e offerece a Deos victimas preciosas : que
 santifica o homem até faze-lo digno que Deos o
 transporte deste mundo antes de morrer : que
 desapega os homens das suas patrias , e os con-
 duz a paizes incognitos : que faz com que suf-
 foquem a violencia do amor paterno , do temor
 dos

dos Principes, da ambição das Cortes, da cobiça dos thesouros, e dos horrores dos mais grandes perigos, dos supplicios os mais crueis, da mesma morte, e de huma vida ainda mais miseravel, que a mesma morte: que não produz actos de meros pensamentos e palavras, que quasi nada custão, mas obras reaes, e dignas da eminencia do Christianismo.

Tem muita razão os Escolasticos, quando inculcão a renovação amiudada da fé, e principalmente na hora da morte, e quando ha tentações graves. Porem para se ensinar tudo, quanto he preciso para huma completa instrucção nesta materia, he preciso sahir dos limites, a que elles se restringem. Todos os actos do Christão para serem verdadeiramente Christãos, devem proceder da fé: a fé he que os hade produzir, e a fé he quem os hade dirigir: sem a fé he impossivel que pensamento algum, palavra, ou obra deliberada agrade a Deos: não ha justiça alguma christãa, que não venha da fé, nem o justo pode viver de outra parte, que da fé. E assim não basta dizer que he preciso fazer actos de fé muitas vezes; he preciso ensinar, que todos os actos do entendimento, e da vontade, que todos os pensamentos, todas as palavras, e todas as obras devem ser produzidas pela fé.

Dizem ultimamente, que he util e necessario despertar muitas vezes a lembrança das verdades reveladas. A Escritura no-lo inculca em mil lugares. Mas he preciso que elles desfaçam os equivocos, com que fallam. Esta renovação de fé não se deve fazer *por modo de adhesão* ás verdades reveladas, dizendo: *Eu creio esta e aquella verdade*; porque a adhesão já se suppõe
em

em hum Christão, (fóra dos casos de vacillar na crença , nos quais he necessario renovar a mesma adhesão) e assim não he necessario renovar aquillo , que está firme e solido ; mas deve-se fazer *por via da reflexão* , que he a que muitas vezes falta ; e a falta della faz inutil o habito da fé , que subsiste ainda nos mais negligentes. Que importa que o avarento crea firmemente , que os seus ganhos illicitos o hab de conduzir a huma summa pobreza ? Elle não reflecte nisso ; se a luz desta terrivel verdade lhe ferisse actualmente os olhos , ella o apartaria das suas usuras. Mas porque elle disto se não lembra nos seus contractos , porisso a doçura do ganho o attrahe. O mesmo se deve dizer do sensual , do ambicioso , do priguiçoso , do maldizente , e de qualquer outro vicioso. Pelo que estes não tem necessidade de dizer *eu creio* , porque já crem , e não duvidaõ ; porem tem necessidade de se lembrarem , e fazerem presente ao pensamento aquillo , que crem , e tirarem de debaixo do alqueire a luz , que alli está viva , para que os alumie nas suas necessidades. Se pois os Escolasticos entendem por renovação de actos de fé a renovação da lembrança destas verdades reveladas , entã concordamos , que he preciso faze-los muitas vezes ; pois o Apostolo quer que em todas as occasioens empunhemos o escudo da fé ; e o Principe dos Apostolos nos ensina a resistir ao diabo , e não com outra cousa , senã com a fé. E de mais a mais se deve dizer , que o Christão deve ter moralmente continua esta lembrança ; porque o Salmista nos adverte , que a fé deve ser a lanterna para os nossos pés , e a luz para os nossos passos ; e cumpre muito o

ver continuamente onde se põe o pé, e segurar bem todo o passo; o que he proprio do homem sabio, como se diz nos Proverbios (a): alem de que não se podem dirigir ao ultimo fim todas as acçoens, palavras e pensamentos, sem huma lembrança moralmente continua deste fim, e das outras verdades, que ajudam a isso. Esta lembrança porem não he propriamente aquelle acto de fé, que os Escolasticos querem, nem entra na sua definição.

2.º Esta renovação de lembrança ou de reflexão não he preciso que abrace sempre todos os artigos revelados, que os Escolasticos querem, que de necessidade entrem nos seus actos. Isso seria fóra de proposito; assim como he fóra do uso. O Christão he ajudado a fugir do mal e a fazer o bem, não com a renovação da lembrança simultanea de todas as verdades reveladas, nem com a da lembrança das principaes, que os Escolasticos encerraraõ nos seus actos; mas sim renovando a lembrança já de huma, já de outra, segundo a maior impressão, que causaõ na sua alma, ou são mais proprias para as suas necessidades particulares. A reflexão sobre a brevidade da vida, sobre a incerteza da mesma, sobre o estado futuro do seu corpo na sepultura, e semelhantes, que maravilhosos effeitos não tem produzido nas almas christans! E comtudo estas verdades, como muitas outras igualmente efficazes, não entraõ nas formulas dos actos de fé, que propõem os Escolasticos. E assim a renovação da fé, que nos inculca a Escritura he cousa muito differente dos actos dos Escolasticos.

3.º

(a) Prov. c. 15. v. 17.

3.º Os actos dos Escolasticos tambem renovaõ a memoria das principaes verdades da fé, porem propõem-nas todas juntas, e de passagem. Isto porem não he o que ajuda o Christão a santificar-se. Aquelle modo de actos he huma luz geral, languida, e passageira, de que são capazes os Christãos os mais extraviados, os quais podem muito bem rezar com attençaõ, e com adheção do entendimento, e firmissima, as taes formulas, sem se cõmoverem, e sem se resolverem effizamente a mudarem de vida. He preciso distinguir duas cousas na fé, a *certeza*, e a *luz*. A *certeza* he como a substância da fé, absolutamente necessaria para a sua essencia, e para formar o Christão. Porem esta certeza pertence mais á vontade, a qual inclina o entendimento para assentir ás verdades reveladas, e ter adheção a ellas, posto que nellas nada comprehenda; e por isso, como diz o Apostolo, fa-lo escravo em obsequio da fé. Sem esta certeza de nenhum modo se pode ser Christão; porem com ella mesma pôde hum ser tão máo Christão, que verdadeiramente se não mereça hum tal nome. Porem os bons Christãos ajuntaõ a este fundamento da certeza a *luz* da mesma fé, que consiste em hum conhecimento certo, claro, e vivo, e em huma igual apprehensaõ das verdades reveladas, e muito principalmente daquellas, que se encaminhaõ a santificar as almas. Esta luz, que de ordinario he tamfõmente participada ás almas justas, e aos peccadores, que Deos quer converter, (e que he hum reflexo da charidade, que por isso S. Agostinho lhe chama luminosissima) esta luz, digo, he a que obra nos coraçõens effeitos maravilhosos. Esta luz não faz escravo o

entendimento , mas antes o livra da sua escravidão , pintando nelle as verdades divinas com tal viveza , que a adhesão , que tem a ellas , ja não he só pelo imperio da vontade , mas sim pelo proprio instinto de assentir ás verdades pelo conhecimento. Quando esta luz se faz grande nas almas , e faz apparecer como hum dia claro depois de huma escura noite , então tudo o que he temporal , e que antes parecia ao entendimento ser magnifico , suave e precioso , vem a ser pequeno , ridiculo , amargo e desprezível , quer sejaõ riquezas , quer dignidades , quer prazeres , e amizades : e o que antes se propunha como terrivel , amargo , intoleravel , apparece ligeiro , doce , appetecivel , como saõ a pobreza , as calumnias , as prizoens , os tormentos , e a mesma morte. E assim tudo o que he espirital e eterno cresce sem medida. Os supplicios eternos , que antes de nenhum modo tocavaõ o coração de hum Christão , que vivia nas trevas , oh como o assustaõ já ! como lhe põem diante dos olhos a sua cegueira ! Como o encantaõ já os bens eternos , como o arrebatãõ , e como o fazem soluçar , por não ter até entãõ cuidado em os adquirir ! Como entende já que cousa he a belleza da virtude , a suavidade do jugo de Christo ; que cousa he a brutalidade do vicio , e a miseria , em que jazem os peccadores , sempre atormentados e devorados pelas proprias paixoens ! e assim como o caminho ordinario e natural , por que se corrige nos seus erros a vontade humana , he o endireitar-lhe o entendimento , para que não represente o que he negro como se fosse branco , mas que aponte seguramente qual he o verdadeiro bem , e

qual

qual o verdadeiro mal, e distingua exactamente os grãos do maior bem, e do maior mal; he tambem claro e visivel, que a luz clara da fé, que ao mesmo tempo he a luz da charidade, influe em todos os pensamentos santos, palavras e obras santas dos justos, que por isso vem a ser verdadeiros fructos, e verdadeiros actos desta fé. Neste sentido he que dizia o Salmista, que as Sagradas Escrituras, as quais ajudaõ a accender esta divina luz nas almas, saõ huma lei immaculada, que converte as almas; hum testamento fiel, que dá sabedoria aos pequenos; justicas rectas, que alegraõ os coraçoes, e huma regra luminosa, que esclarece os olhos (a).

Por isso S. Paulo não se contenta com que os fieis creaõ simplesmente as verdades christãs, mas quer que as conheçaõ, as comprehendaõ, e dellas tenhaõ huma impressaõ a mais viva e perfeita, que haver-se possa. Eis aqui com que estupendas expressoens elle falla aos Efesinos (b): „ Não cesso de dar graças a „ Deos por vós, lembrando-me de vós nas mi- „ nhas oraçoens, para que o Deos de nosso „ Senhor JESUS Christo, o Pai da Gloria vos „ dê o Espirito de sabedoria, e de luz para o „ conhecerdes: para que elle esclareça os olhos „ do vosso coração, em ordem a que vós co- „ nheçaes, qual he a esperança, a que elle vos „ chamou; quais as riquezas e a gloria da he- „ rança, que elle prepara aos Santos; e qual „ a suprema grandeza do poder, que elle exer- „ cita em nós, os que cremos, pela força toda „ poderosa da sua operaçaõ. Pedindo-lhe (c)

(a) Psalm. 18. (b) Ad Eph. c. 1. v. 16. e seg. (c) Ad Eph. c. 3.

„ que , segundo as riquezas da sua gloria , vos
 „ fortifique elle no homem interior pelo seu
 „ Espírito ; e faça que JESUS Christo habite
 „ pela fé em vossos coraçoes ; e que vós radi-
 „ cados e fundados na charidade possaes com-
 „ prehender com todos os Santos , qual seja a
 „ largura , o comprimento , a altura , e a pro-
 „ fundidade deste misterio ; e conhecer tambem
 „ o amor de JESUS Christo para com vosco ,
 „ o qual excede toda a sciencia ; e assim de que
 „ sejaes cheios de toda a plenitude de Deos.
 „ Até que todos cheguemos (a) á unidade de
 „ huma mesma fé , e de hum mesmo co-
 „ nhecimento do Filho de Deos , e ao estado de
 „ hum varaõ perfeito , á medida da idade com-
 „ pleta de JESUS Christo. E aos *Colossenses* :
 „ (b) Não cessamos de orar por vós , e de pedir
 „ a Deos , que vos encha do conhecimento da
 „ sua vontade , dando-vos toda a sabedoria , e
 „ toda a intelligencia espiritual ; para que vos
 „ conduzaes de huma maneira digna de Deos ,
 „ procurando agradar-lhe em tudo , fructifican-
 „ do em toda a sorte de boas obras, e crescendo
 „ na sciencia de Deos. Instruidos na charidade,
 „ e em todas as riquezas da plenitude do enten-
 „ dimento , e no conhecimento do misterio de
 „ Deos Padre , e de JESUS Christo.

Para adquirir esta luz , pouco serve , ao meu parecer (bem que seja de algum proveito) o andar repetindo: *Eu creio*. Para isso tres são os meios proprios , e efficazes , inculcados nas Escrituras, e pelos solidos mestres da vida Christãa.

1.º O primeiro he a frequente e bem séria me-

(a) Ad Eph. c. 4. (b) Ad Coll. c. 1.

meditação das verdades da fé. A Escritura, os Padres, e os Mestres espirituaes inculcão isto á porfia, e he superfluo citar as suas authoridades, que são infinitas: e a mesma razão e a experiencia provaõ isto sem replica. A lição dos Livros Santos, e ouvir a palavra de Deos são huma especie desta casta de meditação, que he tambem continuamente recômendada. Por este modo he que as verdades são penetradas, e ponderadas até ao seu fundo, e se estampaõ com força na alma, e fervem de dar luz ao entendimento, e se tem á mão nas occurrencias para nos excitarem, dirigirem, e defenderem. Este modo de renovar, e manter accesa a fé, he o que os Pastores nunca devem cessar de intimar: a sua utilidade he muito grande, e porisso o demonio se-lhe opõe com todas as forças, e com todas as artes. He preciso desfazer o engano, que he ordinario, de se dizer que este exercicio he tãsómente para as pessoas espirituaes: as almas as mais mundanas são as que mais necessitaõ disso: nem ha alma alguma, que se converta senão com reflectir nas verdades da fé.

2.º O segundo meio he a Oração. A fé he hum dom de Deos: a intelligencia e a sciencia são dons do Espirito Santo: He preciso pedir, bater, buscar. Isto he o que nos ensina nosso Senhor: assim he que pediaõ os Apostolos ao Senhor, dizendo (a): *Aumenta-nos a fé*: assim pede a Igreja dizendo (b): *Deos, aumenta a fé dos que em ti esperaõ.*

3.º O terceiro he trabalhar por viver santamente.

(a) Luc. c. 17. v. 5. (b) Orat. in bened. palm.

mente. A' proporção que a vida he pura, a luz da alma tambem he mais clara, tanto porque se affastaõ as trevas da concupiscencia, como porque Deos recompensa com luzes ulteriores o bom uso das luzes recebidas: assim como pelo contrario, quando á vista da verdade se satisfaz a concupiscencia, Deos derrama, como diz S. Agostinho, cegueiras penaes sobre as concupiscências illicitas; tanto, que alguns chegaõ a perder não só a luz, mas tambem a certeza e a substancia da fé; porque como diz hum gravissimo Author antigo (a), he digno de perder a fé inutil a quelle, que não exercita a charidade. E S. Joaõ Chryostomo julga ser de huma consequencia inevitavel o passar de huma vida depravada a cahir no atheismo: *Naõ pode acontecer*, diz elle (b), *que a quelle que desta sorte vive, ou se arrependa dos dogmas errados, que segue, ou não largue a verdadeira fé; mas necessariamente ha de cahir em tudo isso. Por quanto julgo que todos os que vivem depravadamente, nenhum ha que não medite em mil cousas diabolicas, como por exemplo, que ha hum fado, que todas as cousas vão ao acaso, e que existem confusas e sem ordem. Prouvera a Deos que não tivessesmo disto huma continua experiencia.*

E

§. XI.

(a) Auct. lib. de vocat. Gent. 1. 2. c. 2.

(b) Hom. 47. in Act. Ap. n. 4. *Neque enim fieri potest, ut is qui tali modo vivit, vel a pravis dogmatibus resiliat, vel in sana fide maneat, sed necessario hæc assumet. Non puto enim quemquam reperiri ex iis, qui non recte vivunt, qui non millia satanica meditentur, verbi gratia, fatum esse, res omnes temere ferri, & confusa omnia jacere.*

§. XI.

Moſtra-se o meſmo da eſperança e da charidade.

ORA ſe a fé, que parece huma virtude puramente intellectual e eſpeculativa, claramente ſe tem viſto que influe directamente em todos os pensamentos, palavras e obras ſantas, e que por iſſo ſe devem com razão chamar verdadeiros actos de fé; quem poderá duvidar que nelas igualmente influão a eſperança e a charidade, que tem o ſeu proprio aſſento no coração, principio de todas as acçoens humanas? He iſto couſa bem clara; iſſo não obſtante aſim de vencermos as preoccupaçoens, em que havemos ſido educados, vejamos como a eſte respeito fallam os Livros Sagrados. *Quem tem eſta eſperança em Deos*, diz S. João (a), *cuida em ſantificar-se, aſſim como elle he ſanto.* E iſaqui todo o ponto decidido em huma palavra. A eſperança produz todos aquelles ſantos pensamentos, oraçoens, eſmolas, e outras obras boas, com as quaes os Chriſtãos procuraõ a ſua propria ſantificação; e por iſſo todas aquellas couſas ſão verdadeiros actos da eſperança chriſtãa. Por eſte modo fallaõ tambem os mais Apoſtolos. A ſobriedade, com que ſe ornavaõ as mulheres ſantas, ſem riçados, nem poſturas de cores, ſem ouro, ſem joias, era hum effeito da ſua eſperança, ſegundo S. Pedro, que as propõe por exemplo ás mulheres chriſtãas (b): *Aſſim he*, diz elle, *que ſe enfeitavaõ as ſantas mulheres, que eſperaõ em Deos.* E iſaqui temos hum

acto

(a) I. Joan. c. 3. v. 3.

(b) I. Petr. c. 3. v. 5.

acto de esperança segundo este Apostolo, que he o de enfeitar-se com sobriedade. Tambem he hum effeito proprio da esperança, a paciencia nos trabalhos, e nas perseguiçoens, que são inevitaveis, a quem quer viver piamente em Christo. *Tende paciencia irmaõs, dizia S. Thiego (a), até à vinda do Senhor. Vós bem vedes como o lavrador na expectação de recolher o precioso fructo da terra, está esperando pacientemente que venhão as chuvas do outono, e da primavera.* Esta esperança fazia leve a sua cadeia a S. Paulo, que dizia (b): *Pela esperança de Israel he que estou prezo com esta cadeia.* Esta esperança lhe fazia suaves as maldiçoens e os trabalhos (c): *porque, dizia elle, o que a nós nos dá que padecer, e o porque somos amaldiçoados, he que nós esperamos no Deos vivo.* As suas fadigas apostolicas eraõ sustidas pela esperança (d): *Aquelle que lavra, dizia elle, deve lavrar na esperança de participar dos fructos da terra; e aquelle que debulha o grão, deve-o fazer na esperança de ter nelle sua parte.* Tanto assim que esta esperança fazia voltar em prazer aquella natural afflicção, que com sigo traz a perda dos proprios bens; e por isso louva isto nos Hebreos (e): *Vós vistes com gosto, lhes dizia, roubados todos os vossos bens, sabendo que tinbeis outros bens mais excellentes, e que nunca já mais haõ de perecer.*

Porem quanto he isto mais evidente, quando se falla da charidade? A charidade he a graça do Novo Testamento, a qual S. Agostinho defendeo contra os Pelagianos. *Se a chari-*

E 2

da-

(a) Jacob. c. 5. v. 7. (b) Act. c. 28. v. 20. (c) 1. Ad Thim. c. 4. v. 10. (d) 1. Ad Cor. c. 9. v. 10. (e) Ad Hebr. c. 10. v. 34.

dade, dizia elle (a), *vem de Deos, temos vencido os Pelagianos*. E essa foi a razão porque elle definiu a graça, dizendo que era *huma inspiração da charidade, para que, guiados por hum santo amor, façamos aquillo, que conhecemos dever fazer-se* (b). E assim se a charidade he a graça, e a graça he aquella que produz em nós todas as obras santas, todas as palavras santas, e todos os desejos, pensamentos, e lembranças santas; fica evidente, que á charidade pertencem outros actos bem differentes daquelles, que lhe assinaõ os Escolasticos, e que se encerraõ em meras protestaçoens de amor para com Deos. A charidade abraça toda a vida christãa, e assim como o *preceito da charidade*, como dizia S. Agostinho, *naõ deixa parte alguma da vida christãa, que fique livre e ociosa* (c); assim tambem quanto praticamente se faz, se diz, e se cogita christãamente, tudo he exercicio da charidade; e todos os actos, dictos e pensamentos verdadeiramente christãos são actos verdadeiros de charidade. Por isso assim como o respirar he ao mesmo tempo effeito e final da vida; assim tambem a pontual observancia da Lei Evangelica he ao mesmo tempo effeito e final da charidade, que he a vida espiritual. Daqui vem o famoso dito de Christo em S. Joãõ (d): *Aquelle que tem os meus mandamentos, e os observa, esse he o que me ama*; aqui se vê, que a observancia da lei he tida por hum final de amor. E nestas: *O que me ama guardará as minhas palavras*: o amor he posto como causa da observancia da lei; sobre o que discorre assim S.

Ago-

(a) De grat. & lib. arb. c. 18. (b) L. 4. contr. 2. Ep. Pelag. n. 11. (c) Lib. 1. de Doctr. Christ. (d) Joan. c. 13.

Agostinho: O amor faz guardar os preceitos, ou os preceitos guardados fazem o amor? Porem quem ha que duvide, que o amor he o que precede? Donde aquelle que não ama não tem em si o porque deve observar os preceitos. Quando pois diz: Se guardares os meus preceitos permaneceris no meu amor: mostra não donde se gera o amor, mas por onde se manifesta (a).

É o que ainda mostra mais evidentemente que a lingoagem, e as ideas dos Escolasticos sobre os actos de charidade são inteiramente diferentes da lingoagem, e ideas da Escritura e dos Padres, he que a Escritura e os Padres contaõ entre os actos da charidade e do amor; e, o que mais he, como actos principaes, os actos de charidade para com o proximo, dos quais os Escolasticos não fazem menção alguma; antes os excluem positivamente nas formulas, que nos daõ destes Actos, e nas disputas, que formão a este respeito. S. Joaõ, bem conhecido mestre da charidade divina, prevenio estas precifoens escolasticas, que nos podem induzir em erro. Elle claramente affirma, que he mentirosa toda a protestaçaõ do amor de Deos, todas as vezes que quem a faz não ama o proximo. *Se alguem disser, diz elle (b), que ama a Deos, e aborrece a seu irmão, he mentiroso.* Isto mesmo nos haõ cuidadosamente inculcado os SS. Padres. Basta ouvir S. Gregorio o Grande:

A

(a) Tract. 82. in Joan. *Dilectio facit præcepta servare, an præcepta servata faciunt dilectionem? Sed quis ambigat, quod dilectio præcedat? Unde enim præcepta servet non habet, qui non diligit. Quod ergo ait: si præcepta mea servaveritis, manebitis in dilectione mea; ostendit non unde dilectio generetur; sed unde max. Pretur. (b) Joan. 6. 4. v. 20.*

A verdadeira charidade , diz elle (a) , he o amar o amigo em Deos , e o inimigo por amor de Deos. Porque aquelle he que tem verdadeiramente charidade , que ama o amigo em Deos , e o inimigo por amor de Deos (b). Pelo que para que tenhamos a verdadeira charidade he necessario vêr ate que ponto he ajudada a benignidade da paciencia , e tambem a paciencia da benignidade (c). Eis aqui os actos da verdadeira charidade , que nos inculcaõ as Escrituras e os Padres. Actos verdadeiramente dignos desta virtude , que he a Rainha , e a mãi das mais : actos que santificaõ toda a vida christãa , fazendolhe santas as acçoens , os desejos , e todos os pensamentos sem excepção alguma : e por isso he , diz S. Agostinho excellentemente (d) , que a charidade nos renova , fazendo-nos homens novos , herdeiros do novo Testamento , e cantores do Cantico novo.

§. XII.

Distinção famosa do amor em effectivo e affectivo do P. Sirmondo. Como se lhe deve responder para restabelecer inteiramente a sagrada doutrina da Charidade Christãa ; e de algumas outras distincções escolasticas.

AS precisões Escolasticas , com que se dividem e separaõ cousas , que são inseparaveis , e que

(a) Hom. 9. in Evang. *Charitas vera est & amicum diligere in Deo , & inimicum diligere propter Deum.* (b) Hom. 27. in Evang. *Ille enim veraciter charitatem habet , qui & amicum diligit in Deo , & inimicum diligit propter Deum.* (c) Moral. l. 8. c. 1. *Ut ergo a nobis charitas vera teneatur , necesse est quatenus & leniguitati patientia , & rursus patientiæ benignitas suffragetur.*

(d) Tract. 65. in Joan. *Dilectio ista nos innovat , ut simus homines novi , hæredes Testamenti novi , cantatores Cantici novi.*

que se não podem apartar entre si, sem lhes destruir a essencia, (assim como se não pode separar a alma do corpo, sem destruir a essencia do homem) tem por outro lado derramado sobre esta materia outra especie de obscuridade, a qual ainda agora offusca os Theologos. He famosa a distincão do P. Sirmondo. Este Padre para defender alguns dos seus, que haviaõ enfraquecido, e ainda mesmo aniquilado o grande preceito da charidade para com Deos, publicou de proposito hum Livro, a que deo o nome de: *Defeza da virtude*; para defender o qual imprimio ao depois outro, que chamou: *Resposta a hum libello infamatorio*. Nestes dois Livros não duvida affirmar, que não ha preceito algum, fóra dos dez que se contem no Decalogo, que nos obrigue a amar a Deos e ao proximo; que he justamente o sentido da primeira proposição condenada por Alexandre VII. Elle abusa da passagem de S. Joã, que nos ensina a amar *por obra e em verdade*; para sustentar, que toda a força do preceito do amor divino se reduz a mandar-nos que não aborreçamos a Deos, e que observemos os mandamentos do Decalogo, aindaque a sua observancia não proceda de amor algum para com Deos, mas sim do temor, ou de algum outro affecto. Mas de que modo sustentar este erro monstruoso contra as expressões as mais terminantes da Escritura, que nos propõem este preceito como o primeiro e maximo, e mandaõ que o amemos com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento, e com todas as forças? Para o defender eis aqui huma distincão Escolastica, inventada por elle. Ha
dois

dois amores ; hum affectivo , e outro effectivo : hum que encerra o affecto , isto he , hum movimento do coração para Deos ; mas não encerra obras : o outro encerra o effecto do amor , isto he , as obras ; porem não encerra o affecto. O primeiro he *de conselho* , ou , se se quizer assim fallar , he de preceito , mas que não ameaça com a morte eterna aos transgressores : o segundo he de *preceito rigoroso* , e debaixo da pena de morte eterna (a).

O P. Sirmondo teve naquelle tempo grandes oppositores ao seu sistema , os quais defenderão o preceito do amor divino , e lhe destruirão aquelle sistema chimerico. Não sei porem se no tempo d'agora os Theologos se valem das luzes , que então se lhes subministraraõ , para confutarem solidamente semelhantes monstruosidades. Com effecto observe e pasmo de vêr que o Concina , homem aliás tão grande , e tão benemerito da Moral Christãa , neste ponto não he igual a si. Elle nada tem que dizer contra a distincção dos dois amores , antes a suppõe , e limita-se tam sómente a dizer , que he

(a) Distingui , diz o P. Sirmondo , dois preceitos e dois amores. Hum preceito he suave , e outro he de rigor. Hum amor he de affecto , e outro de execucao. Quem manda , tanto quanto pode , mas sem ameaça , sem imposicao de pena ao menos grave , a quem não obedecer , o seu preceito he todo mel e doçura : quando porem lhe acrescenta a pena , ou a cõminação da morte , então manda com rigor. Da mesma sorte quem faz bem a algum *sem intençaõ* , ou *affecto para elle* , não o ama senão no effecto , e não com a affecto : quem o faz com intençaõ , tem-lhe amor tanto affectivo , como effectivo. Isto posto , que se deve dizer tanto da realidade , como da medida do amor , que nos impõe o grande e primeiro preceito ? Dizemos que he hum preceito de doçura , pelo que toca ao amor affectivo , e de intençaõ e de motivo : e que he hum preceito de rigor , pelo que toca ao amor effectivo e de execucao. *Defeza da virtude cap. 4.*

he cousa clara que o préceito divino obriga não só ao effeito exterior, mas tambem ao affecto interior, e não só ao amor *habitual*, mas tambem ao *actual* (a). Por este modo vem elle a largar hum grande terreno ao adversario; pois por boas contas neste amor *affectivo* e *actual* se encontram todas aquellas difficuldades, que acima se mostraraõ, principalmente nos §§. VI, VII; e em substancia fica reduzido na pratica este amor *affectivo* e *actual* a cousa tão pouca, e a actos tão momentaneos, e tão raros, como já apontamos no §. II, que facilmente o P. Sirmondo poderia vir a concordar com o P. Concina.

Pelo que he preciso não dar vantagem alguma ao P. Sirmondo, se quizermos devidamente defender a doutrina sagrada da charidade christãa. He necessario que se abata e se arraze aquelle castello chimerico dos dois amores, em que elle se faz forte. Na verdade que cousa ha mais fantastica, e insubstistente? Que quer dizer aquelle amor sem affecto, ou aquelle amor sem amor? Quem até agora ouviu huma semelhante lingoagem? Quem poderia soffre-lo, se ouvisse dizer huma arvore sem pao, hum seixo que não he pedra, e hum circulo que não he redondo? Por ventura o amor não he hum affecto, e tão essencialmente hum affecto, que todos os affectos outra cousa não são, senão hum e o mesmo amor diversificado? He verdade, diz o P. Sirmondo, que hum amor de obra sem affecto não he hum amor *real*; porem pode-se-lhe applicar o nome de amor por *metonymia*. Os
ef-

(a) Lib. 1. in Decal. Diff. 4. de Charit. c. 5. n. 7.

effeitos, são palavras delle, tomão muitas vezes o nome da sua causa ordinaria, como o tomão os sinais das causas significadas. E assim pode-se dar o nome de amor aos effeitos exteriores, sem averiguar se alli ha o amor interior (a). Pois o preceito divino, que, segundo elle, pede com rigor, e debaixo de pena eterna hum amor effectivo, hade pedir tam sómente hum amor, que não he real, e verdadeiro, mas hum amor de *metonymia*, que não he amor? E a isto he que se chama amar *por obra e com verdade*? Porque requer S. João, que o amor seja não só de obra, mas em verdade, senão por que verdadeiramente o nosso amor deve ser não só de lingoa, e de palavra, mas tambem de obra, e que estas obras não devem ser produzidas nem pelo temor, nem por huma natural honestidade, nem por algum outro principio humano, mas devem proceder do divino manancial da charidade celeste? Por quanto assim como as obras do que verdadeiramente ama, e obra por amor, não se podem chamar temor, aindaque o mesmo temor seja capaz de produzir muitas obras, que produz o amor; do mesmo modo não se podem chamar amor aquellas obras, que produz o temor, postoque sejam as mesmas, que o amor pode produzir. He preciso pois olhar para a causa que faz obrar, e para o affecto, que he o seu principio efficaç: de outro modo que confusão se não introduzirá na doutrina dos affectos humanos? Que cousa será a hypocrisia, senão he o obrar pelo fim do temor, ou de outro ainda mais baixo, e querer persuadir

(a) Resposta, pag. 174

dir que se ama? Pode-se muito bem enganar o homem, que *naõ vê mais que o exterior*, como são as obras externas; mas não se pode enganar a Deos, que *vê o coração*; e que assim como se não contenta com ser amado com a lingua e com as palavras, mas requer obras; assim também não se contenta com obras, que não procedem de hum coração, que verdadeiramente o ame. Elle pede o coração, e o pede todo, para que, no que fazemos, nenhum outrem tenha parte, se não elle so. *Dame, õ filho, o teu coração. Amarás o Senhor teu Deos com todo o teu coração.*

Por occasião disto dê-se-me licença de observar, que se acha sujeita aos mesmos inconvenientes a distincão dos dois amores *actual e habitual* do P. Concina no lugar citado, em que se propõe em hum sentido synonimo dos dois amores *affectivo e effectivo* do P. Sirmondo. E postoque eu esteja certo, que no progresso da doutrina os Theologos Escolasticos de bom senso explicação rectamente os termos desta distincão; comtudo me parece que a tal distincão para outra cousa não serve mais, do que para obscurecer a materia, e introduzir huma certa idea de hum habito ocioso e inerte de amor, que he verdadeiramente huma chimera: por quanto o amor he hum affecto obrador e efficaç por sua natureza, e incapaz de estar sem acção. *Pois, se o ha*, diz S. Gregorio o Grande (a), *obra cousas grandes; e se recuza obrar, então não he amor.* Não ha duvida que se pode distinguir no amor o *habito* e o *acto*, como o faz S. Thomaz,

(a) 1. Timot. c. 5. v. 10. *Operatur enim magna, si est; si vero operari renuit, amor non est.* Greg. Magn.

mas , entendendo por *habito* aquella disposição estavel de servir fielmente a Deos , a qual se acha no coração do justo , ainda quando dorme ; e por *actos* as obras , as palavras e os pensamentos , em que o mesmo justo se occupa em quanto está acordado. Aqui porem não vejo fallar senão em hum só amor , o que he justo ; porque na realidade não he senão hum e o mesmo amor. Não quereria pois que se ouvisse fallar em dois amores , dos quais hum fosse de *actos sem habito* , e o outro de *habito sem actos* : pois (sem por ora subtilizar sobre o primeiro) de outro modo formar-se-hia a idea de huma charidade ociosa , e sem acção , o que he hum verdadeiro fantasma , e huma mera illusão , o que bastantes vezes acontece. Nem com particularidade quereria que semelhantes distincções passassem dos livros dos Escolasticos para os Cathecismos , que se compõem para o uso do povo ; porque tenho visto na prática , que estas subtilidades peripateticas são pouco entendidas pelo commum dos fieis , e gerao falsos conceitos e ideas.

Accrescentemos aqui alguma cousa a respeito da distincção dos dois amores *appreciativo* , e *intensivo* , que presentemente he tão ordinaria , e são tão frequentemente nas mesmas Igrejas na boca dos Cathecistas , que estudão as suas explicações pelos livros dos Escolasticos. O Concina refere as seguintes palavras de Pedro Soto (a) , ao qual justamente chama

Theo-

(a). Loc. cit. e. 6. n. 7. *Distinctio illa appretiationis ab intentione nova est , nil aliud habens , quam nomina : nisi quod interim illa persuasione ingeneratur hominibus securitas quaedam , & tepiditas , quod valde timendum est.*

Theologo verdadeiramente douto , por ser ver-
 fadissimo nas Escrituras, nos Padres, e nos Ca-
 nones. *A distincão*, diz elle, *que se faz entre ap-
 preciação e intenção he nova, nem encerra cousa
 alguma mais, do que o som das palavras: porem
 ao mesmo tempo, com a falsa persuasão de ser cou-
 sa diferente, gera-se nos homens huma certa se-
 gurança, e tibieza, o que he muito para temer.*
 O Concina confessa a novidade desta distincão;
 o que, ao meu parecer, não faz pouco contra
 ella: porquanto parece-me que se não deve in-
 teiramente esquecer o aviso, que o Apostolo
 com tanto disvello deo a Timotheo, e em Ti-
 motheo, segundo Vicente Lerinense, a todos
 os Sacerdotes (a): *Guarda, ó Timotheo, o
 deposito da doutrina, evitando as novidades pro-
 fanas das palavras.* Se pois he cousa clara, se-
 gundo o mesmo Concina, que desta distincão
 não ha vestigio algum, antes hum alto silencio
 entre os antigos, isso he sinal, que os Padres,
 e os nossos Antepassados souberão bem explicar
 a doutrina do amor de Deos, sem recorrerem
 a esta distincão. E quadraria muito bem a esta
 e semelhantes distincões, que agora se julgaõ
 necessarias, aquelle bello dicto de S. Bernardo (b):
*Sõmos por ventura, ou mais sabios, ou mais de-
 votos que nossos Pais? Deve-se ter por arrojado pe-
 rigoso e presumido, tudo aquillo de que senão va-
 leo a sua diligencia.* O mesmo tambem confessa,
 que os termos desta distincão são mal entendi-
 dos por alguns Theologos. O que he outra que-
 bra para a tal distincão: pois se os Theologos,
 que

(a) 1. Ad Tim. c. 6. v. 20. (b) Ep. 174. *Numquid Patribus
 nostris sapientiores, aut devotiores sumus? Periculose præsumitur,
 quid quid in talibus eorum diligentia præterivit.*

que imprimem obras , nella se enganaõ , como a poderaõ entender bem , e verdadeiramente os pequenos d'entre o povo , aos quais se quer repartir o pão com huma semelhante faca ? Porrem eu direi ainda mais , que os termos de huma tal distincão são mal concebidos , e que do modo que são , e se propõem , induzem em erro. Porquanto , que quer dizer propriamente amor intensivo , ou a intensão do amor , senão hum amor vehemente , ou a vehemencia , e a grandeza do amor ? E como pôde ser o amor *appreciativo* , isto he , até fazer antepor *praticamente* Deos a todas as cousas , e ainda á propria vida , sem que seja ao mesmo tempo intensivo , isto he , vehemente , e grande ; pois este amor *appreciativo pratico* he aquella mesma charidade , a que S. Agostinho chama *charidade grande* , e o mesmo Jesus Christo diz della , *que ninguem tem maior charidade ?* E assim tomados os dois termos de *appreciativo* e *intensivo* no seu proprio sentido , vem a ser synonimos : Pelo que fazer delles duas cousas diferentes , como justamente observa o Souto , induz no erro de se crer que se pode amar *appreciativamente* , e cumprir o preceito da charidade , sem procurar fazer o amor intenso , isto he , accendido e fervoroso. Erro que he , como se vê , muito ordinario e perigoso. E a querer-se entender , como os modernos ordinariamente entendem , por *amor intensivo* hum amor *terno e sensivel* , he dizer huma cousa e entender outra. Se os Escolasticos , por meio destas novas distincões , pertendem explicar-nos com a ultima clareza e precisaõ a materia , de que trataõ , para que he usarem de vocabulos , que signifi-

caõ coufa differente , do que entendem ? E pelo que toca á *ternura e sensibilidade* do amor , deve , ao meu parecer , advertir-se , que essa ternura anda de *ordinario* junta com a vehemencia e fervor ; posto que as almas , ainda as mais perfectas , costumão ás vezes ser visitadas por Deos com securas , e se achão reduzidas áquelle estado , a que os mysticos chamaõ *despojamentos , e nudezas espirituaes*. Porem estas securas dos Santos são muito differentes da insensibilidade , que se descobre no commum dos Christãos , a qual he o effeito de huma muito notavel tibieza , e he o castigo da negligencia , que ha , em evitar os peccados veniaes , e em mortificar os desejos do Seculo ; he , em huma palavra , hum indicio manifesto de hum amor languido e moribundo. Como porem as securas dos Santos são por alguns olhadas como effeitos de hum estado de perfeição , e ainda mesmo eminente , e muitos livros dos novos mysticos se achão cheios dos louvores de hum tal estado ; parece-me que insensivelmente se tem introduzido huma certa indifferença , e negligencia a respeito do estado de insensibilidade e estupidez , no que toca ao amor divino , em que se achão as almas ordinariamente ; e isto he hum erro pernicioso : E outro sim me parece que a distincção nova do amor *appreciativo e intensivo* he propria para arreigar este erro nos que não vem muito adiante , e para servir de véo , com que se encobre a priguiza no serviço de Deos. Por esta razão quando algum quizesse servir-se desta distincção nos Cathecismos , parece-me que se devera fazer bem entender , que postoque a sensibilidade do amor não seja mandada , ella comtudo he

he de ordinario huma consequencia do fervor ; e que a insensibilidade he hum indicio ordinario da tibieza e da relaxação : e que por isso se deve dahi tirar o incentivo, para se procurar levantar o fervor abatido por meio dos exercicios de huma solida piedade. He digno de ser lido nesta materia o terceiro livro da segunda parte do Tratado da Oração do Senhor de Chanterefme.

§. XIII.

Os Autores das proposições condenadas tomavaõ os Actos das Virtudes Theologicas no sentido do P. Sirmondo. Quão justa foi a sua condemnação.

POREM voltemos ao P. Sirmondo. Elle, como vimos, não achava preceito algum que obrigasse a amar a Deos com *amor de affeição*, isto he com amor verdadeiro e real: este, segundo elle, não era senão de conselho, ou hum preceito de doçura e de mel: todo o preceito rigoroso, e sob pena de condemnação, reduzia-se a hum amor de *metonymia*, e á secca observancia da Lei, sem intenção e sem motivo de amor, e ás obras exteriores, sem que se olhasse nisso ao affecto interior. Em huma palavra: negava-se absolutamente o preceito de amar a Deos, postoque seja o primeiro, o maximo, e tão inculcado: temia se porem o ser precebido ás claras: e por isso se recorreo a inventar hum amor sem affecto, e hum preceito sem pena; isto he, hum amor que não he amor, e hum preceito que não he preceito. A distincção, ou aquelle jogo de palavras, foi por elle inventado: porem a cousa em si não era d'elle. Elle
era

era o interprete e o defensor dos Theologos , que o haviaõ precedido , e dos quais foraõ extrahidas as proposiçoens ao depois condemnadas por Alexandre VII, e Innocencio XI. Este he o ponto de vista , em que nos devemos pôr , para entendermos a verdadeira razã da condemnação da quellas proposiçoens tam defarrazoadas. Porquanto aquelles pobres Theologos estavaõ bem longe de excluïrem ou limitarem , como fizeraõ , a necessidade e o preceito dos actos das virtudes Theologaes , explicados no sentido dos Escolasticos; por se fundarem na supposiçaõ de dever o Christãõ exercitar a fé , a esperança , e a charidade nas obras , que se produzem por aquellas virtudes , e especialmente nas obras da observancia da lei , produzidas e acompanhadas da affeição , do motivo, da intenção , e do interior da charidade , e assim quererem limitar este exercicio ás obras daquellas virtudes: Esta naõ foi a sua razã: O P. Sirmondo , seu defensor , explica-nos claramente , que elles nada daquillo pertendiaõ. O designio em que elles haviaõ entrado era , o fazerem ligeiro o jugo de Christo. Pois ao mesmo tempo que S. Agostinho nos tem ensinado profundamente , que o amor he quem faz ligeiro e suave aquelle jugo , em si pezado e aspero ; elles pelo contrario julgaraõ allivialo , tirando aos homens as forças do amor , a vida , e as azas da charidade , sem o que he impossivel que o supportem. A elles bastavalhes fõ as obras , e o secco e material cumprimento da lei , isto he , contentavaõ-se com a unica materialidade das obras exteriores. Isto he o que respiraõ tanto aquellas proposiçoens , como os seus livros. He escusado mostrar isto com maior

miudeza. Basta dizer que elles arruinão pelos seus fundamentos o verdadeiro culto christão, e a verdadeira justiça christãa, e estabelecem hum culto e huma justiça judaica, e muitas vezes pagãa, e outras ainda peor. S. Agostinho não reconhece culto algum verdadeiro, nem religião, nem piedade, nem serviço algum divino, que não provenha de hum coração inflamado da charidade. *Quando a Deos elevamos o nosso coração, diz elle (a), então este he o seu altar. . . e lhe queimamos hum incenso suavissimo, quando na sua presença nos abrazamos de hum amor pio e santo. . . Na ara do nosso coração, por meio do fogo de huma fervorosa charidade, lhe sacrificamos a hostia da humildade e do louvor. . . Eis aqui qual he o culto de Deos, qual a verdadeira religião, qual a recta piedade, qual a unica servidaõ, que lhe devemos.* Pelo contrario estes Authores não querem que o affecto interior tenha nisto parte alguma. Quem he que os ouvio já mais inculcar, que as Festas e os Domingos se devaõ fantificar com obras de religião, procedidas de hum coração verdadeiramente devoto e religioso? Por ventura não he para elles bastante o cessar das obras servís, e ouvir huma Missa? Cessar, digo, de trabalhos em si louváveis, santos, e uteis á sociedade e ás familias; e fazer succeder a hum trabalho, que he conforme ao espirito do christianismo, não, como devia ser, hum santo repouso espiritual, mas
fim

(a) De civit. Dei l. 10. c. 2. *Cum ad illum sursum est, ejus est altare cor nostrum. . . ei suavissimum adolemus incensum, cum in ejus conspectu pio sanctoque amore flagramus. . . Ei sacrificamus hostiam humilitatis & laudis in ara cordis igne fervida ebaritatis. . . Hic est Dei cultus, hæc vera religio, hæc recta pietas, hæc tantum debita servitus,*

fim hum ocio contrario, não só á filosofia christãa, mas ainda mesmo opposto á honestidade gentilica? Ouvir fim huma Missa, mas sem a obrigação de levar a ella o sacrificio de hum coração contrito, e humilhado, ou, pelo menos, que procure livrar-se do peccado mortal: antes em lugar de tudo isto, ouvila com huma voluntaria e deliberada distracção, e até com tenções iniquas, e continuos pensamentos e vistas impurissimas; contentando-se para a observancia do preceito tãsómente com a presença material do corpo? Para cumprir com o preceito de immolar a Deos o sacrificio de louvor, que se lhe tributa com as horas canonicas, não he para elles sufficiente o proferir-se com a boca o material das palavras do Breviario, sem se procurar ter a attenção, e muito menos a devoção do coração? Para cumprir o preceito da confissão annual, e da cômunhaõ Paschal, basta, segundo elles, receber a absolvição do Sacerdote, e comer o corpo do Senhor, postoque a confissão, como tambem a cômunhaõ sejaõ voluntariamente sacrilegas. A fé não he necessario que se funde na veracidade divina; e será fé christãa, postoque apoiada em fundamentos humanos. A attrição não he necessario que tenha motivo algum sobre natural; com tanto que o motivo seja honesto, basta que seja humano. O mesmo se deve dizer de mil outras semelhantes monstruosidades acerca da materia, que respeita o culto divino, e a religião; pois para elles as festas christãas, os sacrificios e os actos mais intimos da religião, vem a ser festas, sacrificios, e ceremonias judaicas, tão detestadas pela Escritura, e especialmente por Isaias.

Restava fazer judaica, e ainda mesmo pagãa, ou cousa peor, toda a justiça christãa. E executaraõ isto com huma só palavra, isto he, fõ com dizerem que os preceitos do Decalogo naõ se devem observar por motivo de amor, e que o material das obras feitas, pertendendo observar a lei nellas, naõ deve tomar a sua forma do principio da charidade divina: para este fim substituirãõ ao espirito de filhos adoptivos, que he o caracter da Igreja christãa, o espirito dos escravos, isto he, o temor da pena, que he o caracter da Synagoga: ou tambem o espirito da vaidade, do amor proprio, e do seculo, ou ao muito a honestidade natural, que he o espirito do Gentilismo. Eisaqui em que sentido, e com que transtorno da moral elles negavaõ que houvesse obrigação de crer, esperar e amar: Eisaqui de que modo se oppunhaõ á necessidade e ao preceito dos actos destas virtudes.

Que ha pois que admirar, que doutrinas taõ perniciosas fossem condenadas? A' vista disto naõ houve condemnação que mais necessaria fosse, nem mais sólida, nem mais bem fundamentada. Porquanto esta doutrina judaica e pagãa, e alguma cousa peor que a pagãa, (em quanto admittiaõ naõ só os motivos humanos honestos, mas ainda os que eraõ torpes) era huma doutrina, que atacava o amago, e o fundamento do culto christão, e da justiça christãa. E assim nada era mais facil do que descarregar sobre elles toda a Escritura e a Tradição, para os aterrar com a confusão e com os anathemas; pois todas as Escrituras, principalmente as do Novo Testamento, todos os Padres, todos os Concilios nos daõ huma idea diametralmente

opposta á que elles dão da vida christãa. Não são meramente as obras exteriores as que distinguem o Christão, o Judeo, e o Gentio. Todos estes podem ser nisso iguais segundo diz S. Agostinho (a). *Pelo que toca*, diz elle, *às obras exteriores, tanto os que temem a pena, como os que amão a justiça, observão o preceito não furtarás; e por isso são iguais no obrar, mas desiguais no coração: iguais na obra, desiguais na vontade.* Isto he, differem pelo espirito interior, donde procedem as obras. O espirito do amor do seculo, ou ao menos o da honestidade natural, e do amor natural da virtude, da ordem, da patria, dos filhos e parentes, he quem forma o Gentio, o qual nunca se move a obrar pelo ultimo fim, que he Deos. As obras do Gentio, como Gentio, por especiosas que pareçaõ, são por sua natureza produzidas pela vã gloria, pela ambição, pelo interesse, pelo prazer, pela propria satisfação, como discorre S. Agostinho, fallando das obras dos Romanos virtuosos, nos seus livros da Cidade de Deos: E ainda no caso mesmo, em que são produzidas pelo amor natural da virtude, da ordem, da patria, dos filhos, (amor que por si he bom e impresso pelo Author da natureza) alem de taes obras serem quasi sempre contaminadas pela vaidade, pela presumpção, e outros affectos viciosos, nunca deixaõ de ser sempre defeituosas, por lhes faltar a devida direcção para Deos, como ultimo fim. Este amor todo terreno,

(a) In Psalm. 77. *Nam quantum attinet ad facta, quæ foris fecerit aguntur, & qui timent penam, & qui amant justitiam non furantur; & ideo pares sunt manu, dispares corde; pares opere, dispares voluntate.*

no , e que nada tem de divino , e a que chama S. Agostinho amor do seculo , he o que forma a Cidade terrestre , e a Babilonia ; assim como o amor de Deos forma a Cidade celeste , e a Jerusalem : *Dois amores* , diz elle (a) , *saõ os que formão estas duas Cidades. O amor de Deos faz a Jerusalem , e o amor do seculo a Babilonia. Pelo que cada hum pergunte a si , que he o que ama , e saberá de que Cidade he cidadão.*

Todos sabem que o espirito de temor forma o Judeo , e os filhos de Agar escrava ; pois esta he a doutrina trivial do Apostolo , e bastantemente inculcada por S. Agostinho. Aquelle espirito faz com que se observe o material da lei , naõ por amor , como filho e como livre ; mas pelo temor dos castigos temporaes e eternos , como escravo , ou ao muito , pela esperanza do premio , como mercenario. E porquanto segundo o Apostolo (b) *o cumprimento da lei he o amor* , segue-se que aonde naõ ha amor , naõ pode haver cumprimento da lei , como mostra S. Agostinho em infinitos lugares: *Poder-se-hia talvez julgar* , diz o S. Doutor , *ser quasi sufficiente para a justificaçãõ a lei posta por obra , como he executada exteriormente , por aquelles , que quereriaõ que naõ fosse mandado , o que elles obraõ , mas naõ do coraçãõ ; e isso naõ obstante fazem-no , e por essa razãõ parecem andar pelo caminho da lei. Porem naõ querem andar ; porque o naõ fazem do coraçãõ. E assim de nenhum modo se*

(a) In Psalm. 64. & de Civ. D. 1. 14. c. ult. *Duas istas Civitates faciunt duo amores : Jerusalem facit amor Dei , Babiloniam facit amor sæculi. Interrogat ergo se quisque quid amet , & inveniet unde sit civis.*

(b) *Ad Rom. c. 13. v. 20.*

se faz do coração aquillo, que se faz por medo da pena, e não por amor da justiça (a).

O espirito do christianismo consiste na fé, foytida pela esperança, e obrando por meio da charidade. A charidade he a que encerra as duas primeiras, e he o espirito que faz o christão filho de Deos, e faz clamar a elle chamando-o Pai; o Gentio porem he hum estranho, e o Judeo não he mais que hum escravo. As virtudes da fé, da esperança, e charidade são as que causão no Christão toda a mudança, destruindo nelle o homem velho, que traz em si a imagem do primeiro Adão, e creando hum novo, à semelhança de Deos, em huma verdadeira justiça e santidade. A fé muda nelle as luzes e as maximas, extinguindo as falsas luzes do seculo, e alumando-lhe os olhos com os raios da sabedoria celeste, que são a lanterna para os seus pés, e a luz para os seus passos. A esperança muda-lhe os apoios, as alegrias, e os temores, não pondo dahi por diante a sua confiança nem nos homens, nem nas riquezas, nem nos thesouros; nem a sua alegria nos prazeres, e nas dignidades, nem o seu temor nas perseguições, nas calumnias, na pobreza: confiando tamfómente no poder e bondade de Deos, alegrando-se com a esperança dos bens eternos, e porisso regozijando-se com os trabalhos, e no meio do despojo dos bens temporais;

ani-

(a) In Psalm. 77. n. 10. *Poterat enim putari lex operum quasi sufficere ad justificationem, cum ea, quæ præcipiuntur, forinsecus sunt ab illis hominibus, qui mallent non præcipi, quæ non ex corde faciunt, & tamen faciunt, ac per hoc videntur ambulare in Lege Dei. Sed nolunt ambulare; non enim ex corde faciunt. Ex corde autem nullo modo fieri potest, quod formidine fit pœnæ, non dilectione justitiæ. Vid. Nat. Alex. de Decal. c. 2. a n. 7.*

animado da viva confiança de os trocar com summo ganho por riquezas e gloria duraveis , e por suavissimos prazeres. O amor muda-lhe as vontades e as forças , fazendo com que não ame o mundo , nem as cousas que ha nelle ; mas sim o Creador do mundo ; faz com que esteja crucificado para o mundo , e o mundo para elle , e que viva , não já elle , mas Christo , novo homem e novo Adão , nelle. Quando estas virtudes ainda são no Christão piquenas e meninas , então tambem o homem novo he menino : ainda he tenro e debil , e padece ainda muito as enfermidades dos meninos : pensa como menino , falla como menino , obra como menino. Porem á proporção que crescem aquellas virtudes , e se vão fazendo adultas e fortes , tambem os seus pensamentos , palavras e obras fãntas vem a ser mais solidas , e mais frequentes ; até que chegando a homem perfeito , chegando á medida da idade cheia , de Christo , tudo o que era de menino desaparece. E assim os Authores , que eraõ do sentimento do P. Sirmondo , excluindo o affecto , a intenção e o motivo do amor do exterior das obras , que se praticaõ pertendendo observar a lei ; e ao mesmo tempo não achando preceito para a crença , esperança , e amor , que são virtudes Theologaes , o qual preceito fosse formal e por si obligatorio das mesmas ; se resolveraõ a negar a necessidade do exercicio dos actos daquellas virtudes , ou o limitaraõ a huma vez na vida , ou ao muito a cada cinco annos. E por essa razão não só são culpados de haverem limitado a tempos demasiadamente raros os chamados actos dos Escolasticos , que são protestaçoens verbais ,

expressoens, e conceitos de fé, esperança e charidade: por quanto se a sua culpa consistisse nisto, ella seria muito piquena, (pois aquelles mesmos que fazem consistir nisto toda a sua culpa, esses mesmos requerem huma frequencia daquelles actos pouco maior, reduzindo o exercicio da fé e da esperança a huma só vez no anno, e o do amor a alguma maior frequencia, porem com tanta perplexidade, e tanta contrariedade entre si, como se vio no §. XI, que bem se vê que não tem authoridades terminantes na Escritura, ou na Tradição para condemnarem os seus adversarios) seria pois, torno a dizer, muito diminuta a sua culpa, se nisso só consistisse: E assim a sua verdadeira culpa consiste em quererem despojar todo o complexo dos pensamentos, dos discursos, e das obras, praticadas para a pertendida observancia da lei, do *affecto*, da *intenção*, e do *motivo* interior da charidade, e porisso despojadas ao mesmo tempo da esperança e da fé: em pertenderem por isso mesmo, que se pode cumprir a lei sem o amor, o qual he a plenitude da mesma, segundo diz o Apostolo: em substituirem á justiça christãa, que nasce da fé, e que he nutrida com a esperança, e formada pela charidade, huma justiça judaica, produzida pelo temor, ou huma justiça pagãa produzida por intençãoes viciosas de hypocrisia, de vaidade, e de interesse, e satisfação propria: em destruir o verdadeiro cuto divino e christão, o qual não pode subsistir sem o amor, esperança, e fé; voltando em judaicas, e porisso abominaveis a Deos segundo Isaias, as festas, os sacrificios, os sacramentos, e as ceremonias da Religião Christãa.

stãa. Eis aqui qual he , ao meu parecer , a sua culpa , da qual postoque talvez se possaõ escusar os Authores , recorrendo a sua boa intençãõ ; contudo semelhante doutrina , olhada em si , deve-se julgar digna de todos os anathemas , e assim ter-se por justa a condemnaçãõ , que della fez a S. Sede ; e bem merecido o aplauso , com que aquella condemnaçãõ foi recebida por toda a Igreja Catholica.

§. XIV.

Os Escolasticos modernos , ao mesmo tempo que combatem a doutrina do P. Sirmondo , e a dos Authores das proposiçoens condemnadas , não se affastãõ bastante dos inconvenientes da sua doutrina.

RECEIO que a doutrina dos nossos Escolasticos modernos , os quais não daõ outro sentido á condemnaçãõ daquellas proposiçoens mais , do que o estabelecer ella a obrigaçãõ e o preceito de exercitar os actos de fé , e esperança , mais de huma vez na vida , e os de charidade mais do que cada quinquennio ; e alem disso reduzem estes actos tamfõmente a penamentos , palavras e affectos interiores ; recio , digo , que a doutrina dos nossos modernos Escolasticos , não se affaste muito das másqualidades , com que he taxada a doutrina dos seus adversarios. Porque 1.º se a Escritura e a Tradiçãõ provaõ contra aquelles Authores condemnados , que ha huma obrigaçãõ formal de crer , esperar , e amar , e isto mais de huma vez na vida , e mais do que cada quinquennio ; não pro-

provaõ tambem igualmente a mesma Escritura e Tradição contra os mesmos, que o exercicio destas virtudes deve ser moralmente continuo, e não com tão grandes intervallos, nem com actos tão momentaneos, como os modernos Escolasticos estabelecem? Se o justo vive da fé, e as verdades que ella nos descobre faõ a lanterna para os nossos pés, e luz para os nossos passos; como poderá deixar de ser continua igualmente a fé, como he necessario que seja continua a nossa vida espirital; e que as suas luzes nos sejaõ sempre tão presentes como faõ continuos os passos nesta nossa peregrinação? Se o Apostolo quer que nos presentemos a Deos santos e immaculados, isto não o poderemos praticar, segundo elle mesmo diz (a), se não perseverarmos tão immoveis na esperança do Evangelho, como perseveramos apoiados e firmes na fé: se nos continuos trabalhos e tempestades deste seculo não correremos a apegarnos á esperança, que nos he proposta, e que deve servir á nossa alma como de huma ancora segura e firme, e de hum fortissimo conforto (b): se não mantivermos immovel a confissão da nossa esperança (c), esperando em Deos desde a madrugada até á noite, e desde agora para sempre (d). Finalmente a força do preceito do amor, que exige de nós todo o coração, alma, entendimento, e forças; que não deixa, segundo S. Agostinho, livre e senhora de si parte alguma da nossa vida; que, segundo S. Pedro, deve ser em nós continuo; que, segundo S.

(a) Ad Coll. c. 1. v. 23.

(b) Ad Hebr. c. 6. v. 18. 19. (c) Ad Hebr. c. 10. v. 23.

(d) Psalm. 129.

S. Paulo, deve acompanhar todas as nossas acçoens ; que he aquella graça do Novo Testamento, geradora e santificadora de todas as reflexoens, palavras, e obras christãas ; que he a vida da alma ; que he o espirito, por que são guiados os filhos de Deos ; que he hum habito, sem o qual, nem hum só momento, pode estar o Christão, sem que se lhe figua a morte, porem que tambem não pode estar ocioso, e sem produzir nas occasioens, que são continuas, os actos que lhe são proprios ; esta força, digo, e extensão do preceito do amor não apregoão altamente, que o exercicio da charidade deve ser moralmente continuo e incessante ?

2.º E em segundo lugar, se a distincão do P. Sirmondo he insubsistente e chimerica pelo que respeita ao seu amor effectivo e sem affectão, não he menos falsa pelo que toca ao outro membro do amor affectivo sem effecto. Com effecto será por ventura menos inculcada esta verdade nas Escrituras e nos Padres ? He por ventura menos clara no sentir cômum dos homens ? Se Nosso Senhor disse : *Quem me não ama, não guarda as meus preceitos*, no que destroe o amor effectivo sem affectão do P. Sirmondo ; não disse tambem o mesmo Senhor no mesmo lugar : *Quem me ama, guardará as minhas palavras*, no que destroe o amor affectivo sem obras ? Aquelles, que se lisongeaõ de amar, porque fazem sem difficuldade huma protestaçaõ, ou, como dizem os nossos Escolasticos, hum acto de amor, dizendo : *Amovos, meu Deus*, devem-se lembrar daquélle bello dito de S. Gregorio o Grande (a) : *Se algum de vós he pergunta-*

(a) Hom. 30. in Evang. *Si unusquisque vestrum requiratur,*

do, se por ventura ama a Deos, responde com toda a confiança e segurança: Amo. Porem no principio da lição bem ouvistes o que diz a Verdade, e he; se alguém me ama, guardará as minhas palavras. Pelo que a prova do amor, he o mostralo por obra. E assim o S. Padre quer: Que cada hum entre no seu interior: e que alli inquirá se ama verdadeiramente a Deos. Por isso ninguém dê credito a si, responda o que responder o seu interior, sem que a resposta seja attestada com as obras. A respeito do amor de Deos devem ser inquiridas as palavras, o entendimento, e a vida. E dá disto huma bem solida razaõ. Por quanto o amor de Deos nunca está ocioso. Elle obra cousas grandes quando existe; porem se recusa obrar, então não existe (a). Isto confirma S. João, dizendo (b): Aquelle que diz que o conhece, e não guarda os seus mandamentos he hum mentiroso, e não ha nelle a verdade: mas se algum guarda a sua palavra, he nelle verdadeiramente perfeito o amor de Deos. E mais abaixo conclue (c): Filhinhos ninguém vos seduza: aquelle que faz obras de justiça he justo: o que elle logo explica dizendo (d): Meus Filhinhos, não amemos de palavra, mas por obra e em verdade. S. Agostinho falla pelo mesmo modo em infinitos lugares, en-

an diligat Deum, tota fiducia & secura mente respondet: Diligo. In ipso autem lectionis exordio audistis, quid Veritas dicit: si quis diligit me, sermones meos servabit. Probatio ergo dilectionis exhibitio est operis.

(a) *Ad vosmet ipsos, fratres charissimi, introrsus redite: Si Deum vere amatis, requirite. Nec tamen sibi aliquis credat, quidquid sibi animus sine operis attestacione responderit. De dilectione conditoris lingua, mens, & vita ipsa requirantur. Nunquam est amor Dei otiosus. Operatur enim magna, si est, si vero operari renuit, amor non est.*

(b) 1. Ep. Joan. c. 1. v. 4. 5. (c) Ib. c. 3. v. 7. (d) Ib. v. 18.

entre os quaes em cousa taõ clara baste o seguinte (a): *Ninguem se engane dizendo, que ama a Deos, se não guarda os seus preceitos: pois em tanto o amamos, em quanto guardamos os seus preceitos; e quanto menos observamos os seus preceitos, menos o amamos.* He cousa superflua acarretar mais authoridades em hũa cousa, que he clara pelo sentir cõmum dos homens: por quanto quem he aquelle, que se não exporia ao riso de todos os homens, se fallasse do amor humano pelas ideas dos nossos Escolasticos? Que amor he este de nova invenção, diriaõ os homens, que tem o affecto, mas nada tem de obra? Que amor he este que tem ternura no coração, e nas palavras, e que pára nisso, ficando inefficaz para a mais piquena obra? He este aquelle amor, que se deve dar entre o Pai e o Filho, entre o Esposo e a Esposa, entre o amigo e o outro amigo? Com effeito he melhor ter hum creado pago, que nos sirva sem amor, mas com diligencia, do que ter hum filho, hum esposo, hum amigo que se desfazem em ternuras para nós, e nos estaõ rodeando todos os dias com expressoens de amor as mais affectivas, mas não movem nem hum dedo em nosso serviço. Estas ternuras são sonhos, e taes expressoens e requebros são puras mentiras.

3.º Pelo que se os Authores das proposições condenadas destruiãõ quasi toda a justiça christãa, parece igualmente evidente que os seus modernos Adversarios a tem ao menos nota-

ta-

(a) Tract. 82. in Joan. *Nemo se fallat dicendo, quod Deum diligat, si ejus præcepta non servat: nam in tantum eum diligimus, in quantum ejus præcepta servamus: in quantum autem minus servamus, minus diligimus.*

tavelmente enfraquecido *nesta parte dos seus Tratados*. Porquanto consistindo a justiça christãa na fé, esperança, e charidade, elles por huma parte affinaõ para o exercicio destas virtudes, essenciaes á mesma justiça, tempos demasiadamente raros e momentaneos, como são, o de huma vez no anno para a fé e esperança, e poucas vezes no anno para a charidade: e por outra parte elles mesmos, depois de taõ longos intervallos, quando ainda mesmo entaõ se esperavaõ actos solidos e verdadeiros, nada mais nos propõem, do que reflexoens, protestaçoens, e palavras. Disse de proposito: *nesta parte dos seus Tratados*: pois, fazendo-lhe justiça, conhecemos que n'outras occasioens dizem o que nós dizemos, como veremos mais abaixo.

4.º Daqui se segue que os modernos Escolasticos, contra a sua intençaõ, por huma parte, ao meu parecer, alargaõ demasiadamente a doutrina Evangelica, que nos obriga ao exercicio moralmente continuo das virtudes Theologaes, essenciaes e inseparaveis da justiça christãa: e por outra parte cahem igualmente, ao meu parecer, em hum excessivo rigor, inventando hum novo preceito do exercicio destes seus actos, dos quais (entendidos no seu sentido acima explicado no §. V) não se acha mandamento algum nem na Escritura, nem na Tradiçaõ; e alem disso, elles mesmos nem se podem entre si concordar, nem determinarem por si com segurança quais sejaõ os tempos, em que obriga aquelle preceito, como já se vio no §. II.

5.º Se a distincão do P. Sirmondo he nova e desconhecida aos Padres, (pois a passagem de

de S. Bernardo , de que elle abusa , he exprefamente contra elle); entaõ os Theologos que a admittem , por muito que evitem a doutrina erronea , que elle estabelece sobre aquella distincão , naõ evitaõ o inconveniente de admittirem huma distincão taõ nova e chimerica ; e affim introduzirem novos vocabulos na Theologia , por meio dos quais se obscurecem as Eſcrituras e a Tradiçaõ ; abre-se infenfivelmente a porta ao erro e ás disputas ; e falla-se ao Povo com huma lingoagem barbara , e que lhe he inintelligivel. A meſma lingoagem , de que uſaõ os modernos Eſcolasticos , exprimindo com o nome de *Actos* as ſimples reflexoens , conceitos , e proteſtaçoens de fé , eſperança e charidade , he da meſma caſta : porquanto ella he nova , nem uſada nas Eſcrituras , nem pelos Padres , nem pela Igreja ; antes contraria ao ſentido , em que uſa a Eſcritura , os Padres , e a Igreja do nome de *actos* : alem diſſo , huma tal lingoagem he differente da ſignificaçaõ , que ao dito vocabulo de *actos* cõmumente lhe dá o povo : e tudo iſto concorre para obscurecer huma taõ importante doutrina , como com effeito ſe tem obscurecido , e já acima ſe moſtrou nos primeiros paragrafos deſta piquena obra

6.º Alem diſto , ſe por huma parte da doutrina do P. Sirmondo , e da dos que o ſeguem , ſe coſtuma eſpalhar huma moral ſegurança , que tranquiliza aquelles Chriſtãos , que ſaõ amantes do mundo ; por outra parte , da doutrina dos modernos Eſcolasticos coſtumaõ nacer muitos eſcrupulos e anxiedades nas almas das peſſoas timoratas ; como a experiencia tem bem enſinado , e continuamente enſina.

Por-

Porque primeiramente as mesmas pessoas instruídas não podem deixar de entrar em huma racionavel inquietação sobre a moral certeza, que devem ter, de haverem cumprido com o preceito destes actos, o qual se lhes propõe como grave, e debaixo da pena da condemnação eterna; vendo ao mesmo tempo que aquelles, que inculcaõ a sua gravidade, de nenhum modo sabem fixar os tempos, em que se deve cumprir, mas antes são contrarios entre si nos seus pareceres, como já se vio. Porem com quanta mais razão se inquietam as pessoas simples e idiotas? Conhecem muito bem isto os Parrochos, e outros que se applicaõ á direcção das almas. Os que já são velhos ficaõ perturbados, por não terem ouvido explicar huma semelhante doutrina na sua mocidade, e assim ficaõ na anxiedade do juizo, que se deve fazer a respeito da vida passada, na qual não exerceraõ semelhantes actos, dos quais entaõ não tinhaõ noticia: Outros vendo apparecer de quando em quando novas formulas, as quais se propõem como unicas e verdadeiras por aquelles, que as espalhaõ, entraõ no receio do valor das primeiras até entaõ usadas; do que temos hum bem fresco e estrondoso exemplo, alem de outros, acontecido em certo paiz: Outros enchem-se de pena por não poderem decorar semelhantes formulas, para usarem dellas, e isso ou por falta de instrucção, ou pela sua rusticidade natural.

Este inconveniente, que não he pequeno, fica inteiramente desvanecido, todas as vezes que se explique naturalmente a verdadeira doutrina da Igreja. Por quanto dizendo-se ao Po-

vo que he preciso dirigir tudo o que se pensa , se diz , e se faz para gloria de Deos , e que isto he hum continuo exercicio de fé , esperança , e charidade , o qual por huma parte he necessario , e pela outra he sufficiente para cumprir os preceitos divinos ; entãõ assim como se naõ li-fongeam as consciencias com a idea de huma falsa justiça , assim tambem naõ saõ perturba-das com temores falsos. Deste modo todos percebem , todos ficaõ persuadidos , todos ficaõ com luzes para verem qual he aquillo , em que verdadeiramente tem faltado ; todos ficaõ soce-gados sobre a omisãõ do uso das fórmulas , as quais saõ uteis e recõmendaveis , como ve-remos , das quais porem naõ ha preceito al-gum , como já temos visto.

§. XV.

Que por outra parte os mesmos Escolasticos con-firmaõ a doutrina , que havemos estabelecido , acerca do sentido amplo , que se deve dar á palavra Actos. Que este he em sub-stancia o mesmo parecer e doutrina de S. Thomaz.

HE tempo de justificar os Escolasticos , con-tra os quais hei até aqui tomado partido , como prometti no §. antecedente n. 3. Tenho dito , e he verdade , que nos lugares onde os Escolasticos modernos trataõ da necessidade dos actos das vir-tudes theologicas , elles tomaõ a palavra Actos em hum sentido differente daquelle , que expri-me a lingoagem da Escritura , dos Padres , da Igreja , e do povo ; e aquelle seu sentido he por el-

elles demasiadamente restringido, e limitado, como já mostramos no §. V. Daqui nasce a grande obscuridade que elles encontrão nesta doutrina tam essencial, e que os faz ficar, olhados cada hum de per si, perplexos, e comparados huns com os outros tambem entre si discordes, como já se vio no §. II. Este sentido assim e daquella maneira restringido e attribuido á palavra *Aetos*, reduzindo estes a meras reflexoens, conceitos e protestaçoens, separadas de tudo o que tende á observancia dos mais preceitos, dá huma muito fraca idea das virtudes Theologaes; propondo-as como senão influissem em todos os pensamentos, palavras e obras do Christão; idea inteiramente contraria á que nos daõ as Escrituras, e os Santos, os quais apregoão os maravilhosos effeitos das virtudes Theologaes: Aquelle mesmo sentido attribuido á palavra *Aetos* fortifica a distincção chimerica dos dois amores *effectivo e affectivo*; e enfraquece por extremo a idea, que se deve ter da justiça christãa, como se mostrou desde o §. VI. até aqui. Tudo isto he a mesma verdade. Porem se os sobreditos Escolasticos assim pensão *naquelle lugar dos seus Tratados*, nem porisso aquelles dignissimos Escriitores deixaõ de dizer em outros lugares aquillo mesmo, que eu aqui pertendo; e assim, no que he substancial e essencial, concordaõ perfeitamente cõmigo nesses mesmos lugares. Não se trata aqui de justificar os Escolasticos mais antigos, e principalmente o Doutor Angelico, cuja doutrina neste particular não he menos solida do que luminosa; trata-se sim de justificar aquelles modernos, de que fiz menção no §. II, os quais eu

pareço ter em vista nesta minha obra ; bem que para elles eu tenha hum summo respeito , bem merecido pela sua profunda doutrina , e pelo zelo , com que tem pugnado pela verdadeira e sãa Moral.

O dignissimo e zelosissimo P. Concina justifica-se a si , e a outros mais plenamente no fim do tratado da necessidade dos actos de charidade com as palavras seguintes , que perfeitamente provaõ o que eu pertendo.

„ Quero que por fim advertas (o que já
 „ advertiraõ outros Theologos , como Carde-
 „ nas , Lorca , Leandro) que os Catholicos que
 „ saõ de boa vida cumprem facilmente este pre-
 „ ceito da charidade. Por quanto *muitos delles*
 „ *todos os dias fazem actos de charidade* ainda
 „ sem o advertirem. Pois *postoque fação aquelles*
 „ *actos quando exercitaõ outras virtudes , com*
 „ *tudo offim mesmo praticados saõ sufficientes para*
 „ *cumprirem o preceito de que tratamos.* Com ef-
 „ feito os fieis que rezaõ devotamente o Padre
 „ Nosso , amaõ a Deos : pois pedem que seja
 „ o seu nome sanctificado : amaõ tambem a
 „ Deos , quando por amor delle socorrem os
 „ pobres , quando soffrem alegremente as inju-
 „ rias , que se lhes fazem , quando mortificaõ
 „ o seu corpo com jejuns : e finalmente amaõ
 „ a Deos *os que observaõ exactamente os preceitos*
 „ *da lei* , e cumprem com diligencia as obriga-
 „ çoens do seu estado (a).

Naõ

(a) Differt. 4. de char. c. 9. n. 13. *Ultimo observet velim , (quod etiam animadvertunt Cardenas , Lorca , Leander) catholicos bene moratos facillime implere hoc mandatum charitatis. Plures siquidem quotidie charitatis actus edunt , etiam non advertentes. Quandoquidem licet eliciantur ob aliquam virtutum exercicia , saõ*
 111



Não se podia desejar huma passagem que mais clara fosse , para se vêr , que , em substancia, elle he do mesmo sentimento em tudo o que eu pertendo. Eisaqui temos os Actos da charidade tomados em hum sentido natural , e popular , e conformes á Escritura , Padres , e Igreja. Estes actos já não são meros pensamentos , exprimidos com palavras formuladas segundo as regras dos Escolasticos , e desacompanhadas de obras : são sim orações christãs ; são esmolas , perdaõ das injurias , macerações da carne , cumprimento das obrigações do proprio estado ; são , em huma palavra , huma verdadeira observancia do Evangelho. Com bem o digamos : já lhe não faz escrupulo o mesmo termo dos Escolasticos (*elicere*), isto he , *fazer* , do qual se servem para exprimirem os actos de charidade , e de tal sorte proprios da charidade , que senão possaõ attribuir a outra qualquer virtude ; pois os mesmos Escolasticos querem que os actos das mais virtudes são sim *mandados* (*imperati*) pela charidade , mas não são *feitos* (*eliciti*) pela mesma , como he doutrina de S. Thomaz. Isto porem não importa ao P. Concina. Pois , segundo elle diz , aquellas obras são actos de charidade , posto que se *façam* (*eliciantur*) para cumprir com o exercicio das mais virtudes , e por isso , diz elle , são *sufficientes para cumprir o preceito da frequencia dos actos de chari-*

ris sunt ad implendum mandatum. Porro fideles , qui devote recitant Precationem Dominicam , Deum amant ; cum , ut sanctificetur sanctissimum nomen illius , orant : Deum amant , cum ob illius amorem pauperibus succurrunt , injurias sibi illatas hilari fronte perferunt , corpus jejuniis macerant ; qui denique præcepta legis exacte servant , & propriæ professionis pensum impigre solvunt.

ridade. E tem razão, pois quer elles sejaõ feitos (*elicit*), quer sejaõ mandados (*imperati*), (com que senão embaraça nem a Escritura nem os Padres) são verdadeiramente e realmente aquelles actos produzidos pela charidade. Essa mesma charidade, segundo diz o mesmo Concina (*a*), he o principio de todos aquelles actos, que merecem a vida eterna, o que elle aprendeo em S. Thomaz. Peloque todos os actos de todas as virtudes christãas são ao mesmo tempo actos de charidade: porque são actos de huma virtude particular, em quanto tem na pratica hum objecto particular proprio daquelle virtude; porem são tambem ao mesmo tempo actos de charidade, em quanto são produzidos pelo geral motivo desta virtude, que move o homem a tender para o seu ultimo fim. E assim (pelo menos em quem tem a charidade) todas as virtudes são a mesma charidade, diversificada segundo os seus differentes objectos, como ensina S. Agostinho (*b*): *Naõ teria duvida de afirmar, diz elle, que a virtude naõ he outra cousa mais do que hum summo amor de Deos: Porque a divisaõ da virtude em quatro especies, quanto a mim, divide-se assim pela varia afeicãõ do mesmo amor. . . Pelo que podemos definir assim*
aquel-

(*a*) Loc. cit. cap. 2. n. 3.

(*b*) L. 1. de Mor. Eccl. cath. c. 17. *Nil omnino esse virtutem affirmaverim, nisi summum amorem Dei. Namque illud, quod quadripartita dicitur virtus, ex ipsius amoris vario quodam affectu, quantum intelligo, dicitur. . . Quare definire etiam sic licet: ut temperantiam dicamus esse amorem Deo sese integrum incorruptumque servantem: fertitudinem amorem omnia propter Deum facile perferentem: justitiam amorem Deo tantum servantem, & ob hoc bene imperantem ceteris, quæ homini subiecta sunt: prudentiam amorem bene discernentem ea, quibus adjuvetur in Deum, ab iis quibus impediri potest.*

aquellas quatro especies, se differmos, que a temperança he o amor, com que inteira e incorruptamente nos conservamos para Deos: que a fortaleza he o amor de soffrer tudo voluntariamente por Deos: que a justiça he o amor que tão somente serve a Deos, e porisso governa bem os outros, que lhe estão sujeitos: que a prudencia he o amor que sabe discernir aquellas cousas, que o leuão para Deos, das que o impedem disso.

De tudo isto tambem se segue que se estes verdadeiros actos são sufficientes para cumprir com o preceito da charidade, esses mesmos são ao mesmo tempo sufficientes para cumprir com o preceito da fé e da esperança. Porque onde está a charidade ahi tambem está necessariamente a fé e a esperança; pois que, como ensina S. Thomaz (a): *A charidade de nenhum modo pode estar sem a fé e a esperança.* E S. Agostinho diz (b): *Que onde está o amor, ahi necessariamente se acha a fé e a esperança.* Veja-se o segundo confectario do cap. 14, onde o P. Concina mais extensamente, e com cores rethoricas, trata dos verdadeiros actos de charidade; os quais elle faz consistir nas obras, e onde elle tambem nos acautella das illusoens da falsa e feminil espiritualidade, que só preza a sensibilidade e as ternuras.

Naõ merece menos o fazer-se-lhe justiça, o Besombes. Este depois das passagens, que delle citamos no §. II., dá huma advertencia muito importante, e he a segunda, muito conforme aos meus sentimentos. Adverte pois, que nos deve-

(a) 1. 2. q. 65, art. 1. in corp. *Charitas sine fide & spe nullo modo esse potest.*

(b) Tract. 83, in Ioan. *Vbi dilectio, ibi necessario fides & spes.*

vemos acautelar da hallucinação de substituímos aos verdadeiros actos de amor os pensamentos sem efficacia , ou palavras e expressões ternas , porem só de boca , ou ainda mesmo ternuras cordiaes e sensiveis , porem sem serem acompanhadas da observancia dos preceitos divinos. O amor , diz elle , he huma cousa mais solida : he hum movimento da vontade , que nos transporta para Deos : he hum pezo , que nos inclina para elle , e nos faz observar os seus mandamentos, ainda minimos. Este Author nos faz presente o aviso de S. João , de não amarmos somente com as palavras , e de lingua : quer que julguemos do amor divino , como costumamos julgar do amor natural. O amor do amigo para com o seu amigo não se encerra , diz elle , em dizer-lhe : *eu te amo* ; porem quando se ama verdadeiramente tem-se gosto em lembrar-se delle , falla-se delle frequentemente , defende-se-lhe a sua honra , procura-se-lhe as vantagens , sente-se tristeza com os seus desastres , e ha alegria nas suas prosperidades. O amor da esposa para com o marido e para os filhos , continua elle , não se restringe tambem em dizer-lhe tão somente , e ainda mesmo do coração : *eu amo o marido , e os filhos* ; mas sim occupa-se toda em cuidar delles , em procurar-lhes a sua satisfação e contentamento ; em huma palavra , em lhes prestar todos os officios de huma mãe amorosa , e igualmente consorte desvelada e terna. Eis aqui pois temos tambem de acordo com o que dissemos , os sentimentos deste dignissimo Theologo.

Estão pois de acordo no mesmo todos os Theologos, que eu acima lembrei , e todos elles
 são

saõ conformes em inculcarem a obrigação de observar a lei por motivo de charidade, e de se deverem referir todas as acçoens a Deos. E isto vem a dar justamente em tudo o que pertendo estabelecer; e he, que o grande preceito do amor de Deos, que encerra o do amor do proximo, se cumpre naõ tanto com os actos dos Escolasticos tomados no sentido, que havemos exposto, isto he, com os pensamentos, reflexoens e protestaçoens; mas sim com factos, isto he, regulando e dirigindo todos os pensamentos, palavras e obras pela luz da fé, pelo apoio da esperanza, e pelas forças da charidade, e tudo isto para o fim de observar a divina lei.

Por isso julgo que he preciso vigiar cuidadosamente nesta materia, para que naõ succeda separar-se no amor divino nem o affecto das obras, nem as obras do affecto. O affecto sem obras he huma illusaõ: e as obras sem affecto, isto he, sem a intençãõ e o motivo do amor, naõ saõ de modo algum amor, mas saõ ou temor, ou amor natural do honesto, ou vaidade, ou interesse, ou outra cousa. Porem os pensamentos, palavras e obras, que saõ produzidas pelo affecto, pelo motivo, pela intençãõ do amor divino, saõ certamente verdadeiros actos de charidade, e ao mesmo tempo actos de esperanza e de fé: e saõ de mais a mais os unicos actos, que principalmente nos inculcaõ o Evangelho, as Epistolas Apostolicas, os Padres e a Igreja: e saõ alem disso actos naõ *implicitos*, mas *explicitos*, como he acto explicito do amor filial a amorosa obediencia do Filho a tudo, o que seu Pai lhe manda.

§. XVI.

Que em substancia isto mesmo he o parecer e a doutrina de S. Thomaz.

NAÕ ferá fora do proposito mostrar, que o que havemos dito he tambem em substancia o sentimento do Doutor Angelico. No lugar onde elle falla dos actos de charidade, nunca restringe a palavra *actos* aos pensamentos tão somente e movimentos do coração exprimidos com palavras, e defacompanhados dos pensamentos, palavras e obras dirigidos á observancia da lei divina, e limitados segundo a doutrina dos Escolasticos, que fica exposta no §. V. Antes pelo contrario o S. Doutor entende por actos de charidade todos os movimentos do homem, que pela charidade se podem dirigir ao ultimo fim, no que comprehende todos os pensamentos, palavras e obras virtuosas: „ Porque a „ charidade, diz elle (a), tem por objecto o ul- „ timo fim da vida humana, a saber, a felici- „ dade eterna, por isso ella se estende a todos „ os *actos* de toda a vida humana por modo de „ imperio. E porque as obras são o principal entre os actos humanos, porisso falla especialmente das obras (b): *He cousa manifesta que a charidade, em quanto dirige o homem para o ultimo fim, he o principio de todas as obras boas, que se podem dirigir ao ultimo fim.* Tambem, se-
gun-

(a) 22. 7. q. 23. art. 4. ad 2. *Quia charitas habet pro objecto ultimum finem humanæ vitæ, scilicet, beatitudinem æternam, ideo extendit se ad omnes Actus totius humanæ vitæ per modum imperii.*

(b) 1. 2. q. 65. art. 4. in corp. *Manifestum est, quod charitas, in quantum ordinat hominem ad finem ultimum, est principium omnium bonorum operum, quæ in finem ultimum ordinari possunt.*

gundo S. Thomaz , os actos das virtudes são ao mesmo tempo actos de charidade ; isto he , actos das outras virtudes , em quanto *elicitos* ; e actos de charidade , como por ella *mandados* , e por isso a charidade he huma virtude geral (a) : *A charidade* , diz elle , *pode-se chamar huma virtude geral* , em quanto dirige os actos de todas as virtudes para o bem divino ; (b) e assim , porque a charidade he a que tem o imperio sobre todas as virtudes (pelas dirigir ao seu fim) , por isso aquelle acto , que procede da charidade , pode tambem pertencer a outra virtude. Usa da mesma lingoagem , quando falla da diminuição da graça : (c) *Acontece* , diz elle , *a diminuição da graça ou pelos peccados veniaes , ou tambem pela cessação das obras da charidade*. O mesmo acto com que se ama o proximo tam longe está , segundo elle , de não ser hum verdadeiro acto de amor de Deos , que antes pelo contrario he huma e a mesma cousa : (d) *He cousa manifesta* , diz elle , *que he na especie hum e o mesmo acto , aquelle com que se ama a Deos , e se ama o proximo*. E assim , a *beneficencia* he hum acto de charidade (e) : Do mesmo modo a *paciencia* he hum acto de charidade , em quanto , diz elle , (f) *provêm da abundancia da charidade o tolerar alguém com paciência*.

(a) 22. q. 58. c. *Charitas potest dici virtus generalis, in quantum ordinat actus omnium virtutum ad bonum divinum.*

(b) 3. q. 85. 2. ad 1. *Et sic, quia ipsa imperat omnibus virtutibus, (utpote ordinans ipsas ad finem suum) actus a charitate procedens potest etiam ad aliam virtutem pertinere.*

(c) *Diminutio charitatis fit, vel per peccata venialia, vel etiam per cessationem ab exercitio operum charitatis.*

(d) 22. q. 25. art. 1. c. *Manifestum est, quod idem specie actus est, quo diligitur Deus, & quo diligitur proximus.*

(e) 22. q. 31. art. 1. c.

(f) 22. q. 183. 3. ad 3. *In quantum scilicet ex abundantia charitatis provenit, quod aliquis patienter toleret adversa.*

ciencia as adversidades ; nelle se encontraõ muitos outros lugares semelhantes.

Já pouco antes ouvimos dizer ao S. Doutor, *que a charidade não pode estar sem a fé e a esperança ; e assim aquelles actos , que são actos de charidade , encerraõ ao mesmo tempo o exercicio da fé e da esperança.*

Em quanto á fé não he para omittir-se tudo o que elle diz a este respeito : (a) ,, Pertence á ,, verdade da fé , diz elle , não só a credulidade ,, do coração , mas tambem a protestaçaõ exterior : Ora esta *não só se faz com palavras ,* ,, com as quais se professa a fé , mas tambem ,, se faz *pelos obras* , pelas quais mostramos que ,, temos a fé . . . e porisso todas as obras das ,, virtudes , em quanto são referidas a Deos , ,, são como humas *protestaçoes da fé* , pela qual ,, conhecemos que Deos pede de nós estas ,, obras , e nos remunera por ellas. ,,

§. XVII.

Da obrigação que ha de referir todas as acçoens a Deos ; obscuridades suscitadas acerca deste importante ponto. Difficuldades sobre S. Thomaz ; propõe-se a soluçaõ dellas.

DO que temos dito se vê , que o officio da charidade he referir todas as acçoens do homem ao
ul-

(a) 22. q. 124. 5. c. *Ad fidei veritatem pertinet non solum ipsa credulitas cordis, sed etiam exterior protestatio : quæ quidem fit non solum per verba, quibus aliquis confitetur fidem ; sed etiam per facta, quibus aliquis se fidem habere ostendit . . . Et ideo omnium virtutum opera, secundum quod referuntur in Deum, sunt quædam protestationes fidei, per quam nobis innotescit, quod Deus hujusmodi opera a nobis requirit, et nos pro eis remunerat.*

ultimo fim , isto he , a Deos ; e que a fé , segundo o Apostolo , he a que obra pela charidade , para o que concorre a esperanza , segundo o mesmo Apostolo , ajudando e sustendo as obras da fé , e as fadigas da charidade. E assim he cousa clara , ao meu ver , que o principal e o mais ordinario exercicio das virtudes Theologaes , he o de dirigirem todos os pensamentos , palavras e obras do Christão ao seu ultimo fim , ou como fallaõ os Escolasticos , o referirem-nas a Deos. E assim se os Parrochos , e os Pregadores , e os Cathechistas instruirem , como devem , o povo christão no tocante a este officio das virtudes Theologaes , e em consequencia disso o povo , depois de instruido com exactidão , puser em exercicio aquelle officio das mesmas virtudes Theologaes , e isto o execute com toda a fidelidade ; parece não se poder duvidar , que tanto os Ministros de Deos , como o povo , que lhes está encarregado , tem cumprido verdadeiramente com o seu dever.

Porem , por desgraça , nestes nossos calamitosos tempos tambem este ponto , tão essencial da doutrina christãa , se acha enredado e obscurido com disputas pouco menos que insolúveis , as quais dividem as mais respeitaveis Escolas Catholicas. *Se ha alguma materia (escrevia o Cardeal Tamburini (a) ao Concina) que se ache enredada com equívocos , e encoberta com obscuridades pelos emulos (da Escola Augustiniana) para que não appareça tal qual he defendida por aquelles , que estão persuadidos ser este hum ponto capital da doutrina de S. Agostinho , he sem duvida a materia de que fallo.*

Pe.

(a) Em 5 de Setembro de 1750. Epist. Ad Concina. n. 30.

Pelo que a respeito deste ponto : Se ha obrigação de referir virtualmente a Deos as acçoens, de sorte que em cada huma das mesmas acçoens (quando são voluntarias e deliberadas) ou se mereça (na supposição de que aquelle que obra tenha a graça santificante) quando se referem a Deos , isto he , quando se fazem ao menos virtualmente por motivo de amor de Deos ; ou se peque , ao menos venialmente , quando nem ainda virtualmente se referem as acçoens a Deos, mas se fazem ou por motivo de temor , ou por qualquer outro, que seja honesto? A este respeito , digo, a Escola Augustiniana defende a parte affirmativa. S. Agostinho, do qual ella cita infinitas passagens , parece ser decisivo a seu favor. Porem S. Thomaz , celebre e fidelissimo discipulo de S. Agostinho, he allegado, como contrario , pelos Adversarios da Escola Augustiniana. Estes querem que S. Thomaz defenda haver obrigação de referir *todas* as acçoens a Deos, porem que não haja obrigação de as referir *sempre* : e que quando se transgrede este preceito , isto he, quando se não referem , quando o preceito obriga , então se pecca *mortalmente* ; porem que fóra deste caso não se pecca , nem ainda *venialmente*.

Permittindo-se-me o dizer eu o meu fraco sentimento , direi antes de tudo duas cousas : 1.º que sendo S. Thomaz hum discipulo tão fiel de S. Agostinho , (que , segundo diz Sisto de Sena, era proverbio corrente entre as pessoas de letras , que se havia realisado a Metempsichosi de Pythagoras , e que a alma de S. Agostinho havia passado para S. Thomaz) quereria que se fosse com mais vagar e madureza em proferir , que S. Thomaz he contrario a S. Agostinho ; e

por

por isso se deveria usar de toda a diligencia para os conciliar ambos; julgando antes não se haver entendido hum ou outro, do que decidir, que elles entre si são discordes. Pelo que na supposição de que o sentimento de S. Agostinho he tal, qual o pertende a Escola Augustiniana, e que nesta conformidade ha obrigação de referir a Deos *todas* as acçoens deliberadas e *sempre*, ao menos virtualmente; porem nem sempre com obrigação de peccado mortal, mas só venial; nesta supposição, digo, dever-se-hia julgar que este tambem foi o sentimento de S. Thomaz, e assim procurar explicar neste sentido os lugares obscuros, que nelle se encontra. 2.º Que sendo hum caracter proprio de S. Thomaz, o expôr sempre huma doutrina muito clara e coherente, que he a propria qualidade do que he verdadeiro, quereria outro sim, se julgasse não se haver bem entendido o seu sentimento, todas as vezes que delle resulta hum sentido confuso, e que mal se pode conciliar com elle mesmo. Porisso neste caso deve-se pôr toda a diligencia para achar a solução da contração apparente, que parece resultar da sua doutrina. Ora he certo que elle ensina nesta materia tres cousas.

Primeiramente, que ha hum preceito de referir a Deos *todas* as nossas acçoens. Isto ensina elle claramente no lugar seguinte (a): *No preceito da charidade se encerra o deverem-se refer-*

(a) 1. 2. ad. 2. q. 100. art. 10. *Sub præcepto charitatis continentur quod Omnia referantur in Deum; Et ideo præceptum charitatis implere homo non potest, nisi etiam Omnia referantur in Deum. Hujus divinæ dilectionis Perfectio datur homini in præcepto: primum quidem ut homo Omnia referat in Deum.*

ferir todas as cousas a Deos ; e por isso o preceito da charidade não pode ser cumprido pelo homem , sem que tambem se refiraõ a Deos todas as cousas. E no opusculo decimo outavo diz : *A perfeição do amor divino se encarrega ao homem com preceito : primeiramente para que o homem refira tudo a Deos.*

Em segundo lugar ensina , que este preceito he affirmativo , e porisso obriga sempre , mas não para sempre. O que elle repetidas vezes inculca. Porisso diz no lugar acima citado , e noutra questãõ da mesma parte (a) : *Aquelle preceito he affirmativo ; pelo que não obriga para sempre ; e assim não obra contra este preceito aquelle , que não refere á gloria de Deos tudo o que faz. E quando trata do mal (b) diz : Como aquelle preceito he affirmativo , não obriga de tal sorte , que sempre se haja de observar actualmente.*

Em terceiro lugar diz , que obrar contra este preceito he sempre peccado mortal ; e he a razão porque elle ensina , que não obra contra este preceito aquelle , que não refere a Deos actualmente todas as acçoens. O que claramente se deduz do lugar ja citado (c). Eisaqui o argu-

(a) 1. 2. q. 88. art. 2. *Illud præceptum est affirmativum , unde non obligat ad semper ; Et sic non facit contra hoc præceptum , quicumque non refert ad gloriam Dei Omnia quæ facit.*

(b) q. 7. art. 2. ad 9. *Cum illud præceptum sit affirmativum , non obligat ad hoc , quod semper observetur actu.*

(c) Loc. supr. cit. q. 88. ad. 2. *Apostolus dicit , 1. ad Cor. c. 10. Sive manducatis , sive bibitis , sive quid quid aliud facitis , omnia in gloriam Dei facite. Sed contra hoc præceptum facit quicumque peccat ; non enim peccatum sit propter gloriam Dei. Cum ergo facere contra præceptum sit peccatum mortale , videtur quod quicumque peccat , mortaliter peccat : Ad secundum dicendum , quod illud præceptum Apostoli est affirmativum , unde non obligat ad semper. Et sic non facit contra hoc præceptum quicumque non actu refert in gloriam Dei omne quod facit.*

gumento, que o S. Doutor propõe com a sua resposta: „ O Apostolo diz (1. ad Cor. c. 10.) :
 „ *Ou comais, ou bebais, ou façais qualquer outra*
 „ *cousa, fazei tudo para gloria de Deos: Porem*
 „ todo o que pecca obra contra este preceito;
 „ pois o peccado não se pode fazer para gloria
 „ de Deos: *Como pois obrar contra o preceito se-*
 „ *ja peccado mortal, parece que todo o que*
 „ pecca, pecca mortalmente. A este segundo
 „ argumento deve-se responder; que aquelle
 „ preceito do Apostolo he affirmativo; e assim
 „ não obriga para sempre. Pelo que *não obra*
 „ *contra aquelle preceito aquelle, que actual-*
 „ *mente não refere para gloria de Deos tudo*
 „ *aquillo que faz.* „

A' vista do que fica exposto e ponderado, parece difficultoso conciliar as primeiras duas doutrinas; a saber, que haja obrigação de referir *todas* as acçoens a Deos, e que não haja obrigação de lhas referir *sempre*; pois he cousa clara, que quem lhas refere *todas*, lhas refere *sempre*; e que quem lhas não refere *sempre*, não lhas refere *todas*. Em segundo lugar parece cousa dura o dizer, que quem obra contra o preceito de referir *todas* as acçoens a Deos, peque *sempre mortalmente*; e que hum preceito, que he tão geral, e que se derrama por todos os preceitos, (cuja inobservancia muitas vezes he só venial) não admitta venialidade alguma.

Pelo que a necessidade de conciliar S. Thomaz com S. Agostinho e consigo mesmo, parece obrigar a buscar alguma solução a esta difficultade, e a fazer louvavel todo o esforço, que se empregar para a conseguir. E assim parece-me muito propria e solida aquella solu-

ção, que hum Escriitor famoso propôs no seculo passado. Para bem se entender, diz elle, S. Thomaz, he preciso indagar e perceber bem a sua lingoagem, e estar bem instruido do sentido e significação, que elle dá ás palavras, de que se serve. O seu modo de fallar he differente daquelle, de que hoje de ordinario usaõ os Theologos; e porisso não he para admirar, que os Theologos, que tomaõ as palavras de S. Thomaz não no sentido delle, mas sim no sentido que os Theologos hoje lhe daõ; não he para admirar, digo, que esses mesmos Theologos entendaõ S. Thomaz em hum sentido contrario á sua intenção, e fação dizer ao Santo Doutor, o que elle não quer dizer. Os Theologos do tempo d'agora dizem, que obra contra o preceito, não só quem pecca mortalmente, mas tambem quem só pecca venialmente: por exemplo, que obra contra o settimo mandamento não só quem furta cem mil reis, mas tambem quem furta cinco reis: e tambem quando dizem, que se não obra contra o preceito, querem dizer, que se não pecca nem venial nem mortalmente. Porem S. Thomaz não falla assim. Na lingoagem de S. Thomaz obrar contra o preceito, ou contra a lei, e transgredir o preceito ou a lei, he o mesmo que peccar mortalmente: quando diz, que o preceito ou a lei obriga, quer dizer que obriga debaixo de peccado mortal; porque no seu modo de fallar só o peccado mortal he, o que se oppõe á lei e ao preceito; pois o peccado venial he tamsómente *alem da lei* (*præter legem*), isto he, contra a ordem e intenção da lei ou do preceito. Pelo que quando o Santo Doutor diz,

que

que o preceito de referir todas as acçoens a Deos he affirmativo, e não obriga para sempre; e que porisso quem não refere sempre todas as suas acçoens a Deos, não obra contra este preceito; não quer dizer, que o que assim obra não peque, nem ainda venialmente; mas quer dizer tamfómente, que não pecca mortalmente, o que he verdade. Eis aqui pois como se concilia S. Thomaz com S. Agostinho, e comfigo mesmo, e alem disso com a razaõ, e com a Escriitura. Por tanto o preceito de referir todas as acçoens a Deos he geral: este preceito abraça todas as acçoens sem excepção alguma: todavia nem sempre se pecca mortalmente, quando alguma daquellas acçoens não he actualmente referida, comtanto que não exclua a relação, e aquella direcção habitual, que he essencial á charidade.

Comeffeito, o Author de cujas reflexoens me sirvo, parece ter razaõ. Por quanto parece que este he justamente o verdadeiro sentido do S. Doutor. Observe-se quanto o S. Doutor escreve no lugar já citado (a). Trata elle alli esta questãõ (b): *Se por ventura o peccado venial se divide, como convem, como opposto ao mortal?* A segunda objecção, que o mesmo S. Doutor alli põe, he a que já acima se expôs: „ O Aposto-
 „ stolo diz (I. ad Cor. c. 10) : *ou comais, ou*
 „ *bebais, ou façais qualquer outra cousa, fazei*
 „ *tudo para gloria de Deos*: Porem todo aquelle
 „ que pecca obra contra este preceito; pois o
 „ peccado não se pode fazer para gloria de
 „ Deos. *Como pois obrar contra o preceito seja*

H 2

„ pec-

(a) 1. 2. q. 88. art. 1. (b) Ib. *Virum veniale peccatum convenienter dividatur contra mortale.*

,, peccado mortal, parece que todo aquelle que
 ,, pecca, pecca mortalmente. A resposta que a
 isto dariaõ os Theologos modernos, seria esta,
 usando do seu modo de fallar: *distingo: obrar
 contra o preceito em materia grave he peccado
 mortal, concedo: em cousa leve, nego o supposto,
 e a consequencia.* Porem S. Thomaz não respon-
 de affirm. Elle concede o supposto, (o qual po-
 stoque admittido pelos contrarios á Escóla Au-
 gustiniana na especialidade do preceito de referir
 todas as acçoens a Deos, comtudo seria por
 elles negado na generalidade, com que se acha
 exposto na objecção) e propõe outra soluçãõ,
 na qual tamfõmente defende, que aquelle que
 não refere a Deos todas as acçoens actualmen-
 te, não cõmette peccado mortal; e postoque o
 não diga expressamente, comtudo dá a entender
 claramente, que naquelle caso se pode cõmet-
 ter peccado venial. Eis aqui as suas palavras no
 lugar já citado (a): ,, Ao segundo argumento
 ,, se deve dizer, que aquelle preceito do Apo-
 ,, stolo he affirmativo, e assim não obriga para
 ,, sempre. Pelo que não obra contra aquelle
 ,, preceito aquelle, que actualmente não refere
 ,, para gloria de Deos tudo aquillo que obra.
 ,, Basta pois que qualquer habitualmente se re-
 ,, fira e todas as suas coufas a Deos, para que
 ,, não

(a) Ad 2. dicendum quod illud præceptum Apostoli est affirma-
 tivum; unde non obligat ad semper, & sic non facit contra hoc
 præceptum, quicumque non actu refert in gloriam Dei omne quod
 facit. Sufficit ergo quod aliquis habitualiter referat se & omnia sua
 in Deum ad hoc, quod non semper mortaliter peccet, cum aliquem
 actum non refert in gloriam Dei actualiter. Veniale autem peccatum
 non excludit habitualement ordinationem actus humani in gloriam Dei,
 sed solum actualem: quia non excludit charitatem, quæ habitualiter
 ordinat in Deum. Unde non sequitur, quod ille, qui peccat veniali-
 ter, peccet mortaliter. 1. 2. q. 88. supr.

„ não peque mortalmente, quando não refere
 „ actualmente a Deos, e para gloria delle, al-
 „ guma acção. Ora o peccado *venial* não exclue
 „ a direcção habitual da acção humana para
 „ gloria de Deos, mas tamsómente a actual:
 „ porque não exclue a charidade, a qual habi-
 „ tualmente dirige para Deos. Porisso não se
 „ segue que o que pecca venialmente, peque
 „ mortalmente. „

Mas na resposta á primeira objecção parece fallar com toda a precisão, e não deixar duvida alguma. Ouçamolo (a): „ O peccado venial he
 „ chamado peccado por hum modo imperfeito,
 „ e he assim chamado relativamente ao peccado
 „ mortal, do mesmo modo que o accidente he
 „ chamado ente relativamente á substancia, por
 „ hum modo imperfeito. Porque *não he contra*
 „ *a lei; pois o que pecca venialmente não faz o*
 „ *que a lei prohibe, nem omitta aquillo, a que a*
 „ *lei obriga com preceito; mas sim obra alem da*
 „ *lei (præter legem), porque não observa o*
 „ *modo da razão, que a lei teve na sua inten-*
 „ *ção.* Finalmente na resposta ao terceiro ar-
 gumento parece dizer claramente, que se pec-
 ca venialmente quando se referem as acçoens
 a Deos só habitualmente, e não em acto. O que
 pecca venialmente, diz elle (b), *apegu-se ao bem*
 tem-

(a) *Ib. Peccatum veniale dicitur peccatum secundum rationem imperfectam, & in ordine ad peccatum mortale, sicut accidens dicitur ens in ordine ad substantiam, secundum rationem imperfectam entis. Non enim est contra legem, quia venialiter peccans non facit quod lex prohibet, nec prætermittit id, ad quod lex per præceptum obligat; sed facit præter legem, quia non observat modum rationis, quem lex intendit.*

(b) *Loc. supr. cit. Ille qui peccat venialiter, inhaeret bono temporali, non ut fruens, quia non constituit in eo finem, sed ut utens, referens in Deum non actum, sed habitum.*

temporal, não como quem goza delle, pois nelle não poẽ o fim, mas como quem usa delle, referindo-o a Deos não actual, mas habitualmente. Veja-se tambem o mesmo S. Doutor na quest. 74. art. 10. in corp., e na 22. quest. 44. art. 4. ad 2, e art. 6. ad. 2, e na 1. 2. quest. 100. art. 10; sed contra, in corpore.

§. XVIII.

Sentimento e intelligencia de S. Thomaz a respeito da relação habitual, virtual, e actual das acçoens humanas para Deos.

TEMOS pois em S. Thomaz huma doutrina, que he bem cõnexa e coherente tanto com elle mesmo, como com o seu mestre S. Agostinho: e se reduz a isto, que he de preceito o referirmos sempre todas as acçoens a Deos, porem o não referir a Deos alguma acção, nem sempre he peccado mortal, mas pode ser peccado venial. Aqui põem se levantaõ novas difficuldades sobre entender bem o sentido, em que o S. Doutor toma as varias relações, que as nossas acçoens podem ter para Deos. Na maior parte dos lugares, em que elle falla desta materia, parece não reconhecer mais que duas relações tamsómente, a saber, a *habitual* e a *actual*. Pelo que os Escolasticos modernos, que estaõ acostumados a admittirem tambem a relação *virtual*, e que a julgaõ necessaria para se não peccar venialmente, e não bastar para isso a relação habitual; trabalhaõ por achar a tal relação virtual nas passagens, onde o mesmo S. Doutor a não põe; e de ordinario pertendem que

que onde falla da habitual, queira dizer a virtual. Eu porem julgo que se achão bem distintamente, e applicadas muito judiciosamente aos seus varios effeitos pelo S. Doutor, as tres relaçoens habitual, virtual, e actual; e que quando elle não faz menção senão da habitual e actual, então, no sentido d'elle, não se deve alli procurar a virtual na habitual, mas sim na actual.

Referir habitualmente.

Segundo o sentimento do S. Doutor he bastante referir *habitualmente* as acçoens a Deos, para se não peccar *mortalmente*. Isto he o que expressão as palavras acima citadas: „ *Basta* „ *pois* que alguém refira *habitualmente a Deos* „ as suas acçoens, para não peccar sempre „ *mortalmente*. Isto porem não basta para evitar o peccado venial; o qual, segundo se diz no mesmo lugar, não he excluido por aquella relação habitual. Ora a relação virtual não só exclue o peccado venial, porem faz de mais a mais a obra meritoria. Logo quando o S. Doutor falla na relação habitual, não entende por ella a virtual; porque a relação habitual, de que elle falla, não basta, segundo elle, para merecer. *A relação habitual*, diz elle (a), *da acção para Deos, de nenhum modo basta* (para merecer); *porque ninguem merece por aquillo que nelle está em habito; mas pelo que actualmente obra*. E assim esta relação habitual de huma disposição da alma, pela qual hum está na re-

fo-

(a) In secund. sent. dist. 40. art. 5. ad 6. *Non sufficit omnino habitualis relatio actus in Deum (ad merendum); quia ex hoc, quod est in habitu nullus meretur, sed ex hoc, quod actu operatur.*

solução de perder tudo o que for, antes do que perder a amizade de Deos: com effeito diz bem, quando diz que esta relação não he excluída pelo peccado venial; por quanto quem pecca venialmente, delle se pode dizer em algum sentido verdadeiro, que ordena esta mesma acção ao amor de Deos; porque posto que quem obra assim, faz o que defagrada a Deos levemente, comtudo não o faz, senão porque está certo, que isso lhe não faz perder a amizade divina, a qual tanto apprecia, que se a houvesse de perder, não o faria: e porisso ainda então ama a Deos, postoque trouxamente.

Referir actualmente.

O Referir *actualmente* se pode fazer, segundo o Santo Doutor, de dois modos. O primeiro he quando o homem dirige *imediatamente* as suas acçoens a Deos, seu fim ultimo, lembrando-se expressamente de Deos em cada huma dellas, e dirigindoas á sua gloria; e a isto he que os Theologos chamaõ *relação actual*.

Referir virtualmente.

EM segundo lugar se podem referir *actualmente* as acçoens de hum segundo modo, e he, quando o homem as dirige só *mediatamente*, porem *actualmente*. O que acontece de duas maneiras. A primeira he quando o homem no principio da obra encaminha e dirige a sua acção expressamente a Deos, mas no decurso della não pensa mais em Deos, mas cuida tamfõmente em continuar a sua obra. Ouçamos o

S.

S. Doutor (a) : ,, Para que alguma acção seja
 ,, meritoria , tendo o que a faz a charidade ,
 ,, não se requer , que elle *actualmente* a refira a
 ,, Deos (isto he , immediatamente). Porem basta
 ,, que *actualmente se dirija a algum fim conveni-*
 ,, *ente , o qual habitualmente se dirija a Deos.*
 ,, Como , por exemplo , se alguém querendo
 ,, fazer huma peregrinação por amor de Deos ,
 ,, comprasse para esse fim hum cavallo , não
 ,, pensando *actualmente* em Deos , mas sim na
 ,, sua jornada , a qual já havia dirigido a Deos. ,,
 A segunda maneira he , quando o homem nem
 ainda no principio da obra ordena a acção im-
 mediatamente a Deos , cogitando expressamente
 nelle : porem a ordena e dirige *actualmente* a
 hum fim de alguma virtude , isto he , move-se
 o homem a obrar por algum fim virtuoso ; e
 assim se este homem tem a charidade , e por
 consequencia supposta a *relação habitual* a Deos,
 que provem da charidade , (a qual dirige todas
 as virtudes ao fim ultimo) neste caso aquella
 obra de virtude fica dirigida a Deos. Ouçamos
 tambem neste caso o S. Doutor (b) : ,, E por-
 ,, que a charidade cõmanda todas as virtudes...
 ,, he

(a) Quæst. 2. de malo art. 5. ad 2. *Ad hoc quod aliquis actus sit meritorius in habente charitatem non requiritur, quod actu referatur in Deum, (id est, immediate) sed sufficit quod actu referatur in aliquem finem convenientem, qui habitu referatur in Deum. Sicut si aliquis volens peregrinari propter Deum, emat equum nil actu de Deo cogitans, sed solum de via, quam jam in Deum ordinaverat.*

(b) In 2. sent. dist. 40. q. 1. art. 5. *Cum charitas imperet omnibus virtutibus... oportet, ut quidquid ordinatur in finem alicujus virtutis, ordinetur in finem charitatis, & cum omnis actus bonus (id est natura sua virtuosus) ordinetur in finem alicujus virtutis, in finem charitatis ordinatus remanebit, (in habente charitatem) & ita meritorius erit.*

„ he de necessidade, que tudo o que se dirige
 „ ao fim de alguma virtude, seja tambem diri-
 „ gido ao fim de charidade; e como toda a
 „ acção boa (isto he, virtuosa por sua nature-
 „ sa) se dirija ao fim de alguma virtude, tam-
 „ bem ficará (em quem tem a charidade) diri-
 „ gida ao fim da charidade, e por consequencia
 „ será meritoria. „ Nestes dois casos a rela-
 ção, que S. Thomaz chama *actual*, he a mes-
 ma, a que os Theologos modernos chamaõ
virtual. Porquanto, diz o S. Doutor no lu-
 gar acima citado, o peccado venial exclue a
 relação e direcção *actual*. „ O peccado venial,
 „ diz elle (a), não exclue a direcção *habitual*
 „ da acção humana para gloria de Deos, mas
 „ tamfõmente a *actual*. Porem a falta da rela-
 ção *actual*, segundo os Theologos modernos,
 não induz peccado venial. Logo o S. Doutor
 na relação *actual* encerra tambem a *virtual*,
 segundo acima fica explicado. E isto se vê cla-
 ramente pelo modo, com que elle se explica
 na sua Summa, que he a ultima, e a mais esti-
 mada das suas obras: porque em outras partes
 tambem dá outras significações á sua relação
actual e *habitual*; e na questão 2.^a da *virtude* faz
 expressa menção da *actual*, *virtual* e *habitual*.
 Porem he de advertir que aquillo, a que elle
 alli chama *relação virtual* he hum certo não
 sei que meio, que se dá entre a relação *habi-
 tual* e *actual* acima explicadas, o qual meio
 não he huma nem outra; porque, como elle
 diz, *he encerrado no preceito da charidade*; o
 que o S. Doutor na sua Summa attribue unica-
 mente á relação *habitual*, e alli a explica em
 hum

(a) Loc. supr. cit.

hum sentido, que vem a dar na *relação actual*, tomada no segundo sentido e maneira, que acima explicamos, e vem nas palavras do mesmo S. Doutor nas not. (a. b.) (a). Para tudo isto ficar mais palpavel pomos aqui as palavras do mesmo Santo (b). „ Deve-se dizer que não he „ possível nesta vida referir tudo a Deos, de „ sorte que se cogite sempre de Deos; pois „ isto só compete á perfeição da patria. Porem „ o referir *virtualmente* (*virtute*) tudo a Deos, „ isto compete á perfeição da charidade, á qual „ todos estão obrigados. Para boz intelligencia do „ que, se deve advertir, que assim como nas „ causas efficientes a virtude da primeira causa „ permanece em todas as causas seguintes, as- „ sim tambem a intenção do principal fim *vir- „ tualmente* (*virtute*) permanece em todos os „ fins secundarios. Donde se segue, que aquelle „ que *actualmente* tem na intenção algum fim „ secundario, *virtualmente* (*virtute*) tem na „ sua intenção o fim principal: do mesmo mo- „ do que o medico, o qual colhendo *actual-*
 „ *men-*

(a) In 2. sent. dist. 40. ubi supra: & Quæst. de malo ubi supr.

(b) Dicendum quod omnia refertur in Deum non est possibile in hac vita, quod semper de Deo cogitetur; hoc enim pertinet ad perfectionem patriæ. Sed quod omnia virtute referantur in Deum, hoc pertinet ad perfectionem charitatis, ad quam omnes tenentur. Ad cuius evidentiam notandum est, quod sicut in causis efficientibus virtus primæ causæ manet in omnibus causis sequentibus; ita etiam intentio principalis finis virtute manet in omnibus finibus secundariis. Unde quicumque intendit actu aliquem finem secundarium, virtute intendit finem principalem; sicut medicus dum colligit herbas actu intendit conficere potionem, nihil fortassis cogitans de sanitate, virtualiter tamen intendit sanitatem, propter quam potionem dat. Sic igitur cum aliquis se ipsum ordinat in Deum sicut in finem, in omnibus, quæ propter se ipsum facit, manet virtute intentio ultimi finis, qui est Deus. Unde in omnibus mereri potest, si charitatem habeat. Hoc igitur modo præcepit Apostolos, quod omnia in Dei gloriam referantur.

„ mente as hervas , *actualmente* intenta fazer a
 „ bebida , talvez nem ainda lhe passando pelo
 „ entendimento a cura , e comtudo *virtualmen-*
 „ *te* a intenta , dando para esse fim a bebida.
 „ Pelo que quando alguém se dirige a Deos
 „ como ao seu fim , em tudo aquillo , que obra
 „ por amor de si , sempre permanece *virtual-*
 „ *mente* a intenção do ultimo fim , que he Deos.
 „ E assim pode merecer em todas as cousas ,
 „ tendo a charidade. *Deste modo pois he que*
 „ *manda o Apostolo* que refiramos todas as cou-
 „ sas á gloria de Deos.

E no mesmo lugar na resposta ao terceiro
 argumento , diz assim : „ Huma cousa he refe-
 „ rir a Deos habitualmente , e outra virtual-
 „ mente. Refere habitualmente a Deos (*advir-*
 „ *ta-se aqui huma diferente significação da rela-*
 „ *ção habitual*) , ainda aquelle mesmo que na-
 „ da obra , e que na sua intenção *actualmente*
 „ nada tem , como he o que dorme. Porem o
 „ referir alguma cousa a Deos *virtualmente* he
 „ proprio *do que obra* por fim , dirigindo a Deos.
 „ E assim referir a Deos habitualmente não he
 „ de preceito ; (*confronte-se isto com a 1. 2. q. 88.*
 „ *art. 1. ad 2*) referir porem a Deos *virtual-*
 „ *mente* he do preceito da charidade (a).

Quiz advertir aqui tudo isto , para se terem
 á mão todas as chaves competentes , para se en-
 trar

(a) *Aliud est habitualiter referre in Deum, & aliud virtualiter. Habitualiter enim refert in Deum (advirta-se a diferente significação da relação habitual) etiam qui nil agit, nec aliud actualiter intendit, ut dormiens. Sed virtualiter aliquid referre in Deum est agentis propter finem ordinantis in Deum. Unde habitualiter referre in Deum non cadit sub præcepto, (confronte-se com a 1. 2. q. 88. art. 1. ad 2.) ; sed virtualiter referre in Deum cadit sub præcepto charitatis. Quæst. 2. de virtute art. 2. ad 2.*

trar no verdadeiro sentido do Santo Doutor. E tambem para que fique palpavel, que os termos Escolasticos, de que se serve o S. Doutor em hum sentido, e pelos outros em outro, e ainda por elle mesmo variamente, são as causas da obscuridade, que se derramou em huma tão importante materia. E porisso nos Catecismos he preciso que se use, quanto mais poder fer, de huma linguagem, que seja natural e popular.

Recopilando agora em poucas palavras a doutrina, que S. Thomaz ensina na sua Summa, dizemos: Que a relação *habitual* he bastante, para se não peccar mortalmente; Que a relação *actual mediata*, que se chama virtual, he necessaria para não peccar venialmente, e bastante para merecer: Que a relação *actual immediata* não he necessaria, nem para não peccar, nem para merecer; he porem muito util para fazer a acção mais perfeita, e mais semelhante á vida futura.

§. XIX.

Outra difficuldade acerca de S. Thomaz: em que sentido ha obrigação de referir as acçoens a Deos, logo desde o primeiro uso da razão.

ESTABELECIDA com a doutrina de S. Thomaz a obrigação de referir as acçoens a Deos, se vai dar naturalmente na questão, de quando he que começa esta obrigação. Pertende-se communmente que S. Thomaz ensina começar esta obrigação, *debaixo de culpa grave*, desde o primeiro uso da razão, e isto *sem excepção alguma de pessoas*. He-lhe attribuido este sen-

sentimento não só por muitos Theologos, que o seguem, mas também por muitos outros, que rejeitam este parecer do S. Doutor, como rigoroso. Desejo pois outra vez, que se me permita dizer também aqui o meu fraco parecer com toda a veneração, que he devida a tão grandes homens. Portanto parece-me que para entender bem o sentimento do Angelico Doutor, he necessario usar de huma distincção: A qual he: Começa esta obrigação debaixo de culpa grave desde o primeiro uso da razão no menino, que *naõ tem a churidade*, por se achar ainda com o peccado original, *concedo*: porem no menino *baptizado*, e que tem a charidade, que lhe foi infundida, e a conserva, *nego*. Esta resolução nasce do mesmo titulo da questão, que he agitada por S. Thomaz no lugar, que se allega a favor deste seu sentimento: *Se por ventura*, diz elle (a), *o peccado venial se pode dar em alguem tamfõmente como peccado original?* O Santo Doutor resolve, segundo costuma, com a negativa, fundado neste solido raciocinio. „ Antes que o menino chegue ao uso da „ razão, diz elle (b), *naõ pecca nem venial-* „ *mente, nem mortalmente. Porem chegando* „ *á idade de peccar, a primeira cousa, em que* „ *deve cuidar, he na escolha do fim, a que de-* „ *ve dirigir todas as suas acçoens futuras. E* „ *assim se elle entaõ escolhe o verdadeiro fim* „ *que*

(a) 1. 2. q. 89. art. 6. *Utrum peccatum veniale possit esse in aliquo cum solo peccato originali.*

(b) Ib. *Si quidem se ordinaverit ad debitum finem, per gratiam consequetur remissionem originalis peccati. Si vero non ordinet seipsum ad debitum finem, secundum quod in illa ætate est capax discretionis, peccabit mortaliter.*

„ que he Deos , Deos lhe dará a graça para
 „ conseguir a remissão do peccado original. Se
 „ não obrar assim , segundo a sua capacidade ,
 „ e não se dirigir ao devido fim , peccará mor-
 „ talmente. „ Pelo que transportar aquillo ,
 que o Santo Doutor ensina a respeito do meni-
 no , que se acha ainda no peccado original ,
 para o menino , que he baptisado , e está livre
 do peccado original , he fazer-lhe dizer o que
 elle não diz : por quanto o menino baptisado
 tem já a charidade infusa , e porisso se acha já
 dirigido ao seu ultimo fim. E he hum princi-
 pio este , que o S. Doutor em toda a parte , e
 constantemente inculca , a saber (a) : *He certo ,*
diz elle , que aquelle , que tem a charidade , se
dirigio , e todas as suas cousas a Deos , a quem se
acha unido , como ao seu ultimo fim. A' vista
 disto he certo , que tambem no menino baptisa-
 do principia , desde o primeiro uso da razaõ , a
 obrigação de se referir e todas as suas acçoens
 a Deos seu ultimo fim ; porem como elle ja
 tem a direcção e relação habitual , a qual basta
 para o livrar de peccado mortal , como acima
 se disse , porque tem a charidade ; porisso
 não tem obrigação grave de produzir hum acto
 expresso de direcção para Deos , nem a omissão
 deste acto expresso he nelle mortal. Por essa ra-
 zaõ basta , que elle desde aquelle ponto se dei-
 xe conduzir pelo habito da charidade , não
 obrando cousa alguma , que seja destructiva da-
 quella relação e direcção , que nelle já se acha ,

co-

(a) Quæst. 2. de malo art. 5. ad 2. *Constat , quod ille , qui ha-
 bet charitatem , se & omnia sua ordinavit in Deum , cui inhaeret , ut
 ultimo fini.*

como seria, se elle cõmettesse alguma especial culpa grave, como diz o mesmo S. Doutor (a). Espero que haja de ser grata esta minha observação, a qual tende, não só a purgar o Angelico Doutor da imputação de hum sentimento, que seria demasiadamente severo; mas tambem a tirar as anxiedades, que hum tal sentimento, se se espalhasse pelo povo, poderia causar aos fieis.

§. XX.

Resolve-se a questão, de quando ha obrigação dos actos das virtudes Theologaes debaixo de culpa grave.

ESTABELECIDOS, e com bastante solidez fundamentados os principios até aqui expostos, parece agora mais que nunca facil o resolver a questão tão intrincada, e que até ao presente tem posto em suspenção, e em contrariedade os Theologos; a saber, qual he a frequencia dos actos das virtudes Theologaes, a que estão obrigados os Christãos por preceito divino. Para isto basta distinguir duas sortes de Christãos: huns tementes a Deos, e que de ordinario vivem na sua graça: outros pouco dignos deste nome, e que vivem de ordinario em peccado mortal. E assim se todos os actos do culto verdadeiramente christão, e da justiça christã são verdadeiros actos das virtudes Theologaes, e se alem disso he hum exercicio proprio daquellas mesmas virtudes o referir todas as acçoens

a

(a) Ib. *Nisi impediatur per aliquam inordinationem actus, qui non sit referibilis in Deum.*

a Deos, bem se vê á primeira vista o que se deve dizer, tanto dos bons Christãos, como dos que são máos.

Em quanto aos bons, eu não vejo qual seja a razão porque se devão inquietar as suas consciencias, suscitando-lhes duvidas sobre o cumprimento deste preceito. Porque 1.º o culto que dá a Deos he christão e frequente: pois elles fazem oração todos os dias, e rezaõ o Symbolo, e a oração Dominical: ora, segundo S. Agostinho, o Symbolo he formula expressa da fé, e a oração Dominical tambem he formula expressa da esperança e charidade: *Tens o Symbolo, diz elle, e a oração Dominical . . . Nestas duas cousas bem vês que se achão aquellas tres cousas, (a saber, a fé, a esperança, e a charidade). A fé crê, a esperança e a charidade oraõ. Porem esta e aquella não pôdem estar sem a fé, e porisso tambem a fé ora (a)*. Assistem alem disso os bons Christãos não só nos Domingos, mas nos dias de festa pelo menos, aos divinos mysterios: ouvem piamente a palavra de Deos, meditaõ-na, lem-na, e fallaõ della: participaõ devotamente dos Sacramentos: adoraõ a Eucharistia, veneraõ as sagradas imagens, respeitaõ as pessoas, os lugares, e as cousas consagradas ao culto divino: 2.º A sua justiça he christãa, porque guardaõ os Mandamentos com hum coração filial: rebatem os ardentes dardos do maligno com o escudo da fé, com o capacete da esperança, e com a coiraça da charidade: reprimem

I

OS

(a) Enchirid. c. 7. *Ecce tibi est Symbolum, & Dominica oratio . . . In his duobus illa tria intueve (scilicet fidem, spem, & charitatem). Fides credit, spes, & charitas orant. Sed sine fide esse non possunt, ac per hoc & fides orat.*

os movimentos da concupiscencia e da ira : perdoão as injurias : dão esmolas : supportaõ com paciencia os trabalhos : fechaõ os olhos aos objectos perigosos do mundo , e os ouvidos aos seus discursos , ás suas maximas , aos seus convites , ás suas ameaças : 3.º Referem a Deos as suas occupaçoens , que são de ordinario virtuosas , empregando-se nas obrigaçoens do seu estado , para fazerem a vontade de Deos : comem , bebem , dormem , e recreaõ-se com sobriedade , e com hum fim virtuoso. Que perigo pois ha que este exercicio da sua fé , esperanza , e charidade não seja bastantemente frequente , para se não fazerem réos de culpa grave ?

A duvida pois que resta he acerca dos Christãos desordenados , que vivem na desgraça de Deos. Porem ainda a respeito destes he facil a resoluçãõ. Porquanto :

1.º He certo que faltaõ gravemente á obrigaçãõ de exercerem a charidade , todas as vezes que cedem á tençãõ de modo que cõmettaõ qualquer peccado mortal , como de odio , furto &c. Pois he certo , pelo que fica acima dito , que o preceito da charidade obriga a referir a Deos todas as cousas , ao menos com huma relaçaõ , e direçaõ habitual. Veja-se a passagem de S. Thomaz citada no §. XVI (a). Ora esta relaçaõ , como alli se disse , he tirada pelo peccado mortal. Veja-se tambem o Capitulo 68 do Enchiridio. E porisso faltaõ igualmente á obrigaçãõ do exercicio da fé , e da esperanza ; e porisso he celebre o dito de S. Agostinho , que os pecados mortaes são aquelles , os quais *não faz o Christão*

(a) 1. 2. q. 88. art. 1. ad 2.

ção de boa fé, e de boa esperança (a). Veja-se o que já dissemos acima, especialmente nos §§. IX. X. e XI.

2.º E ainda suppondo que o peccador, constituido na desgraça de Deos, passe *hum tempo consideravel* sem cometer expressamente algum novo peccado mortal contra algum preceito particular; ainda assim mesmo he certo que falta á obrigação geral da charidade, que o obriga a não dilatar a sua conversão para Deos, e a restabelecer a sua direção essencial para o ultimo fim, caso que se não converta e restabeleça a direção essencial, ou ao menos não procure converter-se, e restabelecer-se na direção essencial para Deos. Nisto concordão todos os Theologos; bem que ainda neste ponto importantissimo, como he de costume, se suscitam disputas sem fim para se determinar, que tempo he o que se deva chamar *consideravel*, a fim de obrigar debaixo de *culpa grave*.

Para proceder-mos com a clareza possivel, e exactidão necessaria, devemos advertir que huma cousa he o justificar-se o peccador não só com a dor e arrependimento do peccado, mas tambem com a confissão; outra he o justificar-se só com a contrição perfeita, e com o proposito de se confessar: e emfim outra cousa he o depor o affecto ao peccado mortal, isto he, a vontade de perseverar nelle, e procurar dispor-se para huma dor efficaz, e por esse meio para huma boa confissão.

S. Thomaz seguido pelo cômum dos Theo-
1 2 lo-

(a) S. Aug. Serm. 181. n. ult. *Non facit bonæ fidei & bonæ spei Christianus.*

logos , he de parecer (a) que *suppondo o peccador já justificado com a contrição perfeita , e com o proposito de confessar-se , encerrado na contrição , elle comtudo está obrigado effectivamente a confessar-se logo , isto he , assim que pôde ; mas que pôde deferir isso até ao tempo em que o preceito Ecclesiastico obriga á confissão annual.* Porem a S. Boaventura parece-lhe este tempo demasiadamente tardio (b): *Porquanto , diz elle , não parece estar verdadeiramente contrito aquelle , que traz por tanto tempo a ferida do peccado occulta. Destes pois geralmente dizer , que pôdem deferir isso até á Pascoa , he cousa perigosa.* Porem esta questãõ he mais metafisica , do que pratica ; pois , como vimos , o Doutor Angelico suppõe por outra parte , que o peccador se acha já justificado com a contrição. Porisso por huma parte será difficuloso encontrar hum peccador de tal fórte contrito , isto he , despedaçado , e quebrado com a dor das suas culpas , que possa estar moralmente certo de haver entrado na graça de Deos , o qual ao mesmo tempo , vista a copia de confessores que hoje ha , queira esperar até á Pascoa para se confessar : e por outra parte S. Thomaz , porisso mesmo que he muito incerto o conhecer a verdadeira contrição , aconselha , segundo affirma S. Antonino , que se não deva deferir a confissão. „ *Acrefcenta* „ S. Thomaz , diz S. Antonino (c) , que posto „ que

(a) In 4. Sent. dist. 17. q. 3. art. 1.

(b) *Non enim videtur vere contritus , qui tam longo tempore peccati vulnus portat occultum. De his igitur generaliter asserere , quod possunt usque ad Pascha differre , videtur periculosum.*

(c) 3. part. l. 14. c. 18. §. 2. *Addit Thomas , quod quamvis non teneatur quis statim confiteri ex necessitate , bonum est tamen & consulendum non differre : & præcipue quia quamvis doluit de peccato , nescit tamen si est dolor sufficiens ad contritionem.*

„ que hum não esteja obrigado a confessar-se
 „ logo por necessidade, comtudo he bom, e se
 „ deve aconselhar o não deferi-lo: e muito
 „ principalmente *porque*, posto que tenha pesar
 „ do peccado, *comtudo não sabe se a dor he suffi-*
 „ *ciente para a contrição.* „

Pelo que toca á obrigação de procurar logo a justificação ao menos com a contrição, e proposito de confessar-se a seu tempo, S. Thomaz diz claramente, que isso he fóra de toda a duvida. „ *He cousa clara*, diz elle (b), *que nem*
 „ *ainda por hum pequeno espaço de tempo he lici-*
 „ *to demorar-se no peccado; e porisso qual-*
 „ *quer tem obrigação de deixar logo o peccado,*
 „ *segundo aquelle dito do Ecclesiastico, 21: Foge*
 „ *do peccado como da vista da cobra.* „ Este he tambem o parecer de S. Antonino, de S. Boaventura, de Alexandre de Hales, de Guilherme Parisiense, e de outros celebres antigos, e igualmente de muitos modernos, muito doutos, nos quais entra o Cardenas Probabilista moderado. Comtudo muitos ha, que olhaõ este sentimento como riguroso, e porisso faõ de differentes pareceres em determinarem o tempo, em que insta a obrigação de justificar-se.

Não toca a este lugar o decidir quem he que tem razaõ, mas sim o de estabelecer huma decisaõ, a qual, ao meu parecer, ninguem com razaõ poderá rejeitar. Portanto julgo que se devem primeiro explicar bem os termos *logo (statim)* e o termo *contrição (conteri)*. Pela
 pa-

(a) *Manifestum est, quod nec per modicum tempus licet in peccato morari; sed quilibet tenetur peccatum statim desinere, secundum illud Ecclesiastici, 21: Quasi a facie colubri fuge peccatum.*

palava *logo* (*statim*) pode-se entender hum *logo fisico*, isto he, aquelle primeiro instante, immediato ao cometer o peccado, e tambem se pôde entender hum *logo moral*, isto he, hum tempo breve. Pelo que assim como a obrigação de pagar huma divida grave começa logo desde o ponto fisico do tempo, em que a divida começa a ser verdadeira divida, porem não se falta gravemente a esta obrigação, senão quando a dilação principia a ser notavel, e porisso tem acabado o *logo moral*; do mesmo modo a obrigação de se converter a Deos começa sem duvida do ponto fisico, em que se peccou, porem não se falta gravemente a essa obrigação, senão quando a dilação começa a ser notavel, e porisso tem expirado o *logo moral*. Este he em substancia o parecer dos melhores modernos: e isto basta para tirar o inconveniente, que se suscita por huma multiplicação infinita de peccados mortaes, tomando o *logo* (*statim*) por hum momento e instante fisico. A dilação não he peccado grave, senão quando he notavel: e se for grande e enorme, não será, como adverte Sôto, os peccados innumeraveis, mas será sim hum só peccado grave, e enorme. *O ter contrição* (*conteri*) tambem se pôde tomar de dois modos. Pôde-se tomar por huma *contrição principia*, que seja sufficiente para tirar o affecto ao peccado, e pôr no coração do peccador hum desejo sincero de se converter a Deos, pelo qual o peccador, postoque ainda não tenha as forças sufficientes para vencer o máo habito, para largar as amizades nocivas, para se desembaraçar das occasioens, e para amar o inimigo; comtudo pede a Deos, por meio de oraçoens

çoens, estas forças, e cuida em conseguilas por via das mortificaçoens, das esmolas, e de outros exercicios de piedade, com os quais *se vai preparando para a justiça*: e tambem se pôde tomar por huma *contrição completa*, a qual o constitue effectivamente na justiça. Direi pois que não obriga o preceito da charidade a recuperar logo a justiça, isto he, a ter aquella contrição perfeita, nem ainda no *logo moral*, quero dizer, dentro de poucos dias. Porquanto poderse-ha dizer, que se pôde sempre ter huma tal contrição? Não diz a Escritura, que *os mãos difficulosamente se corrigem?* (a) Não diz o Catecismo Romano que *muito poucos* chegam a tê-la? Não he o proceder ordinario da graça o converter os peccadores pouco a pouco? Não he prova disto mesmo a pratica dos mais florescentes seculos da Igreja, nos quais não se reconciliavaõ os peccadores, senão depois de dilatados exercicios de penitencia? Porem que se não deva *logo moralmente começar ao menos a conversão*, apartando o coração do affecto do peccado, procurando com os exercicios da penitencia christãa, e especialmente com a oração, dispôr-se para ter huma compunção sufficiente ao menos com a confissão, a fim de recuperar a graça divina; isso parece-me hum erro expresso contra a doutrina clara, e constante das Escrituras divinas, e dos Padres. *Foje o peccado, como quem foje da vista da cobra*, he a passagem ja allegada por S. Thomaz. Porventura as cobras conservaõ-se no seio, ou botaõ-se logo fóra com asco, e horror? *Não dilates, converte-te para o*
Se-

(a) Ecclesiastic. 1. v. 15. *Perversi difficile corriguntur.*

Senhor, nem vós deferindo de dia em dia, he ainda mais terminante e expresso. Semelhante a esta passagem he a do Salmo, que diz: *Se ouvires hoje a voz do Senhor, não queiras endurecer o teu coração.* Como tambem o outro lugar do Salmo: *Filhos dos homens, até quando tereis o coração gravado... Irai-vos, e não pequeis. Repassai em socego o que haveis obrado, e compungi-vos. Offerecei ao Senhor Sacrificios de justiça: ao que he semelhante: O sacrificio para Deos, he hum espirito atribulado:* e S. Paulo fazendo o commento disto, diz (a): *Eu pois vos advirto, e vos esconjuro pelo Senhor, que não vivais mais como os Gentios, que seguem a vaidade dos seus pensamentos; que tem o entendimento cheio de trevas, que estão inteiramente alienados da vida de Deos... Renovai-vos no interior da vossa alma, e revesti-vos do homem novo... Se vos irardes, seja sempre peccar: e não se ponha o Sol sobre a vossa ira: não deis lugar ao diabo (b).* Porisso se diz; *Levanta-te, tu, que dormes, e sabe d'entre os mortos.* Finalmente a que se encaminha, se não a isto, a vigilancia christãa tão recômmendada no Evangelho, como se vê em S. Mattheus (c): *Vigiai, pois não sabeis em que hora ha de vir o vosso Senhor? ... e porisso estai aparelhados.*

Não são menos fortes as passagens dos Padres. Ouçamos S. João Chrysofomo (d): *O cahir não he tão grave, diz elle, como depois de cahir deixar-se jazzer, e não se levantar; como, estando voluntariamente apegado ao mal, encobrir a frouxi-*

(a) Ad Eph. c. 4. (b) Ib. c. 5. (c) Cap. 24.

(d) Paræn. ad Theod. Laps. n. 6. *Non enim cecidisse grave est, sed lapsum jacere; nec resurgere: sed malis ultro bærentem, & torpentem desperatis cogitationibus propositi imbecillitatem tegere.*

xidaõ do proposito com consideraçoens de desalento e de desesperaçãõ. E em outro lugar diz allim (a): O cabir naõ he o que ha de mais grave na peleja, mas sim o deixar-se ficar cabido: naõ he taõ pernicioso o ser ferido, como depois de receber a ferida desampara-la, e naõ fazer caso da chaga. E na Hom. sobre S. Mattheus (b) diz allim: Quando tens offendido alguem metes por intercessores os amigos, os visinhos, os familiares, fazes gastos, consomes dias em frequencias e supplicas: e postoque huma, duas, e seiscentas vezes sejas repellido por aquelle, que offendeste, comtudo naõ desmaias, antes mais desvelado reduplicas as supplicas. Quando porem Deos, o Senhor de todas as cousas, he offendido, ficamos indifferentes, naõ fazemos caso disso, vivemos nos prazeres, embebedamo-nos, e fazemos o mais que tinhamos por costume: e quando he que o poderemos aplacar? E naõ advertimos que desse modo mais o irritamos? Porquanto o que provoca mais a ira e indignaçãõ, naõ he tanto o peccado, como o naõ ter pezar, e arrependimento do peccado. Vejaõ-se tambem as passagens que traz o Concina (c): como tambem Natal Alexandre (d).

(a) Paræn. 2. n. 1. Non est grave certantem cadere, sed in lapsu manere: non est perniciosum vulnerari, sed post inflictum vulnus desperare, & plagam negligere.

(b) Hom. 14. n. 4. Tu, cum hominem offenderis, amicos, vicinos, et ostiarios rogas, pecunias expendis, dies insumis in accedendo et supplicando: etiamsi semel, bis, sexcentique ab offenso repulsam tuleris, non concidis, sed magis sollicitus supplicationes adauges. Cum vero universorum Deus offensus est, oscitamus, negligimus, deliciamur, inebriamur, et pro solito more omnia facimus: et quandonam illum placare poterimus? quomodo non eo ipso magis irritemus? Non dolere enim de peccato magis ad indignationem, et iram ipsum provocat, quam ipsum peccatum.

(c) Tit. 1. Diff. 4. de Char. c. 10. §. 2. n. 18. & 21.

(d) L. 3. de peccat. c. 12. art. 3. Reg. 7.

§. XXI.

Em todos os Domingos e dias festivos tem obrigação o peccador de depor o affecto ao peccado mortal, e principiar ao menos a sua conversão.

O *Logo moral*, de que acima fallamos, se acha determinado por Deos em todos os Domingos, e dias de festa, que a Igreja acrescentou. Pois he certo que o peccador, como tambem o justo, estão obrigados *debaixo de peccado grave* a santificarem os Domingos, e dias de festa. Ora he tambem certo que o peccador os não pôde santificar sem depôr o affecto ao peccado mortal, e começar ao menos a amar a Deos, como fonte de toda a justiça. Não pôde pois o peccador dilatar mais que até ao Domingo, ou Festividade, que se seguir ao seu peccado, o principio da sua conversão.

Digo que he certo não se poderem santificar pelo peccador os Domingos, e dias de festa, sem depôr o affecto do peccado, e começar ao menos a sua conversão com hum principio de amor de Deos: Porquanto, postoque eu bem saiba, que ha Casuistas, que não fundão as suas resoluçoens nem na divina Escritura, nem na Tradição, e porisso resolvem differentemente; comtudo devemos antepôr aos discursos humanos a authoridade divina, e preferir a verdade, ensinada em os documentos celestes, ás ideas falsas, que devem a sua origem á impressão dos abusos.

Merece sem duvida ser lido nesta materia Natal Alexandre (a), pois no lugar, que eu

(a) L. 4. de Decal. c. 5. art. 1 & 2, & art. 6. Reg. 5. 9, & in Epist. 78, alias 53.

cito, ensina, como grande Theologo que he, tudo o que eu pertendo, e o estabelece com os mais bellos textos da Escritura e dos Padres; os quais, para me não dilatar aqui, poderá o Leitor hir alli procurar. Isto não obstante para contentar o Leitor trasladarei aqui a substancia.

1.º He certo que as Festas celebradas pelos Hebreos não eraõ agradaveis a Deos, antes lhe eraõ abominaveis: e do mesmo modo o eraõ os sacrificios, e as ceremonias sagradas, com que os Hebreos celebravaõ as Festas. Isto se acha exprimido com muita força em Isaías, Jeremias, Amós, e Malachias. Isaías principia deste modo (a): *Ouvi a palavra do Senhor, ô Princeses dos Sodomitas: escutai, ô povo de Gomorra, a lei do nosso Deos.* Como se dissesse: Entendeio de huma vez bem Chefes do povo, e vós todos os do povo: vós postoque sejaes o povo de Deos, sois comtudo pela vossa obstinação no peccado, como outro povo de Sodoma e de Gomorra; sois hum povo amaldiçoado de Deos, e que não pôde esperar outra cousa mais, do que hum total exterminio. Capacitai-vos por huma vez bem do verdadeiro sentido da Lei divina, na qual vos he mandada a observancia das Festas, e nellas a celebração dos Sacrificios, e das santas ceremonias. Este principio he forte: vejamos a continuacão: „ *Não offer-*
 „ *çais mais o Sacrificio de balde: o vosso incen-*
 „ *so he para mim huma abominação. Não tole-*
 „ *rarei mais a Neomenia e o Sabbado, e as mais*
 „ *festividades: os vossos congressos são iniquos.*
 „ *A minha alma detesta as vossas calendas &c.*

„ (a) „

(a) Cap. 1. v. 10. *Audite verbum Domini, Principes Sodomorum: percipite auribus legem Dei nostri, populus Gomorrhæ.*

„ (a). „ Do mesmo modo fallão Jeremias (b) ; Amós (c), e Malachias (d).

Ora he certo que aquellas festas e sacrificios, não por outra razão eraõ abominaveis a Deos, senão porque os Hebreos celebravaõ aquellas festas, e sacrificios em peccado mortal, e sem alguma detestação delle, e sem desejo de honrarem a Deos do coração. Isto he o que declaraõ aquelles Santos Profetas com huma clareza tal, que não admitte duvida alguma. Eis aqui a razão que allega Isaias (e): *As vossas mãos estaõ cheias de sangue. Lavai-vos, e purificai-vos: apartai dos meus olhos a maldade dos vossos pensamentos: cessai de obrar perversamente: aprendei a obrar e fazer o bem.* Veja-se mais o mesmo Isaias em outro lugar (f): como tambem Jeremias (g): Amós (h), e Malachias (i).

E assim deve-se ter por cousa certa, que os dias festivos celebrados pelos mãos Christãos, que se achão não só em peccado mortal, mas que tem a vontade de continuarem no mesmo peccado, são abominaveis diante de Deos. E por isso tem obrigação de os santificarem, ao menos principiando a sua conversão.

2.º As festas não se podem santificar sem assistir á Missa como convem. Assistir a ella com o corpo, e ainda mesmo com huma attenção
ma-

(a) *Ne offeratis ultra sacrificium frustra; incensum abominatio est mihi: Neomenia, et Sabbatum, et festivitates alias non feram: iniqui sunt coetus vestri. Calendas vestras odivit anima mea.*

(b) C. 6. & 7. (c) Cap. 5. (d) Cap. 2.

(e) *Manus enim vestrae sanguine plenae sunt. Lavamini, mundi estote: auferte malum cogitationum vestrarum ab oculis meis: quiescite agere perverse: discite benefacere.*

(f) C. 58. v. 13. 14. (g) Cap. 7. (h) C. 5. v. 14. 15. 21. e seg. (i) C. 2. v. 1. e seg.

material do entendimento, não he sufficiente. O coração he, que de *algum modo* se deve unir a Deos; se quizermos ser, não como o povo Judaico reprehendido por Isaias, e por JESVS Christo nestas palavras: *Este povo honra-me com os labios, porem o seu coração se acha de mim afastado*; mas sim como os verdadeiros adoradores, que adoraõ o Pai em espirito e verdade. O coração do peccador que deseja converter-se a Deos, postoque ainda não esteja unido a elle, ao menos vai-se-lhe aproximando: hum tal peccador appresenta-se justamente no Templo á maneira do Publicano, e estando ainda ao longe clama a Deos: *Deos sêde propicio a este peccador*: e verdadeiramente applica ás suas chagas o santo sacrificio de propiciacão, que se offerece pela salvaçãõ dos peccadores. O coração porem do peccador, que he contumaz, está muito longe disto. Tudo o que se faz na Missa está convencendo ao peccador impenitente, de que elle não tem naquillo parte alguma. Por quanto a confissãõ humilde dos peccados, a absolviçãõ geral, e as oraçoens que se dizem, antes de subir ao altar o Sacerdote, como tambem as que se seguem, quando elle sobe ao mesmo altar, e igualmente o jubilo dos Graduæes, o pranto dos Tractos, a leitura dos documentos Apostolicos e Evangelicos, a profissãõ publica da fé, a oblaçãõ dos dons sagrados; tudo isto, digo, que cõnexãõ e relaçãõ pôdem ter com hum peccador contumaz, o qual não se accusa com detestaçãõ de haver peccado, que não cuida na absolviçãõ, que não pede o ser vivificado, que não he capaz de alguma santa alegria, nem se acha tocado de triilteza alguma, que santa seja; que re-

siste

ziste aos conselhos e preceitos dos Apostolos e do Evangelho, que confessa conhecer a Deos só com a boca, porem o nega com as obras, que não concorre á Missa para dar a Deos, o que elle só agradece, que he hum coração contrito e humilhado? Porem como poderá elle ter parte no que ha de mais intimo naquelles augustos misterios?

Como poderá responder *amen* á oração secreta do Sacerdote? Como poderá responder, sem mentir, que tem o coração elevado a Deos, quando o Sacerdote o excita dizendo-lhe, *que levante o coração para Deos?* Como poderá misturar a sua voz com a dos Cherubins, e Serafins para cantar com elles *o Santo, Santo, Santo?* Como poderá meter-se no numero daquelles, dos quais diz o Sacerdote: *pelos quais te offerecemos, ou que te offerecem este Sacrificio de louvor, pela redempção das suas almas?* Porem ouçamos do Veneravel Cardeal Bellarmino o como poderá o peccador concorrer á Missa, para dizer com o Sacerdote e mais fieis, a oração Dominical: ,, Se não deseja, diz elle, a graça
 ,, da conversão, nem a pede do coração, mas
 ,, ou sómente óra com os labios e por costume,
 ,, ou, o que he peior, para ser visto dos ho-
 ,, mens; não só nada alcança, mas de mais a
 ,, mais a sua oração lhe he imputada a peccado,
 ,, pois mente em quasi todas as petições. Por-
 ,, que como pôde dizer *Padre Nosso* aquelle,
 ,, que não quer ser filho? E que *seja santificado*
 ,, o teu nome, quando por elle he blasfemado o
 ,, nome de Deos? E que *venha o teu reino*, ao
 ,, mesmo tempo que nada mais teme, do que a
 ,, sua vinda? E que *se faça a tua vontade*, quan-
 ,, do

„ do elle não faz a vontade de Deos, mas tam-
 „ sômente a sua? (a). „

3.º O repouso da festa, significado pela pala-
 vra Hebraica *Sabath*, não deve ser hum repou-
 so Judaico, e porisso detestado por Deos, mas
 sim hum repouso verdadeiramente christão, e
 santo. Porque de outro modo que cousa ha,
 que seja mais inepta e desordenada, do que fa-
 zer parar as obras manuaes, santas em si, re-
 cômendadas pelo Apostolo, praticadas pelos
 Monges no meio do seu retiro e oraçoens, uteis
 á sociedade, necessarias ás familias, uteis para
 fugir o ocio, pai dos vicios; não se empregan-
 do hum tal repouso em cousas melhores, e
 mais santas, quais são ouvir e meditar a pala-
 vra divina, fazer oraçoão, receber os Sacramen-
 tos; em huma palavra, não empregando hum
 tal repouso, em faze-lo hum verdadeiro re-
 pouso da alma, que he o verdadeiro Sabatismo
 espiritual? Ora que cousa ha, que mais con-
 traria seja a este repouso, do que permanecer
 no affecto ao peccado mortal? Humas poucas
 de horas empregadas em trabalhar, violaão o dia
 de festa, porque he impeditivo do recolhimen-
 to, e repouso espiritual mandado por Deos;
 postoque os Monges nos hajaão ensinado com o
 seu exemplo, que aquelle trabalho se pôde mui-
 to bem conciliar com o recolhimento e repouso
 espi-

(a) Bellarm. *Si non cupit gratiam conversionis, nec ex ani-
 mo illam petit, sed vel orat solis labiis, & consuetudine, vel
 quod gravius est, ut videatur ab hominibus, non solum nil im-
 petrat, sed etiam ejus oratio fiet in peccatum, cum in singulis se-
 re petitionibus mentiatur. Quomodo enim potest dicere: Pater
 noster, qui non vult esse filius? & sanctificetur nomen tuum,
 per quem nomen Dei assidue blasphematur? Et adveniat regnum
 tuum, qui nil magis quam adventum Domini timet? Et fiat vo-
 luntas tua, qui suam non Dei voluntatem semper facit?*

espiritual: e não violará este preceito o affecto ao peccado, que he absolutamente incompativel com aquelle repouso espiritual, e que dura por toda a festa?

4.º A festa he especialmente destinada para o exercicio do culto divino. Porem este culto, que he mandado andar de companhia com o dia de festa, poderá por ventura compadecer-se com o affecto ao peccado mortal? Porquanto he hum principio capital de S. Agostinho (a), *que Deos deve ser honrado com a fé, esperança, e charidade*, e especialmente com o amor; pois como o mesmo Santo diz em outro lugar (b) *elle não he honrado senão amando-o*; e em outra parte (b) diz, *que este he o culto, que se deve dar a Deos, que esta he a verdadeira religião, que esta he a verdadeira piedade, e que esta he tamfõmente a verdadeira servidaõ, que a Deos se deve*. E porisso o peccador não pôde cumprir verdadeiramente o preceito do culto divino, mandado nos dias de festa, senão offerecendo o sacrificio de hum coração contrito, e humilhado, que he o que Deos delle pede, como alli diz o S. Doutor (d): *Não quer o sacrificio de se lhe matar huma rez, mas quer sim o sacrificio de hum coração contrito*.

§. XXII.

(a) Enchr. c. 3. *Fide, spe, & charitate colendum Deum.*

(b) Ep. 140. alias 120 ad Honorat. c. 18. *Non colitur ille nisi amando.*

(c) L. 10. de Civ. Dei c. 4. *Hic est Dei cultus, hæc vera religio, hæc recta pietas, hæc tantum Deo debita servitus.*

(d) Ibid. c. 6. *Non vult sacrificium trucidati pecoris, sed vult sacrificium contriti cordis.*

§. XXII.

He affaz provavel, que haja huma igual obrigação nos dias destinados pela Igreja ao jejum e á penitencia.

RECEIO muito, que o que havemos dito a respeito dos dias festivos, se deva tambem dizer dos dias consagrados pela Igreja á penitencia e ao jejum, e que assim sobrevindo tambem o dia de huma Vigilia de preceito, ou de Temporas, ou da Quaresma seja obrigado o peccador, (ao menos se tem obrigação de jejuar) que se acha em peccado mortal, a depôr o affecto ao mesmo peccado, e principiar ao menos a sua conversão. A este receio me obrigaõ argumentos, aos quais confesso que não sei responder.

He certo que a Igreja quando nos manda jejuar, a sua tenção não he mandar-nos observar hum jejum judaico, que he desagradavel a Deos, e inutil aos fieis; mas sim hum jejum christão, isto he, verdadeiramente pio e religioso, e porisso que seja agradavel a Deos, e dirigido á salvação espiritual do que jejua; do mesmo modo que, quando ella manda ouvir Missa, confessar-se, cõmungar, não manda a mera materialidade destas obras, mas sim o formal dellas, que consiste em se fazerem piamente: porisso foraõ condenadas as duas horriveis proposições a respeito da confissão e cõmunhaõ sacrilegas, havidas por sufficientes, para cumprir o preceito Ecclesiastico.

Ora o jejum daquelle, que não só está em peccado mortal, mas tambem com o affecto ao peccado mortal, não pôde ser pio nem religioso,

fo, porque não se pôde compadecer com o affecto ao peccado mortal, nem ainda com o principio da verdadeira piedade e religião, como he claro: hum semelhante jejum se acha expressamente reprovado por Deos nos Judeos, como se vê em Isaias, e em Joel; e alem dillo he contrario ao espirito da Igreja, como se colhe da sua Liturgia, e muito principalmente do que se lê no Missal, quarta feira de cinza; e por consequencia hum tal jejum não se pôde chamar christão.

Logo parece ser sem duvida que o peccador, que ellá obrigado ao jejum, deve em semelhantes dias depôr o affecto ao peccado mortal, e principiar ao menos sinceramente a sua conversão. A proposição menor, que acima puz, he huma regra ensinada, e doutamente provada por Natal Alexandre com a Escritura, e Padres. A passagem de Isaias no cap. 58 he decisiva. Vendo os Hebreos daquelles tempos que eraõ afflitos com calamidades, haviaõ recorrido ao jejum, porem debalde. A' vista do que queixaraõ-se a Deos, dizendo-lhe (a): *Porque razão jejuando nós não puzestes em nós os olhos?* Deos mandou ao Profeta que levantasse a voz, á maneira de huma trombeta, para fazer conhecer áquelle povo, que a Deos não agrada o material do jejum, nem o effeito da abstinencia material, que he a prostração das forças corporacs, e o não poder segurar a cabeça com firmeza. *Clama*, diz Deos ao Profeta (b), e não

(a) Isa. c. 58. *Quare jejunavimus, & non respexisti?*

(b) Ib. *Clama ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam. . . . Numquid tale est jejunium, quod elegi, per diem affligere hominem animam suam? Numquid contorquere quasi circumdum caput suum, & saccum, & cinerem sternere? Numquid istud vocabis jejunium, & diem acceptabilem Domino?*

cesses, e levanta, á maneira de huma trombeta, a tua voz. . . Porventura o jejum que me he agradavel, será que o homem afflija o seu corpo de dia? Será que gire em roda com a cabeça, e que se deite em sacco e cinza? Chamarás a isto jejum, e dia aceito ao Senhor? Esta afflicção e humilhação exterior então seria do agrado de Deos, se fosse feita com o espirito interior da penitencia. Porem vós não tendes este espirito de compunção. Antes pelo contrario, eu acho a vossa vontade apegada ao peccado: *Eis ahí*, diz o Senhor (a), que no mesmo dia do vosso jejum se acha a satisfação da vossa vontade. Nesse mesmo dia ha furtos, exações crueis, litigios, contendas, bulhas: chega ao ceo o clamor dos vossos peccados: Por isso, não jejueis como até agora, para que o vosso clamor seja ouvido lá no alto (b). O jejum que eu quero, deve ser acompanhado da verdadeira penitencia interior, que ponha remedio ás desordens, ponha fim aos peccados, faça exercitar as virtudes, e principalmente a charidade para com os pobres: Porventura, diz o Senhor (c), não será antes o que eu vou a dizer, o jejum que me he agradavel? Solta as ligaduras da impiedade, livra os vexados. . . distribue o teu pão ao que tem fome, e dá albergue em tua casa aos pobres, e vagabundos &c. Não he menos forte Joel (d): Pelo que diz o Senhor, con-

K 2

ver-

(a) Ib. *Ecce in die jejunii vestri invenitur voluntas vestra.*

(b) Ib. *Nolite jejunare sicut usque ad hanc diem, ut audiantur in excelsis clamor vester.*

(c) *Ila. supr. Nonne hoc est magis jejunium quod elegi? Dissolve colligationes impietatis, solve fasciculos deprimentes. . . frange esurienti panem tuum, & egenos, vagosque induc in domum tuam &c.*

(d) C. 2. v. 12. *Nunc ergo dicit Dominus: convertimini ad me in toto corde vestro, in jejuniis, et in fletu, et in planctu, et scindite corda vestra, et non vestimenta vestra.*

vertei-vos para mim de todo o vosso coração, no jejum, e no choro, e no pranto, e rasgai os vossos corações, e não as vossas vestes.

As passagens dos Santos Padres a este respeito são bastantemente fortes: S. Basilio diz ,,
 ,, Guarda-te de medires a utilidade do jejum só
 ,, pela abstinencia dos comeres. Pois o *verda-*
 ,, *deiro* jejum he o estar apartado de todos os
 ,, vicios . . . O que jejua deve *antes de tudo* ter
 ,, hum coração contrito, e apartar de si todas
 ,, as más concupiscencias ,, . . . Eis-aqui em que
 consiste o *verdadeiro* jejum, como diz S. João
 Chrysostomo: ,, Justamente nos reprehenderão
 ,, os infieis, e as más lingoas por culpa nossa
 ,, se levantarão, para detrahirem a religião, se
 ,, os costumes dos que jejuão forem discordan-
 ,, tes da pureza, que deve haver na perfeita
 ,, abstinencia. Porquanto não se encerra o *nosso*
 ,, *jejum* sómente na abstinencia dos comeres:
 ,, debalde, e sem fruto se nega o mantimento
 ,, ao corpo, se a alma se não apartar do que he
 ,, máo: são palavras de S. Leão, e em outra
 parte diz ,, A instituição Apostolica, que man-
 ,, da jejuar quarenta dias, não se cumpre tam-
 ,, sómente com a abstinencia e parcimonia dos
 ,, comeres, mas *principalmente* com a privação
 ,, dos vicios. Porque sendo o fim desta macera-
 ,, ção cohibir os estímulos dos desejos carnaes,
 ,, está bem claro, que *nenhum outro genero* de
 ,, abstinencia com mais cuidado se deve procu-
 ,, rar, do que a *sobriedade e abstinencia da nossa*
 ,, *injusta vontade*, e o izentar-nos de toda a
 ,, acção desordenada. ,,

É pelo que toca á Igreja, he fóra de toda
 a duvida que a publicação, que ella faz do je-
 jum,

jum, he ao mesmo tempo huma publica intimação da penitencia, em que devem entrar os fieis. Mostra-se isto com toda a evidencia pelas sagradas cinzas, que a Igreja põe na cabeça dos mesmos fieis no principio do jejum da Quaresma; pelas oraçoens, com que acompanha aquella santa cerimonia; pelas liçoens que tira dos Profetas e do Evangelho, e pelos hymnos e collectas de toda a Quaresma (a).

O mesmo se deve dizer á proporção tanto do jejum das Temporas, como do das Vigílias. E assim parece ser cousa clara, que hum peccador, o qual nem ainda principia a detestar o seu peccado, mas antes continua no affecto, que tem ao mesmo; parece, digo, ser cousa clara, que hum tal peccador resiste claramente á Igreja, fecha os ouvidos á voz publica da mesma, que o está chamando ao arrependimento, e que por isso mesmo deve ser tido por ethnico e publicano.

Comtudo porque ainda me não tem chegado ás mãos Theologo algum, que trate precisamente este ponto, ao menos de proposito; e tambem parece que S. Antonino diz alguma palavra contra o que proponho, porisso suspendo o meu juizo, e deixo a averiguação de tudo a quem souber mais do que eu.

§. XXIII.

Como se devem referir as nossas doçoens a Deos, para fugir do mesmo peccado venial, e tambem para obrar com perfeição.

PARECE ser necessario, ou ao menos conveniente, para tratar cabalmente desta materia, de-

(a) Quadr. Hymn. Mat. Hymn. Laud. Hymn. Vesp.

depois de haver-mos determinado o tempo, em que se devem referir as acçoens a Deos, para evitar-mos o peccado mortal; o ajuntarmos aqui algumas advertencias, para haver-mos de evitar ainda o mesmo peccado venial, e procurar-mos para as nossas acçoens tudo o que as pôde conduzir á sua possivel perfeição, á qual nos promove o preceito da charidade. Talvez será util aos Cathedistas o acharem aqui em breve, e em huma vista de olhos, todas as principaes advertencias, que se devem propor aos fieis em huma materia tão importante, e tão pratica, e que se estende por todas as acçoens christãas.

O fundamento e base destas advertencias consistirá em fazer bem perceber ao povo, qual he a extenção do preceito do amor de Deos. As expressoens com que he proposto este preceito são as mais efficazes, que se pôdem empregar, para expressar hum amor, que se estende a todas as acçoens as mais piquenas, tanto internas como externas do homem, a todas as occasioens, e a todos os momentos. *Amarás*, são as palavras do preceito, *ao Senhor teu Deos com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, e com todas as tuas forças*: isto não he *hum conselho*, mas *hum preceito* e *hum preceito maximo e principal*. Alguns Theologos (sem fallar dos que não reconheceraõ nestas expressoens de tanta força preceito algum de amar a Deos) limitaõ este preceito ao unico objecto de não obrar cousa alguma contra Deos, isto he, a não lhe antepôr cousa alguma creada, e julgaõ poderem fundamentar este seu parecer com a authoridade do Doutor Angelico.

Porem se em alguns lugares parece dizer o San-

to Doutor, que a perfeição da charidade, isto he, o amar perfeitamente a Deos, não he do preceito, já vimos tambem que, segundo o seu modo de fallar, isso não quer dizer, que amando-se a Deos com huma tibieza voluntaria, se não peque nem ainda venialmente, mas tamtõmente que se não pecca mortalmente (a). Elle explica isto claramente nestas palavras (b); *Aquelle, que nesta vida não cumpre com este preceito, não obrando todavia cousa alguma contra o amor divino, não pecca mortalmente.*

Por outra parte o Santo Doutor confirma o sentimento de S. Agostinho seu Mestre, e he, que o preceito da charidade encerra huma tão grande perfeição, que se não pôde cumprir nesta vida: e que isso não obstante, o preceito de amar a Deos perfeitamente nos he imposto ainda mesmo nesta vida. O Santo Doutor naquella mesma questãõ cita expressamente a passagem de S. Agostinho no livro *Da perfeição da justiça* contra a 17 objeção de Celestio, onde diz, que este preceito não se cumpre senão no ceo, aonde a charidade será plena; e que com tudo tambem nos he posto o mesmo preceito nesta vida, para que saibamos qual he o termo a que se deve encaminhar todo o curso desta vida. Isto mesmo torna a repetir S. Agostinho contra os Pelagianos, fallando assim (c): „
„ Quan-

(a) Supr. §. XVI.

(b) *Qui in via hoc præceptum non implet, nil contra divinam dilectionem agens, non peccat mortaliter.* 22. q. 44. art. 6. ad 2.

(c) *De spiritu & littera cap. ult. Cum ab hac peregrinatione . . . perventum fuerit ad speciem . . . proculdubio et ipsa dilectio . . . supra quam intelligimus, erit; nec ideo tamen plus esse poterit, quam ex toto corde, ex tota anima, ex tota mente. Neque enim restat*

„ Quando desta perigriuação . . . se passar para
 „ a contemplação . . . sem duvida o mesmo
 „ amor . . . entaõ ferá muito superior ao que
 „ podemos perceber : e comtudo esse mesmo
 „ amor naõ poderá ser mais do que de todo o
 „ coração , de toda a alma , e de todo o enten-
 „ dimento. Por quanto nada em nós restar pô-
 „ de, que se possa accrescentar ao amar de todo o
 „ coração &c. ; e se restar alguma cousa , entaõ
 „ naõ será amar de todo o coração &c. Pelo que
 „ este deve ser o primeiro preceito da justiça ,
 „ pelo qual sômos mandados amar a Deos com
 „ todo coração , com toda a alma , e com todo
 „ o entendimento . . . o qual *cumpriremos intei-*
 „ *ramente na outra vida , quando virmos face*
 „ *a face.* Porem a razaõ por que *ainda agora*
 „ *nos he posto este preceito* , he para ser-mos ad-
 „ vertidos do que devemos pedir pela fé , e o
 „ para onde devemos encaminhar de antemaõ a
 „ nossa esperanza , e a que cousas sempre para
 „ diante nos devemos hir avançando , esque-
 „ cendo tudo o que fica para traz. „

Firmado neste fundamento principalmente
 he, que S. Agostinho estabeleceo , fallando con-
 tra os Pelagianos, e que o Concilio Tridentino
 igualmente ensinou contra os hereges modernos
 (a), que naõ havia alguem que nesta vida fosse taõ

*restat in nobis aliquid quod addi possit ad totum ; quia si resta-
 bit aliquid , non erit totum. Proinde hoc erit primum præceptum
 justitiæ quo jubemur diligere Deum ex toto corde , ex tota anima ,
 et ex tota mente . . . quod in illa vita complebimus , cum vide-
 bimus facie ad faciem. Sed ideo nobis hoc etiam nunc præceptum
 est , ut admoneremur quid fide exposcere , quo spem præmittere ,
 et obliuiscendo quæ retro sunt , in quæ anteriora nos extendere de-
 beamus.*

(a) Sess. 6. c. 11. *Licet enim in hac vita mortali quantum-
 vis sancti , et justii in leuia saltem et quotidiana (quæ et jam*

santo (exceptuando o Santo dos Santos, e sua Mãe Santissima), que pudesse levar huma vida, que fosse isenta de peccados veniaes, sem que para isso tivesse hum especial privilegio de Deos: não obstante saber-mos que tem havido Santos dotados de huma charidade ardentissima, e que tem tido huma summa vigilancia sobre todos os seus movimentos, tanto externos como internos. O que acontece, segundo advertem S. Agostinho e S. Thomaz, por causa da concupiscencia, effeito desgraçado do peccado original; a qual concupiscencia, posto que os Santos em si bastantemente mortifiquem e abatao nesta vida, comtudo não pôde ser inteiramente extincta, sem que primeiro pela morte seja destruido este corpo animal, que he o assento da mesma concupiscencia, e venha a resurgir o corpo espiritual, no qual a morte da concupiscencia fique inteiramente absorvida pela victoria de JESUS Christo.

Deste principio se pôdem, ao meu vêr, deduzir algumas verdades, que se devem inculcar opportunamente aos fieis.

I. A primeira verdade he, que se pôde faltar ao preceito da charidade de muitos modos. 1.º O primeiro modo he proprio dos peccadores manifestos, que cõmettem peccados mortaes, e he muito mais proprio dos que vivem voluntariamente nestes peccados: pois estes não só recusaõ amar a Deos de todo o coração, e com todas as suas forças, e posses; mas de mais a mais o não

venialia dicuntur) peccata quandoque cadant, non propterea desinunt esse justii; nam justorum illa vox est, et humilis, et verax: Dimitte nobis debita nostra. Can. 23. Siquis hominem semel justificatum dixerit . . . posse in tota vita peccata omnia etiam venialia vitare, nisi ex speciali Dei privilegio, quemadmodum de Beata Virgine tenet Ecclesia, anathema sit.

amaão de modo algum , nem ainda com o mais infimo gráo da verdadeira e propriamente chamada charidade , pois pospõem Deos ás creaturas , amando mais que elle os bens , os prazeres , e as honras.

2.º O segundo modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos mundanos , que ás vezes entre os homens tem o nome de estarem vivos , porem estão mortos nos olhos de Deos : porquanto supposto elles se lisongecem de terem huma charidade sufficiente , para se julgarem estarem na graça de Deos ; pois julgaão estarem resolutos a fugirem ao peccado mortal ; comtudo achaõ-se manifesta e positivamente determinados a não amarem a Deos com fervor ; querendo satisfazer os desejos humanos em tudo , até aquelle ponto , em que podem , segundo imaginaão , evitar o peccado mortal. Estes taes pertendem , contra o Evangelho , unir ao mesmo tempo Deos e o Mundo , Christo e Belial ; pertendem ser discipulos de JESUS Christo , sem renunciarem , com o coração , aquillo que possuem : e com manifesta injustiça querem fazer no seu coração diferentes demarcaçoens , e assim dividirem em duas huma possessão , a qual toda pertence a Deos por titulos incontestaveis , dando della huma só parte a Deos , e a outra ao mundo.

3.º O terceiro modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos Christãos negligentes , os quais com effeito não recusaão manifesta e positivamente entregarem-se a Deos ; não tendo porem bem comprehendido , ou não tendo bem ponderado a força do preceito da charidade , praticamente vão andando , e passando a vida

priguiçosa e descuidadamente, sem pensamento algum de procurarem ter hum amor diligente e fervoroso. Em que estado se achem semelhantes almas, eu me não atrevo a decidilo; he contudo fóra de toda a duvida, que aquelle estado he muito perigoso, e digno de castigo grave.

4.º Finalmente o quarto modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos justos, os quais se achão persuadidos da obrigação, que tem de amarem a Deos de todo o coração, e quanto pôdem; e porisso põem em pratica, ou mais ou menos, as diligencias, para esse fim conducentes. Mas porque, não obstante terem estampada no seu entendimento esta lei da charidade, tem tambem nos seus membros outra lei contraria, que he a da concupiscencia, a qual se oppõe aos seus santos propositos; porisso praticamente não obraõ todo o bem que querem, nem com aquelle fervor e prontidão que querem; antes muitas vezes obraõ algum piqueno mal, que não quereriaõ: e assim estes, poltoque cumpraõ a substancia do preceito, pois amaõ verdadeiramente a Deos, e procuraõ ama-lo de todo o coração, e com todas as forças; não o amaõ todavia com toda a perfeição, que requerem as expressoens maravilhosas do preceito, e que não he possivel nesta vida, em que peregrinaõ: e por essa razão, assim como nos passos, que daõ no caminho da charidade, merecem á proporção do maior ou menor fervor, com que correm; igualmente peccaõ venialmente todas as vezes em que, cedendo á concupiscencia, affrouxaõ negligentemente a sua carreira.

Póde-se, segundo me parece, fazer esta
dou-

doutrina palpavel com humia semelhança. Supponhamos hum Cavalheiro, o qual entrega humia carta ao seu creado, e lhe diz: leva esta carta a tal parte, porem leva-a sempre correndo com todas as tuas forças; pois esta he a maior e a mais importante das minhas ordens. Supponhamos que o creado lhe respondia: Senhor, não só não quero correr levando a tua carta, mas nem ainda por modo algum a quero levar; está claro que hum tal creado merece ser despedido do serviço de seu amo, como expressamente contumaz, e resistente aos seus preceitos. Porem se o creado disselle: eu levarei a tua carta, porem não quero leva-la a correr: quero hir com todo o meu socego: quero descansar e parar: quero conversar com os meus amigos, e entreter-me em alguma cousa curiosa, que pelo caminho encontrar; he igualmente claro, que hum tal creado mereceria tambem ser despedido, como contumaz e rebelde, senão a todo o preceito, como fez o primeiro, ao menos á segunda parte do mesmo preceito. Se porem o creado nada respondesse em contrario, porem recebida a carta para a levar, e, ou por não ter comprehendido, ou por não ter bem ponderado o preceito de correr, fosse andando e levando em substancia a carta, mas com todo o seu socego, parando muitas vezes, entretendo-se já em humia já em outra parte; na verdade não seria expressamente contumaz, nem talvez mereceria ser despedido da casa de seu amo; mereceria porem sem duvida não só humia grave reprehensão, mas tambem hum exemplar castigo. Se finalmente o creado recebesse a carta com animo não só de leva-la,

e de leva-la correndo, mas de mais a mais com animo de correr quanto pudesse, e correndo effectivamente, e principiando a sua carreira alegre e animosamente; porem ao depois, no decurso da carreira, já veneido pela natural averfaõ ao trabalho, já attrahido por alguma cousa curiosa de quando em quando, ou affrouxasse o passo mais ou menos, ou tambem por algum momento parasse; este creado assim como era merecedor do seu premio pelos passos vigorosos que deu, tambem pelos momentos em que affrouxou, ou parou, mereceria reprehensãõ, porem nunca o ser despedido.

II. A segunda verdade dependente da primeira he, *que este preceito obriga o Christão a amar a Deos quanto pôde, isto he, segundo as forças, que se acha que tem: De todas as tuas forças, diz o preceito. O que se pôde confirmar com hum principio de S. Agostinho (a); e he, que a justiça pede, que as cousas se amem e prezem, segundo merecem.* Deos sem duvida merece hum amor infinito. Seria pois justo que o amassemos com hum amor infinito. Ora já que o homem, por ser de forças taõ limitadas, o naõ pôde amar quanto elle merece, he bem justo que o ame quanto pôde. Por tanto falta-se a esta obrigação mais ou menos gravemente, segundo o que acima se tem explicado (b).

III. A terceira verdade he, *que naõ basta amar a Deos segundo as forças, que presentemente se tem, mas devem-se procurar forças sempre maiores, para o amar sempre mais.* A charidade
pó-

(a) De Doctr. Christ. cap. 27. *Ille juste et sancte vivit, qui rerum integer aestimator est.*

(b) Vid. S. Thom. 22. q. 17. art. 6. ad 3.

pôde-se aumentar ao infinito , diz S. Thomaz (a) , porque á proporção que hum ama adquire sempre forças maiores para amar sempre mais. Ora se o Christão deve amar quanto pôde, como acima se disse , e pôde sempre aumentar as suas forças para amar sempre mais , porque razão não estará obrigado a procurar estas novas forças ? He bella a passagem de S. Agostinho (b) , que S. Thomaz cita no lugar apontado. ,, Irmãos , seja em nós continua esta expressão. ,, Seja qual for o tempo , que aqui vivermos , ,, seja qual for o aproveitamento que tivermos , ,, nunca digamos , basta-me , sou justo. Quem ,, assim o disser , pára no caminho , não sabe ,, chegar : onde quer que disser , basta , alli ficou. ,, O mesmo repete em outro lugar (c) : *Anda sempre* , diz elle , *acrescenta sempre , aproveita sempre ; se disseres , basta , pereceste*. Isto porem não quer dizer , que estejamos obrigados a hir sempre crescendo effectivamente na charidade ; porque pôdem estar muito bem estas duas cousas ao mesmo tempo , quais são , procurar crescer , e não crescer ; como tambem , procurar crescer , e diminuir. Aquelle que navega em hum lago socegado , por pouco que mova os remos , sempre vai para diante ; porem aquelle que navega contra a corrente de hum rio arrebatado , aindaque reme fortemente , muitas vezes nada se adianta , e outras vezes deixa-se levar

(a) 22. q. 24. art. 7.

(b) In Psal. 69. *Hæc vox perseveret in nobis , fratres. Quantumcumque hic vixerimus , quantumcumque hic profecerimus , nemo dicat : sufficit mihi , justus sum. Qui dixerit , remansit in vita , non novit pervenire : ubi dixerit , sufficit , ibi hæsit.*

(c) Serm. 109. al. 15. de verb. Apost. *Semper ambula , semper adde , semper profice ; si dixeris , sufficit , periisti.*

levar agoa abaixo. Rio terrivel he o da nossa concupiscencia, a qual em certas circumstancias havendo-se engrossado fóra do costume pelas occupaçoens mundanas, pela qualidade dos paizes, das casas, das pessoas, com as quais he necessario viver; pelo fervor da mocidade, ou pela inercia e estupidês da velhice, pelos objectos, pelos discursos, pelas perseguiçoens, ou favores do mundo; faz inuteis os nossos esforços, com que emprendemos adiantar-nos na virtude, se os nossos esforços não forem muito grandes e continuos; o que o nosso bom Deos nos não imputa a culpa, com tanto que não larguemos o nosso bom proposito de adiantar-nos o possivel, e abracemos aquella santa advertencia (a): *Faze penitencia, e torna às tuas primeiras obras.*

IV. A quarta verdade he, *que a perfeição christãa, em hum verdadeiro sentido, não he de mero conselho, mas sim de preceito.* Porquanto se não ha perfeição maior que a de amar a Deos com todo o coração, e de mais a mais perfeição tão grande, que nesta vida não he possivel o consegui-la, como acima se disse; fica sendo cousa clara, que a perfeição, ao menos possivel, he de preceito pelos modos acima explicados; pois he de preceito e não de mero conselho o amar a Deos com todo o coração. E por esta razão não he inteiramente verdadeiro o que alguns dizem, que não he senão hum conselho aquelle dito do Evangelho: *Sêde perfeitos assim como vosso Pai celeste he perfeito: como tambem que o Padre Eterno nos ha escolhido em Christo, para que sejamos santos e immaculados perante elle*

na

(a) Apoc. c. 2. v. 5. *Age poenitentiam, et prima opera fac*

na charidade. He verdade que não estamos obrigados a ser perfeitos e santos ; mas estamos obrigados a procurar sê-lo. Porque a primeira cousa he impossivel para muitos segundo as forças , que presentemente tem ; e porisso não pode ser de preceito , pois Deos não obriga ao que he impossivel ; e nem ainda mesmo he de conselho , pois igualmente Deos não aconselha o que he impossivel : porquanto a primeira cousa seria injusta , e a segunda imprudente e ridicula : Porem o procurar ser perfeito e santo a ninguem he impossivel , pois cada hum pôde servir-se das forças que tem para amar a Deos , e amando-o assim , procurar forças novas , para o amar sempre mais : peloque sendo isto possivel he tambem de obrigação ; pois he huma expressa injustiça o não amar a Deos , o melhor que se pôde ao menos , já que se não pôde amar quanto elle merece. Isto mostra que a applicação e perseverança na oração , a abnegação da propria vontade , a vigilancia christãa , a mortificação dos desejos , a frequente participação da Eucharistia , o ouvir e meditar a divina palavra , que são os meios ordinarios para nos santificar-mos , não são cousas de mera supererogação , como tantos e tantos julgão , e porisso se dispensão destas com tanto socego e desembaraço.

V. A quinta verdade he , *que consistindo a perfeição em se referirem a Deos perfeitamente todas as nossas acçoens , este referir as acçoens a Deos não he tão facil , como muitos julgão.* Porque se o referir as acçoens a Deos não fosse outra cousa mais , do que recolher-se hum dentro de si por hum pouco , e dizer , *eu quero fa-*

zer tudo , ou fazer isto e aquillo para gloria de Deos , confesso que pouco custaria isso , porque se pode fazer com qualquer piqueno grão de charidade. Huma cousa porem he o dize-lo , e outra o faze-lo. Se o propor fazer huma cousa fosse o mesmo que faze-la , em que consistirão os peccados dos Santos , os quais tomaõ medidas tam exactas para sempre obrarem com huma intenção a mais pura ? Os seus propositos são grandes e maravilhosos : esquadrinhaõ o mais piqueno movimento interno e externo , para o regularem exactamente : dispõem todos os meios para reduzirem os seus propositos á pratica : não se contentaõ de que cada movimento seja bom , desejaõ que seja optimo : e isso não obstante , os seus santos e quotidianos gemidos , com que dizem , e devem dizer cada dia , *perdsai-nos as nossas devidas* , mostraõ claramente , que a concupiscencia (por mais mortificada que esteja , porem não extinta) alcança de vez em quando vantagens sobre elles ; faz-lhes violar os propositos , altera no acto de obrar as suas intençoens , e inficiona em parte com o seu subtil veneno as suas acçoens as mais santas. Isto he que fazia dizer a Job , (homem o mais santo dos seus tempos , e que Deos havia declarado não haver igual a elle na terra na sua simplicidade , e rectidão de intençoens) fazia-lhe dizer , digo , *que receava e temia de todas as suas obras , sabendo que o Senhor não perdoava ao que era delinquente* (a). Não temia peccar , e incorrer no castigo de Deos só por algumas das suas obras ; mas receava e temia de todas : *Est*

L

re-

(a) Job. Verebar omnia opera mea , sciens , quod non parceret delinquenti.

receava e temia, dizia elle, *de todas as minhas obras*. As mais santas obras, que elle fazia, não o punhaõ em seguro. Não era isto esculpulo, nem huma vã apprehensãõ, diz S. Gregorio Magno, era a luz de Deos, propria dos que são Santos. *Porque*, diz S. Gregorio (a), *apenas se consegue que no mesmo acto de virtude se não introduza alguma culpa*. E isto por duas razões. ,, *Doas cousas são*, diz elle (b), as que ,, com muito cuidado se devem acantellar e re- ,, cear nas boas obras, a saber, a *frouxidaõ*, e a ,, *fraude* . . . muitas vezes as nossas boas obras ,, deixaõ de o serem pela *fraude*, que as rou- ,, ba; o que succede quando se introduzem nas ,, nossas acçoens as concupiscencias terrenas. ,, Muitas vezes tambem insinuando-se-lhes a ,, *frouxidaõ*, vem a ser as nossas acçoens defei- ,, tuosas; porque descahindo nós do fervor, ,, com que as começamos, ellas se vem a mur- ,, char, por se resfriar em nós o amor. ,, E as- ,, fim não basta ensinar aos fieis o uso, com que fantamente devem offerecer a Deos pela manham todas as obras do dia. Este uso he utilissimo, porem não he sufficiente, nem ainda para fazer *virtual* (ou, como neste sentido lhe chama S. Boaventura, *habitual*) a intençãõ, como he necessario para que as obras sejaõ meritorias. *Chamo relação habitual*, diz o Santo, (c) *não aquella, pela qual qualquer refere a Deos em*

(a) *Quia culpæ subreptio vel in ipso virtutis actu vix vincitur.*

(b) *Duo quippe sunt, quæ in bonis operibus necesse est ut studiose formidentur, desidia videlicet, & fraus. . . sæpe enim bona nostra latrocianti fraude percunt, quia viciis se nostris actibus concupiscentiæ terrenæ subjungunt. Sæpe desidia interveniente deficiunt, quia fervore, quo capta sunt, frigescente amore tabescunt.*

(c) In. 2. Sent. dist. 41. q. 3. n. 35. *Relationem habitualement*

em geral todas as obras do dia ou do anno: mas sem aquella, que de tal sorte refere a Deos alguma obra, que a obra que se lhe segue tem para aquella primeira obra huma relação directa, e a faz ser sua consequencia. Por tanto he necessario persuadir os fieis, que devem cuidar de proposito em diminuir a concupiscencia, e aumentar a charidade com a oração, com a mortificação, e com os exercicios da piedade christãa. Porque de outro modo, quanto por huma parte será a cada hum facil o formar boas intenções geraes, antes de começar as acções, tanto por outra parte será difficultoso o conseguir na pratica que a concupiscencia não intrometa, e substitua, no acto mesmo de obrar, em lugar das intenções santas, que se propuzeraõ por motivo da charidade, outras intenções desordenadas de vaidade, de interesse, de complacencia propria; e isto não só nas acções indifferentes, como são o trabalhar, negociar, comer, beber, divertir-se; mas tambem nas acções mais santas, e que por si mesmas são dirigidas a Deos, como são as esmolas, os bons conselhos, as correções caritativas, as orações &c. Com effeito como pode ser que hum coração todo cheio do amor do mundo, sem exercicio algum de mortificação, que olha as riquezas como huma felicidade, os prazeres como a sua bemaventurança, o applauso dos homens como premio das suas boas obras; como pode ser, digo, que hum tal coração obre na pratica

L 2

ca

voco, . . non qua quis in generali refert ad Deum omnia opera dei, vel anni: sed qua quis refert aliquod opus ad Deum ita, quod opus sequens directam habeat ad opus primum ordinationem, & consequentiam.

ca por hum fim inteiramente puro da divina gloria , e não obre por interesse , por propria satisfação , e por vãa gloria ?

He muito preciso ensinar os fieis a abrirem os olhos neste ponto , o qual he de huma pratica continua , e desfazer as illusoens frequentissimas , com que o amor proprio os engana , persuadindo-lhes o haverem obrado por hum fim puro , ao mesmo tempo que , sem o pensarem , as suas intençoens tem sido manchadas e alteradas pela concupiscencia. Para este fim se lhes podem propor as regras seguintes.

§. XXIV.

*Regras para discernir na pratica , quando as
nossas obras se referem a Deos verda-
deiramente.*

1. **A**S nossas intençoens não se devem julgar puras , nem o são nos empregos , que occupamos nas nossas profissoens , quando por occasião dos mesmos empregos e occupaçoens cõmettemos frequentemente peccados , ainda que elles só sejaõ veniaes. O Negociante que procura anciosamente o ganho , e que tendo a cabeça cheia dos seus negocios he notavelmente negligente na oração ; o official , que falla com desabono dos mais que são do seu officio ; o trabalhador e camponez , que nos dias de Festa frequentemente trabalha alguma cousa ; o litigante , que tem alguma averção ao seu adversario , e que se não presta com toda a sinceridade , e boa disposição a alguma composição honesta &c. , podem por ventura persuadir-se que
ne-

negociação, trabalho, e que litigação com huma intenção pura de darem gloria a Deos? Desses máos frutos bem se está conhecendo a má arvore de huma intenção de interesse, e de ter riquezas, que os produz.

2. Quando se fazem obras não só indifferentes, mas ainda boas, porem são feitas em circumstancias de tempo, de modo, ou de lugar &c. que as tornaõ viciosas, a intenção não pode ser pura. Tal he o que come sem verdadeira necessidade de sustentar-se; aquelle que se arremeça ao comer com impeto; o que come bastante do que gosta, aindaque menos saudavel, e pouco do que não gosta, aindaque saudavel: comeffeitos estes e outros semelhantes podem lifongear-se, de que comem puramente para gloria de Deos? Tal he tambem o que joga pela manham, ou quando não tem necessidade alguma de recrear-se, e alliviar-se; ou joga por demasiado tempo, ou arrisca huma notavel somma ao jogo, ou com detrimento das suas incumbencias, ou dos exercicios costumados de piedade: Tal he igualmente aquelle, que faz esmolas notaveis estando carregado de dividas, as quais não pode satisfazer: aquelle, que gasta muito tempo em fazer oração na Igreja, quando as suas obrigaçoens o estão chamando para casa; ou emprende dilatadas romarias, quando o cuidado da sua familia está pedindo a sua assistencia.

3. He tambem final manifesto que se não procura só a gloria divina, mas em grande parte a nossa satisfação, quando, entre as obras boas, nos applicamos áquellas, que o nosso proprio juizo nos sugere, e omittimos aquellas, que

que nos são recômmendadas pelo conselho de pessoas graves : ou exercemos com mais vontade daquellas , que são da nossa escolha , do que daquellas , que nos são impostas pela obediencia , ou pelas obrigaçoens do nosso estado. Pois a pura intenção pede , que nós só busquemos descobrir a divina vontade , e fazer a vontade de Deos : e para sabermos qual seja a vontade de Deos , assim como são pouco seguras as nossas luzes , tanto mais são convenientes os conselhos , a obediencia , e o que nos he imposto pelos nossos deveres.

4. He igualmente certo , que se não procura puramente a Deos nas obras boas , mas sim a nós mesmos , em tudo ou em parte , quando estando promptos a faze-las , quando são louvadas pelos homens , com a mesma promptidão as deixamos todas as vezes que sabemos , que nos haõ de grangear algum escarneo e desprezo. Ou tambem quando fazendo as nossas obras boas , nos comprazemos dellas em nós mesmos , desvanecendo-nos ; ou procurando fazel-las de modo que sejaõ vistas e louvadas pelos homens ; ou , depois de as havermos feito , fallamos dellas em abono nosso , ou sentimos prazer quando outros as louvaõ , e levamos a mal quando no las censuraõ : o mesmo se deve dizer , quando sentimos inveja de outrem fazer o que nós fazemos , ou quando pretendemos ter a principal parte em huma empreza , a que nos achamos alliados ; ou sentimos a mesma inveja , quando vemos que outrem o faz melhor do que nós , e com mais fruto e applauso ; muito principalmente se nos haviamos opposto a isso , ou havemos murmurado disso.

§. XXV.

Epilogo e pratica para os Cathecismos.

REDUZAMOS agora a poucas palavras toda a doutrina do exercicio das Virtudes Theologaes, que se tem explicado neste Parecer, concluindo-o com a pratica das Instruçoens e Cathecismos, que se devem nesta materia fazer ao povo.

1. He preciso inculcar aos Fieis que Deos nos manda crer, esperar e amar Sua Divina Magestade.

2. Que a Fé, Esperança e Charidade são as tres virtudes, que formão o proprio e essencial caracter do Christão, e que ellas o distinguem do Gentio e do Judeo.

3. Que em consequencia disto o exercicio destas tres virtudes deve ser *continuo* no Christão; pois o Christão deve obrar sempre como Christão, e nunca como Gentio, ou como Judeo; e porisso o exercicio destas virtudes não pode ser restringido a exercerem-se tansomente em *momentos raros e transitorios*, nos quais hajamos de revestir-nos do caracter de Christão, para o largarmos logo, e tornarmos a tomar o caracter do Gentio ou do Judeo, para nelle continuarmos a viver a maior parte do tempo.

4. Que este exercicio assim como deve ser *continuo*, deve ser tambem *real e solido*, nem deve consistir só em *pensamentos e palavras*, mas tambem em *obras* e em verdade.

5. Que devendo pois ser o exercicio destas virtudes praticado *com obras, e em verdade*, está claro que se não devem separar nem as obras da verdade, nem a verdade das obras. As obras

feitas para observar a lei divina , porem que são feitas sem intenção de agradar a Deos , e sem affecto algum para elle , e por isso produzidas sem huma verdadeira fé , esperança e charidade , de que não provém , são obras separadas da verdade ; com as quais poderemos talvez fazer crer aos homens , que só vêem o exterior , que cremos , esperamos e amamos , porem não a Deos , que vê o coração : e porisso semelhantes obras não bastaõ , não digo ja para cumprir o preceito das virtudes principaes , quais são as Theologaes , para cumprimento do qual se achaõ destinados todos os mais preceitos ; mas ainda mesmo taes obras não são sufficientes , para cumprir com os mesmos preceitos secundarios. E muito menos pode bastar para o exercicio das virtudes Theologaes o affecto tamfomente , quer seja ou não exprimido exteriormente com palavras e expressoens , porem não acompanhado com obras ; pois isso não seria mais que huma fé fingida , huma esperança morta , e huma charidade chimerica e illusoria.

6. Que á vista disto o verdadeiro exercicio das virtudes Theologaes consiste , pelo que toca a fé , em tomar tamfomente a luz desta para por ella guiarmos os nossos passos ; renunciando em consequencia disto ás luzes falsas do mundo , aos seus conselhos , ás suas maximas , aos seus usos , ás suas leis , e tomando , para regra de viver , as leis , maximas , conselhos , e exemplos de Jesus Christo , e da Igreja herdadeira do seu espirito. Pelo que respeita á esperança ; emprendendo o bem , não nos devemos apoiar e firmar nas proprias forças e talentos naturaes , mas tamfomente na graça de Jesus Chri-

Christo ; esperando a recompensa não dos louvores dos homens , e dos bens do mundo , mas a da gloria e herança celeste. Em quanto á charidade ; fazer tudo não por proprio gosto e capricho , nem pelo amor natural dos filhos , da patria e dos amigos , ou tão somente pelo temor dos castigos de Deos , mas sim pelo verdadeiro e sincero desejo de dar-lhe gloria , e fazer a sua fantissima vontade.

7. Que aquelle verdadeiramente crê , espera e ama , que refere todas as suas acçoens a Deos : e que se falta ao exercicio das virtudes Theologaes , á proporção que se falta á obrigação de se referirem as obras a Deos.

8. Que quem vive em peccado mortal falta essencialmente a esta obrigação , e por isso tem obrigação gravissima de converter-se para Deos quanto mais depressa.

9. Que Deos tem destinado todos os Domingos , e a Igreja todos os dias Santos para o culto divino ; e que este culto não se pode dar sem o exercicio das virtudes Theologaes. Que por isso naquelles dias não pode o peccador , sem novo peccado , deixar ao menos de começar a sua conversão , e dirigir-se para Deos. O que tambem parece dever-se dizer dos dias , que a Igreja tem destinado para o jejum , e para a penitencia.

10. Que pelo que toca aquelles , que pertencem fazer huma expressa repartição das suas acçoens , dando huma parte a Deos , e outra ao mundo , estes faltaõ gravemente ao preceito das virtudes Theologaes , as quais consagraõ todo o homem inteiro a Deos.

11. Que se não ha esta vontade expressa de
que-

querer dar metade a Deos, e metade ao mundo, e com tudo, pelo modo de viver, he como se se tivesse essa vontade, esse tal acha-se pelo menos em hum estado muito perigoso, e digno de castigo.

12. Que os justos, em quanto vivem na graça de Deos, e se exercitaõ em obras boas para o servirem, cumprem essencialmente com o preceito das virtudes Theologaes: a fé destes he verdadeira, a sua esperança he viva, e a sua charidade he obradora, e todas ellas saõ ao mesmo tempo moralmente continuas. E porisso não devem inquietar-se, se por acaso não podem reter no seu entendimento, e lembrarem-se de certas formulas particulares, para exprimirem e protestarem com esta formalidade escolastica a sua fé, esperança e amor: as quais formulas postoque *saõ em si utilissimas*, como veremos, comtudo não saõ necessarias.

13. Que devem igualmente capacitar-se estas almas justas, que o preceito das virtudes Theologaes obriga a huma perfeição tão grande, á qual não he possível chegar nesta vida; e isso não obstante he de hum verdadeiro preceito; não para serem dignas de castigo por não chegarem ao que lhes he impossível; mas sim para se lhes mostrar a quelle termo perfeito, para o qual devem incessantemente correr; e de que se fazem culpaveis, quando negligentemente deixaõ de fazer o que lhes he possível, para chegarem alli; não só usando das forças que presentemente tem, mas tambem procurando sempre novas pelo exercicio daquellas mesmas virtudes.

14. Que o referir verdadeiramente as nossas

acçoens a Deos, he cousa bastantemente difficullosa, e muito mais do que se cuida; pois os mesmos Santos faltaõ a isso frequentemente, cahindo em peccados veniaes. E que postoque seja cousa muito util o dirigir a Deos pela manhã todas as acçoens do dia, e muito mais o dirigir a Deos cada huma das nossas acçoens particulares; comtudo isto naõ basta sempre na pratica, pois a concupiscencia, que nunca será inteiramente extinta, muitas vezes nos faz largar o bem que queriamos fazer, e obrar o mal que naõ queriamos, quebrantando deste modo os nossos propositos: e no mesmo bem que obramos se introduz subtilmente a mesma concupiscencia, e sem que o percebamos; e faz-nos obrar naõ para huma pura gloria de Deos, mas por prazer, por interesse, por vaidade, ou por outros respeitos baixos.

15. Que porisso he necessario, por huma parte diminuir o impedimento da concupiscencia, e pela outra aumentar as forças da charidade, da esperanza, e da fé, quanto se puder.

16. Que a concupiscencia se extingue pedindo a Deos a victoria della, por meio da oração, e combatendo-a com a mortificação.

17. Que a fé se aumenta, e cada vez mais se vai purgando o entendimento com a sua luz, e livrando das trevas da concupiscencia, pedindo a Deos a sciencia dos Santos, e ouvindo, lendo, e meditando a sua palavra; que he lanterna para os nossos pés, e luz para os nossos passos nas trevas deste mundo, e fechando os ouvidos aos falsos discursos do Seculo.

18. Que a esperanza se vai cada vez fortificando mais, purgando o nosso coração da

pre-

presumpção de nós mesmos, e da desconfiança de Deos; o que se effectua pedindo a Deos huma inteira desconfiança de nós mesmos, e huma grande confiança em Deos.

19. Que aquelles mesmos exercicios, com os quaes se fortifica a fé, e a esperança, e se diminue a concupiscencia, aumentaõ ao mesmo tempo a charidade.

20. Que finalmente todas aquellas trez virtudes se aumentaõ com a devota assistencia e participação dos santos misterios, e com o exercicio das boas obras, principalmente com o da charidade para com o proximo.

PARTE SEGUNDA.

Do uso das Formulas ou Protestações, chamadas Actos das virtudes Theologaes.

§. 1.

Se ha necessidade de novas Formulas, para o exercicio das virtudes Theologaes, alem das que nos ensina a Escritura e a Igreja.

POSTOQUE em toda a Primeira Parte deste meu Parecer se acha demonstrado, que os Actos das virtudes Theologaes (cuja necessidade e frequencia nos he recommendada nas Sagradas Escrituras, na Tradição, e na celebre condemnação das escandalosas proposições de alguns maos Casuistas) não são os Actos, que entenderão os Escolasticos modernos, no sentido delles por nós ja explicado; mas sim que os Actos das sobreditas virtudes são todos os pensamentos, palavras e obras verdadeiramente christãs, e por isso produzidas pela luz, força, e principio interior daquellas divinas virtudes; ao mesmo tempo que os Actos dos Escolasticos não são mais que pensamentos, affectos e protestações daquellas mesmas virtudes Theologaes; comtudo estou bem longe de ter o arrojio e temeridade de desprezar, e ainda mesmo deixar de recomendar sumamente o uso das formulas de semelhantes protestações, que se chamaõ Actos das virtudes Theologaes; o qual uso com tam exemplar, e paternal disvello se acha recomendado pelos mais grandes Pastores da Igreja de Deos aos fieis. Aquel-

Aquelle que se arrojasse a desaprovar geralmente o uso de todas as pias fórmulas , com que se exprimem os actos interiores destas virtudes , não só seria temerario , mas tambem sacrilego e blasfemador ; pois acometeria injuriosamente o mesmo Deos , que nos tem proposto formulas excellentes destes actos nas suas Escrituras , e especialmente nos Salmos ; e igualmente faria injuria á Igreja de Deos , a qual nos propõe muitas outras formulas nas suas oraçoens , na sua Liturgia , no Symbolo Apostolico , e no Niceno-Constantinopolitano.

Aquelle tambem que se arrojasse a dizer , que não ha preceito algum , que faça necessario o uso de semelhantes formulas geralmente tomadas , proferiria huma proposição não só falsa , mas insolente ; sendo claro , que o Symbolo , a oração Dominical , os Salmos , e as oraçoens da Igreja constituem a parte mais conspiciua do culto divino : e porisso o uso destas formulas he mandado á Igreja em geral , e em particular a todos os fieis , os quais se não estão obrigados a reza-las , estão sem duvida obrigados a ratifica-las , quando os Ministros da Igreja , em seu nome , as rezaõ. Para não fallar no Symbolo e oração Dominical , de que cada fiel , que disso he capaz , deve indispensavelmente usar , ainda no seu particular.

Tudo o sobre que se pode disputar , se reduz a saber ; se alem das formulas prescritas por Deos e pela Igreja , se devaõ julgar necessarias de preceito outras formulas prescritas por pessoas particulares , que não podem representar a Igreja.

Naõ disputamos aqui de formulas , que não se-

sejaõ formuladas exactamente , e que possaõ ou conter erros , ou pela sua ambiguidade dar lugar a ideas falsas destas virtudes. No seu lugar veremos , que naõ he impossivel encontrar semelhantes formulas em livrinhos espirituaes , e em outros folhetos de devoçaõ , que saõ espalhados por pessoas zelosas da salvaçaõ das almas , mas que naõ tem as luzes necessarias. A duvida reduz-se ás formulas naõ só pias , mas compostas com todo o rigor das formalidades escolasticas : pelo que da necessidade destas he que se disputa , considerando-as em si , e independentemente da obrigaçaõ de obedecer aos Prelados , que recõmendassem o seu uso , por motivos , que lhes podem occorrer , e dos quais naõ tem obrigaçaõ alguma de darem conta aos seus inferiores ; os quais pelo contrario , como subditos , devem prestar a sua prompta obediencia , sem pertenderem saber o por que assim saõ mandados.

Os Escolasticos que fazem consistir os Actos das virtudes Theologaes , sem duvida necessarios , em protestaçoens , e querem que estas sejaõ feitas com as suas formalidades , segundo expuzemos na primeira parte ; vem-se precisados a proporem como necessarias , naõ estas ou aquellas formulas em particular , (pois podem-se fazer com mais ou menos palavras , e ainda com differentes palavras , guardada a substancia) porem vem-se precisados absolutamente a proporem , como necessarias , formulas differentes daquellas , que temos na Escritura e nas deprecaçoens da Igreja ; por quanto nem nos Salinos , nem na oraçaõ Dominical , nem no Symbolo , nem nas oraçoens da Igreja encontraõ

trao formulas , compostas com aquellas formalidades escolasticas , que elles julgaõ serem necessarias.

Comeffeito (para principiarmos pelo que diz respeito á fé) o Symbolo , ou seja o Apostolico , ou seja o Niceno-Constantinopolitano , ou ainda o que he attribuido a S. Athanasio , saõ as formulas solenes , de que usa a Igreja , e que ella põe na boca dos fieis , para protestarem a fé christãa. Porem estas formulas , consagradas pela authoridade da Igreja , e das quaes ella faz uso no Baptismo , no tremendo Sacrificio , e nos louvores publicos que dá a Deos , de nenhum modo podem contentar aos Escolasticos. Elles na verdade achaõ nellas huma exposição miuda das verdades christãas , que se devem crer , e ainda mais copiosa do que elles pertendem ; pois elles contentaõ-se com especificarem tam somente os dois misterios , que elles dizem serem necessarios e principais , para se haverem de crer com necessidade de meio ; naõ achaõ porem alli duas cousas , que elles reputaõ deverem necessariamente entrar nos seus Actos , e vem a ser , o *motivo* , por que se devem crer , e a *firmeza* com que se devem crer. O Symbolo diz simplesmente : *Eu creio* ; e elles querem que , para se fazer hum Acto de fé exacto , he preciso dizer : *Eu creio , porque Deos , que o tem revelado , he a suprema e infallivel verdade , e o creio firmissimamente.*

E assim muito menos se podem contentar com a oração Dominical , para servir de formula exacta da *esperança e da charidade*. Pois bem longe de acharem nesta divina oração todas as suas formalidades , como elles o requerem , para

se formarem os Actos destas duas virtudes ; de mais a mais não achão alli nem ainda estas mesmas vozes : *espero* , e *amo*. Alem disto , he huma cousa inteiramente contraria á idea , que os sobreditos Escolasticos tem formado dos seus Actos , o pertender que com huma só formula se possa satisfazer aos Actos de duas virtudes , guardando precisamente nella todas aquellas distincões e caracteres differentes , que separão e distinguem aquellas duas virtudes huma da outra. É por essa razão nem o Symbolo , nem a oração Dominical podem cumprir , segundo os Escolasticos , para servirem de formulas , para as tres virtudes da fé , esperança , e charidade : e assim não se podem inteiramente capacitar da idea de S. Agostinho , o qual com ella se contenta (a) : *Tens o Symbolo* , diz elle , *e a oração Dominical. Nestas duas cousas podes ver encerradas aquellas tres. A fé crê , a esperança e a charidade oraõ.*

Se o Symbolo e oração Dominical os não contenta , muito menos os poderá satisfazer qualquer outra formula , ou da Escritura , ou das oraçoens Ecclesiasticas. Nestas oraçoens não encontro alguma , que os possa nem ainda soffrivelmente contentar. Igualmente não vejo nem nos Salmos , nem nos Canticos da Escritura cousa , que lhes possa servir para hum Acto de fé. Pelo que toca á esperança e charidade achão-se alli jaculatorias excellentes , que se chegaõ ás ideas delles , mas de nenhum modo as encerraõ todas. *Em vós , ó Senhor , eu esperei , não serei ja mais confundido* , he huma celebre

M

ja-

(a) Enchir. c. 7. *Ecce tibi est Symbolum, & Dominica oratio. In his duobus illa tria intueri, Fides credit, spes & caritas orant.*

jaculatoria da esperança, tirada do Salmo trinta, o qual todo está cheio de sentimentos de confiança em Deos; e se acha no Ritual Romano, para ser sugerido aos enfermos, para esse mesmo fim. Porem alli não se expressa nem o que se espera, nem por que razão se espera; e muito mais porque a palavra *nao ferei confundido* não he hum futuro do indicativo, mas sim hum presente do optativo: ou, para melhor dizer, he huma deprecação para não ser ja mais confundido, e não huma simples expressão de confiança de não ser confundido. Nem tambem alli se exprime o motivo, por que se espera, ao menos não se acha nas palavras, que indicamos. E assim não pode contentar os desejos dos Escolasticos. O mesmo se deve dizer de outros lugares semelhantes.

E que diremos dos Actos de charidade? Contentar-se-hão os Escolasticos desta expressão do Salmo 17: *Amar-te-hei, ó Senhor, minha fortaleza*? Porem aonde está aqui a expressão, *de todo o meu coração*? E a fortaleza de Deos poderá ser o motivo do nosso amor em lugar do da sua bondade? E o *Amar-te-hei* no futuro, que exprime mais hum proposito de amar para o futuro, do que o amor que com effeito se tem de presente, servirá bem para exprimir, como se deve, o amor que se tem?

Eis aqui pois temos os Escolasticos reduzidos á necessidade de comporem formulas novas, e propolas aos fieis como necessarias. Porem por grande que seja o respeito, e veneração que lhes tenho, creio poder e dever dizer, sem lhes fazer injuria, que muito maior veneração se deve á Igreja de Deos, do que a elles. Praza a Deos,

Deos, que nunca me venha ao pensamento, que a Igreja *columna e apoio* (a) da verdade; doutrinada pelo Espirito Santo em toda a verdade necessaria á salvação, tenha estado até agora com os olhos fechados em huma materia, que he de preceito grave, e de hum preceito todo pratico, e que não tenha sabido propor aos fieis no decurso de tantos seculos formulas sufficientes para esse fim: e que os Escolasticos se tenham visto obrigados, de há pouco tempo para cá, a supprir e remediar com as suas formulas a huma tão notavel falta. Antes pelo contrario devemos dizer, que aquella pratica da Igreja, differente das formulas dos Escolasticos, mostra evidentemente que essas formulas escolasticas (alias recômendaveis como veremos) não são necessarias.

Julgão alguns que as novas formulas podem ser necessarias por esta razão; porque se observa, que pelo que respeita ao *Credo* e ao *Pater noster* os fieis o rezaõ sem reflexão alguma por hum certo habito; e que porisso não fazem com elles verdadeiros actos das virtudes Theologaes, os quais principalmente consistem na applicação do entendimento e do coração: e que as novas formulas, não sendo tão safadas pelo uso, pela sua novidade attrahem mais a reflexão, que he necessaria. Porem isto não prova o que se pertende; pois tambem as mesmas novas formulas, vindo-se a fazer familiares, degenerarão pouco a pouco, e virão a cahir no mesmo habito e falta de reflexão; e assim será necessario que se venha a inculcar mais e

M 2

mais

(a) Gr. *ἑδραίωμα*, *stabilimentum*, *basis*.

mais a attençaõ, que se deve ter para ellas, quando se pronunciaõ. E por quanto essas novas formulas nunca podem dispensar os fieis da reza quotidiana do *Credo* e do *Pater noster*, e da reflexaõ devota, com que a devem acompanhar, não parece bom expediente, que, para imprimir nelles o cuidado de huma tal reflexaõ, se lhes hajaõ de substituir outras formulas para os actos das virtudes Theologaes, e dar-lhes a entender de algum modo, que o *Credo* não he huma protestaçaõ solemne da fé christãa, e que o *Pater noster* não he hum exercicio divino da esperanza, e da charidade. Antes pelo contrario parece conveniente o dever-se fazer ás vezes, e para isso dar ao povo a vantajosa idea, que elle deve ter destas santas formulas; idea, que por outra parte he justa, e segundo a intençaõ da Igreja de Deos, e pratica da mesma.

§. II.

*Excellencia das formulas da Escriitura,
e da Igreja.*

SEJA-ME permittido demorar-me por hum pouco neste ponto, para mostrar a excellencia, a utilidade, e ainda mesmo a necessidade das formulas, que nos são propostas pela Igreja; o que parece ser muito conveniente nestes nossos tempos, nos quais parece que o mundo corre insensivelmente, ainda nos mesmos exercicios de piedade, para o que he de nova invençaõ; e parece hir-se obscurecendo pouco a pouco a justa idea, e estimaçaõ que deve haver dos exercicios antigos, e estabelecidos pela authoridade publica. Comecemos pelo Symbolo.

Do

Do Symbols.

QUE cousa ha que seja mais veneravel do que esta Santa Formula, que tem por authores em algum sentido os mesmos Apostolos? esta he a antiga tradiçãõ confirmada por Tertulliano, e por S. Jeronymo: Formula, torno a dizer, que he sem duvida de huma tal antiguidade, que vai tocar nos principios da Igreja de Deos; que nos seculos, precedentes á heresia de Ario, foi a unica regra da fé de todas as Naçoens Christãas; e que ainda ao depois foi como o theor fundamental, de que se servio o Symbolo Niceno, e Constantinopolitano, como tambem todos os mais Symbolos das Igrejas particulares; que foi com todo o disvello conservada pela Igreja Romana, Cabeça de todas as Igrejas; e que esta mesma Igreja propõe antes de tudo para ser aprendida, e rezada no acto de se receber o sagrado Baptismo, e no principio da vida christãa; e que segundo diz S. Agostinho (a), era no seu tempo usada ao dar do Baptismo: *Estas palavras (do Symbolo), diz elle, são poucas no numero, mas grandes no seu peso, e segundo o costume de todas as Igrejas são fielmente intimadas aos que se haõ de baptizar*: Formula finalmente, que a mesma Igreja manda repetir muitas vezes nas horas Canonicas. E assim que cousa ha que possa ser mais util, para renovar frequentemente a nossa fé, do que servirmos de huma formula tão authorisada e santa; tendo igualmente a segurança de que se-

(a) Libr. de Gest. Pelag. n. 4. *Hæc verba (Symboli), quæ pauci numero, sed magna sunt pondere, more omnium Ecclesiarum fideliter baptizandis intimantur.*

seguimos nella a direcção da Igreja, Mestre infallivel, e do espirito de Deos, que a dirige; e de que exprimimos a nossa fé com hum tal numero de artigos, do qual se não pode suspeitar que seja ou demasiado, ou diminuto? Que cousa pode ser para nós mais devota, do que unirmos não só a nossa fé, mas tambem as nossas vozes com as dos Santos Apostolos, com as de todos os maiores Santos, com as de todas antigas Naçoens Christãas, e com as de todas as Igrejas Latinas?

Que formula de fé pode haver, que mais necessaria seja, do que aquella, que nenhum dos fieis pode ignorar, e da qual todos tem obrigação de usar continuamente, tanto nas oraçoens publicas, como nas particulares?

Que formula ha que seja mais facil para se mandar usar aos fieis no exercicio da sua fé, do que esta do Symbolo, que todos ja sabem, havendo-a bebido com o leite, ou que de nenhum modo podem ignorar e deixarem de aprender; e aprenderem não só na lingua latina, mas tambem na lingua vulgar? E assim bastará que os Parrochos preguem ao povo, que rezem o Symbolo com huma attenção e reflexão devota, para protestarem a sua fé: e com isto tudo ficará supprido. Aquelles porem, que se não contentão com isto, devem trabalhar para ensinarem ao povo as outras formulas, que sabe Deos quando feraõ bem aprendidas por todos, principalmente pelos pobres rusticos e rusticas, que assistem em paizes ermos e montanhezes; nos quais sabem muito bem os Parrochos, quanto he custoso o fazer bem aprender a todos na lingua vulgar, ainda o mesmo *Credo*.

Alem

Alem de tudo isto que formula ha, que seja mais exacta do que o Symbolo? Com effeito elle contem não só os misterios, que se devem crer por necessidade de meio, como fallão os Escolasticos, mas tambem encerra os outros artigos fundamentaes da nossa Religião; os quais pouco importa que se diga serem de meio ou de preceito, pois, seja como for, devem saber-se e crer-se expressamente por todos aquelles, que podem ser instruidos nelles, ou seja por meio do Symbolo, ou por qualquer outra formula. E se as formulas dos Escolasticos, que se pretende sejam necessarias, como mais exactas do que o Symbolo, se julgaõ indispensaveis para se cumprir o preceito de exercitar a fé; qual he a razão porque se não compõem de sorte, que com ellas se possa verdadeiramente cumprir com o preceito; isto he, porque se não compõem de sorte, que encerrem tudo o que he preciso crer de preceito?

O piíssimo, e doutíssimo Cardeal Bona tanto no livro *da divina Salmodia* (a), como no *das cousas liturgicas* (b), depois de haver referido, que o Papa Benedicto, ás instancias do S. Imperador Henrique, introduzio o cantar-se na Missa em lugar do Symbolo Apostolico, (do qual até então tansõmente havia usado a Igreja Romana) o Symbolo Constantinopolitano, (que ja se usava nas Igrejas de Hespanha, de França, e de Alemanha, para não falar das Igrejas Orientaes) cuidadosamente, tanto em hum como no outro lugar citado, acrescenta esta reflexão do igualmente piíssimo e dou-

(a) Cap. 16. §. 3. n. 4.

(b) Cap. 8. n. 2.

doutissimo Baronio no anno 1014 dos seus Annacs ; a qual reflexão o mesmo Cardeal Bona approva , como digna da sabedoria de Baronio : diz pois este (a) : *He isto muito bom , porem seria cousa mais grata e louvavel , se se tivesse dado preferencia á respeitavel antiguidade de mil annos , do que á novidade.* Pode-se applicar este sabio dito ao nosso intento , e julgar por cousa mais louvavel o não trocar a reza do Symbolo Apostolico pela das novas formulas , para o exercicio da fé. He verdade que pelo uso das novas formulas , estas não se pertendem introduzir no officio divino , substituindoas ao Symbolo , mas tamfõmente substituilas ao Symbolo nos exercicios particulares dos fieis. Porem tambem duas cousas são verdadeiras , a primeira he , que o Symbolo nos he proposto pela Igreja , não fõ para as funçoens publicas , mas tambem para os exercicios particulares : a segunda he , que a mesma disparidade que ha entre as funçoens publicas , e os exercicios particulares , a mesma , e talvez ainda maior , a ha entre o Symbolo Constantinopolitano , e as formulas particulares dos Escolasticos. Em quanto á primeira verdade basta reflectir na mesma pratica presente da Igreja , para que os fieis o rezem todos os dias nas suas oraçoens particulares. Esta pratica he antiquissima , e muito inculcada pelos Padres. S. Cyrillo de Jerusalem (b) fallando do Symbolo da sua Igreja diz assim : *Quero que vos lembreis delle pelas mesmas palavras , e que com todo*

(a) *Placent ista ; sed nobis gratius , si venerandæ antiquitati annorum mille magis delatum esset , quam novitati.*

(b) *Cathech. 5. n. 12. Quod quidem ipsis verbis meminisse vos volo. Et apud vos ipsos cum omni studio recitare. Et hoc viaticum in omni vitæ tempore habere.*

todo o cuidado o rezeis lá no vosso particular. E S. Ambrosio citado pelo Cardeal Bona no lugar ja citado, diz assim (a): *Devemos todos os dias de madrugada recordar-nos com muita particularidade do Symbolo, como divisa do nosso coração; ao qual tambem devemos recorrer quando alguma cousa nos horrorisa. Por quanto qual he o soldado, que estando na barraca, ou entrando na peleja, se acha sem o signal e divisa da sua milicia? E S. Agostinho (b): Recebei, meus filhos, a regra da fê, que he o Symbolo. E recebendo-o, escrevei-o no coração, e dizei-o todos os dias lá no vosso particular; antes que principieis a dormir, antes que principieis a andar, armai-vos com este Symbolo. Veja-se tambem o Serm. 58 n. ultimo.*

E pelo que pertence á segunda verdade, quem ha que não veja que o Symbolo Constantinopolitano não he menos authorisado que o Apostolico? Por quanto tambem foi, para assim dizer, ditado pelo mesmo Espirito Santo á Igreja, congregada primeiramente no Concilio Niceno, e depois no de Constantinopola, e ja desde então se achava em uso na Liturgia, não só em toda a Igreja Oriental, mas tambem em grande parte da Occidental: e alem disso havia hum tão justo motivo de o introduzir na Liturgia para o imprimir na memoria dos fieis (alem do Symbolo Apostolico, que se não queria abolir por aquelle) como hum antidoto

(a) Ub. supr. *Symbolum specialiter debemus, tamquam nostri signaculum cordis, antelucanis horis quotidie recensere; quo etiam cum horremus aliquid, assidue recurrendum est. Quando enim sine militiae sacramento miles in tentorio, bellator in praelio?*

(b) D. Symb. Serm. ad Cath. n. 1. *Accipite filii regulam fidei, quod Symbolum dicitur. Et cum acceperitis, in corde scribite, & quotidie dicite apud vos: antequam dormiatis, antequam procedatis, isto Symbolo vos munite.*

doto contra as heresias , as quais foraõ de proposito combatidas no que se ajuntou ao Symbolo Apostolico pelo de Nicea , e de Constantinopola. Ao mesmo tempo que os actos de fê dos Escolasticos , taõ differentes entre si , como se está vendo em tantos livrinhos , e ainda mesmo nos Cathecismos de varias Igrejas ; actos , digo , compostos por authores particulares , sem approvaçãõ alguma da Igreja , ou ao muito fõ approvados pelo Bispo de cada Diocese particular ; estes actos , torno a dizer , estaõ muito longe de parelharem na authoridade com a do Symbolo Constantinopolitano , nem ainda encerraõ o que se contem no Symbolo Apostolico ; e por todas estas consideraçoens havia muito menor necessidade , ou nenhuma , para os substituir , ainda mesmo nas oraçoens particulares , ao Symbolo Apostolico.

Da Oraçaõ Dominical.

POrem que diremos da Sacratissima Oraçaõ Dominical ? Que elogios poderemos excogitar , que possaõ parelhar com o valor desta formula divina da esperança e da charidade ? Naõ he deste lugar o fazer aqui mençaõ dos elogios , que lhe fazem os Padres. Basta reflectir que he huma Oraçaõ ditada pelo mesmo Deos ; e naõ , á maneira das outras da Escritura , por meio dos Profetas , mas por meio de seu Filho mesmo ; e de mais a mais ditada ás instancias da Igreja representada pelos Apostolos , que lhe disseraõ: *Senhor , ensina-nos a orar*: a Igreja comprehende quanta he a preciosidade e o valor deste thesouro , com que se acha enriquecida :

por-

porisso he muito cuidadosa em instruir nesta oração desde logo aquelles, que ella gera em Christo, e quer que os cathecumenos usem della, ainda mesmo antes de serem admittidos ao sagrado baptismo: este he o leite, com que ella nutre quotidianamente os seus pupillos, e este he o pão, que dá aos seus filhos, para que vivaõ: desta Oração he que a mesma Igreja forma a porção mais santa das suas oraçoens, com que celebra os officios divinos, fazendo-a dizer em vós alta ao Sacerdote, para que o povo se familiarize com ella, e lhe seja usual, e lhe sirva de preparação a mais excellente para o Sacrificio, e para a participação dos dons sagrados, como adverte S. Agostinho no Sermaõ 18. n. 5, e no Sermaõ 58. n. 12.

§. III.

*Parallelo entre as Formulas da Igreja
e as modernas.*

ESTE he o modo, com que a Igreja até agora tem feito exercitar aos seus filhos os Actos das virtudes Theologaes. Ella reconhece os seus proprios sentimentos nas palavras de S. Agostinho, acima já citadas: *Tens o Symbols, e a Oração Dominical. Nestas duas cousas vê encerradas aquellas tres. A fê crê, a esperança e a charidade oraõ. Porem huma e outra não podem estar sem a fê, e porisso tambem ora.* Porem porque ha tempos para cá temos acostumado o nosso espirito ás ideas escolasticas muito differentes, porisso custa-nos a entrar nas ideas de nossos Santos maiores, e da Igreja: parece-nos
naõ

naõ achar naquellas veneraveis formulas a pretendida precisã e exactidaõ, que encontramos com gosto nas formulas escolasticas. Por tanto he jullo, que nos demoremos ainda por hum pouco nesta materia, para fazermos o parallelo entre humas e outras, e virmos a conhecer, quanto mais pudermos, as vantagens, que as antigas formulas tem sobre as modernas.

Pelo que toca ao Symbolo, he verdade que nelle naõ achamos mais que simplesmente hum *Creio*, e que nelle falta o *firmiffimamente*, e o *porque assim o tem revelado Deos summa verdade á Igreja, e a Igreja a nós*.

He igualmente verdade que as formulas modernas nos põem tudo isto muito bem expresso. Porem se he necessario naõ só crer, mas crer firmemente, e crer pelo motivo da infallibilidade divina, será por ventura tambem necessario o protestar expressamente, que se crê com aquella firmeza, e por aquelle motivo? Naõ bastará faze-lo, assim como basta, quando se faz huma obra boa, o faze-la pelo motivo do amor de Deos, sem ser necessario o protestar, que se faz por aquelle motivo? A Igreja naõ entra nestas precisoens, nem nestas miudezas; esse naõ he o seu espirito. Antes pelo contrario, illuminada por Deos a conhecer o coração humano, cuida antes em imprimir no coração do homem com força as verdades da fé, em transportar o mesmo coração humano, por huma elevaçã viva, determinada e affectuosa, a assentir sem indagaçã nem examinaçã as verdades reveladas, do que em embarçar o mesmo coração, de sua natureza fervido e pronto, com as reflexoens do *coma*, e do *parque*.

Hum

Hum *Credo* nũ e simples tem huma certa fingi-
leza natural e propria, que com ella explica tu-
do: o accrescentar-lhe alguma cousa, he como
quem ajunta agoa a hum copo de vinho gene-
roso; a quantidade aumenta; porem a força
diminue. Eisaqui como com força se explica
Martha no Evangelho. *Crês isto?* lhe pergunta
o Senhor, e ella prontamente responde: *Sim,*
Senhor, eu cri que tu hes o Christo filho de Deos
vivo. Assim tambem responde o magoado Pai
do Evangelho: *Creio, Senhor: ajuda a minha*
incredulidade. Do mesmo modo David no Sal-
mo: *Eu cri: e por essa razão fallei.*

Antes a maior parte das vezes, quando a
fé he affaz viva, se eleva de repente ás verda-
des, que crê, sem nem ainda se lembrar o pró-
testar que crê. Por este modo he que se achão
trabalhadas quasi todas as maravilhosas formu-
las da fé, que Deos nos tem dado nos Salmos
e nos Canticos, e que a Igreja continuamente
põe na boca dos fieis. Sem fallar agora das
expressoens particulares, que se achão espalha-
das pelos Salmos, podem-se ver aquelles Sal-
mos inteiros, dos quais cada hum he hum cõ-
mento de algum dos artigos do Symbolo. Por
exemplo o Salmo outavo (a), que principia:
Senhor, Senhor nosso, quaõ admiravel he o vosse
nome em toda a terra! he hum cõmento bellissi-
mo do primeiro artigo do Symbolo. E comtudo
alli se naõ encontra a expressaõ *eu creio.* Porem
com que viveza e magestade nos representa a fé
alli, a omnipotencia de Deos na creação do uni-
verso em geral, e na do homem em particular.

Naõ

(a) *Domine Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum*
in universa terra! &c.

Não se encontra igualmente o *eu creio* no Salmo 109 (a), que principia *Dixit Dominus* ao meu Senhor, do qual usa a Igreja frequentemente, até o pôr no principio de quasi todas as Vesperas. Porem quaõ maravilhosamente se exercita nelle a fé a respeito da geraçaõ divina do Verbo, do sacerdocio eterno de JESUS Christo, do seu Reino, do seu Poder judicario, da sua humilhaçaõ, e da sua exaltaçaõ á direita do Padre, isto he, a respeito de quasi todos os artigos do Symbolo, que respeitaõ o Salvador? O artigo da Igreja, da santa Cidade de Deos, acha-se explicado com huma inefavel energia no Salmo 47, que principia (b): *Grande he o Senhor, e summamente louvavel Sc.* E naõ obstante naõ se achar alli o *creio*, a fé todavia exprime com jubilo a divina fundaçã daquella Cidade santa, a sua dilataçaõ por todo o mundo, a eterna protecçaõ de Deos sobre ella, os inuteis esforços dos Imperadores para a atterrarem, e pelo contrario o desconcerto e ruina estrondosa do Imperio perseguidor.

E assim naõ he tambem necessario que se exprima; que se erê, porque tudo aquillo foi revelado por Deos á Igreja. Pois quem reza o Symbolo bem sabe que naõ pronuncia nem ainda hum apice, que lhe naõ seja ditado pela Igreja instruida por Deos; sabe que a Igreja he quem lhe subministrou este alimento, quando ainda o tinha no ventre, para o gerar para Deos no baptismo; que todos os dias a mesma Igreja lhe está infundindo este leite nas sagradas oraçoens publicas: que a Igreja diz aquillo
mes-

(a) *Dixit Dominus Domino meo Sc.* (b) *Magnus Dominus, et laudabilis nimis Sc.*

mesmo com elle , e que desde os Apostolos até nós sempre o tem dito , e o diz. E deste modo diz por obra , o que reza o Symbolo , aquillo , que os modernos querem que antes se diga com palavras , do que com o facto.

Passemos á Oração Dominical. Se requeremos para huma formula de esperança e de amor , que ella tenha a materialidade das palavras *eu espero , eu amo* , e as formalidades dos objectos , e dos motivos da esperança e do amor , está claro que tudo isto falta na Oração Dominical. Alem disso esta formula he composta por modo de deprecação , e não com a simples expressão de esperança e amor : o que , segundo os Escolasticos , he muito apartado da natureza destes actos , que elles querem , segundo dizem , que sejam feitos por modo *indicativo* e não *deprecativo*. Porem isto , que a nós nos parece ser hum defeito , he , na intenção do seu divino author , de hum preço e valor tamanho , que só por isto a Oração Dominical se eleva tanto sobre todas as mais formulas , ajustadas com o compasso escolastico ;

Quanto costumão sempre levantar-se

Ciprestes , entre as giestas dobradiças (a).

Nós queremos que tudo se encerre em dizer: *eu espero , eu amo , assim e assim , por isto e por aquillo*. Porem Nosso Senhor quer que o amor , ainda quando se exprime com palavras , não seja de meras palavras , mas de obras e em verdade. Quer que o amor produza desejos inflamados de ver glorificado o seu nome , dilatado o seu reino , executada a sua vontade. Eis aqui qual

(a) Virg. Egl. 1. *Quantum lenta sulent inar viburna expressi.*

qual he a verdadeira lingoagem do amor verdadeiro: e esta verdadeira lingoagem do amor verdadeiro he a que nos põe na boca esta divina formula. Porem porque estes desejos devem ser sinceros e efficazes, porisso Nosso Senhor não quiz que elles se exprimissem dizendo tam sómente: *desejo, que seja santificado o teu nome, que venha o teu reino, que seja feita a tua vontade*; mas quiz-nos ensinar a pôr em pratica estes desejos, e a pedirmos a Deos mesmo, que elle satisfaça e cumpra estes nossos desejos, e porisso ensinou-nos a dizer: *faze com que a tua vontade seja feita*. E assim aqui a charidade começa a tomar o seu verdadeiro aspecto: ama verdadeiramente, tem desejos santos, e estes seus desejos são verdadeiros, sinceros, efficazes e praticos. A charidade porem he illuminada, e por isso he humilde. Quanto mais ama, tanto mais conhece o abyssmo da miseria humana, o fundo de frieza, ingratitude, instabilidade, e repugnancia, que ao bem tem o coração humano: porisso não se arroja a dizer a Deos: *amo-vos muito*: teme ser reprehendida por Deos, que penetra o intimo do coração, e talvez alli achará hum amor muito fraco: conhece que todos os seus esforços naturaes são inuteis, para amar a Deos como se deve, e para poder dizer a Deos com verdade, que o ama como deve; e por essa razão se volta para Deos, a summa charidade por essencia, e lle pede, que glorifique o seu nome nelle pobre creatura, dando-lhe hum amor tão grande, que todo o mundo o veja, e glorifique porisso a Deos; pede-lhe que a elle venha o Reino de Deos por hum completo triumpho do amor celestial,

lestial, e huma perfeita sujeição da concupiscencia: pede que a divina vontade seja nelle executada com aquella plenitude e perfeição, com que se cumpre no Ceo pelos Anjos, e pelos Bemaventurados.

Deste modo he que a charidade acaba de falar no seu verdadeiro tom: deste modo he que ella canta o Cantico novo: deste modo he que o espirito do Filho de Deos clama lá do coração, dizendo: *Padre Nosso*.

Padre, que he huma palavra toda propria do amor, e o he tambem da *esperança* christãa, da qual he inseparavel o amor. Com este Nome, diz S. Agostinho (a), *se excita em nós não só a charidade; pois que cousa ha, que deva ser mais querida dos filhos, do que seu Pai? . . . mas tambem desde logo se excita a confiança de alcançarmos, o que vamos a pedir, pois antes de pedirmos cousa alguma, havemos de antemão recebido hum tão grande dom, qual he, o de permittir-se-nos dizer a Deos, Padre Nosso*. Com o nome de Pai he animada a *esperança*, a qual muito mais se excita quando diz: *que estás nos Ceos*; pois nestas palavras se nos representa a sua potencia, segundo se diz no Salmo (b): *A tua magnificencia se acha elevada sobre os Ceos*; e tambem se nos propõe a sua bondade, segundo diz o outro Salmo (c): *Quem ha que seja como o Senhor Nosso Deos, que*
 N habita

(a) De serm. in Mont. L. 2. n. 16. Quo nomine, & caritatis excitatur; quid enim carius filiis debet esse, quam pater? . . . & quedam impetrandi praesumptio, quae petitori sumus, cum priusquam aliquid peteremus, tam magnum donum accepimus, ut inamur dicere, Pater noster, Deo.

(b) Elevata est magnificencia tua super caelos.

(c) Quasi sicut Dominus Deus noster, qui in altis habitat, & humilia.

habita la no alto, e que se abaixa para vêr o que se passa no ceo e na terra; que tira os mais viz do pó: que levanta do esterco o pobre, para o fazer assentar com os Princeses, com os Princeses do seu povo. Porisso quando diz: Padre Nosso, que estâs nos Ceos; a esperança acha hum Pai cheio de charidade paterna, hum Pai poderoso, hum Pai por sua natureza piedoso. E que he o que se não espera alcançar de hum tal Pai? As formulas dos Escolasticos não nos propõem outro objecto mais que a vida eterna, e ao muito tambem os meios de a alcançarmos. Porem esta formula divina propõe-nos objectos ainda mais amplos. Não ha cousa, que possamos alcançar de Deos, que se não ache nesta sagrada formula. A vida eterna he alli particularmente proposta com o nome do Reino de Deos: e os meios para a alcançarmos se exprimem com especialidade nas palavras de pão quotidiano, no perdão dos peccados, e no livramento das tentações. Porem alem disto que cousas não pode esperar o Christão, tanto pelo que respeita á vida temporal, como á vida espiritual, e particularmente pelo que toca ao aumento e perfeição da justiça christãa? Pois tudo isso se acha expressamente pedido nesta formula divina, a qual porisso he chamada por S. Agostinho a forma de todos os desejos (forma desideriorum), e por essa razão encerra todos os movimentos da esperança christãa.

Alem disso estes desejos nesta formula não são estereis, mas efficazes. A esperança alli não he

humilla respicit in caelo & in terra: suscitans a terra inopem, & de stercore erigens pauperem, ut collocet eum cum principibus, cum principibus populi sui.

he ociosa : porquanto alli deseja-se , e recorre-se aos meios , pelos quais se devem cumprir aquelles desejos : porisso ora a Deos , e lhe pede o cumprimento do que ora , sem o que está claro , que ficariaõ inuteis aquelles desejos ; de outro modo , de que aproveitaria o esperar ? Porém que modo de pedir taõ digno da esperança christãa ! com que simplicidade ! com que singeleza cordial , e sem rodeio algum de palavras , lingoagem verdadeira da confiança filial !

A' vista disto está claro , que esta formula he hum exercicio perfeittissimo da esperança , e nella se encerraõ os motivos mais fortes , e todos os objectos e meios os mais poderosos , os modos os mais proprios , e as expressoens as mais ternas.

§. IV.

Utilidade das Formulas modernas.

NAÕ he minha intençãõ , e Deos tal naõ permita , o menoscabar , com o que tenho dito , as formulas modernas deste piissimo exercicio. Ellas tambem se devem olhar como muito uteis , como ja acima se advertio , sendo bem compostas : e porisso reservei para este lugar o mostrar a sua utilidade.

1.º Primeiramente he sempre util o compor , e propor varias e novas formas de affectos santos , de que podem usar as almas , para se elevarem a Deos.

Isto mostra Deos mesmo em tantas , e taõ maravilhosamente diversificadas formas de affectos santos , que elle ditou , naõ só em cento e cincoenta Salmos , e em tantos Canticos das di-

vinas Escrituras ; mas tambem em outros muitos lugares dos Livros divinos , e com especialidade nos dos Profetas.

Isto tambem mostra a Igreja em muitas outras formulas , que ella accrescentou ás da Escritura. Isto mesmo igualmente mostraõ os Santos , e outros Servos de Deos , os quais nos seus Livros nos subministraõ tantas e tantas formulas , como se vê , entre outros , em S. Agostinho nas suas Confissoens. A mesma razão finalmente mostra a utilidade desta pratica : por quanto os differentes gostos dos homens , os varios estados das almas , a infaciabilidade humana , que se enfastia de tudo o que he usual e trivial , a irreflexão humana , que precisa ser excitada pela novidade , tornaõ sempre util , e de algum modo necessaria a multiplicidade e variedade de formulas , que hajaõ de alimentar a piedade : e por isso prover com esta ajuda e socorro o povo fiel , he cousa bem digna do cuidado daquelles , que presidem ao rebanho do Senhor : e he segundo a intençãõ de Deos e da Igreja o proporem se semelhantes formulas nos ajuntamentos do Povo , para que lhe sirvaõ de instruçãõ.

2.º As novas formulas , que Benedicto XIV deseja que sejaõ breves , saõ huma especie de jaculatorias , cujo uso todos sabem quão conveniente seja em muitas occasioens , para excitar a lembrança de Deos , excitar movimentos santos dirigidos a elle , para rebater as tentaçoens , e principalmente para a luta da hora da morte.

3.º As novas formulas compostas com as formalidades , que requerem os Eclesiasticos ,

tem

tem outra utilidade propria dellas ; e he , o serem instructivas, e levarem consigo mesmo por via de facto hum breve , claro, e pratico compendio das instruçoens , que se costumaõ fazer aos povos acerca dos objectos , motivos , e modos das virtudes Theologaes. E isto só he muito bastante para fazer summamente louvavel o zelo daquelles Santos Prelados , que recõmendão o uso frequente daquellas formulas.

§. V.

Advertencias para bem se comporem as formulas modernas. E em primeiro lugar da Formula da fé.

BENEDICTO XIV com muita razaõ recõmenda , que as formulas sejaõ bem compostas. Pelo que será muito justo , que nos demoremos neste ponto por hum pouco , para fazermos sobre elle algumas reflexoens.

Quanto animo , sempre salvo o melhor juizo , sinto , pelo que toca a formula da fé , huma violenta inclinaçaõ a naõ querer outra mais , que a do Symbolo Apostolico : e ao muito quereria que se lhe fizesse hum pequeno acrescemento no fim , para se exprimir o motivo e firmeza da fé com força e com affecto , dizendo , por exemplo : *assim Deos o disse , assim o ensina a Igreja , e assim o creio e creerei eternamente.* Postoque , como ja advertimos , nem disto ha precisaõ alguma : pois o *Amen* , que se ajunta no fim do Symbolo , encerra com energia toda aquella clausula. E quando todavia se tratasse de se querer introduzir outra formula , parecer-

cerme-hia obrar-se segundo o espirito e inten-
 ção da Igreja, se se traduzisse em lingua vulgar
 o Symbolo Niceno-Constantinopolitano, e se
 fizelle aprender ao povo, ou ao menos ás pes-
 soas, que são mais capazes de o aprenderem.
 Comeffeito a Igreja faz rezar em alta voz este
 Symbolo, tanto nas Missas das Domingas, co-
 mo em todas as festas de maior concurso, e não
 para outro fim, senão para que o povo o aprenda.
 Eis aqui as razoes que me movem a isto.

1.º O Symbolo Apostolico, como ja adver-
 timos, he huma formula de fé não só sufficiente,
 mas ainda muito mais excellente, que qual-
 quer outra; e pelo que respeita a sua auctorida-
 de, he sem igual: e assim que necessidade ha
 de se lhe substituir outra, que lhe seja inferior?

2.º Não se pode compor huma formula da
 fé, da maneira que se deve, sem se encerrar
 nella tudo o que contem o Symbolo, quando se
 trate de fazer huma formula, que haja de sa-
 tisfazer ao preceito: porquanto he cousa clara
 que todos os fieis, que disso são capazes, estão
 obrigados por preceito a saberem o Symbolo,
 a entenderem-no, e a crerem-no: e porisso
 estão obrigados a saberem-no expressamente, e a
 crerem expressamente as verdades conteudas no
 Symbolo: O qual, diz S. Leão Magno (a), quiz
 Nosso Senhor, que ninguem de hum e outro sexo
 houvesse na Igreja, que o ignorasse. E S. Tho-
 maz diz (b): Quanto ás primeiras cousas, que se
 devem crer, que são os artigos da fé, todo o ho-
 mem

(a) Ep. 27. ad Pulch. Aug. c. 4. *Quod Dominus noster in Ecclesia neminem sexus utriusque voluit ignorare.*

(b) 2. 2. q. 11. art. 5. *Quantum ad prima credibilia, quæ sunt articuli fidei, tenetur homo explicite credere.*

mem tem obrigação de os crer expressamente. E esta he a razão, porque a Igreja quer que os fieis rezem o Symbolo todos os dias, para senão esquecerem das verdades conteudas nelle, as quais devem sempre saber, e sempre crer. Para vos não esquecerdes, dizia S. Agostinho aos Competentes (a), *dizei-o todos os dias; quando vos levantardes, quando fordes dormir rezai o vosso Symbolo, rezai-o ao Senhor, encõmendai-vos a elle, não vos envergonheis de o repetir. Porque a repetição he boa, para que não venha a esquecer. Não digaes: disse-o hontem, disse-o ja hoje, digo-o todos os dias, sei-o bem. Lembra-te da tua fê, olha para ti: o teu Symbolo faça-te as vezes de espeelho: Vê-te nelle, se crês tudo o que confessas crer, e alegra-te todos os dias com a tua fê.*

Ora as verdades, que o Symbolo encerra, não se podem expor com mais brevidade e clareza, do que com as mesmas palavras do Symbolo, como he manifesto, e porisso S. Agostinho (b) lhe chama *Regra da fê breve e grande; breve no numero das palavras, e grande pelo pezo das sentenças.* E em outra parte diz o mesmo Santo (c), *que he huma Regra da fê bem compendiada, para instruir o entendimento sem carregar a memoria.* Pelo

(a) Serm. 58. n. ult. *Ut non obliviscamini, quotidie dicite, quando surgitis, quando vos ad somnum collocatis, reddite Symbolum vestrum, reddite Domino, commemorare vos ipsi, non pigeat repetere. Bona est enim repetitio, ne subrepat oblivio. Ne dicatis; dixi heri, dixi hodie, quotidie dico, teneo illud bene. Cõmemora fidem tuam, inspice te: sit tanquam sp̄culum tibi Symbolum tuum. Ibi te vide, si credis omnia, quæ te credere confiteris, & gaude quotidie in fide tua.*

(b) Serm. 69. n. 1. *Regula fidei brevis & grandis: brevis numero verborum, grandis pondere sententiarum.*

(c) Serm. 215. n. 1. *Breviter complexa Regula fidei, ut mentem instruat, nec oneret memoriam.*

Pelo que parece, que se não pode compor outra formula de fé, que seja melhor que o Symbolo.

3.º A Igreja praticou sempre, não só o pro-
por sempre á crença dos fieis com as suas for-
mulas todas as verdades do Symbolo, mas de
mais a mais nunca quiz, que os fieis fizellem
profição daquellas verdades com outras pala-
vras, que não fossem as mesmiffimas do Sym-
bolo Apostolico, ou ao menos que fossem as de
algum outro Symbolo, não composto por autho-
res particulares, mas sim composto por autho-
ridade publica. Nada houve que na Igreja fosse
olhado por mais perigoso, do que conhar aos
particulares hum deposito tão precioso, como
era o da fé, quando se tratava de estabelecer
hum formula, que se houvesse de ensinar aos
fieis. Porisso os Padres advertiaõ os fieis, não
só para que rezassem o Symbolo, mas que o re-
zassem com as mesmas palavras, sem lhe mu-
darem nem hum apice. Eis aqui o que diz S.
Agostinho (a): „ Estas cousas, que em breves
„ palavras ouvistes *não são as deveis crer, mas as*
„ *deveis decorar pelas mesmas palavras, e do*
„ *mesmo modo dize-las.* „ Eis aqui como falla
tambem S. Cyrillo Jerosolymitano (b): „ Abra-
„ çai e guardai tamfomente aquella fé, ou seja
„ apren-

(a) Serm. 214. n. 2. *Ista, quæ breviter audistis, non solum credere, sed etiam totidem verbis memoriæ commendare, & ore proferre debetis.*

(b) Catech. 5. n. 12. *Fidem vero (hoc est Symbolum) in ad discendo atque profitendo illam solum amplectere & serva, quæ nunc tibi ab Ecclesia traditur . . . paucis versiculis univèrsam fidei dogma comprehendimus. Quod quidem ipsis verbis (Εὐ' ἀὐτῆς τῆς ἁγίας) vos meminisse volo, et apud vos ipsos eum omni studio, recitare; non chartis mandantes, sed in corde insculpentes memoriæ.*

„ aprendendo-a ou confessando-a, que a Igre-
 „ ja agora vos ensina . . . em poucos versiculos
 „ encerramos o dogma da fé (isto he , o Sym-
 „ bolo) . O qual quero que recordeis *pelas mes-
 „ mas palavras*, e que rezeis com todo o cui-
 „ dado lá no voffo particular ; não o escreven-
 „ do, mas fim insculpindo-o no coração de me-
 „ moria . . . Igualmente Tertulliano assim diz
 (a): *A regra da fé he absolutamente huma só , e só
 immudavel , e irreformavel.*

Este affêro ás mesmas palavras do Symbolo
 he tanto mais para notar, e mostra quanto era
 o disvello da Igreja neste particular, quanto isto,
 segundo a disciplina da quelle tempo, era mais
 difficuloso: porquanto todos sabem que, (como
 se vê pela passagem de S. Cyrillo acima allegada,
 e pela de S. Agostinho, como tambem de S. Je-
 ronymo e de S. Pedro Chryfologo) era entãõ pro-
 hibido o escrever o Symbolo, e que se devia tam-
 somente imprimir na memoria. Isto não obstan-
 te, este affêro religiosissimo, que a Igreja ti-
 nha para as palavras do Symbolo, o fez passar
 até nós sem alteraçãõ de hum so apice, pelo de-
 curso de tantos seculos, e pelo meio de tantas
 revoluçoens, segundo a forma estabelecida em
 cada Igreja. He de crer que o Apostolo recõ-
 mendasse esta circunspecta attençãõ a Timotheo,
 quando lhe dizia (b): *Segue o modello das santas
 palavras, que ouviste da minha boca, pertencen-
 tes á fé, e á charidade, que he em Jesus Christo.
 Guarda pelo Espirito Santo, que môra em nós, o
 excel-*

(a) De vel. virg. *Regula fidei una omnino est, sola immobilis, et irreformabilis.*

(b) 2. Ad Tim. c. i. v. 13. 14. *Formam habe sanctorum verborum, que a me audisti in fide et dilectione in Christo Jesu. Bonum depositum custodi per Spiritum Sanctum, qui habitat in vobis.*

excellente deposito, que te foi confiado. E porisso huma practica, que sem duvida nos vem do tempo dos Apostolos, deve ser zelosamente conservada.

4.º Igualmente o exemplo dos Santos, que na hora da sua morte quizerão confessar a sua fé, rezando o Symbolo, e selando com elle a sua vida christãa, como fez entre outros S. Pedro Martir; mostra que o Symbolo he huma formula, que se pode santamente empregar para protestar a propria fé na hora da morte.

Comtudo, porquanto por huma parte nem sempre he necessario fazer huma profissão distincta de todos os artigos da fé, e por outra parte pode ser em mil occasioens util o ter huma formula breve á mão; porisso fica livre á zelosa piedade dos Pastores o subministrarem aos fieis alguma formula desta casta, que por elles seja composta, para poder servir áquelle uso. E como isto he arbitrario, he igualmente livre o comporem-na como parecer conveniente á sua prudencia; comtanto porem que se diga aos fieis que usem do Symbolo, quando quizerem fazer huma profissão formal da fé. Disto nos dá hum exemplo a Igreja, a qual depois de haver feito rezar o Symbolo inteiro aos Cathecumenos, quando os introduz na Igreja, faz-lhe fazer huma profissão de fé mais breve antes de os baptizar: he este uso antiquissimo, como se vê em S. Cyrillo Jerosolymitano no fim da Catechese quinta, aonde traz este Symbolo breve, que aquella Igreja fazia rezar aos Cathecumenos depois das suas Abrenuncias, e he o seguinte:
Creio no Pai, e no Filho, e no Espirito Santo, e em hum baptismo da penitencia (a). §. VI.

(a) *Credo in Patrem, et in Filium, et in Spiritum Sanctum, et in unum baptisma poenitentiae.*

§. VI.

Advertencias acerca das Formulas da Esperança.

PELO QUE toca ás formulas da Esperança e da Charidade, assim como ha mais liberdade de formar outras, alem da Oração Dominical, (pois por causa da sublimidade daquella divina formula, parece que os simples poderão receber algum socorro daquellas formulas, que mais particular e especificamente exprimem a natureza destas duas virtudes) assim tambem he precisa maior advertencia para as compor bem, ou para discernir aquellas, que ja se achão compostas. Não se pode duvidar, diz Benedicto XIV, que sejaõ bem compostas aquellas formulas, que os Bispos tem mandado pôr nos seus Cathecismos. Ha porem bastante razãõ para duvidar que muitas das formulas, que correm em folhetos e livrinhos espirituaes, sejam como devem ser.

Pelo que tenho observado, tenho visto que as formulas da Esperança são aquellas, que mais frequentemente se encontraõ mal compostas: e, segundo o meu parecer, são tambem as que tem maior difficuldade em se comporem bem. He cousa bem manifesta, que a doutrina da Esperança se achã dependente, e inseparavel da doutrina da graça e da predestinaçãõ. Se as Escolas Catholicas fossem perfeitamente concordes nestes pontos importantantissimos, está claro que entãõ as formulas da Esperança appareceriaã todas formuladas pelo mesmo modo em quanto ao sentido, posto que houvesse alguma variedad^{es} nas

nas palavras. Achando-se porem aquellas Escolas tão discrepantes e contrarias entre si ; bem se vê que he de necessidade , que as formulas dos Molinistas fação hum sentido differente das que são compostas pelos Thomistas e Augustinianos , caso que tanto huns como os outros queiraõ explicar claramente os seus sentimentos. Hum Augustiniano e hum Thomista , que queiraõ explicar-se claramente , comporaõ a formula da Esperança , pouco mais ou menos , deste modo : „ Espero , ó meu Deos , ter sido „ posto , pela vossa pura bondade sem mereci- „ mento algum meu , no numero dos escolhi- „ dos , que quereis efficaçmente salvar com a „ vossa omnipotente graça pelos merecimentos „ de Jesus Christo vosso Filho : e que para isso „ heide receber de vós todos os socorros , que „ haveis promettido aos vossos escolhidos , pelos „ quais heide cumprir os vossos mandamentos , „ e seguramente heide morrer na vossa santa „ graça : isto espero , porque vós assim man- „ daes. „ Hum Molinista não pode fallar deste modo : dirá alguma coisa , que he desnecessario pôr aqui , porem será muito differente. Eis aqui pois se pode suscitarse perigosamente huma grande perturbação e escandalo entre os fieis ; se , por exemplo , hum Parocho na sua Parochia , ou hum Bispo na sua Diocese ensinasse huma formula da Esperança ; e o outro na sua vizinhança , ou o successor na mesma , desaprovasse aquella formula , e propuzesse outra. Deos Nosso Senhor se digne dar toda a prudencia necessaria aos Pastores , para medirem as palavras de huma tal formula de modo , que nunca aconteça hum tal escandalo. Pelo que respeita á Esperança ,

rança, foi com muita prudencia composta a formula, que modernamente se imprimio para o uso da Igreja de Brescia.

Naõ posso comtudo deixar de advertir, que muito frequentemente se lê em alguns livrinhos a formula da Esperança, composta deste modo, e com este sentido: „ Espero, ó meu Deos, que „ heide alcançar de vós a vida eterna pelos me- „ recimentos de Jesus Christo, e com a ajuda „ da vossa santa graça; *se comtudo* eu tambem „ da minha parte for fiel até á morte na obser- „ vancia dos vossos santos Mandamentos: e „ espero isto, *porque* vós assim o haveis promet- „ tido. „ Ha nesta formula duas cousas más, que viciaõ a justa idéa, que o povo christão deve ter desta virtude, que lhe he tão necessaria, e porisso, ao meu parecer, deve evitar-se o uso della. As duas cousas más, que alli noto são o *se*, e o *porque*: quero dizer, a *condição* expressa deste, ou de outro modo equivalente, e o *motivo*. A condição alli posta tem duas más qualidades. Porque primeiramente contem hum erro manifesto. Pois dizer *ferei salvo, se viver bem até á morte*, he huma verdade de fé, e he hum artigo revelado, o qual naõ se pode pôr em duvida sem vacillar na fé: E assim sobre ella naõ pode cabir o *Espero*, que he o mesmo que dizer, *naõ estou inteiramente certo*: mas deve-se dizer, *creio infallivelmente que ferei salvo*, pois tendes dito, Senhor, *que aquelle que perseverar até o fim, esse será salvo* (a). Portanto o Acto de Esperança de que fallamos, naõ he hum acto de verdadeira esperança, mas sim huma verdadeira duvida

acerca

(a) Matt. c. 24. v. 13. *Qui autem perseveraverit usque ad finem, hic salvus erit.*

acerca do que he de fé. Em segundo lugar, o pôr por condiçãõ as boas obras, e a perseverança final, he naõ fazer estas cousas igualmente objecto da esperanza, e isto he outro erro. Pois devemos esperar de Deos naõ só a vida eterna, mas tambem as obras boas, e a perseverança nellas: isto he, devemos esperar de Deos naõ só o fim, mas tambem os meios. E porque a oraçaõ he a lingoagem da Esperança, porisso a Igreja ensina aos seus filhos a pedir naõ só a vida eterna que nos está promettida, mas tambem a pedir a Deos o cumprimento dos seus preceitos: Eis aqui como ella pede na oraçaõ da Dominga 13 depois do Pentecostes (a): *Para que sejamos dignos de alcançarmos aquillo, que nos prometteste, faze-nos amar aquillo, que nos mandaste.* E na Dominga da Septuagesima na oraçaõ depois da Comunhaõ, diz assim (b): *Sejaõ os teus fieis fortalecidos pelos teus dons, para que recebendo-os os procurem, e procurando-os os recebaõ para sempre.* E na oraçaõ depois da Cõmunhaõ, na Missa da sexta feira depois da segunda Dominga da Quaresma, pede assim (c): *Fazei, nõs vo-lo pedimos, Senhor, que depois de havermos recebido o pinhor da salvaçaõ eterna, caminhemos para ella taõ congruentemente, que em fim a ella possamos chegar.*

Do mesmo modo o motivo, que na sobre dita formula se propõe, tomado juntamente com a condiçãõ ja exposta, encerra huma manifesta

(a) *Ut mereamur assequi quod promittis, fac nos amare quod præcipis.*

(b) *Fideles tui per tua dona firmentur, ut eadem & percipiendo requirant, et requirendo sine fine percipiant.*

(c) *Fac nos, quæsumus Domine, accepto pignore salutis æternæ, sic tendere congruenter, ut ad eam pervenire possimus.*

nifesta injuria contra Deos. Porquanto cisaqui o sentido que faz aquella formula: *Tendes promettido a vida eterna a quem guardar fielmente até á morte os vossos mandamentos; e porisso, se eu tambem vos for deste modo fiel, espero alcança-la.* Quem pode soffrer que se falle assim de Deos? Posta por nós a condiçãõ, pode porventura faltar a divina promessa? He porventura Deos mentiroso, para se pôr em duvida, com hum *Espero*, a sua promessa? Pode elle faltar á sua palavra? Não certamente: *Porque Deos he verdadeiro: e todo homem mentiroso.* E o Senhor disse: *Passaraõ o ceo e a terra, porem as minhas palavras não passaraõ.* Ou acaso quer Deos cumprir as suas promessas, mas não está certo se o poderá? Nem tambem isto se pode dizer: *Porque he poderoso para fazer aquillo, que prometteo.*

Veja-se o Appendix ao Tratado da Confiança Christãa, impresso em Veneza em 1751. Alli se mostraõ alguns defeitos em dois differentes actos de Esperança, não obstante terem sido formulados por homens capazes. O que servirá de prova da circunspecção, que deve haver em adoptar formulas desta virtude; pois a idea della se acha muito obscurecida em muitos, por causa das disputas sobre a graça e predestinação; e o resão das mesmas disputas tambem se acha espalhado em huma infinidade de livros asceticos, e derramado largamente pelo povo; o qual por essa razão precisa de ser bem illuminado e instruido, como deve ser, e tirado de qualquer erro, em que possa estar, em huma materia tão importante.

§. VII.

Advertencias para o Acto de Charidade.

O DOUTO Author do Appendix acima citado nos subministra huma advertencia, digna tambem de ser ponderada, acerca das formulas da charidade. He verdade que estas são mais facéis de compor, pois as Escolas presentemente concordão em se dever amar a Deos, e dever-se amar com todo o coração, como Bondade Summa; e assim parece não poder haver discrepancia alguma a respeito de semelhantes formulas, em quanto ao seu sentido, seja quem for que as formule.

Porem postoque o sobredito Author esteja bem persuadido, como outrem qualquer o está, que Deos deve ser amado *com todo o coração*; comtudo não pode louvar que na formula se diga: „ Meu Deos, amo-vos *com todo o meu coração*. „ Para isto allega boas razoens nas paginas 289 e seguintes, as quais vamos a referir com algum accrescento, para por fim virmos a dar a isto huma modificação, a qual sabiamente propõe o mesmo Author.

1.º Primeiramente deve-se advertir que se não lê em toda a Escritura esta expressão: *Amo-vos com todo o coração*; não obstante ter-nos Deos, especialmente nos Salmos, ditado formulas maravilhosas da charidade. No Salmo 17 diz-se: *Amar-te-hei, ó Senhor, fortaleza minha*. Aqui podem falta a expressão *com todo o meu coração*. E ainda que a houvesse, disso não se poderia tirar consequencia alguma: porque (para não dizer por-hora outra cousa) não diz, *eu te amo*,

mas fomite *amar-te-hei*, o que he muito differente. Quem diz *eu amo*, exprime a posse do amor; porem quem diz *amarei*, exprime somente o desejo, ou o proposito, ou a esperanca. Ora assim como hum principiante na charidade pode dizer com verdade: *desejo amar-vos, ou proponho amar-vos, ou espero vir a amar-vos ainda com todo o coração*; assim tambem he difficuloso encontrar nesta vida huma alma, que possa dizer com verdade: *amo vos com effeito com todo o meu coração*; que he o mesmo que dizer: *tenho chegado á perfeição, e a tal perfeição, que me não resta passo algum para dar; porque, como diz S. Agostinho, se restar ainda alguma cousa, então não será tudo.* Tambem no Salmo 114 se diz simplesmente *Amei*, e não só se não acrescenta alli *de todo o meu coração*, mas nem ainda expressão alguma, que a esta se assemelhe: antes este Salmo está todo cheio de expressoens humildes, para denotar que ainda está muito longe da plenitude da charidade; como entre outras são as seguintes (a): *Livrai a minha alma, ó meu Deus. O Senhor he misericordioso, he justo: o nosso Deus he cheio de huma terna compaixão.*

He verdade que se encontra a expressão *com todo o meu coração* em alguns Salmos, como no Salmo 85, 110, e 137, junta á palavra *Louvar-te-hei, Senhor* (b). Ora dizer: *Louvar-vos-hei,*

(a) *O Domine libera animam meam: misericors Dominus, et justus, et Deus noster miseretur.*

(b) *Ps. 85. v. 11. Confitebor tibi Domine Deus meus in toto corde meo, et glorificabo nomen tuum in æternum. Ps. 110. Confitebor tibi Domine in toto corde meo, in consilio justorum, et congregatione. Ps. 137. Confitebor tibi Domine in toto corde meo, in conspectu Angelorum psalam tibi.*

hei, *Senhor*, he o mesmo que dizer, *amar-vos-hei*; pois, segundo S. Agostinho, o amoroso he que louva verdadeiramente a Deos. A' vista disto parecer-nos-ha termos achado nos Salmos a expressãõ, *amo-vos com todo o coração*. Porém o tempo futuro *amar-vos-hei*, e não o presente *amovos*, que alli senãõ acha, desfaz todo o argumento; pois naquella expressãõ do Salmo achamos, não hum gosto de amar ja a Deos perfeitamente, mas tamfomente hum desejo, hum proposito, ou para o dizer melhor, huma esperança, que se hade verificar, não nesta vida, mas na futura. Porisso o Santo Profeta não diz tamfomente *Louvar-vos-hei*, mas diz tambem quando he, que o hade louvar deste modo tão eminente; isto he, quando se achar *no ajuntamento dos Santos, na presença dos Anjos, aonde o seu Cantico hade ser eterno*.

Alem disto, como doutamente observa o citado Author: „ Os Salmos exprimem principalmente as disposicoens da Cabeça, (que he Jesus Christo) e do corpo dos Escolhidos; „ e faõ cantados pelos fieis especialmente em nome da Igreja, e neste respeito, ás verdades as mais magnificas corresponde huma exactissima verdade. „ O Author tirou isto de S. Agostinho, o qual diz (a): *Nos Salmos apenas acharás palavras, que não sejaõ no nome de Christo e da Igreja*. Por esta regra se vem a entender a razãõ da expressãõ do Salmo 118, que he a unica que se pode oppor ao que dizemos: no versiculo decimo deste Salmo se diz: (*In toto corde meo exquisivi te*). *Busquei-te com todo o meu*
cora-

(a) In Ps. 69. *Vix est, ut in Psalmis invenias voces, nisi Christi et Ecclesie nomine.*

coração. Nestas palavras não reconhece o Santo Padre a voz de algum fiel em particular, que com verdade possa e com modestia appropriar a si huma expressão tão forte. Esta voz he a da Igreja da nova alliança: *Este he*, diz o Santo, *o povo mais moço, filho da graça, e cantor do novo cantico* (a). ,, Pelo contrario, prosegue o nosso ,, Author, a formula de hum Acto, que se deve dizer por hum particular, e não no nome ,, de todos, deve exprimir propriamente o sentimento de cada particular, o qual attesta a ,, Deos, qual he a sua propria e particular disposição. ,,

2.º Em segundo lugar entre tantas formulas de orar, que a Igreja nos propõe, em nenhuma dellas se encontra a forte expressão de *amovos com todo o coração*. Por tudo o que tenho podido observar a este respeito, tenho sempre visto que a Igreja, esta nova Rainha de Sabá, que ouvio a sabedoria do divino Salamaõ seu Esposo, e que por elle foi ensinada a orar, dizendo *Padre Nosso que estás nos Ceos*, e a pedir antes humilde e utilmente o amor divino, do que a gloriar-se de o ter; esta nova Rainha, digo, segue constantemente a pratica de por na boca de seus filhos, em vez de grandiosas expressões de affecto, petições humildes e efficazes do santo amor, como se vê em todas as seguintes, que aqui se trazem para exemplo (b): *Senhor, in-*

O 2

fun-

(a) *Ib. Iste junior populus, gratiae filius, cantator novi cantici.*

(b) *Spiritum nobis Domine tuae dilectionis infunde: Ure igne Sancti Spiritus renes nostros, et cor nostrum, Domine: Dirige ad te tuorum corda fervorum; ut Spiritus tui fervore concepto, et in fide inveniantur stabiles, et in opere efficaces: Infunde cordibus nostris tui amoris affectum: Inserere pectoribus nostris amorem tui nomi-*

*fundi-nos o espirito do vosso amor : Senhor , abra-
zai com o fogo do Espirito Santo, as nossas entra-
nhas , e o nosso coração : Dirigi para vós o cora-
ção dos vossos servos , para que , ateado nelles o fo-
go do vosso Espirito , sejaõ estaveis na fé , e effica-
zes nas obras : Infundi nos nossos coraçoes o affe-
cto do vosso amor : Enxeri nos nossos peitos o amor
do vosso nome , e dai-nos o aumento da religião : e
porque sem vós nada pôde a fraqueza humana, dai-
nos o auxilio da vossa graça : porque sem vós cabe
o homem mortal : porque sem vós não pode perse-
verar saivo : sustenha-se a nossa fragilidade com
os remedios da vossa misericordia : a qual sô se
apoiã na esperança da graça celeste.*

3.º O nosso Author continua a reflectir, di-
zendo ,, que não sabe que tenha havido exem-
,, plo algum de Santos , que tenhaõ sido illumi-
,, nados e dirigidos pela sabedoria divina nas
,, effusões do seu coração , e que tenhaõ pro-
,, testado a Deos , que o amavaõ , não só quan-
,, to podiaõ segundo a presente dilatação do
,, seu coração , mas tambem que o amavaõ
,, quanto deviaõ , isto he , com toda plenitude,
,, de que he capaz o coração nesta vida. ,, To-
dos sabem quanto S. Agostinho , e quaõ mara-
vilhosamente tem desafogado os affectos do seu
coração na presença de Deos , e qual he o
transporte , com que falla nas suas confissões ;
as quais talvez saõ o modello mais excellente das
orações christãs , que tem o povo de Deos ,
abai-

*nominis , & præsta in nobis religionis augmentum : Et quia sine
te nil potest mortalis infirmitas , præsta auxilium gratiæ tuæ :
Quia sine te labitur humana mortalitas : Quia sine te non potest
salva consistere : Misericordiæ tuæ remediis fragilitas nostra subsi-
stet : Quæ in sola spe gratiæ cælestis innitiatur.*

abaixo das da divina Escritura, e das da Igreja. Por esta razão cuidadosamente indaguei se nellas se acharia a expressão, de que se tracta. Eis aqui tudo o que tenho encontrado a este respeito. O' amor, diz elle em huma parte (a), que sempre ardes, e nunca te extingues, Deos meu, que és a charidade, inflama-me. Dá o que me mandas, e manda o que queres. E em outra parte (b): Da-te a mim, Deos meu, entrega-te a mim; porque eu te amo, e se te amo pouco, oxalá que te ame mais fortemente. Não posso medir, que he o que me falta de amor, para ser o que seja bastants, a fim de correr para os teus abraços a minha vida, nem se aparte, até que seja escondida lá no secreto da tua face. Bem se está vendo quanto estas expressoens sejaõ differentes destas: Meu Deos amo-vos com todo o meu coração: elle diz que ama, mas confessa que não tem chegado ao cume do amor, e que não sabe quanto lhe falta para chegar a isso: não diz que arde, mas que deseja ser inflamado: não se gloria de ter o amor devido, mas pede-o áquelle, que he o manancial da charidade: Dá o que me mandas, e manda o que queres. O que fez dizer ao celebre Bossuet, que tudo o que se pode pôr judiciosamente em huma formula de amor he isto (c): Vós, Senhor, sabeis que vos amo. Dai-me

(a) Lib. 10. n. 40. O' amor, qui semper ardes, & numquam extingueris, caritas Deus meus, accende me. Da quod jubet, & jube quod vis.

(b) Lib. 13. n. 9. Da mihi te, Deus meus, redde te mihi: te enim amo, & si parum est, amem validius. Non possum metiri, quantum desit mihi amoris ad id, quod sat est, ut currat vita mea in amplexus tuos, nec avertatur, donec abscondatur in abscondito vultus tui.

(c) Ep. 79 inter editas an. 1746. Tu scis Domine, quia amo te. Da quod jubet, jube quod vis. Voilà tout.

me o que me mandais, e mandai o que quereis. Eisaqui tudo. Eisaqui tudo, o que se pode dizer, e nada mais.

Comefeito a charidade, que S. Agostinho chama *ardentissima e luminosissima*, quanto he mais *ardente*, tanto he sempre mais *illuminada*. Porisso os Santos quanto mais se chegaõ á perfeiçaõ da charidade, tanto mais conhecem lá no seu coração o vazio, que ainda alli resta para encher: porisso sempre cresce cada vez mais nelles a fome e a sêde da justiça: porisso bem longe de se julgarem ricos e fartos, (pois entaõ seriaõ deixados vazios) não fazem outra cousa mais do que gemerem, á maneira de pobres famintos, para serem cheios dos bens divinos. Porisso posto que, movidos em alguma occasiaõ de hum santo transporte, excesso, extase do seu fervor, digaõ talvez expressoens magnificas, como fez David, que disse de si (a) *Quando eu estava em paz, e em socego, entaõ dizia a mim mesmo: Nunca mais serei abalado*; comtudo as suas ordinarias expressoens todas se dirijem a accusarem-se de amarem pouco a Deos, e de serem frios, ingratos, e insensiveis ao clamor de todas as creaturas, que os exhortaõ a ama-lo: e porisso concluem todas as suas oraçoens dizendo (b): *Senhor tirai-nos este coração de pedra, e dai-nos hum coração de carne*: porisso enfim não cessaõ de gemer como pobres diante da porta do grande Pai de familias, e pedir-lhe hum pouco de paõ, dizendo: *o Paõ nosso de*

(a) Psalm. 29. v. 7. *Ego dixi in abundantia mea: non movebor in aeternum.*

(b) Ezech. c. 11. v. 19. *Auferam cor lapideum de carne eorum, & dabo eis cor carneum.*

de cada dia nos dai hoje. Eis aqui como fallava S. Agostinho nas suas confissões (a): *Eu sou hum pobre e hum mendigo, e me acho milhor descontentando-me de mim, quando gemo no meu secreto, e busco a tua misericordia, até que se repare o meu defeito, e se vá aperfeiçoando até chegar aquella paz, que he desconhecida aos olhos do arrogante.*

4.º E se aos mesmos Santos deve ser incômoda, e contraria aos seus justos e interiores sentimentos, huma formula, em que se vem obrigados a dizerem contra a verdade, que estão conhecendo: *eu vos amo de todo o meu coração*; como quadrará huma expressão taõ forte na boca dos justos ordinarios, os quaes postoque já amem a Deos mais que todas as cousas, com tudo ainda amaõ com Deos ao mesmo tempo tantas cousas, e se achãõ cercados de tantos pi-queños apegos? E quanto menos convirá esta formula ao peccador penitente, que apenas começa a respirar da oppressão, que lhe causa a concupiscencia? *Por ventura ensinamos-hemos a ser soberbos, e a ousarem attribuir a si alguma perfeição?* applicando a este proposito estas palavras de S. Agostinho (b).

He por tanto o nosso Author de parecer, que assim como a Igreja se contenta com as simples palavras: *Creio em Deos &c.*, nas quaes, segundo o sentimento dos Padres e dos Theologos, se encerraõ naõ só os actos de fé, mas

(a) Lib. 10. n. 63. *Egenus & pauper ego sum, & melior in occulto gemitu displicens mihi, & quærens misericordiam tuam, donec respiciatur defectus meus, & perficiatur usque in pacem, quam nescit arrogantis oculus.*

(b) In Psalm. 32. enarr. 2. n. 4. *Numquid hoc vobis monemus, ut superbi sitis, & vobis aliquam perfectionem audeatis arrogare?*

mas tambem os de esperanza e de charidade ,
 os quais cada hum forma em particular mais
 ou menos expreila e fervorosamente , segun-
 do os differentes dons e disposiçoens de cada
 hum : assim tambem para hum acto de espe-
 rança e de amor , que seja cômum para to-
 dos , parece ser bastante as simples palavras de
espero e amo , as quais podem servir para ex-
 primirem o mais ou o menos de charidade e
 esperanza , que se achar em cada hum daquel-
 les , que as pronunciarem , ,

Comtudo , não obstante as cousas até aqui
 ditas , o mesmo Author convem , em que se
 possa pôr na formula da charidade a expressão :
com todo o meu coração : com tanto que por hu-
 ma parte com isto não haja outra tenção mais ,
 do que propor aos fieis hum modello perfeito
 da charidade christãa , e advertilos do summo
 grão , a que devem aspirar com os seus desejos ,
 e que devem pedir a Deos nas suas oraçoens :
 e por outra parte sejaõ os mesmos fieis adver-
 tidos cuidadosamente pelos Cathechistas , de
 que não podem pronunciar aquellas palavras
 com verdade. O que em todo o caso se lhe deve
 advertir tambem a respeito dos Salmos e Can-
 ticos , pelo que toca ás suas sublimes expres-
 soens , poucas das quais podem convir ao côm-
 mum dos fieis : e isto não obstante se lhes pro-
 põem , não por serem julgados acharem-se na-
 quellas disposiçoens , que se requerem , para
 se lhes poderem applicar com verdade , mas
 tambómente , diz S. Agostinho (a) , *porque orando*

nós
 (a) Ep. 130. ad Probam n. 18. *Ideo etiam verbit rogamus*
Deum , ut illis rerum signis nos ipsos admoneamus , quantumque in
hoc desiderio profecerimus nobis ipsis , innotescamus , et ad hoc augen-
dam nos ipsos acivus excitemus.

nós a Deos com palavras, sejamos por nós mesmos advertidos por via dos sinais das cousas, (isto he, para nos instruirmos das nossas obrigaçoens), e para que nós conheçamos até que ponto nos temos adiantado neste desejo, (isto he, para nos examinarmos pelo que toca ao nosso aproveitamento) e para mais nos excitarmos a nós mesmos, a fim de o aumentarmos, (isto he, para sempre nos excitarmos cada vez mais a adiantarnos no amor divino).

Aquelle porem que quizesse ao mesmo tempo unir na formula com a *instrucção*, com o *exame*, e com a *excitação*, a *verdade* e a *humildade*, que devem sempre acompanhar os exercicios de piedade, e porisso quizesse dizer:

„ Meu Deos, confesso que vos deveria amar
 „ com todo o meu coração, porque vós muito
 „ bem o mereceis, e mo mandais com grande
 „ instancia. Amo-vos, Senhor; porem amo-vos
 „ pouco: desejo amar-vos mais, e chegar a
 „ amar-vos com todo o coração. Daigne, Se-
 „ nhor, a graça para cumprir o vosso preceito: „
 „ creio que este deveria louvar-se.

§. VIII.

Advertencias para a reza das Formulas.

BENEDICTO XIV sabiamente exhorta os Bispos, para que ponhão nos Cathecismos das suas Dioceses as formulas dos Actos das virtudes Theologaes, as quaes com razão suppõe haõ de ser bem compostas; e caso que sejaõ defeituosas, que as ordenem bem, e que essas tamõmente sejaõ as que fação aprender aos fieis; pois do que até aqui se tem dito bem se vê, que não he para todos o comporem-nas

bem : e que por essa razão não he bem que cada hum proponha as suas, ou as tire de qual-quer livrinho: e que alem disso será bom que os mesmos Bispos vigiem sobre os Missionarios, mandando-lhes que não proponha as suas proprias formulas, mas que tamfómente se firvaõ das do Cathecismo da Diocese.

Todavia, por muito bem compostas que sejaõ as formulas, he cousa muito importante o instruir cuidadosamente os fieis no modo, com que devem usar dellas, para que lhes sejaõ verdadeiramente proveitosas, e se evitem as illusoens, que o demonio procura introduzir em huma praticaõ santa. Para o que julgo, que será muito conveniente fazer as advertencias seguintes.

1. Ainda que todos saibaõ que estas santas formulas se devem dizer do coração, e que ditas de outra maneira não se honra a Deos com ellas, mas antes procuramos illudilo, e a nós mesmos; comtudo he preciso advertir, que huma cousa he *procurar* dize-las do coração, e outra he o *dize-las com effeito* do coração; no que muitos se enganaõ. Quando hum se põe com applicaçaõ a dizer a sua formula, e tem procurado mover o seu coração a acompanhar aquella reza, julga de ordinario que a tem dito do coração. A razão deste ordinario engano he; porque não sendo outra cousa o coração senaõ a nossa vontade, quando sentimos que a vontade manda á vontade que diga aquillo, que lhe ordena que diga, julgamos entaõ, sem mais nem mais, que a vontade he quem o disse. Porém S. Agostinho desvaneeo este engano muito bem. Muitas vezes, diz elle (a), acontece que

(a) Confess. l. 8. ca. 26. *Imperat animus sibi, et resistitur.*

a animo manda ao animo, e contudo se lhe resiste.
 O que acontece, porque entãõ a vontade não se acha plena e inteira, mas sim repartida como em duas, das quais huma se dirige a cima, e a outra tende para baixo. Entãõ, diz elle (a), *não he toda a vontade a que manda, e porisso não existe o que ella manda. Porque se aquella vontade fosse plena e inteira, entãõ não mandaria que a cousa fosse, porque ja o seria.*

Este perniciosissimo engano faz, com que huma alma, que se acha em peccado mortal, e que está verdadeiramente indisposta para sahir delle, em algumas occasioens se lisongea de haver feito hum acto de perfeito amor e de contrição, porque se esforçou a dizer com o coração: *amo-vos: arrependo-me, e me peza*: bem que, não obstantes todos aquelles esforços, o coração adormecido, insensivel, e implicado nos laços da concupiscencia, não tenha querido dizer o que profere a boca, nem se haja com effeito resolvido a antepor Deos aos bens, que injustamente retem, áquella amizade, áquella odio &c.: e esta he huma das origens de tantas confissoens falsas, e que todos os dias se fazem sem emenda alguma.

2. He preciso tambem advertir que huma cousa he dizer *do coração*, e outra *dize-lo em verdade*. He facil de reconhecer o engano, que acabamos de notar, porque se pôde muito bem sentir a frialdade e repugnancia do coração, quando se dizem as palavras de amor. Porem quando o coração as pronuncia com fervor e promptidaõ, muito principalmente se isto he

acom-

(a) Ib. Non utique plena imperat; ideo non est, quod imperat. Nam si plena esset, nec imperaret ut esset, quia jam esset.

acompanhado da ternura e sensibilidade ; entãõ
raras sãõ as almas , que não julguem haverem
produzido hum actõ de amor perfeito , se a for-
mula , que pronunciaõ , encerra expressõens de
hum amor perfeito. E comtudo não seria diffi-
cultoso o conhecer tambem esta illusãõ ; por-
quanto he hum proverbio vulgar , que huma
cousa he dizer , e outra o fazer. Temos hum
exemplo deste engano em S. Pedro. Elle disse ,
e do coração , a Christo na ultima cêa : *antes*
morrer , do que negar-vos. A expressãõ era de
hum amor perfeito ; pois , como o mesmo Chri-
sto disse , não ha charidade maior , do que dar a
vida pelo amigo. Isto não obstante , profério
porventura S. Pedro aquellas palavras *com ver-*
dade ? Tinha acaso aquella charidade grande e
perfeita , quando usava das palavras de huma
grande e perfeita charidade ? S. Agostinho nos se-
gura que S. Pedro tinha huma charidade *ainda*
pequena , e invalida (a). E o effeito o mostrou.
Porque elle não só não tinha aquella grande
charidade , que vence a morte ; mas a tinha tão
pequena , que foi vencida pelo sôno : e mereceo
de Christo , em desabono da sua expressãõ cor-
dial , porem presumida , a reprehensãõ humi-
lhante , porem saudavel , quando lhe disse : *Si-*
maõ , dormes ? Não pudeste vigiar huma hora ?

Este engano he frequente nas almas espiri-
tuaes, muito principalmente nos seus principios,
nos quais , como meninas , Deos as costuma
alimentar com o leite de huma devoçãõ sensi-
vel. Deste engano he, que provem o pouco pro-
gresso que ha nellas , e ainda a frieza total , e
depois as quêdas graves , como aconteceu a

(a) De Liber. arb. c. 17. *Adhuc parvam et invalidam,*

S. Pedro ; porque aquelle engano lhes introduz a soberba , a presumpção das forças próprias , a frieza na oração , e no caminho da virtude.

3. A terceira advertencia he , que o merecimento e valor destes actos não se deve medir pela sublimidade das palavras e das expressões , mas sim pelos grãos maiores ou menores do fervor e interna disposição , com que se pronuncia. He pouco custoso o formar cada hum por si , ou achar nos livros de devoção formulas de amor tão perfeito , o qual só seria proprio dos Serafins , e pronuncia-las com applicação do coração. He igualmente facil , a quem tem algum principio de charidade , o pronunciar aquellas tão elevadas formulas com promptidão , ternura , e com hum transporte devoto. *Soffrirei mil mortes , e mil martirios , Senhor , antes do que offender-vos com advertencia , nem ainda com hum peccado venial :* Eis aqui temos huma expressão bem vehemente. Se ouvessemos de medir o merecimento deste acto pela grandeza da expressão , então quem a pronunciasse do coração teria desde logo o merecimento , não só de hum martirio , mas de mil martirios. E então teriamos hum caminho muito breve e facil , para merecer-mos muito com quasi nada. E como estas jaculatorias devotas se podem repetir quantas vezes se quizer cada dia , eis aqui teriamos na nossa mão hum estupendo segredo da Alchimia espiritual , para em poucos momentos , fazer-mos ouro sem trabalho , e sem despeza. Estas mortes , e estes martirios , que não só se olhaõ ao longe , mas que são inverosímeis , fazem muito menor impressãõ nos nossos sentidos , do que o deixar de comer hum bocado

gostoso, ou deixar de ver huma cousa aprazivel. A concupiscencia, que se não sente tocada, e muito menos ferida no vivo, não se manifesta, nem repugna. E assim com huma charidade tranquillissima, e que estremeceria, e tremeria com perder huma pouca de fazenda, ou huma casa, se sacrificão alegremente com a imaginação, fazenda, honra, e mil vidas. Deos porem está vendo o nosso coração, e conhece cabalmente qual he o seu estado, e as suas disposições: e ao mesmo tempo que imputa a grande merecimento hum *eu vos amo* simples, porem proferido com huma grande e vigorosa charidade, capaz com effeito de sacrificar a vida, não apreça senão em muito pouco huma expressão magnifica, porem pronunciada por huma charidade fraca e enferma, que não he boa senão para dizer palavras, e que desaparece quando se trata de obrar.

Comtudo por outra parte estas expressões vivas são muito uteis, para excitar o nosso affecto, quando vão acompanhadas de huma sincera humildade, pela qual nos estamos envergonhando de proferir palavras tão altas com hum amor tão baixo, e nos excitaão a gemer diante de Deos a nossa pobreza, manifestada e descuberta pela confrontação, que della fazemos, com aquellas sublimes formulas: do mesmo modo que hum anaõ entaõ conhece quaõ piqueno he, quando se abraça com hum gigante.

Porem se nos lisongea-mos de estar-mos no estado, em que seria conveniente que estivessemos, para applicar-mos com verdade a nós aquellas formulas, por nos parecer que as pronunciamos sinceramente e fervorosamente, en-

tão

taõ hum tal exercicio he taõ pouco meritorio, que antes huma semelhante lingoagem faz com que Deos se estomague, e o ponha a ponto de nos vomitar da sua boca.

Esta he a particular doença da tibieza; e a que fez com que Deos annunciasse ao famoso Bispo de Laodicea: *oxalã que tu fosses (a) ou frio, ou quente: mas porque tu es mórno, e nem és frio, nem quente, estou eny termos de te vomitar da minha boca.* O que he quente, he verdadeiramente fervoroso, diz a Deos bellas palavras, e as diz com verdade: Deos nisso he honrado, agrada-se, e o premeia. O que he inteiramente frio, se nada diz a Deos, ao menos naõ o enfastia com as suas jaçtancias. Porem o que he tépido, facilmente se lisongea de ter os grãos de amor, que naõ tem: he pobre, e gloria-se de ser rico: diz (b), *sou rico, e enriquecido estou, e naõ tenho necessidade de nada: e naõ sabe que he hum coitado, hum miseravel, hum pobre, hum cego, e nú.* Diz que he rico, e que de nada necessita, aquelle que diz: *amo-vos com todo o meu coração:* e crê dize-lo com verdade, porque se gloria de ter a plenitude da charidade, que he a nossa unica e verdadeira riqueza, fóra da qual naõ ha necessidade de cousa alguma mais. Se a tibieza naõ tivesse annexo a si este vicio, seria hum mal menor do que he a frieza: e Deos se apartaria primeiro do frio, do que do tépido. Porem a tibieza gera a presumpçaõ,

e

(a) Apoc. c. 3. v. 15. *Utinam frigidus esses, aut calidus, sed gula nec frigidus es, nec calidus, sed tepidus, incipiam te vomere ex ore meo.*

(b) Ib. v. 17. *Dicis quod dives sum, et locupletatus, et nullus ego: et nescis quia tu miser es, et miserabilis, et pauper, et cæcus, et nudus.*

e a soberba, a que Deos resiste. *Porque tu és tẽpido, e nem és frio, nem quente, estou em termos de te vomitar da minha boca. Porque dizes (eis-aqui a verdadeira razãõ), porque dizes, rico sou, e enriquecido estou, e não tenho necessidade de nada: E não sabes que és hum coitado, hum miseravel, hum pobre, hum cõgo, hum nõ.*

4. A pedra de toque, por onde se deve discernir sem equívoco, quando as formulas se tem pronunciado com verdade, e fazer-se patente o maior ou menor merecimento, que com ellas havemos adquirido, não he nem a ternura, nem a sensibilidade, nem as mesmas lagrimas, como nem tambem o he do contrario a secura: a pedra de toque são as obras: *A mostra das obras he a prova do amor (a)*. Se as obras são grandes e continuas, as expressões as mais ordinarias valem muito, porque são a voz de hum coração inflamado em huma grande charidade: ainda mesmo na secura a maior, em que apenas se podem proferir as palavras, essas palavras, ao parecer languidas, são hum clamor verdadeiro, que sóbe aos ouvidos de Deos, quando os factos relevantes attestam irrefragavelmente que o coração arde, quando parece resfriado. Pelo contrario, dizia S. Agostinho, *quando as obras não correspondem, por mais sublime que seja a jaculatoria, que hum diz; por mais que faça soar com a lingua Alleluia; aindaque se occupe nisso todo o dia, e toda a noite, disso não faço caso, procuro obras (b)*. Porisso ás bellas palavras do

(a) *Probatio amoris exhibitio est operis.*

(b) *In Psal. 149. n. 2. Dicat quod vult, linguis sonet Alleluia, dicat tota die, dicat tota nocte, non vident aures meae inclinantur ad vocem cantantis, sed querunt mores operantis.*

do Bispo de Laodicea, que se gloriava de ser rico em charidade, Deos lhe contrapõe as suas obras, as quais manifestavaõ a sua pobreza (a). *Tu dizes: Rico sou: Eu sei as tuas obras, que não és nem frio, nem quente.*

Peloque ás almas, que são semelhantes a este Bispo, que se manifestaõ pobres pelas suas obras, nûas, e miseraveis; e nas quais as expressoens de hum amor perfeito, em vez de excitarem nellas o conhecimento de si mesmas, e fazer-lhes abrir os olhos e humilha-las, pelo contrario lhes nutrem a presumpção; a estas almas, digo, he preciso dar o conselho que Deos deu áquelle Bispo (b): *Aconselho-te que me compres ouro provado no fogo, para te fazeres rico, e habitos brancos para te vestires, e para esconderes a tua vergonhosa desnudez, e hum collyrio, para applicares aos teus olhos, para vêres.* Põe de parte as palavras magnificas, e deixa-as para aquelles, que tem thesouros de obras grandes. Tu porem falla como pobre, e mendigo que és. Recorre a huma oração humilde. Compra com petiçãoes humildes, que he o dinheiro proprio dos mendigos, o ouro puro da charidade, os habitos das virtudes, o collyrio da humildade, e do conhecimento de ti mesmo. Dize com o cêgo do Evangelho: *Senhor, dai-me vista;* e com o leproso: *Se quizerdes, podeis-me purificar:* e, o que ainda convem melhor aos mendigos, pede pão, e dize, segundo o Senhor nos tem ensinado: *O pão nosso de cada dia nos dai hoje.*

P

S.

(a) Apoc. c. 3. v. 18. (b) *Ibid.* v. 14 15.

§. IX.

Dos Offerecimentos, Intenções, e Paños.

TAMBEM pertencem ao exercicio da charidade os Actos chamados *Offerecimentos*, as *Intenções*, e certos actos, chamados *Paños*. He preciso pois, para exhaurir a materia das virtudes Theologaes, o dizer tambem alguma cousa delles, e com tanto maior razaõ, por ser este o lugar de o fazer com utilidade.

Dos Offerecimentos.

OFFERECER-se cada hum a Deos, he hum Acto excellente de charidade: he hum exercicio tanto mais do nosso dever, quanto he util para excitar a nossa piedade: he summamente recõmendado pelos Santos, e com toda a justiça; porque este acto não he em substancia outra cousa mais, do que hum proposito de querer ser todo de Deos. Não se pôde bastantemente recõmentar aos fieis o uso frequente deste acto. He muito melhor dizer: *quero-vos amar com toda a coração*, do que dizer: *amo-vos*. Porquanto aquella expressãõ he mais *humilde*, e mais *facil* de dizer-se com verdade; porque he mais facil o propor fazer, do que fazer, e he ainda mais facil o poder affirmar, que isso se faz verdadeiramente; finalmente he mais *efficaz*, porque o proposito influe na obra, ao mesmo tempo que a simples expressãõ de que se ama não influe, ao muito, mais que em alguma pia cõmoçãõ.

He preciso porem advertir aqui, que hum offerecimento total de si mesmo a Deos, he
hum

humã cousa grande, e que não pôde ser feito com verdade, senão por quem tem humã grande charidade. *O animo*, como diz S. Agostinho, *quando manda a si, faz-se-lhe resistencia*. Em quanto durar a concupiscencia, a vontade de entregar-se a Deos, nunca pôde ser plena e completa. Porque, como diz S. Agostinho, *ella não manda inteira e plenamente, e porisso não se faz o que ella manda*. Este he aquelle grande negocio, em que se occupão os Santos por toda a vida, e a que se dirigem todos os seus gemidos, as suas vigílias, a maceraçãõ da sua carne, e todos os seus esforços; e vem a ser, o fazerem de si hum verdadeiro offercimento a Deos. Isto pois para os principiantes he humã cousa muito forte. Serã melhor, ao meu parecer, o aconselhar-lhes, que façãõ offercimentos particulares, com os quais vãõ pouco a pouco despojando-se de si mesmos; hoje de humã cousa, á manhã de outra, até que cheguem a renunciar a todas as cousas que possuem, e a serem verdadeiros discipulos de Christo. Deve tambem advertir-se-lhes, que não façãõ semelhantes offercimentos por modo de proposito, mas que peçaõ a Deos, com humã humilde oraçãõ, forças para a vontade, a fim de os fazerem generosamente, e para os cumprirem com fidelidade. Isto he o que pedimos a Deos especialmente no *Padre nosso*, quando dizemos estas palavras: *seja feita a vossa vontade, assim na terra como no cõo*.

O tempo mais opportuno para estes offercimentos he o do santo sacrificio, aonde Christo, nossa Cabeça, se offerrece por nós, e com nosco ao Padre Eterno. Nós não assistimos perfeita-

mente áquelle sacrificio , se ao mesmo tempo nos não sacrificamos com esta nossa Cabeça (que he victima) ao nosso Pai , para todos os fins de adoração , acção de graças , expiação dos peccados , e impetração dos seus dons. O mesmo se deve dizer da cômunhão , que he huma parte do sacrificio , quando esta se faz no tempo do sacrificio com o Sacerdote.

Offerecer a Deos pela manhã todas as obras daquelle dia , he huma especie de proposito de querer obrar naquelle dia sempre para gloria de Deos. He esta huma pratica util , e que se deve recomendar aos fieis. He preciso porem igualmente adverti-los , para que lhe não dem maior valor do que he justo , e maior do que tem diante de Deos. Este offerecimento he hum proposito , e nada mais. E assim o seu valor deve-se calcular pela regra dos propositos , os quais valem mais ou menos , segundo são mais ou menos efficazes , relativamente á pratica das obras. Peloque crêr que se tem na realidade obrado tudo para gloria de Deos naquelle dia , por se haver feito pela manhã aquelle offerecimento , he huma illusão manifesta , a qual com effeito se vai espalhando pelo povo , já com livrinhos , já com instrucçoens de viva voz. Illusão manifesta , pois huma cousa he propor fazer , e outra cousa he faze-lo ; esta illusão he perigosa , porque nos dá huma falsa idea da justiça christãa , e tira a necessidade da vigilancia christãa , e da continua abnegação da vontade propria , e o cuidado de extinguir a concupiscencia , para que as nossas obras sejam na pratica verdadeiramente feitas para gloria de Deos.

Das Intenções.

2. **A**inda ha maior perigo de illusão naquelles actos, que se chamaõ *Intenções*. Primeiramente ha alguns que ensinaõ, que pela manhã se deve dizer: *Tenho intenção, de que todas as acções deste dia sejam feitas para gloria de Deos.* Refletir pela manhã na obrigação, que ha, de dirigir por todo o dia cada huma das nossas acções a Deos, he cousa muito util. O propor faze-las effectivamente para gloria de Deos, como acima dissemos, he ainda mais util, posto que isso não baste, como se tem dito. Porem se o dizer *Tenho intenção* não significa *proponho*, e porisso aquella intenção não he hum offercimento e hum proposito, entãõ parece-me ser huma expressãõ, (muito principalmente quando he proferida por almas pouco fervorosas e inefficazes) que de sua natureza quasi nada influencia nas obras do dia; nem determina a vontade mais para huma do que para outra cousa; nem se pôde dizer que em virtude daquella intenção se haja feito mais huma do que outra obra; nem que se haja obrado mais, do que se haveria obrado sem ella. Se porem aquella expressãõ *Tenho intenção* quer dizer, que se tem huma certa segurança de que se hade fazer para gloria de Deos tudo quanto naquelle dia se hade fazer, entãõ he huma expressãõ falsa, que ha de ser desmentida pelos factos contrarios: e de mais a mais he huma expressãõ, a qual especialmente na boca das pessoas ordinarias (quando não seja precedida, ou seguida de huma oração muito humilde e fervorosa, pela qual se peça a Deos as obras correspondentes a huma

de-

declaração tão forte) he cheia de huma muito vaidosa presumpção das proprias forças, e está cheia de huma cegueira manifesta a respeito da miseria humana, da necessidade do auxilio divino, e das fadigas que custa o ter huma intenção recta, e pura em todas as nossas acçoens.

O', e quão mais grave e solida he a instrucção, que nos dá a Igreja, nossa Mãe, a respeito do exercicio quotidiano da manhã! Não sei porque, em lugar de se inventarem todos os dias novas praticas de piedade, não se insista vigorosamente em conservar os povos unidos ás praticas seguras e gravissimas da Igreja, e em dar-lhes toda a sufficiente instrucção, para entrarem no seu espirito, e se conformarem ás suas intençoens. Na hora Canonica de Prima ella tem posto o exercicio da manhã para os seus filhos. Aquella santa oração não foi tambõmente composta para os Ecclesiasticos. Foi composta para todo o povo, que ella suppõe assistir alli, tendo á testa os seus Pastores. O' quão humilde e suavemente, e com quanto fervor ora esta Esposa de Deos, e geme esta casta Pomba! Naquella oração não encontramos nem offerecimentos, nem propositos, nem intençoens. Aindaque tudo isto em si seja bom, e usando-se bem d'elle possa ser util, comtudo a Igreja se occupa naquillo, que por huma parte encerra propositos, offerecimentos, e intençoens, e os encerra com maior vantagem, fazendo-os praticos e efficazes; e por outra parte não dá lugar nem ás illusoens, nem ás altivezas: entrega-se á oração. Com ella pede a Deos aquillo, que não ousa nem propor, nem offerecer ao mesmo Deos. Ella conhece e ensina aos seus

filhos a conhecerem, que a vontade pelo Senhor he, que he preparada (*præparatur voluntas a Domino*), e porisso ensina a pedir a Deos essa mesma vontade, isto he, os mesmos propositos: ensina que de Deos se deve esperar não só o querer (*velle*), mas tambem o fazer (*perficere*); e porisso ensina a pedir a Deos o cumprimento dos propositos, e das pias intençoens, que elle nos tem inspirado. Ella não nos ensina a dizer: *Eu dirijo* (*Dirigo*), mas sim a dizer: *Senhor Deos Rei do céu e da terra dignai-vos dirigir* (*dirigere dignare &c.*), *sanctificar, reger, e governar no dia de hoje os nossos coraçoes e corpos, os nossos sentidos, palavras e obras, no cumprimento da vossa lei, e na execução dos vossos mandamentos.* Repete sim naquella mesma hora Canonica tres vezes, com hum santo gemido, *Senhor ajudai-me com o vosso soccorro* (*Deus in adiutorium meum intende*); que he huma jaculatoria pia, propria na verdade para confessar-mos a grandeza dos nossos males, que precisaõ de hum continuado remedio; propria para expressar a bondade de Deos, que se acha prompta para nos soccorrer; para expressar o seu poder capaz de vencer em hum instante os obstaculos da nossa salvaçaõ; porem ao mesmo tempo jaculatoria cheia de humildade, de fé, de confiança, e porisso usada da mesma Igreja no principio de todas as horas Canonicas. Parece-me que ninguem se deve affastar deste espirito: mas antes que, vendo-se como os povos se achão inclinados a passarem insensivelmente para outros methodos, devem-se incançavelmente refrear neste ponto de novidade, e conserva-los com destreza, mas efficaçmente, unidos ao modo de proceder da Igreja nossa Mãe e Mestra.

E que diremos daquellas *Intenções*, que tem por objecto o que he impossivel? Conseruo huma folha impressa, que tem, alem de outros Actos de virtudes Theologaes, e de contrição, tambem hum,, Acto de offerecimento, que,, todo o fiel christão, deseioso de enriquecer a,, sua alma *de infinitos merecimentos*, deve dizer cada manhãa. Não traz nome do Author. Comtudo tenho indicios de ser composto por hum Religioso de grande piedade, porem morto ha muitos annos, e para o qual tenho huma grande veneração. Este Religioso era tam amante da divina gloria, e da verdade, que estou certo, que hade agradecer lá no céu a censura, que vou a fazer ao seu *Acto de offerecimento*, para cooperar ao bem das almas, de cuja salvação foi muito zeloso. Neste Acto, entre outras coufas, diz assim: *Tenho intenção de assistir a todas as Missas, que hoje se celebrarem em todo o mundo.* He verosimil, que haja alligado a esta intenção de ouvir todas as Missas do mundo, o ganhar aquelles *infinitos merecimentos*, de que falla no titulo do Acto. A' vista disto qualquer está vendo, que se para ganhar o merecimento de assistir á Missa, não he necessario assistir a ella realmente, mas basta ter a intenção de assistir a ella, se poderá sem maior trabalho acrescentar ainda mais infinitamente a infinidade daquelles merecimentos, dizendo: *Tenho intenção de assistir a todas as Missas, que se tem celebrado desde o principio da Igreja, e se hão de celebrar até ao fim do mundo;* porque he tanto possivel o assistir a todas as Missas do mundo de hum dia, como o he ás de todos os seculos da Igreja.

Dup Do mesmo caracter são outras *Intenções*,
 que se têm em outros: *Tenho intenção de querer
 amar a Deus com aquelle amor, com que o amaõ
 os Santos no cõo, os Anjos, os Serafims, e a San-
 tissima Virgem.* Será porventura possível amar a
 Deus nesta vida, nem ainda com o infimo grão
 com que o amaõ os Bemaventurados? Não só
 nos não he possível chegar a tanto, mas nem
 ainda chegar a comprehender quão grande seja
 aquelle amor; porque, como diz S. Agostinho,
Será maior do que tudo o que podemos perceber.
 O mesmo se deve dizer daquelloutras expres-
 soens, com que se tem tenção de unir as suas
 intenções ás dos Santos mais perfeitos, ás da
 Virgem Santissima, e de JESUS Christo mesmo,
 quando andavaõ sobre a terra. Reduzamos as nos-
 sas intenções ao que he possível, e ao que he
 pratico e verdadeiro. Estes refinamentos de pie-
 dade, estas novas invenções, estes estratagemas
 de fazer sem fazer, desconhecidos na Escritura,
 nos Padres, e na Igreja, são producções de
 Authores, na verdade muito pios e bem inten-
 cionados, mas nesta parte pouco providos de
 luzes oportunas: porisso são quasi inuteis, por-
 quanto não pôdem mudar a natureza do verda-
 deiro merecimento, o qual está annexo a obras
 verdadeiras, e não a huns semelhantes delirios
 pios; e he correspondente não áextenção ou su-
 blimidade dos objectos, que se pôdem abarcar
 com a imaginação, mas sim aos grãos da chari-
 dade, que os produzem: taes methodistas são
 guias apparentes do caminho do cõo e da perfei-
 ção; e na realidade vem a fer, contra ás suas in-
 tenções, verdadeiros, para assim dizer, desvia-
 dores, que apartaõ as almas da estrada real e pe-
 no-

noſa , pela qual ſe deve andar , para adquirir merecimentos , não infinitos , mas mediocres : comeſfeito quem haverá que queira trabalhar e ſuar andando pela eſtrada velha tão eſcabroſa , na qual , depois de hum ſe ter aſſadigado aſſaz , acha ter dado poucos paſſos ; quando de novo por eſtes novos Architectos ſe tem aberto huma nova eſtrada , pela qual ſe dão milhares de milhares de paſſos , ſó com hum facillimo paſſo de hum acto , em que digo : *Tenho intenção?* Todos ſão naturalmente inimigos do trabalho. E aſſim ſe eſtes novos methodos entraõ a ter credito , em breve ficarã deſerta a eſtrada antiga e velha.

Dos Paços.

3. DA meſma natureza ſão tambem aquelles , que em certos livros modernos ſão chamados *Paços* ou *Convençoens*, pelas quais ſe celebra huma eſpecie de ajuste com Deos , em que ſe tem *intenção* de repetir tantos actos v. g. de amor , de contrição &c., todas as vezes que ſe fizer certa couſa , a qual ſe expreſſa no tal ajuste.

Alguns deſtes ajustes e paços ſão arrazoados , e tem aquella utilidade , que lhe he correspondente. Por exemplo : tem hum compoſto huma ſerie de Actos de Fé , Esperança , e Charidade , Contrição , Acção de graças , Offerecimento , Deprecação &c. , e formulados com muitas palavras affectuoſas , para ſe internar mais neſtas virtudes e exercicios : e he diligente em pratica-los cada dia. Porem porque pôdem occorrer dias de muita occupação , nos quais não terá tempo para rezar os ſeus actos extenſos , tem á mão outros tantos actos do meſmo genero ,

porem reduzidos a poucas palavras. E assim faz hum pacto com Deos, que todas as vezes que rezar os actos breves, tem *intenção* de dizer a Deos tudo aquillo, que costumava dizer-lhe, quando podia rezar os actos mais extensos. Isto he arrazoado, porque comeffeito pôde-se dizer o mesmo em mais breve; e o coração, muito mais veloz que a lingua, pôde com a sua energia supprir, em huma vista de olhos, ao que se quereria dizer com hum grande arzeoado.

A's vezes porem o pacto he ridiculo, como quando se quer pactuar com Deos, que se tem *intenção* de fazer v. g. hum acto de amor todas as vezes que se respirar, ou que bater o coração, ainda quando se dorme. A pezar deste pacto, poderaõ por ventura as respiraçoens, e as pulsaçoens do coração ser outra cousa mais do que puros movimentos físicos do orgão corporeo? E assim sem razão temos *intenção*, ou pretendemos que huma cousa seja aquillo, que não pode ser. Deos, que conhece bem a natureza das cousas, pode muito bem agradar-se de huma expressão desta casta, a qual, sendo original, pode ser indicio de huma charidade fervorosa; não pode porem tomar huma cousa por outra disparatadissima. Comeffeito com esta pia illusão podem as almas vir a cahir em formarem huma idea vã de thesouros imaginarios, adquiridos por este modo, desvanecerem-se, e pôrem o seu cuidado principal neste exercicio chimerico, e diminuir a applicação, que devem ter, aos exercicios solidos e trabalhosos, os quais só nos ensina o Evangelho. Quem quizer vêr mais nesta materia, lea o Tractado da Oração de Monsieur Chanterefme, parte 2. livr. I. c. 4. 5. 6. e 7.

Con-

Concluirei fazendo esta reflexão; que o mundo, que se acha tam inclinado ás modas nos vestidos, fabricas, musica, nas conversações, estudos, e em tudo o mais, que he do seculó; tambem se mostra deseioso de novos methodos, ainda mesmo nas cousas pertencentes á piedade; e já agora nos parecem pouco polidos, e cheios de huma bondade rustica os Santos dos primeiros Seculos, que não conheceraõ estas nossas subtiz invenções: tambem nos parecem mal dirigidas e ordenadas as obras asceticas dos Padres, por não acharmos nellas as precisoens e os termos da arte, que agora se usaõ: igualmente nos parecem antigalhas as praticas da Igreja a respeito da oração, porisso pouco entendidas, e menos estudadas. O celebre Muratori na sua *Devoção Regulada* mostrou muitos dos erros da devoção moderna: e podiaõ-se-lhe accrescentar outros tantos. Cada dia se vai introduzindo alguma cousa de novo, e se deixa alguma cousa do que era antigo. Nosso Senhor, o qual desde o principio, como Soberano Architecto, levantou na Igreja o grande edificio da verdadeira piedade, e que bem sabe que as alterações, ainda minimas, não só não melhoraõ, mas deterioraõ hum edificio, que he o espanto das nações infieis, sedigne imprimir no coração de todos aquelle sabio dito, que elle fez lembrar em outro tempo, pelo seu Profeta Jeremias, aos Hebreos: *Ponde-vos nos caminhos, e vêde, e indagai, qual dos antigos caminhos he o bom, e andai por elle, e achareis o descanso para as vossas almas (a).*

(a) Jerom. c. 6. *State super vias, & videte, & interrogate de semitis antiquis, quæ sit via bona: & ambulate in ea, & inveniatie requiem animabus vestris.*

I N D I C E.

Parecer sobre os Actos chamados de Fé,
Esperança, e Charidade: e de outras
Virtudes christãs.

P A R T E P R I M E I R A.

- §. I. *Q*UÃO importante seja o acclarar, e
bem estabelecer este ponto da Doutrina Chri-
stãa. pag. 3
- §. II. Obscuridade, que se encontra nos Theolo-
gos Escolasticos sobre este ponto. 6
- §. III. He preciso inquirir sobre a causa desta
obscuridade, para a tirar 15
- §. IIII. A lingoagem peripatetica das Escolas he
a causa desta obscuridade. 18
- §. V. Obscuridade do vocabulo Actos: differente
sentido, que por huma parte lhe daõ os Escol.
e por outra a Escritura, a Igreja, e o povo. 26
- §. VI. Não se pode facilmente mostrar, qual seja
o preceito especial dos Actos das virtudes Theo-
logaes, tomados no sentido dos Escolasticos. 34
- §. VII. Exposição da difficuldade na prática. 43
- §. VIII. He preciso pois voltar á lingoagem da
Escritura, da Tradição e do Povo. Que cousa
sejaõ os Actos nesta lingoa. E primeiramente dos
Actos de amor. 49
- §. VIIII. As virtudes Theologaes não são virtu-
des puramente interiores, e que não tenhaõ ou-
tros actos proprios, senão os internos, mas in-
fluem em todos os actos internos e externos do
Christão. 52
- §. X. Mostra-se isto primeiramente a respeito da
fé. E como se deva entender o que dizem os Esco-
last. que ella se deve renovar muitas vezes. 54

- §. XI. Mostra-se o mesmo da Esperança e da Charidade. 66
- §. XII. Distinção famosa do amor em effectivo e affectivo do P. Sirmondo. Como se lhe deve responder para restabelecer inteiramente a sagrada doutrina da Charidade Christãa; e de algumas outras distincções escolasticas. 70
- §. XIII. Os Authores das proposições condemnadas tomavaõ os Aétos das virtudes Theologicas no sentido do P. Sirmondo. Quão justa foi a sua condemnação. 80
- §. XIII. Os Escolasticos modernos, ao mesmo tempo que combatem a doutrina do P. Sirmondo, e a dos Authores das proposições condemnadas, não se affastão bastantemente dos inconvenientes da sua doutrina. 90
- §. XV. Que por outra parte os mesmos Escolasticos confirmão a doutrina, que havemos estabelecido, acerca do sentido amplo, que se deve dar á palavra Aétos. Que este he em substancia o mesmo parecer e doutrina de S. Thomaz, 98
- §. XVI. Que em substancia isto mesmo he o parecer e a doutrina de S. Thomaz. 106
- §. XVII. Da obrigação que ha de referir todas as acçoens a Deos; obscuridades suscitadas acerca deste importante ponto. Difficuldades sobre S. Thomaz; propõe-se a solução dellas. 108
- §. XVIII. Sentimento e intelligencia de S. Thomaz a respeito da relação habitual, virtual, e actual das acçoens humanas para Deos. 118
- §. XIX. Outra difficuldade acerca de S. Thomaz: em que sentido ha obrigação de referir as acçoens a Deos, logo desde o primeiro uso da razão. 125
- §. XX. Resolve-se a questão, de quando ha obrigação dos aétos das virtudes Theologaes debaixo de culpa grave. 128

- §. XXI. Em todos os Domingos e dias santos festivos tem obrigação o peccador de depor o affecto ao peccado mortal, e principiar ao menos a sua conversão. 138
- §. XXII. He assaz provavel, que haja huma igual obrigação nos dias destinados pela Igreja ao jejum e a penitencia. 145
- §. XXIII. Como se devem referir as nossas acçoens a Deos, para fugir do mesmo peccado venial, e tambem para obrar com perfeição. 149
- §. XXIV. Regras para discernir na pratica, quando as nossas acçoens se referem a Deos verdadeiramente. 164
- §. XXV. Epilogo e prática para os Cathecismos. 167

PARTE SEGUNDA.

- §. I. **S**E ha necessidade de novas Formulas para o exercicio das virtudes Theologaes, alem das que nos ensina a Escritura, e a Igreja. 173
- §. II. Excellencia das Formulas da Escritura e da Igreja. 180
- §. III. Parallelo entre us Formulas da Igreja e as modernas. 187
- §. IIII. Utilidade das Formulas modernas. 195
- §. V. Advertencias para bem se comporem us Formulas modernas. 197
- §. VI. Advertencias acerca das Formulas da Esperança. 203
- §. VII. Advertencias para o Aêto de Charidade. 208
- §. VIII. Advertencias para a reza das Formulas. 217
- §. IX. Dos Offerecimentos, Intençoens, e Paêtos. 226

Fim do Indice.

CATALOGO

De alguns Livros Portuguezes com os seus preços em papel, que se vendem em casa de Antonio Barneoud, Mercador de Livros em Coimbra, Administrador da Imprensa da Universidade; e em Lisboa na de Dubeux e Barneoud ao Chiado, defronte da Igreja dos Martyres.

<p>Architectura de Vignola, traduzida em Portuguez, com 90 Estampas abertas em Cobre, por ***. 1 vol. em 4º - - - 2000</p> <p>Amigos Rivais, Historia Ingleza. 1 vol. em 8º (1790) - - - - - 240</p> <p>Costumes dos Romanos, traduzidos em Portuguez. 1 vol. em 8º - - - - - 480</p> <p>Chronica dos Reis de Portugal por Duarte Nunes do Leão. 2 vol. em 4º - - - 10600</p> <p>Catecismo Historico, por Fleuri. 1 v. em 8º 240</p> <p>Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural, com sua Explicação, e Estampas, para facilitar a intelligencia dos mesmos, pelo Dr. Domingos Vandelli. 1 vol. em 4º - - - - - 10800</p> <p>Elementos de Filosofia Moral, por Antonio Soares Barbosa, Lente Jubilado de Filosofia Racional e Moral em Coimbra. 3 v. em 8º - - - - - 10200</p> <p>Elevações a Deos sobre todos os Mysterios da Religião Christã, ou Moral Evangelica, traduzidos da Lingua Franceza, de Bossuet. 2 v. em 8º - - - - - 640</p>	<p>2000</p> <p>240</p> <p>480</p> <p>10600</p> <p>240</p> <p>10800</p> <p>10200</p> <p>640</p>
--	--

Escóla Popular das Primeiras Letras dividi-
da em quatro partes, 1. vol. em 8º - - - 660

Tambem se vende cada huma parte separada, a saber.

I. *Orthoepia*, ou boa pronunciaçãõ e leitura
da Língua Portugueza. - - - - - 100

II. *Catecismos* de Doutrina e Civilidade
Christã. - - - - - 100

III. *Calligraphia* e *Orthographia*, ou Arte de
escrever bem, e certo a Língua Portu-
gueza, com 9 Estampas, ou Traslados. - 300

IV. *Arithmetica Vulgar* com 9 Taboadas. - 160

Vendem-se separadas da Obra as

{ Cartas - - - - - 50
Traslados - - - - - 160
Taboadas - - - - - 20

Floræ Lusitanicæ & Brasiliensis Specimen:
Et Epistolæ Clar. a Linné & Ant. de
Haen ad D. Vandelli scriptæ, cum Fi-
gur. 1 v. em 4º - - - - - 600

Historia de Portugal composta em Inglez por
huma sociedade de Literatos com as addiçõens
da versãõ Franceza, tradusida por Antonio de
Moraes e Silva. 3 vol. em 8º - - - - - 1: 200

Historia universa Veteris, ac Novi Testamen-
ti. 1 vol. em 24 - - - - - 250

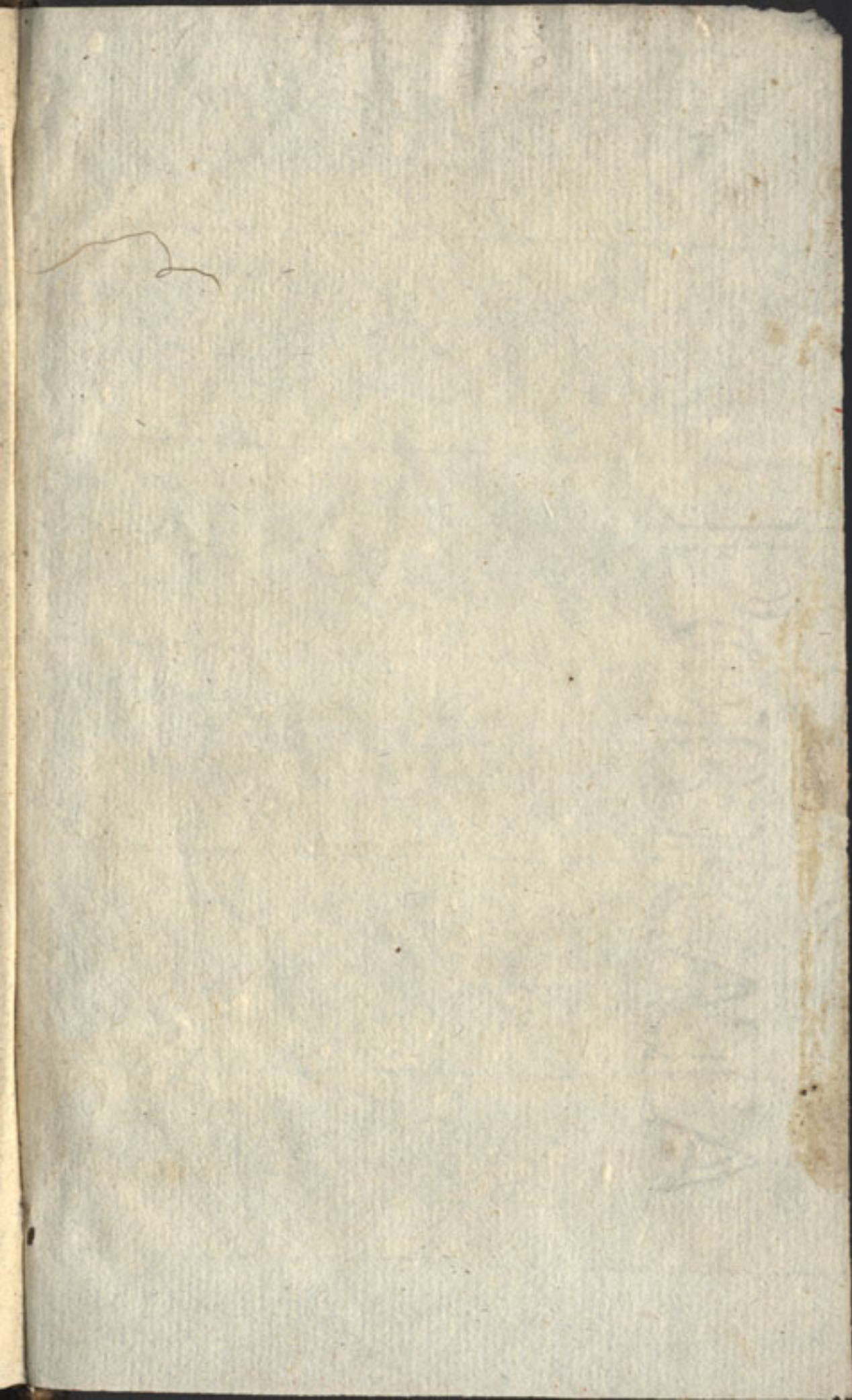
Horas da Semana Santa com Estampas finas,
em Portuguez, accrescentadas com o Tex-
to dos Sagrados Evangelistas correspon-

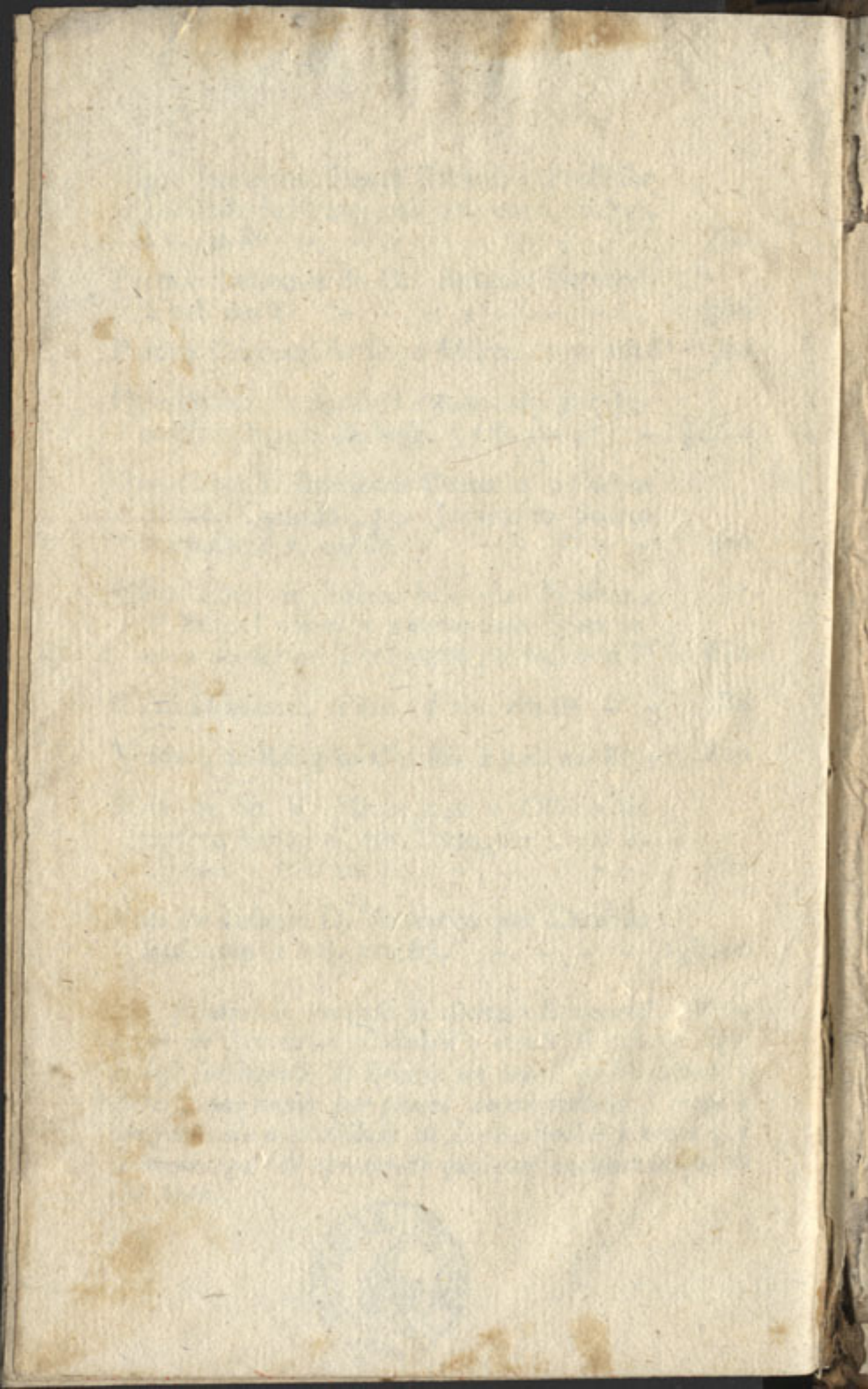
- dente a cada huma das Meditações, e
 com devotas Orações para antes e depois
 da Confissão e Cómunhão. 1 v. em 8º - 600
- Idillios de Gesner, 1 vol. em 12º - 300
- Instruccões de Latinidade que hum Professor
 dá aos seus Discipulos. 1 v. em 8º (1791) 480
- Lusitania Transformada composta por Fernão
 d'Alvares d'Oriente. 1 vol. em 8º - 480
- Mercador exacto, ou modo facil de arrumar
 os livros de contas, por Bonnavie. 1 vol.
 em fol. - - - - - 960
- Nova Escóla de Meninos, ou Methodo fa-
 cil para ensinar a lêr, escrever, e contar,
 com 13 Traslados. 1 vol. em 4º - 600
- Novissimas Orações Sacras panegiricas por
 hum Benedictino. 2 vol. em 8º (1795) 720
- Novenario geral que comprehende todas as
 Novenas das Festividades de Christo nosso
 Redemptor, dos Mysterios, e Invocações
 de Maria Santissima, e de todos os San-
 tos e Santas da maior devoção neste Rei-
 no, distribuido pelos dias do Anno con-
 forme o Calendario da Igreja. 7 v. em 12º 2 400
- Ortographia da Lingua Latina por Alva-
 res. 1 vol. em 8º - - - - - 480
- Parecer sobre os chamados Actos de Fé,
 Esperança e Charidade. 1 vol. em 8º -
- Poetica de Horacio, traduzida e annotada

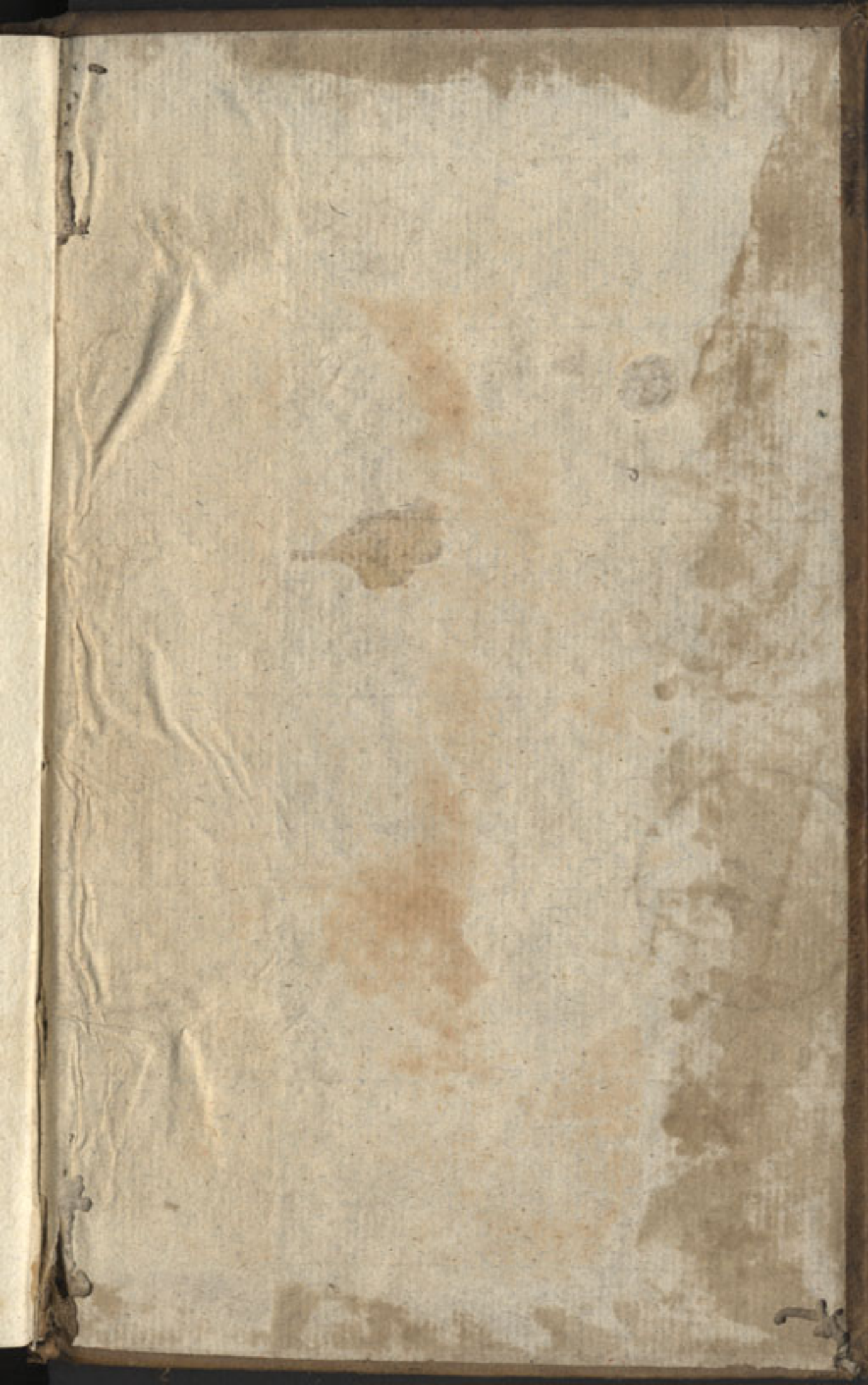
por Jeronymo Soares Barbosa , Professor Jubilado de Rhetor. e Poet. em Coimbra. 1 v. em 8º - - - - -	480
Poemas Lusitanos do Dr. Antonio Ferreira. 2 vol. em 8º - - - - -	960
Pratica Criminal do Foro Militar. 1 v. em 8º	360
Quintiliano , traduzido e annotado por Je- ronymo Soares Barbosa. 2 vol. em 4º - 1	810
Quintiliani Institutiones Oratoriæ ad usum Schol. Conimb. por Jeronymo Soares Barbosa. 1 v. em 8º - - - - -	400
Quintiliano de Pedro José da Fonseca , 2ª Edicão correctã e emendada sobre as mais modernas Traducções. 2 vol. em 8º	640
Tevii Orationes. Paris. 1 vol. em 8º - -	480
Verdade da Religião Christã. 2 vol. em 8º -	800
Vida da SS. V. Maria com o Officio da mesma Senhora , em Portuguez , do P. Croiset. 1 vol. em 12. - - - - -	360
Vida do Infante D. Henrique por Candido Lusitano. 1 vol. em fol. - - - - - 1	600

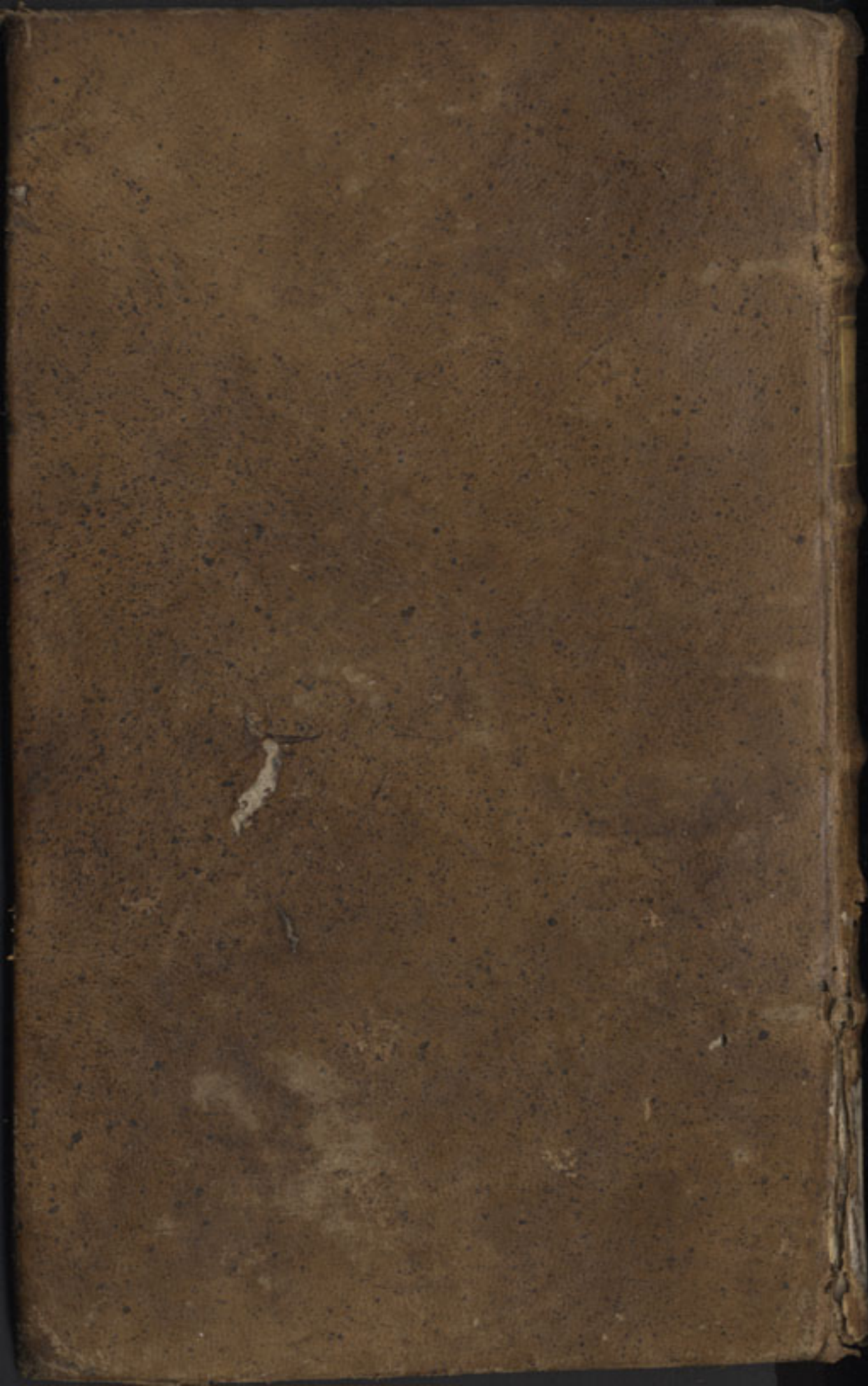
*Vendem-se em casa de Antonio Barneoud , Mer-
cador de Livros em Coimbra , aonde se acharã hum
copioso sortimento de Livros em todas as Sciencias e
Artes , que vende por preços accomodados , troca e
compra toda a qualidade de Livros velhos e novos , e
se encarrega de apromptar qualquer encomenda que se
lhe fizer.*











PAIS.
SOB: OS
ACT.